

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA  
**CRISTINE GERK PINTO CARNEIRO**

**(RE)PAREM (N)AS MÁQUINAS!**

Jornalismo, memória e testemunho em novas leituras do século XXI

Rio de Janeiro

2020

Cristine Gerck Pinto Carneiro

(RE)PAREM (N)AS MÁQUINAS!

Jornalismo, memória e testemunho em novas leituras do século XXI

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Orientadora: Marialva Carlos Barbosa

Rio de Janeiro

2020

#### CIP - Catalogação na Publicação

CC289( Gerak Pinto Carneiro, Cristine  
(RE)PAREM (N)AS MÁQUINAS! JORNALISMO, MEMÓRIA E  
TESTEMUNHO EM NOVAS LEITURAS DO SÉCULO XXI /  
Cristine Gerak Pinto Carneiro. -- Rio de Janeiro,  
2020.  
269 f.

Orientadora: Marialva Barbosa.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, Escola da Comunicação, Programa de Pós  
Graduação em Comunicação, 2020.

1. Jornalismo. 2. Memória. 3. Testemunho. I.  
Barbosa, Marialva, orient. II. Título.

Cristine Gerck Pinto Carneiro

(RE)PAREM (N)AS MÁQUINAS!

Jornalismo, memória e testemunho em novas leituras do século XXI

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Aprovada em: 27 de junho de 2020. A banca sugeriu a indicação da tese para concorrer às premiações da área e à publicação.

BANCA EXAMINADORA:

---

Marialva Carlos Barbosa – Orientadora (PPGCOM/UFRJ)  
Doutora em História pela UFF

---

Beatriz Becker (PPGCom/UFRJ)  
Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ

---

Igor Pinto Sacramento (PPGCom/UFRJ)  
Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ

---

Leonel Azevedo de Aguiar (PPGCom/PUC-Rio)  
Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ

---

Carla Baptista (DCC/ICNOVA)  
Doutora em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa

*Para o meu pai.*

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Marialva Barbosa: sem você este trabalho não teria sido possível. Obrigada pelas contribuições valiosas e pela amizade.

Ao meu marido Cícero Sydrônio, que deu todo suporte possível e incentivo para que eu conseguisse escrever.

Ao meu filho Francisco, minha grande motivação para batalhar por um futuro melhor. Você nasceu no meio deste projeto e me deu força a cada olhar.

À minha mãe, Eliane Gerk, inspiração para seguir o caminho acadêmico e apoio neste longo e desafiador período.

Aos professores que compõem esta banca, Leonel Aguiar, Igor Sacramento, Beatriz Becker e Carla Baptista, por terem aceitado tão gentilmente avaliar este trabalho. Ao professor Muniz Sodré pelas contribuições ao longo do mestrado.

À amiga Janine Justen, que revisou esta tese com todo carinho e competência, e foi um braço dado ao longo de todo o percurso da pós-graduação.

À minha sogra, aos meus irmãos, aos meus amigos de toda a vida e aos colegas de jornada na Academia e nas redações, meu muito obrigada.

Aos jornalistas que aceitaram participar deste trabalho e a todos os jornalistas que batalham por esta profissão. Aos professores que me inspiraram ao longo da jornada.

*Ao meu pai, José Pinto Carneiro, que me deixou neste mundo enquanto eu escrevia esta tese. Sem você eu jamais teria tido a autoestima necessária para me lançar: esta tese é para você. Cada palavra, em seu nome. Sei que você está aplaudindo de onde estiver, mesmo que seja no meu coração.*

Em defesa da universidade pública, da ciência e da pesquisa no Brasil.

## RESUMO

GERK, Cristine. **(Re)parem (n)as máquinas! Jornalismo, memória e testemunho em novas leituras do século XXI**. Rio de Janeiro, 2020. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta tese tem o objetivo de analisar práticas do jornalismo no início de século XXI, período marcado por uma cultura de crescente valorização do testemunho, discurso autobiográfico considerado crucial para a produção da subjetividade contemporânea. Além de propor uma reflexão teórica sobre o que denominamos “Jornalismo na Era dos Testemunhos” e o papel da memória na construção e consolidação destes relatos, são coletados e interpretados os testemunhos de jornalistas apontados como personagens emblemáticos da profissão pelo grupo estudado. Como marco teórico, elegemos alguns conceitos fundamentais para uma análise governada por um olhar historiográfico (memória, testemunho, continuidade e mudança, processualidade, interpretação), ainda que concentrada em reflexões referentes ao tempo presente. A intenção é investigar o que muda e o que permanece no campo profissional, considerando estes jornalistas reconhecidos e eleitos como referência pelos próprios pares também testemunhas desta história em transformação. Como método de pesquisa, mais de cem jornalistas que atuam ou já atuaram em redações cariocas responderam questionários para eleger seus profissionais de referência, que aqui serão considerados personagens-emblemas memoráveis, e quais os valores/qualidades admirados nestes personagens. Os mais citados (Ricardo Boechat, Caco Barcellos, Eliane Brum, Glória Maria e Leslie Leitão) foram entrevistados para que pudessem ser colhidos seus testemunhos sobre memória do jornalismo, transformações da profissão na contemporaneidade e a influência, nas práticas jornalísticas, da ampla circulação virtual de relatos. As análises dos entrevistados são divididas em três dimensões temporais (passado, presente e futuro), as mesmas que norteiam nosso estudo sobre a profissão. A hipótese perseguida é a de que se há uma mudança do testemunho como dimensão do jornalismo, haveria também transformações nas práticas e na identidade jornalísticas. A pesquisa busca responder ainda uma questão principal: se muda o papel autoatribuído do jornalista, de ser ele mesmo testemunha da história, mudaria também seu papel de produtor e conservador de memórias coletivas e disseminador de uma verdade reconhecida pelo senso comum? Como resultados, vale destacar a análise de que os valores e características buscados e ressaltados como essenciais para a profissão são históricos: o jornalista é aquele que revela a verdade, o literato, o repórter. A mudança na forma de fazer jornalismo não mudou a forma como o jornalista se vê e quem ele quer ser. Interpretamos as dissonâncias entre ideal e prática.

Palavras-chave: Jornalismo. Testemunho. Memória. Profissão. Experiência.

## ABSTRACT

GERK, Cristine. **(Re)parem (n)as máquinas! Jornalismo, memória e testemunho em novas leituras do século XXI**. Rio de Janeiro, 2020. Thesis (Doctoring on Communication and Culture) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This thesis aims to analyze journalism practices in the beginning of the 21st century, a period marked by an increasing appreciation of the testimony culture, the autobiographical discourse considered crucial for the contemporary subjectivity production. In addition to proposing a theoretical reflection on what we call “Journalism in the Age of Testimonies” and the role of memory in the construction and consolidation of these reports, testimonies of journalists considered emblematic characters by the studied group are collected and interpreted. As a theoretical framework, we selected some fundamental concepts for an analysis governed by a historiographical approach (memory, testimony, continuity and change, procedural, interpretation), although concentrated on reflections related to the present time. The intention is to investigate what changes and what remains in the professional field, considering these recognized journalists elected as reference by their own peers who are also witnesses of this changing history. As a research method, more than one hundred journalists who work or have worked in newsrooms in the city of Rio de Janeiro answered questionnaires to appoint their reference professionals, who were considered memorable emblem-characters in this work, and what are the values/qualities admired in these characters. The most voted professionals (Ricardo Boechat, Caco Barcellos, Eliane Brum, Glória Maria e Leslie Leitão) were then interviewed in order to collect their testimonies about the memory of journalism, transformations of the profession in contemporary times and the influence of the wide circulation of reports online in journalistic practices. The hypothesis is that if there was a change in testimony as a dimension of journalism, there would also be changes in journalistic practices and identities. The research aims to answer another main question: if the journalist's self-assigned role of being witness to history changes, would there also be a change in its role as producer and keeper of collective memories, and disseminator of a truth recognized by common sense? As results, it is important to emphasize: values and characteristics considered essentials are historical (the professional that reveals the truth, the reporter, the literate). The transformations in newsmaking didn't change the way journalists see themselves and who they want to be. We interpret the dissonance between ideal and practice.

Keywords: Journalism. Memory. Testimony. Profession. Experience.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
METODOLOGIA E ESTRUTURA DA TESE .....	27
<b>1 MUSEU DE GRANDES NOVIDADES.....</b>	<b>33</b>
1.1 PERFIL DO GRUPO .....	36
1.2 VALORES QUE RESISTEM.....	45
<b>2 ENTRETEMPOS: JORNALISMO NA ERA DOS TESTEMUNHOS.....</b>	<b>68</b>
2.1 O SILÊNCIO QUE FALA E A FALA QUE SILENCIA .....	80
2.2 RECORDAR E REDIGIR .....	87
<b>3 O PASSADO COMO VESTÍGIO DO TEMPO .....</b>	<b>96</b>
3.1 AS REFERÊNCIAS DAS REFERÊNCIAS .....	103
3.2 MEMÓRIA EM GRUPO .....	115
3.3 CAMINHOS E TRAJETÓRIAS.....	120
<b>4 O PRESENTE COMO TESTEMUNHO .....</b>	<b>131</b>
4.1 JORNALISTA DE QUALIDADE.....	138
4.2 RUPTURAS E PERMANÊNCIAS .....	154
<b>5 O FUTURO EM PAUTA .....</b>	<b>158</b>
5.1 JORNALISMO, TEMPO E VERDADE.....	164
5.2 O FENÔMENO DAS <i>FAKE NEWS</i> .....	173
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>187</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>201</b>
--------------------------	------------

<b>ANEXOS .....</b>	<b>214</b>
---------------------	------------

ANEXO A – QUESTIONÁRIO ENVIADO POR <i>E-MAIL</i> AOS JORNALISTAS QUE PARTICIPARAM DE ENQUETE .....	215
--	-----

ANEXO B – PLANILHAS COM RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS .....	216
---	-----

ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: CACO BARCELLOS .....	227
---	-----

ANEXO D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: RICARDO BOECHAT .....	234
--	-----

ANEXO E – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: LESLIE LEITÃO .....	242
--	-----

ANEXO F – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: ELIANE BRUM.....	255
---	-----

ANEXO G – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: GLÓRIA MARIA.....	267
--	-----

## INTRODUÇÃO

Bastava um telefonema, um *fax*, uma visita inesperada trazendo uma notícia bombástica e rapidamente um grito interrompia o burburinho contínuo das redações: “Parem as máquinas!”. Alguém, provavelmente um repórter, havia descoberto uma informação palpitante que, de tão quente ou exclusiva, precisava ser publicada com urgência, para que o jornal tivesse pioneirismo na divulgação. Ou, em outro caso, para que não ficasse atrás dos concorrentes, com a carência de uma informação recém-descoberta que os demais pudessem ter. A gráfica era alertada, a impressão cessava e começava uma corrida contra o relógio para redigir a notícia até um horário aceitável, que possibilitasse a impressão a tempo da distribuição para os leitores no dia seguinte.

A prática, de tão comum, deu origem a um jargão (“Parem as máquinas!”), que, na redação do século XXI, não passa de uma piada entre os jornalistas. As máquinas não param mais. Nunca. Elas estão perenemente ligadas e serão elas as condutoras da informação ululante que provocará o caos e a corrida entre repórteres. Serão elas também a ponte entre a redação e os leitores. Precisam ser o tempo todo monitoradas porque delas sairão as pautas imperdíveis. Na maioria dos casos, a partir de relatos já circulando sem freio pelos computadores e *smartphones*. Em alta velocidade e livremente, a informação forma novas redes de leitores a cada minuto. São câmeras, olhos, ouvidos e, sobretudo, palavras navegando soltos pelo mundo digital. O jornalista escuta, grita e ainda desfruta de um lugar privilegiado de fala, mas o tempo do monopólio da palavra acabou. O que ecoa cada vez mais longe são as vozes da experiência, que já viram “notícia” antes de o jornalista escutá-las.

Esta tese não tem a intenção de falar apenas sobre pioneirismo ou velocidade da divulgação de informações, como pode sugerir essa história agora contada sobre o jargão “Parem as máquinas!”, que dá nome ao trabalho. A mudança de significação da expressão historicamente conhecida no meio, que de frase de efeito virou broma e ganhou novos sentidos, é apenas um exemplo simbólico que ilustra o objetivo deste trabalho, seu fio condutor ao longo de toda a investigação e dos capítulos: entender as mudanças do jornalismo na contemporaneidade. “Parem as máquinas” não é mais uma expressão significativa no século XXI. “Reparem nas máquinas”, sim, já que grande parte da apuração e da proposta de pautas parte da interação virtual. O que muda no jornalismo a partir de transformações sociais importantes deste tempo, como a massificação da internet? Por se tratar de um tema demasiado amplo, escolhemos alguns aspectos para abordar e analisar essas transformações, que explicaremos nas linhas a seguir.

Por que é tão importante hoje “reparar nas máquinas”? Textos de opinião e relatos sobre situações vividas ou observadas são encaminhados pela rede e circulam ao largo do noticiário jornalístico convencional, muitas vezes o inspirando. São muitas as suítes<sup>1</sup> e os novos formatos criados para que a mídia possa falar sobre o que já foi dito e ouvido na rede. O lide<sup>2</sup> é o seguinte: o jornalismo se reinventa no que denominamos, nesta tese, a Era dos Testemunhos<sup>3</sup>, na luta por manter protegido seu lugar histórico.

E que lugar histórico é esse? O de testemunha? O de guardião da memória? Há um amplo debate sobre a questão da memória na contemporaneidade: de um lado, os pós-modernos, por exemplo, como veremos, na defesa de que somos governados por uma lógica da amnésia, e de outro lado, diversos autores que, na esteira de Pierre Nora (1997), dizem que há uma multiplicação de lugares e estratégias memoráveis. De que estratégias o jornalista lança mão para ainda ter um discurso memorável e como a sua própria memória, enquanto indivíduo e parte de um grupo, molda essas estratégias? O jornalista ainda quer ocupar lugar de intermediário e, de certa forma, legitimador de testemunhos, ou uma suposta crise de mediação mudou esse pressuposto histórico? Por mais nebulosos que pareçam o presente e o futuro da profissão, não é possível ignorar que o jornalismo tem muita história. E vice-versa. É costurando conceitos de jornalismo, memória e testemunho que esta tese quer dar voz ao testemunho e à memória dos próprios jornalistas para falar de um momento da história em que se discutem quais as rupturas e continuidades de uma profissão em transformação.

Esta pesquisa vai percorrer caminhos que relacionam esses três campos para analisar as transformações sofridas pelo jornalismo a partir do advento da internet, sobretudo de *smartphones* e redes sociais, considerando para isso pressupostos de historicidade<sup>4</sup>. O testemunho não pode ser pensado sem considerar a dimensão da memória. Ele pressupõe o contato com lembranças e registros, individuais e coletivos. Da mesma forma, a memória é transmitida através de relatos, mesmo que documentais ou com pretensa aura científica. Muito se tenta prever sobre o futuro do jornalismo como profissão a partir do século XXI. Mas é difícil fazer qualquer previsão sem entender o valor que o passado de um grupo (ao longo do percurso de construção da sua identidade) tem hoje, no calor dessas transformações, e sem estudar o testemunho daqueles que tentam segurar as rédeas do fluxo descontrolado do tempo

---

<sup>1</sup> Matéria produzida depois do conhecimento público de uma notícia, com seus desdobramentos.

<sup>2</sup> O lide é o primeiro parágrafo de uma matéria, que resume o que será tratado no texto.

<sup>3</sup> O conceito se relaciona com o de Annette Wieviorka (1998), que falou em “A era da testemunha”, quando tratou dos testemunhos sobre o Holocausto.

<sup>4</sup> Sobre a importância da adoção dos postulados fundamentais da teoria da história para os estudos de jornalismo, ver: Barbosa e Ribeiro (2005) e Musse, Vargas e Nicolau (2017).

para continuar na cela de referência. É preciso analisar quem inspira ainda esse grupo, e que valores motivam a admiração, para entender de onde vem e para onde este trotar confuso se direciona. Portanto, a questão do testemunho será estudada em duas dimensões principais nesta pesquisa: o testemunho como ferramenta histórica de produção do jornalismo e o testemunho do jornalismo sobre si mesmo.

Esta investigação parte do centro de um furacão: uma jornalista, com 14 anos de atuação em redações do país, quer estudar as mudanças pelas quais passa sua profissão. Enquanto no Brasil veículos jornalísticos fecham as portas, cada vez há menos postos de trabalho e as práticas do jornalismo mudam para angariar um público exponencialmente disperso, é urgente investigar que referências resistem para o grupo e por quê. A partir da memória e do testemunho, pretende-se entender transformações e permanências que sinalizam para velhos e novos caminhos. No centro da pesquisa está a análise das relações entre os jornalistas brasileiros e os testemunhos sobre uma história em movimento. Pretendemos coletar e estudar os testemunhos de jornalistas que estão no centro dessas mudanças, que também são históricas: uma temporalidade que mostra não apenas a profusão de transformações, mas um desejo de porvir e a nostalgia de um passado. São profissionais que vivem múltiplos tempos, em um momento que poderíamos qualificar como um “entretempos”. É importante ressaltar que adotamos postulados da história, como tempo, memória e narrativa, para entender transformações em curso em um tempo ultrapresente. É por isso que a tese tem dimensão historiográfica.

Como argumentaram Ribeiro, Leal e Gomes (2017), refletir sobre a dimensão histórica não significa necessariamente realizar estudos históricos, mas considerar aspectos essenciais da teoria da história para analisar processos e práticas de comunicação, adotando uma visão processual do mundo e pensando as práticas e processos comunicacionais como próprios de um dado momento e lugar. Entender o que aconteceu, por que e como é uma preocupação da teoria da história que se torna uma contribuição fundamental para os estudos da comunicação (BARBOSA, 2007). A história se baseia num contrato de testemunhos, e a memória é a principal abertura em direção ao passado. É pela memória que sabemos que houve um passado (RICOEUR, 2007). Portanto memória e testemunho têm, no seu cerne, uma dimensão “historiadora”, e são fundamentais para acessar pressupostos históricos que podem desvendar modos de ser do jornalismo na contemporaneidade. Queremos entender que aspectos permaneceram durando, em relação a projetos, perspectivas e questões enraizadas dos

jornalistas, e como eles contam uma história presente do jornalismo, através das perspectivas e das memórias reveladas pelos próprios profissionais.

O ponto de partida para o trabalho empírico, no que diz respeito à dimensão do testemunho do jornalismo sobre si mesmo, foi a aplicação de um questionário, respondido por 103 jornalistas cariocas. As perguntas foram enviadas por *e-mail* e incluíam questões para mapear o perfil dos entrevistados. Depois, foi pedido para que o participante indicasse qual jornalista considera uma espécie de ícone na profissão e por quê. As informações foram coletadas entre março e abril de 2017.

As respostas permitiram analisar uma dimensão memorável e entender os valores que ainda unem, ou não, esse grupo. Que referências e qualidades os jornalistas perseguem ainda hoje? Os profissionais que os inspiram são vivos ou mortos? Por que causam inspiração? Estudar essas respostas é analisar quem é o jornalista hoje e qual sua relação com o coletivo e o seu passado profissional. Mas, para além de dar margem a essas interpretações, o principal motivo de aplicar esse questionário é possibilitar que os próprios jornalistas elejam suas referências, ou seja, aqueles que recebem certa distinção (BOURDIEU, 2007) capaz de fazer com que sejam referenciados (e lembrados) como porta-vozes do grupo, considerados inspiração e exemplo para os demais. Essa foi a metodologia criada para que os próprios pares elegessem aqueles aptos a atuar como seus porta-vozes, já que parecia arbitrário que um pesquisador fizesse essa escolha pelo grupo. As figuras eleitas se inseriram na memória dos jornalistas, deixando nelas marcas duradouras, associando-se a uma representação simbólica. Por esta razão, recebem no trabalho a qualificação de personagens-emblemas memoráveis.

Na segunda etapa do processo, alguns desses nomes, eleitos pelos pares, passeiam pelas suas memórias, falam sobre sua inspiração ao decidir estudar ou trabalhar com jornalismo e comentam sobre as transformações pelas quais passa a profissão em um contexto digital e de ampla circulação de informações e de relatos. Acima de tudo, eles dão seu testemunho e nos emprestam suas memórias e análises sobre este momento da história, no qual ocupam lugar privilegiado de testemunha. Este é um período no qual as testemunhas (e seus relatos) têm lugar também privilegiado nos jornais e nas redes sociais - como eles entendem esse fenômeno? Os testemunhos desses profissionais eleitos como porta-vozes foram agrupados em capítulos que tratam das três dimensões temporais abordadas na tese: o passado, o presente e o futuro dos entrevistados, nas articulações com passado, presente e futuro da profissão. As memórias dos entrevistados trazem marcas que apontam valores históricos do grupo (passado), seus testemunhos sobre os desafios contemporâneos revelam mudanças e permanências nas

práticas e na identidade profissional (presente) e suas projeções sobre caminhos e desafios a serem enfrentados mostram para que caminhos se direciona um desejo coletivo de futuro.

A pesquisa partiu de algumas questões principais: Se em uma época com profusão de testemunhos o jornalista tem seu testemunho enfraquecido, então o jornalismo perdeu o lugar autoatribuído de testemunha? Como isso impactaria as práticas cotidianas e a forma como a profissão é referenciada pelos próprios jornalistas? Sendo assim, há duas hipóteses centrais que norteiam este trabalho. A primeira é: se há uma mudança do testemunho como dimensão do jornalismo, haveria também mudanças nas práticas e na identidade jornalísticas. E a segunda: se muda o papel autoatribuído do jornalista, de ser ele mesmo testemunha da história, mudaria também seu papel de produtor e conservador de memórias coletivas (já que quem assumiria essa função, em primeira instância, seria o público) e de disseminador de uma verdade reconhecida pelo senso comum.

Que função social e papel histórico tem ainda hoje o jornalista? Há um esvaziamento da carga histórica, de um papel autoatribuído de produzir e conservar memórias coletivas, no lugar de testemunha dos fatos? Para refletir sobre essas questões, ouvimos a opinião dos próprios jornalistas, testemunhas das suas próprias práticas e da maneira como mudam ou permanecem. Entender quem são suas referências, e ouvi-las, é uma forma de compreender as estratégias adotadas para dar conta das mudanças e da nova dimensão e velocidade da assimilação de relatos, aspecto também focado nesta tese.

Analisamos, ainda, a forma como é tratado na mídia de referência<sup>5</sup> o testemunho, em um contexto digital contemporâneo. O testemunho veiculado atribui responsabilidade a quem vê, de relembrar e prevenir, transmite uma obrigação moral, apela para um senso de comunidade. Alguns exemplos dessa cultura de testemunhos são as postagens (publicações) de artistas que superaram traumas e as conhecidas “histórias de superação”, que rapidamente ganham destaque midiático.

Em novembro de 2016, por exemplo, a filha africana dos atores Bruno Gagliasso e Giovana Ewbank foi alvo de comentários racistas na internet. Muitas matérias de veículos tradicionais publicadas apenas reproduziram relatos dos atores, orais e escritos, divulgados em redes sociais ou programas de TV<sup>6</sup>. No máximo, também reproduziam o texto agressivo publicado inicialmente. Mais tarde, foi descoberto que a autora das mensagens racistas era uma

---

<sup>5</sup> A mídia "tradicional" ou a "grande mídia" se dá em oposição a uma chamada "mídia livre" tida como colaborativa, não corporativista. Ver, por exemplo, Justen (2014).

<sup>6</sup> Ver, por exemplo: Santos (2016).

menina negra, de 14 anos. O tema tinha potencial para ser explorado de forma mais ampla e analítica, mas ficou restrito à reprodução dos relatos nas redes sociais. Outro movimento atual é o de divulgação de testemunhos relativos a experiências vividas pelos próprios jornalistas. Brêtas (2016) observou a profusão dessas formas de relato na imprensa brasileira entre 2013 e 2015 e seu aparecimento em veículos de grande circulação no Brasil.

Essa característica presente na experiência – de que ela mesma produz a verdade vivida – está também de maneira exponencial em vídeos e fotos mandados pelos leitores para jornais e *sites*. Jornalistas<sup>7</sup> alertam para o perigo da prática, cada vez mais frequente, de produzir matérias apenas a partir de um relato enviado por leitor em redes sociais, como WhatsApp. Há mais chances de virarem matérias as mensagens acompanhadas de fotos ou vídeos, sobretudo de pessoas que denunciam abusos do poder público ou violências, no lugar de vítimas.

Em relação a esse aspecto, é importante sinalizar que a tese é um aprofundamento de uma pesquisa iniciada para a dissertação de mestrado (GERK, 2016). Durante o estudo, jornalistas do jornal *Extra*, do Rio de Janeiro, relataram a preocupação com o uso simplório e massivo na publicação de relatos enviados ou já circulantes em redes sociais. Essa reclamação veio de encontro a uma inquietação da autora durante sua prática profissional. Por isso, a dimensão do testemunho foi selecionada para ganhar maior atenção na tese, juntamente com seu amálgama, a memória.

Muitos artigos em veículos jornalísticos se resumem à reprodução da mensagem do leitor, com a resposta da autoridade competente, sem polifonia ou análise sobre o passado e o futuro da situação. A verdade da experiência de cada um, transmutada sob a forma de imagens vistas, capturadas e compartilhadas, produz um discurso desassociado de qualquer referencial, tendo nele mesmo o sentido exacerbado de verdadeiro. Quando há pouco tempo e investimento na produção de conteúdos jornalísticos, o trabalho se resume à administração de relatos. Mas o testemunho tem sentido mais amplo e profundo quando relacionado ao grupo do qual seu autor faz parte, depende do contexto do indivíduo em questão. A lembrança não está encerrada em si mesma. A compulsão pela fala desassociada de sentido profundo esvazia a capacidade de categorizar, de agir criativamente.

Na esteira da investigação em relação ao tratamento dado a conteúdos jornalísticos, também abordaremos o fenômeno das *fake news*, associado a estas questões, e a relação do

---

<sup>7</sup> Na dissertação intitulada *Jornalismo e público: reconfigurações no contexto digital. WhatsApp do Extra como ferramenta histórico-tecnológica* (GERK, 2016), dez jornalistas do jornal *Extra* relataram ser comum a prática de produzir matérias a partir de uma única mensagem enviada por uma vítima pela rede social.



jornalismo com a verdade, em um ambiente de “muitas verdades”, eleitas a gosto do interesse de quem pode divulgá-las com facilidade.

De acordo com autores que definem o cenário atual como pós-moderno<sup>8</sup>, em um contexto em que o futuro é lugar do risco evitável, e não do progresso ou da cura, como foi na modernidade, a proliferação de relatos se tornaria operacional. A partir de uma coleção de possibilidades arriscadas, identificadas a partir das narrativas alheias, o interlocutor poderia elaborar a estratégia mais segura e estável para evitar perigos que já vitimaram terceiros. Esse é um, entre outros aspectos, a se pensar sobre o testemunho neste momento da história. O testemunho aqui é entendido não só na sua definição clássica jurídica ou na relação com vítimas, mas em amplas dimensões, que incluem o testemunho do leitor como fonte, de anônimos ou famosos que expõem relatos na internet e dos próprios jornalistas (inclusive sobre eles mesmos, em um ambiente de transformação das suas práticas).

Em relação às vítimas, é interessante pensar que o jornalismo é cada vez mais impregnado de discursos vitimizantes que surgem a partir das redes sociais e são reproduzidos nos veículos muitas vezes sem aprofundamento. A vítima que vem a público poderia ser cada um de nós. Nossa veneração das vítimas pode se relacionar ao fato de nós reconhecermos nelas nossa própria passividade diante de um presente que tentamos controlar e enquadrar, via aparatos comunicacionais, mas parece nos guiar para um abismo sem futuro. Esse é uma das dimensões do uso do testemunho nos veículos jornalísticos no presente que podemos citar como exemplo.

Se antes o jornalista se posicionava como observador da realidade, ele hoje parece perder lugar para um novo autor cada vez mais legitimado pela experiência. Ou seja, quanto mais tenha vivenciado a situação narrada, mais este novo autor vai parecer autêntico aos olhos do leitor-espectador. E atualmente esse canal de comunicação é facilitado pelas redes sociais e *smartphones* (sobretudo via WhatsApp), mecanismos que tornam possível e imediata a transmissão de experiências em qualquer lugar, a qualquer hora. Ou seja, não é possível desconsiderar que o jornalista sempre colheu relatos e testemunhos para produzir suas histórias. O que parece mudar é o tratamento e o lugar de destaque dado hoje ao relato puro, sem contexto ou confronto, bem como a profusão e agilidade de sua veiculação. O papel de

---

<sup>8</sup> Escolhemos usar aqui o termo pós-modernidade, mas sabemos que há divergências em relação à sua utilização. As referências usadas neste trecho são inspiradas em D’Amaral (2010), em texto que justifica para nós também a escolha deste conceito em detrimento de outros. Bauman (2001) usa o termo modernidade líquida ou modernidade tardia; Hartog (2013) fala de um regime presentista; Lévy (1996) define o contemporâneo como um tempo pós-humano; Latour (2000) argumenta que jamais fomos modernos, então não poderíamos falar em pós-modernidade.

mediador do jornalista tem perdido sentido na contemporaneidade (GERK, 2016) diante de uma nova configuração do tempo, que não permite o hiato necessário para a mediação. Este é o ponto de partida desta pesquisa.

Essa mudança no tratamento do relato não é a única em curso nas práticas jornalísticas desde o advento das redes sociais e da internet móvel. Muitas foram exploradas na dissertação (GERK, 2016), sobretudo no que tange à suposta crise de mediação, e certamente nestas páginas teremos a oportunidade de analisar outras, aqui especificamente relacionadas às dimensões da memória e do testemunho, que podem ser um caminho promissor para refletir e apreender como os acontecimentos sociais são construídos nos e pelos relatos midiáticos e pelos indivíduos que com eles interagem.

Ricoeur (2007) explica que, para reconhecer a condição histórica do ser humano, é preciso analisar as complexas relações com o passado, incluindo aí as diversas experiências da memória, e com o futuro, este sob a forma de expectativa. Nesse sentido, ele argumenta que somos afetados pela história produzida por outros e afetamos a nós mesmos pela mesma história que produzimos, como agentes e pacientes. O passado não pode ser interpretado como um acúmulo de acontecimentos acabados e inertes. Ele deve ser permanentemente problematizado.

Assim, Ricoeur (2007) argumenta que a força da metáfora de “espaço de experiência”, trazida por Koselleck (2006)<sup>9</sup>, diz justamente da possibilidade de movimento, algo que pode ir de um lugar ao outro, percorrer distintas redes de significação para manter-se aberto. É preciso reabrir o passado, reavivar nele as potencialidades irrealizadas, impedidas. É preciso, da mesma forma, desvelar as falas, deslocá-las, interpretá-las. É preciso também entender como o jornalista se relaciona, enquanto grupo, com valores do passado e do futuro para tentar compreender os movimentos da profissão neste século XXI.

É complexo e perigoso considerar o testemunho apenas como um registro objetivo de uma experiência. O discurso, inclusive o jornalístico, altera a realidade, uma vez que a narrativa também inventa o mundo, no sentido de recriá-lo, como sinalizou Dosse (2013) em suas reflexões sobre o acontecimento-monstro e a confusão da narrativa do acontecimento com o próprio acontecimento.

No caso da Operação Lava Jato, um exemplo que usaremos nesta tese para descrever o que chamamos Jornalismo na Era de Testemunhos, é difícil distinguir em que medida o

---

<sup>9</sup> O conceito será retomado ao longo do trabalho.

próprio discurso jornalístico afetou o rumo dos acontecimentos que levaram à derrubada da então presidente Dilma Rousseff<sup>10</sup>, por exemplo. Esse é um dos grandes paradoxos do testemunho: se só é possível narrar recorrendo à imaginação e à memória, até que ponto o teor de uma suposta verdade do testemunho seria contaminado por essa dose de imaginação e ficção? Isso sem falar nas intencionalidades com origem em disputas de poder. Não é que as delações não devessem, necessariamente, ser divulgadas e conhecidas. Mas é o tratamento simplista e sem questionamento que se dá às falas que pode empobrecer a polifonia<sup>11</sup> e a análise nos produtos jornalísticos.

Além disso, não se pode esquecer que a possibilidade de narrar carrega ainda a potência do que não é narrável e, sendo assim, “o testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta” (AGAMBEN, 2008b, p. 43). Nessa perspectiva, o testemunho é também uma construção de linguagem que se configura na tensão entre o que se pode dizer e aquilo que de fato é dito. O que foi deixado de fora? O que foi escolhido? Que falas são legitimadas e quais não são? É preciso interrogar-se também sobre a natureza desse não-dito. Assim, o relato transmite tanto as provas e evidências de seu trajeto como os desvios e mistérios não revelados. Um relato é um mapa, que leva para muitos caminhos, explorados ou não naquela fala. É preciso entender essas rotas e os processos sociais nos quais estão imbricadas.

Esta tese contribui para as discussões sobre transformações no jornalismo, já exploradas em trabalhos como o de Barsotti (2014) e Barbosa (2007), e para os que analisam aspectos da historicidade no jornalismo, como os de Lopes (2013) e Jácome (2017). Além de dialogar com pesquisas existentes, o presente trabalho contribui para o campo de estudos no qual se insere ao discutir figuras de historicidade, como testemunho e memória, ainda pouco exploradas quando a intenção é compreender as transformações do jornalismo na contemporaneidade.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A tese é fundamentada por teóricos que estudam memória, testemunho e as transformações do jornalismo no contexto digital. O mundo contemporâneo não para de

---

<sup>10</sup> Não é nossa intenção fazer uma tese sobre a Operação Lava Jato ou o impeachment da presidente Dilma. Apenas usaremos uma análise desses momentos históricos e suas coberturas, como exemplo, para ilustrar o que denominamos Jornalismo na Era dos Testemunhos.

<sup>11</sup> A questão da polifonia de vozes na perspectiva bakhtiniana será aprofundada no decorrer da pesquisa. Ver: Bakhtin (1981).

registrar o testemunho das existências mais comuns e de acontecimentos banais. É uma luta preservar a memória, no sentido de mecanismos coletivos de manutenção de documentos e informações relevantes, tanto em um ambiente com informações superabundantes quanto em um no qual elas faltam. As narrativas são necessárias para configurar memórias, que são, elas mesmas, construção narrativa.

Hoje há um excesso de informação, mas feita para ser consumida, sem ligação, esvaziada da possibilidade de entendimento profundo. Há uma sensação de que o presente está acabando agora, escorrendo (BARBOSA, 2017). Tudo é da ordem do absolutamente efêmero, uma percepção estimulada por um capitalismo acelerado que torna obsoletos produtos quase instantaneamente. E, por isso, alguns autores defendem que há uma compulsão pelo registro: muitos recorreriam à tecnologia na esperança de alcançar maior longevidade de suas memórias e vivências em um presente furtivo e acelerado. A discussão não é unívoca.

As informações jornalísticas muitas vezes não ajudam o espectador a criar elos, lembrar. Não têm duração. A superabundância também pode virar esquecimento<sup>12</sup>, porque muito se perde no ambiente virtual. Apesar disso, não se pode ignorar que, de certa forma, a mídia hegemônica ou a publicidade ainda são, em grande escala, encarregadas de selecionar o que reter e o que esquecer ou não perceber, em um jogo que manteria o poder e a decisão, neste aspecto, ainda nas mãos do jornalista, em última instância.

Podemos pensar que do ponto de vista histórico, continua muito relevante o registro jornalístico hegemônico como material de consulta no futuro sobre o passado de uma sociedade. Mas e as informações e relatos compartilhados na internet? Eles criam outra fonte de memória paralela ou só virarão registro histórico se incorporados ao relato midiático hegemônico? Como essas duas formas de registro se articulam? Discutimos isso a partir das opiniões dos jornalistas entrevistados e de pesquisadores que estudam a memória no contemporâneo, como Hartog (2013) e sua percepção de que o excesso de memória produz amnésia e não ancora o sujeito consciente.

Como apontou Joutard (2015), o testemunho é sempre um problema, e a naturalização de qualquer testemunho é a sua morte. Para tratá-lo com ética e responsabilidade, é preciso considerá-lo um problema. Não há compreensão sem crítica. A explosão de registros se ancora, muitas vezes, em uma dimensão apriorística de verdade do testemunho, para dar automaticamente legitimidade a discursos. Entretanto nada muda mais que o passado, quando

---

<sup>12</sup> Aprofundaremos essa discussão ao longo da tese.

repensado a partir do presente. Se não são buscados os fundamentos da verdade, apenas versões satisfazem. Chega-se a uma situação em que falta um debate buscando um consenso, pois só há duelo de forças. O jornalista sempre tem uma posição, mesmo que assuma a aura de imparcialidade, mas é perigoso cair em um relativismo absoluto, porque ele ainda procura ter um lugar de legitimidade da ordem do saber, e não só do ponto de vista.

Essa discussão sobre o lugar do jornalista na contemporaneidade se dá em meio à reflexão sobre as transformações na interpretação sobre as narrativas. Segundo Vaz, Santos e Andrade (2014), passamos hoje de um cenário em que se privilegiava a confissão – forma de discurso autobiográfico decisiva para a constituição da subjetividade desde, ao menos, o Concílio de Trento até a modernidade – para uma era de testemunhos, o novo discurso autobiográfico crucial para a produção da subjetividade. Nesse contexto, o interlocutor deixa de ser valorizado por ter autoridade. Ele passa a ocupar um lugar de duplo endereçamento. Quem escuta é um indivíduo qualquer, tolerante e solidário, em uma dinâmica que pressupõe a ida ao espaço público, e não o segredo. De acordo com os autores, o silêncio, quando ocorre, é provocado pelo julgamento moral da sociedade ou a imposição de um algoz. Dessa forma, é valorizado como corajoso aquele que supera o medo e a vergonha e vem a público para expor experiências pessoais, assumindo lugar de vítima ou de denunciante, mesmo que ele também tenha participado de delitos, ou em uma postura de aconselhamento ou modelagem de atitudes e escolhas, sobretudo no caso de celebridades.

O testemunho valorizado é cheio de fatos bem descritos, para dar dimensão realista à narrativa (SARLO, 2007, p. 50). A partir de um princípio de presunção da inocência do narrador, quem desconfia de um testemunho é visto como sem compaixão ou preconceituoso. Além de ter função terapêutica, já que eleva a autoestima, a exposição pública é considerada um serviço para a sociedade, porque pode evitar que outros passem pelo mesmo problema. Inclusive, muitos interlocutores ressignificam suas experiências a partir da “apropriação de testemunhos de outros indivíduos” (VAZ; SANTOS; ANDRADE, 2014, p. 5). Diante de um enredo em que todos são estimulados a falar e a fala circula mais facilmente pela internet, não é de se estranhar que a prática profissional jornalística sofra transformações. Nesta tese, discutiremos justamente esses impactos sofridos pelo jornalismo no mundo contemporâneo diante desse cenário de proliferação e valorização de relatos.

É importante ressaltar que os relatos valorizados e compartilhados no ambiente virtual, e muitas vezes replicados em veículos de mídia, não são apenas os de vítimas, mas também os de observadores de situações diversas e aqueles que expressam e legitimam a opinião de um

grupo, sobretudo com opiniões políticas específicas, muitas vezes não importando até para os jornalistas e, sobretudo, para os espectadores/leitores se as informações transmitidas são verdadeiras ou falsas. Nesse sentido, caberia novamente investigar o papel que a credibilidade das instituições e figuras emblemáticas do jornalismo têm neste ambiente de difusão de boatos e acusações falsas. Pretendemos abordar essas questões no decorrer da tese.

Para D’Amaral (2010), as instituições e tradições históricas perdem seu atrativo na pós-modernidade. É também dentro dessa perspectiva que se pode considerar o impacto nas instituições jornalísticas. Cada qual estaria entregue a si mesmo, mas colocado sobre os “nós” dos circuitos da comunicação, dentro dos limites que mantenham ou melhorem as performances do sistema. Lyotard (1986) – que reflete sobre a importância do relato a partir da tese da perda de credibilidade das metanarrativas (religião, socialismo etc.) para explicar o mundo e o real –, destaca que há uma “preeminência da forma narrativa na formulação do saber” (LYOTARD, 1986, p. 37). De acordo com o autor, o que se transmite com os relatos é o grupo de regras pragmáticas que constitui o vínculo social, a partir das competências saber-dizer, saber-ouvir e saber-fazer. Em lugar das grandes narrativas, valorizar-se-iam muito mais hoje pontos de vista, versões e relatos individuais dispersos ou de pequenos grupos.

Para estudar a memória do jornalismo e como ele se configura e reconfigura, é fundamental uma análise que envolva a dimensão do testemunho, como já enfatizamos. A questão do testemunho precisa, no nosso entendimento, ser estudada, principalmente, em uma dupla dimensão: o testemunho como ferramenta histórica de produção do jornalismo e o testemunho do jornalismo sobre si mesmo, conforme explicado. Entretanto, o campo do testemunho ou das narrativas tem sido negligenciado nas pesquisas sobre jornalismo, como salientou Resende (2006). O autor alertou para a importância de esses estudos se debruçarem sobre as formas de narrar o mundo, que criam e recriam sociabilidades, além de serem uma forma de representação coletiva. Resende ressaltou ainda que o jornalismo, principalmente quando se restringe à função básica de informar, pouco contribui para a construção de narrativas, no sentido amplo do termo. Ao contrário, produz relatos atrofiados, vira um escravo da objetividade, sem a presença marcante de um narrador que imprima sua marca e sua interpretação sobre os acontecimentos. Para avançar na compreensão sobre este fenômeno, é preciso colocar a narrativa em perspectiva.

Por séculos, a chance de visibilidade midiática ficou restrita a quem conseguia o aval de um jornalista para ter espaço no papel, na tela ou no som. Hoje, de *bit* em *bit*, a fama e a notícia se constroem e navegam cada vez mais sem leme, deixando para trás uma onda de

dúvidas sobre antigos modelos de negócios da comunicação e o lugar social do comunicador. O *site* americano de empregos CareerCast.com (2020) incluiu os profissionais de imprensa na lista dos dez mais ameaçados do mundo, ao lado de lenhadores, carteiros e medidores de água e luz. Até 2022, as contratações devem sofrer queda livre. Segundo o VoltLab (YAHYA, 2018), só de janeiro a agosto de 2018, 290 jornalistas haviam sido demitidos no país<sup>13</sup>. Nos seis anos anteriores, 7.817 demissões afetaram profissionais da área de mídia: 45% foram funcionários de jornais impressos, 22% de revistas e 9,1% eram do meio *online*.

O cenário não é novidade. Mas enquanto tentamos recontar essa história, que de tão encharcada de presente pode ser definida como uma história do tempo passando (BARBOSA, 2015), é preciso compreender os fenômenos que perpassam o cenário contemporâneo pós-moderno. O modelo tradicional de negócio na imprensa, sobretudo escrita, passa por revisão. Alguns autores<sup>14</sup> tratam da relação entre essas transformações e o maior fluxo de informações através de redes sociais e *sites*. Mas é importante investigar outras características da contemporaneidade que influenciam no cenário de mudanças na atividade profissional do jornalista. Entre esses fenômenos, destaca-se a cultura de valorização do testemunho.

Pela rede, circulam testemunhos de todo tipo, compartilhados sem necessariamente importar a preocupação com a fonte e as outras versões envolvidas. É a crise do que Zelizer (1992) definiu como a questão central que dá ao jornalista autorização e credibilidade para ter um enunciado especial sobre os acontecimentos: “A crença popular que os investe de autoridade, reconhecidos como observadores acreditáveis no mundo real, constituindo uma autoridade cultural” (ZELIZER, 1992, p. 2-3). Se a autoridade passa a ser de narradores em geral, o jornalista perde a certeza de um lugar histórico conquistado. Cada vez mais, o jornalismo apresenta versões, em uma era que não valoriza a compreensão mais abrangente dos fatos. O virtual se consolida como lugar de representação do sujeito.

A credibilidade é defendida por Sodré (2009) como o principal capital simbólico do jornalista, que parte de uma espécie de pacto estabelecido entre o profissional de imprensa e o leitor. “A credibilidade decorre muito provavelmente do lugar privilegiado que o jornalista ocupa como mediador entre a cena do acontecimento e a sociedade global: o lugar da testemunha” (SODRÉ, 2009, p. 48). Esse lugar, porém, é deslocado muitas vezes, no cenário

---

<sup>13</sup> Desligamentos coletivos de jornalistas são bem documentados em países que dispõem de dados estatísticos detalhados. No Canadá, 12 mil vagas já foram eliminadas em 2 décadas; em Portugal, 1,1 mil jornalistas perderam o emprego entre 2000 e 2012; na Austrália, 2 mil vagas foram extintas de 2011 ao início de 2017 (PITHAN; VACLAVIK; OLTRAMARI, 2020).

<sup>14</sup> Ver, por exemplo, Deuze (2008).

atual, para o leitor ou o internauta. O jornalista parece atuar como uma espécie de controlador de testemunhos alheios. O testemunho veiculado na mídia atribui responsabilidade a quem vê, de lembrar e prevenir, transmite uma obrigação moral, apela para um senso de comunidade.

A prática de dar visibilidade e legitimidade imediatas a relatos parece marcar uma mudança do papel do jornalista. Ele sempre se afirmou como aquele com a missão de revelar a verdade por trás de boatos, a partir de sua autoridade moral. Porém, o grande número de relatos parecidos, circulando hoje na internet, rotineiramente passa a ser sinal de que algo é verdadeiro. O lugar dos boatos é revisto e ressignificado<sup>15</sup>. A própria fala ou o boato passa a ser a notícia, é outro critério de estabelecimento da verdade, cada vez menos investigada, mesmo que se admita a dificuldade de estabelecer uma verdade absoluta.

A partir dessa reconfiguração do lugar da fala, poderia se pensar que o papel de mediador do jornalista seria afetado em um ambiente em que todos podem falar, e o testemunho é terceirizado. O antídoto para esse deslocamento no papel do jornalista testemunha, segundo a proposta de muitos autores, como Sodré (2009), estaria na qualidade da notícia garantida pelo estatuto jornalístico, devendo a imprensa ter a capacidade de complementar as informações diante de uma nova lógica, quando se desloca para o receptor grande parte do poder de pautar os acontecimentos. Sodré (2009) questiona, porém, na atual circulação da informação (em tempo real e com fluxo contínuo), se os tradicionais produtores do texto jornalístico ainda podem determinar o que é ou não notícia. Essa discussão sobre uma revisão do papel do jornalista em um contexto de ampla profusão de relatos ou testemunhos estimulou o estudo, aqui empreendido, de valores e práticas em transformação na profissão neste século XXI, marcado por novas leituras ou novas maneiras de ler o mundo.

Historicamente, o conhecimento produzido pelo jornalismo com frequência foi mais facilmente assimilável pelo público do que o produzido por especialistas. Mas o discurso de pessoas comuns pode estar ocupando cada vez mais o estatuto de conhecimento antes relegado a especialistas e, quiçá, a jornalistas. Como reação, o jornalismo tenta “incorporar” práticas que ameaçam sua posição: cada vez mais ele quer que o público “se veja” no jornal. Através de vídeos e imagens enviados por leitores e veiculados nas páginas jornalísticas, nota-se um reforço deste denominado “efeito-testemunha”. Ele abarca a percepção do próprio público como um provável informante, já que está em presença do que é relatado. Identifica o poder

---

<sup>15</sup> Boatos, chamados de *bruits* pelos franceses, são há muito referenciados. Jean de La Bruyère (1847) se referia a eles como o contrário da verdade. Também Robert Darnton (2005), ao analisar os *bruits* que atentavam contra a reputação de aristocratas do Antigo Regime na França, fala desses mexericos formando redes de “boatos” no que denomina “uma pioneira sociedade da informação”.



de capturar a imagem e transmiti-la como informação fidedigna. É importante entender esta produção de testemunhos revestidos de uma ideia de verdade, já que são envelopados de provas sob a forma de imagem. Os vídeos e fotos são considerados provas indiscutíveis, mas são produções subjetivas: há ângulos e pontos de vista, usados e escolhidos pelos seus veiculadores ou por jornalistas, muitas vezes, também para atender a interesses ou escolhas individuais e empresariais. Como qualquer forma de conhecimento, o produzido pelo jornalismo é condicionado histórica e culturalmente pelo contexto e subjetivamente pelos que participam da produção. Mas a notícia é apresentada como se fosse a realidade, sobretudo se legitimada por recursos audiovisuais e relatos. O público não tem acesso aos critérios de relevância que ajudaram o jornalista a construir essa versão da realidade.

Reduz-se a distância entre experiência e representação para se criar certa ilusão de tempo compartilhado. Trata-se de um tempo comunicacional que explora sobretudo o estando agora (HELLER, 1993), mas numa superfície que vai do nascimento à morte (presente estendido). Neste agora compartilhado, cria-se, via aparatos comunicacionais, a ideia de que eu e o outro compartilhamos o mesmo tempo, e, portanto, vivemos a mesma vida. O tempo ultrapresente da comunicação cria a ilusão de tempo compartilhado, com pouco hiato para análise e reflexão. Isso influencia profundamente as práticas jornalistas na atualidade.

A importância dada ao testemunho e seu crescente lugar de destaque na sociedade foi abordada também por Sarlo (2007), que, ao estudar relatos de vítimas e testemunhos sobre o regime de exceção na Argentina e em outros países latinos, mostra como foi fundamental a composição do discurso em primeira pessoa para reconstruir a experiência.

O testemunho, por sua autorrepresentação como verdade de um sujeito que relata sua experiência, exige não ser submetido às regras que se aplicam a outros discursos de intenção referencial, alegando a verdade da experiência, quando não a do sofrimento, que é justamente a que deve ser examinada (SARLO, 2007, p. 120).

Mas imagens de traumas podem afetar a capacidade de lembrar eventos passados. Mesmo reconhecidas como provas concretas, são trechos simplificados e arbitrários de situações. Oferecem uma forma de viajar para a experiência altamente individual do trauma para um espaço pós-traumático da coletividade e do efeito terapêutico do testemunho (ZELIZER, 2002), que deve ser questionado como lugar inquestionável e protegido do ceticismo e da visão crítica. Quando transportado para um texto jornalístico, esse testemunho estabelece novas relações morais e desloca o observador para personagem principal com perspectiva de autoridade, afastando as desconfianças, e se esquecendo dos “atos de memória”

ou de que só é retratado um lado da história. É importante compreender, como ponto de partida para esse estudo, a proeminência dada aos relatos na contemporaneidade, mas também os riscos que ela traz, sobretudo na sua relação com as práticas jornalísticas.

Não sabemos para onde vai o jornalismo e que rumos serão necessários para manter a profissão valorizada, mas é preciso considerar que o cenário contemporâneo e a cultura dos testemunhos trouxeram mudanças que precisam ser analisadas e entendidas, para propor soluções e reflexões que envolvam inclusive uma lógica historicizante. No campo da memória, a fundamentação baseia-se em autores que estudam a memória coletiva, como Halbwachs (1990) e Namer (1987), e a memória em contexto digital, como Candau (1998), que caracteriza a dissolução do presente real no tempo real. O objetivo é entender as imbricações da memória no testemunho e também a memória de um grupo embriagado em vestígios do passado, diante de um futuro que parece nebuloso pela falta de conexão com os fluxos temporais de forma mais holística.

Quanto mais os jornalistas se sentem isolados, não engajados em um grupo, mais enfraquecida e dispersa é a memória coletiva. A própria noção identitária do grupo se abala a partir do momento em que não fica clara uma noção coletiva, quando se dissemina uma ideia de que qualquer um com uma câmera na mão ou um meio de divulgação na internet pode ser chamado jornalista. Também a partir de uma queda dos postos de trabalho formais, fica reduzida a parcela que tem a atividade como meio de vida. Diminuem, também, os pontos de encontro, as reuniões dos profissionais, as oportunidades de troca de lembranças e projetos.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar seja reconstruída sobre base comum (HALBWACHS, 1990, p. 39).

É por isso que precisamos entender que valores ainda unem os jornalistas enquanto grupo, recorrendo às suas memórias e testemunhos. Segundo Halbwachs (1990), como reconstrução, a memória não se fixa em uma conservação da experiência, mas em novas construções a partir de um material de referência. Esses conjuntos de referências de uma dada memória coletiva que o sujeito mobiliza para se lembrar foram chamados pelo autor de quadros sociais da memória, que se apoiam na língua, no tempo e no espaço. A memória individual se particulariza pelo seu ponto de vista sobre a memória coletiva. Quais são os quadros de referência para os jornalistas ainda hoje?

O jornalismo se liga hoje em dia, intensamente, à dinâmica temporal da internet, ambiente em que há maior fluxo de informações. Nessa lógica da duração acelerada, efêmera, descartável, parece haver pouco espaço e investimento na interpretação sobre fenômenos e grupos ao longo do tempo – inclusive na interpretação do jornalista sobre ele mesmo. Esta é uma das hipóteses que pretendemos investigar, propondo que essa reflexão seja feita nas páginas que se seguem.

## METODOLOGIA E ESTRUTURA DA TESE

Nesta tese, a partir da discussão teórica já esboçada, foi fundamental ouvir a opinião de jornalistas sobre os profissionais que se constituem como emblemas para eles, por sintetizarem valores importantes para a profissão, e que apareceram nas suas falas quando perguntados sobre quem representava uma síntese do que é ser jornalista. Por fim, ouvimos a opinião desses personagens referenciados sobre as mudanças em curso na profissão. Nesse sentido, foi feita uma espécie de entrecruzamentos de testemunhos. Em primeiro lugar, fomos em busca dos indícios testemunhais de diversos jornalistas, a partir de um questionário básico através do qual queríamos observar os profissionais que apareceriam, de imediato, na lembrança do grupo.

A princípio, a intenção era recolher cem questionários (considerado pela autora um número razoável para ter uma boa amostra). Acabaram entrando mais três participantes que responderam depois, para que as respostas não fossem descartadas. Os questionários foram enviados por *e-mail* para pessoas do círculo profissional da autora (profissionais com quem a autora trabalhou ou trabalha em redações ou empresas de assessoria de imprensa no Rio de Janeiro), que, por sua vez, encaminharam para outros jornalistas de seu círculo profissional. Foi montada, portanto, uma rede de informantes. Todos os questionários enviados pela autora foram respondidos. O processo de coleta do questionário será mais detalhado no capítulo a seguir.

Os personagens mais citados como referência foram, então, eleitos para comentar as mudanças em curso no jornalismo, em nome do grupo. As entrevistas foram feitas por telefone, a partir de um roteiro de perguntas pré-determinado, que permitia algumas digressões ao longo da conversa. O conteúdo das perguntas e o que pretendiam investigar será destrinchado ao longo dos capítulos 4, 5 e 6. Como os jornalistas eleitos são celebridades, não foi tão fácil

encontrá-los com tempo disponível para a conversa. Mas o fato de a autora trabalhar em redação de grande jornal facilitou o contato e a disponibilidade deles para a entrevista.

A metodologia foi sendo construída à medida que a tese avançou. Desde o início, a intenção era ouvir os jornalistas sobre as mudanças em curso, enfocando a questão do tratamento dado ao testemunho na contemporaneidade. Uma questão inicial trouxe inquietação: quem vai falar em nome dos jornalistas? A resposta foi a metodologia: eles vão decidir. E, assim, construiu-se a ideia do questionário e das entrevistas dos personagens eleitos, cujas interpretações foram divididas nas três dimensões temporais que abordaremos na tese: passado, presente e futuro. Apresentaremos a seguir a estrutura do trabalho.

A primeira parte da tese analisa as respostas de 103 jornalistas que trabalham ou trabalharam em redações do Rio de Janeiro. Foi possível montar um quadro que contemplasse uma tipologia variada de jornalistas. As mensagens continham um questionário-padrão com quatro grupos de perguntas no corpo do texto e foram enviadas entre março e abril de 2017. O questionário (Anexo A) incluía questões para mapear o perfil dos entrevistados, como nome, idade, ano de formatura, universidade onde se formou, empresa onde trabalha atualmente (se trabalha) e se já trabalhou em algum veículo jornalístico (qual e por quanto tempo). Depois, foi pedido para que o participante indicasse qual jornalista considerava uma espécie de ícone na profissão e por quê. A única pré-condição para responder o questionário era ser formado em jornalismo. Depois, as respostas foram tabuladas para análise. As palavras mais usadas para justificar a escolha do jornalista citado foram elencadas a partir do programa Nuvem de Palavras e também agrupadas em conjuntos de valores semelhantes, identificados e demarcados pela autora.

Quase todos os entrevistados (99%) trabalham ou trabalharam em redações. Conhecer quem os jornalistas das redações cariocas admiram e por quê é uma forma de entender que valores e qualidades eles idealizam e perseguem na profissão, na tentativa de compreender rupturas e continuidades em relação ao passado. Há uma coesão? Ou são muitos personagens e qualidades diferentes mencionados? São mapas que indicam para onde o jornalismo está indo e em que se ancora, enquanto fala sobre si em meio a uma profusão de dizeres múltiplos ecoando pelas comunidades virtuais a cada segundo. Como o fio condutor do trabalho é entender as transformações no jornalismo no século XXI, destacando a dimensão do testemunho, começamos, neste capítulo, a ressaltar o testemunho dos jornalistas sobre si mesmos. Além disso, nesta etapa tivemos a possibilidade de promover a identificação dos

personagens-emblemas memoráveis, que comentam, mais à frente, os fenômenos abordados nesta pesquisa.

O segundo capítulo é dedicado ao estudo do que estamos denominando Era de Testemunhos, ancorando as reflexões no testemunho da autora, a partir de uma dimensão autoetnográfica, que apresentaremos no capítulo. Qual o papel dos relatos na pós-modernidade, como este discurso autobiográfico essencial, e como esta profusão e valorização de relatos impacta o jornalismo? Também pensamos sobre o deslocamento do papel de testemunha, do jornalista para o leitor. Nesta etapa, analisamos o contexto contemporâneo a partir do testemunho dado pela autora sobre suas experiências profissionais ao longo dos quatorze anos em redações no Rio de Janeiro, para entendermos o papel do testemunho nesse momento histórico. Também comentamos alguns aspectos da cobertura midiática da Operação Lava Jato no Brasil, para exemplificar o que chamamos aqui de Jornalismo na Era dos Testemunhos.

Este capítulo se destina ainda à reflexão sobre a importância da memória na atividade jornalística, nas práticas diárias e também como fonte de informações para os entrevistados em matérias e para o próprio jornalista. Analisamos mais profundamente as relações entre memória, testemunho e jornalismo, abordando eixos temáticos como memória coletiva e a noção de memória como fluxo, assimilando a importância de revisitar o passado em multifluxos temporais. Este movimento é feito também pela autora, que passeia pelas suas memórias, trazendo a impressão autoral prática para a pesquisa acadêmica – um movimento que também é analisado no sentido de contribuir para as discussões teóricas no campo.

Na sequência, no capítulo 3, os “ícones” eleitos, que, como já mencionado neste trabalho denominamos personagens-emblemas memoráveis, comentam as mudanças no jornalismo, os desafios, falam sobre suas memórias, aqueles que admiram na profissão, seus valores e sobre como avaliam o que denominamos aqui Jornalismo na Era dos Testemunhos. Foram escolhidos para entrevista os seis mais citados pelos pares, a partir do questionário enviado anteriormente. Eles foram entrevistados por telefone, entre 2017 e 2019. Como mencionado, as reflexões são divididas em três capítulos (3, 4 e 5), relacionando o material empírico coletado com as entrevistas desses personagens a uma reflexão sobre passado, presente e futuro da profissão. Mapeamos, assim, valores que mudam e permanecem, e que discursos e símbolos ainda unem os jornalistas enquanto grupo. Para finalizar, interpretamos as respostas dos entrevistados com o apoio de reflexões sobre verdade, tempo e jornalismo, e suas relações com o fenômeno das *fake news*, amplamente citado nas entrevistas.

A principal referência para a investigação passa a ser a atividade humana que testemunha, com a preocupação, de acordo com Bourdieu (1986), de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, estabelecendo relações entre os estados sucessivos, construídos em etapas de desenvolvimento, tentando recuperá-los na unidade de um relato totalizante. A história é representada pela experiência pessoal de indivíduos específicos, convidados a focalizar o encontro entre suas vidas privadas e eventos de interesse geral. A função da pesquisa histórica não é confirmar o que já sabemos, mas questionar nossas suposições. As entrevistas têm valor de documento e sua interpretação tem a função elucidar o que documentam. Com essas preocupações e convicções, as entrevistas foram conduzidas.

Há que considerar que o trabalho de investigação sobre o inacabado passa pelo crivo dos testemunhos dos acontecimentos analisados. Trata-se da própria memória como objeto histórico na produção de sentido de uma profissão que ciclicamente se vê diante de reconfigurações tendo como ponto de partida as transfigurações tecnológicas, mesmo se considerarmos as longas durações.

A tese tem uma dimensão que poderíamos denominar de “historiadora” ou historicizante, não apenas por explorar conceitos comumente estudados no campo da história, como memória e testemunho. Essa perspectiva é dada pela ação entretempos almejada, já que os questionários indicam e revelam memórias sobre personagens que se constituem como síntese de uma profissão, ao mesmo tempo em que esses jornalistas que foram lembrados fazem o exercício de situar o jornalismo no tempo. Do presente ao passado e do passado ao presente, com vistas ao futuro. Possíveis previsões e prefigurações da própria profissão vão emergindo de suas falas, colocando o jornalismo como testemunha dos tempos – passado, presente e futuro – e, também nesse sentido, produzindo uma memória do jornalismo em gestos testemunhais. Assim, é a perspectiva de análise e o olhar interpretativo que colocam a tese nessa dimensão histórica, aqui chamada historiadora ou historicizante.

Poderíamos denominar a mesma perspectiva de historiográfica, como fizemos anteriormente. Entretanto, os neologismos que empregamos propositalmente têm o objetivo de mostrar os desvios feitos no que diz respeito às perspectivas de uma teoria da história, fundamental para inserir as reflexões numa dimensão historiográfica. Daí também a escolha de outras palavras, que no nosso entendimento, particularizam melhor os objetivos que perseguimos no trabalho.

A pesquisa articula, assim, presente e passado nesta perspectiva historicizante, sem a pretensão de destacar personagens ou veículos específicos do passado. Desde o início do século

XXI, muitos autores têm se dedicado a pesquisas sobre história da mídia ou do jornalismo no país. Barbosa e Ribeiro (2005) apontam para a importância do aumento dos espaços destinados a essa discussão como grupos de trabalhos específicos em fóruns de comunicação no Brasil nas últimas décadas. No entanto, as autoras ressaltam que “o aumento do número de trabalhos de história do jornalismo não tem correspondido a um amadurecimento das reflexões sobre o tema” (BARBOSA; RIBEIRO, 2005, p. 3), em função das escassas discussões teórico-metodológicas e a limitação de análises empíricas sem maiores implicações contextuais. Faltaria, por exemplo, um questionamento de relações mais amplas acerca do passado e sua relação com o presente, e haveria, concomitantemente, uma tendência a destacar os grandes feitos de personagens e jornais específicos. Predomina, sob certo aspecto, uma história que privilegia um único fluxo temporal possível, um combate que cria vencedores (os modernos) e os vencidos (ultrapassados).

Entretanto, nos últimos anos, observamos a expansão de estudos na comunicação, que mesmo não sendo históricos, no sentido mais tradicional do termo, adotam a perspectiva histórica nas suas abordagens. Há também o aumento da preocupação em discutir aspectos historiográficos, como, por exemplo, nos movimentos realizados em torno do Grupo Historicidades dos Processos Comunicacionais, uma rede de grupos de pesquisa, que reúne pesquisadores de diversos programas de pós-graduação em Comunicação, em Informação, Comunicação e Saúde e em Tecnologias, Comunicação e Educação, e que realizam periodicamente encontros para discutir questões e temas importantes relacionados à dimensão historiográfica dos estudos de comunicação.

Nas pesquisas desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação vem também se destacando essa perspectiva, o que tem resultado, sobretudo nos últimos anos, em diversos estudos inovadores e que contribuíram para aprofundar as discussões em torno de múltiplas temáticas, muitas vezes relacionadas ao contemporâneo, mas que, mesmo assim, possui no seu âmago a questão histórica como centro de sua abordagem<sup>16</sup>.

Acreditamos que esta tese pode contribuir para os estudos de jornalismo por abordar aspectos ainda pouco explorados quando se fala em mudanças da profissão a partir do advento das redes sociais e *smartphones*. As dimensões do testemunho e da memória não costumam ser o foco quando se discutem os caminhos de uma profissão em transformação, sendo, no nosso entendimento, centrais nesta reflexão e, portanto, não podem ser negligenciadas. Essas

---

<sup>16</sup> Para uma análise mais detalhada dos trabalhos que adotam essa perspectiva, ver: Barbosa (2018).

dimensões são essenciais para nos guiar em uma reflexão sobre valores e características que mudam e permanecem, em uma profissão em transformação. Esperamos que novas perguntas surjam ao fim da leitura deste trabalho, que inspirem mais discussões a respeito das temáticas abordadas nas páginas que se seguem. Boa leitura!



## 1 MUSEU DE GRANDES NOVIDADES

Cansado de correr  
na direção contrária,  
sem pódio de chegada ou beijo de namorada,  
eu sou mais um cara.

Mas se você achar  
que eu tô derrotado,  
saiba que ainda estão rolando os dados  
porque o tempo, o tempo não para...

Dias sim, dias não,  
eu vou sobrevivendo sem um arranhão  
da caridade de quem me detesta [...].

Eu vejo o futuro repetir o passado,  
eu vejo um museu de grandes novidades...  
O tempo não para  
(CAZUZA).

O jornalista sempre se autoproclamou mediador entre poder público e audiência, aquele que “corria na direção contrária”, ao desafiar respostas, questionar condutas. Um enfraquecimento do papel do repórter, no sentido de esvaziamento do processo de apuração mediante uma prática de administração vazia de relatos, poderia ser interpretado como uma derrota para o jornalismo profissional. Mas, já dizia Cazuzza, “o tempo não para”, ainda mais na velocidade da internet, e, por enquanto, o jornalismo vai sobrevivendo (não sem arranhões), rolando os dados e resistindo à crise de credibilidade. Será que veremos ainda o futuro repetir o passado do jornalismo? Existe um meio de distinguir bons e maus usos desse passado?

Para Todorov (1995), existe. O primeiro passo é nos interrogar sobre os resultados de tal memória a julgar por critérios humanistas, de valores universais. Nesse caminho, a memória deve ser estudada pelas suas formas de reminiscência. O autor construiu o conceito de memória exemplar para defender um uso da memória como modelo para compreender situações novas, sem negar a singularidade dos acontecimentos. A partir da memória exemplar, é possível domesticar a memória, estabelecer comparações que permitem ver semelhanças e diferenças.

A mera nostalgia<sup>1</sup> é um sintoma de uma crise de projeção do futuro. Em consequência, o passado é visto apenas como entretenimento e não como alvo de análise crítica. Sente-se nostalgia de uma época em que era possível imaginar um futuro, mas sem mergulhar em sua análise. A ideia é encarar situações novas, mas percebendo-as como análogas a outras do passado, para elaborar projetos de futuro. Alguns autores acreditam que a nostalgia está

---

<sup>1</sup> Sobre nostalgia, ver: Jameson (1991) e Niemeyer (2014). Sobre o tema, ver também Ribeiro (2018).

relacionada à chamada “crise de identidade” (CANDAUI, 2011). Num cenário caracterizado por vínculos sociais e afetivos mais frágeis e provisórios, pela descrença nas grandes narrativas explicadoras do mundo e nos projetos políticos transformadores, o desejo de passado expressaria o esfacelamento de nossa capacidade de projeção, nossa dificuldade de imaginar “futuros possíveis”.

Tendo esta reflexão como direcionadora, poderíamos pensar nos impactos do abandono de um uso da memória exemplar no jornalismo. Estudar práticas e valores do passado é um dos caminhos para entender o presente e até criar novos rumos. Valores historicamente defendidos pelo jornalista – como o de mediação, o de “cão de guarda” da sociedade, aquele que detém a credibilidade para disseminar conteúdos verdadeiros – podem ser resgatados pelos profissionais com novos formatos ou até serem questionados para a criação de novos caminhos, mas não se pode ignorá-los em um estudo sobre as transformações do jornalismo, procurando detectar as mudanças e as permanências nesse percurso. Outro valor historicamente reivindicado pelo jornalismo é o de ser guardião dos princípios democráticos<sup>2</sup>, daí sua relação intrínseca com a política e a tomada de partido e de posições explícitas. A relação entre política e jornalismo, apesar de todo o esforço das reformas modernizadoras da década de 1950, que buscou a autonomização da profissão, produzindo um afastamento da política e da literatura<sup>3</sup>, permanece viva e importante. Em tempos de valorização da opinião e de discursos maniqueístas, esse discurso político, essa tomada de posição, a rigor, se exacerba. Que função o jornalismo assume diante desse cenário?

O discurso nostálgico sobre o jornalismo também é recorrente, sobretudo entre os próprios jornalistas, com premissas como “os antigos bons tempos” ou os apocalípticos do “jornalismo acabou”. Há crise da ideia de produção do novo, por isso muitas vezes as premissas são simplesmente recicladas. Mas o mero saudosismo não leva a conexões reais com o passado, o presente e o futuro. Pode até haver um discurso nostálgico, sobre uma época de maior valorização da profissão, mas é preciso estimular uma análise mais aprofundada sobre o que pode ser aproveitado e descartado das heranças que permanecem.

O jornalismo hoje se liga intensamente à dinâmica temporal da internet, ambiente onde há maior fluxo de informações. Nesta lógica da duração acelerada, efêmera, descartável, há pouco espaço e investimento na interpretação sobre os fenômenos e grupos ao longo do tempo. Inclusive na interpretação do jornalista sobre ele mesmo. O resgate dessa memória comum é

---

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, Baptista (2019).

<sup>3</sup> Cf. Ribeiro (2007).

dificultado pelo fato de vivermos hoje a dissolução do presente real no tempo real (CANDAU, 1998).

A sociedade escamoteia o tempo nas suas características próprias (duração, fluxo e passagem), reduzindo tudo ao instantâneo. Mas o presente real é complexo, temporal, com densidade, cíclico, contínuo, feito de heranças e projetos, ou seja, localizado entre um passado e um futuro (CANDAU, 1998). Já o tempo real é caracterizado pela simplicidade. Não tem densidade, é acrônico, ou seja, não se inscreve em uma ordem cronológica, com um antes e um depois. É um presente que é para si mesmo seu próprio horizonte, se esgota na sucessão de instantes. É caracterizado pelo tempo interrompido, do instantâneo e do efêmero descartável. Para o autor, o tempo real foca no instante em si mesmo, como se tivesse nele toda a importância esgotada. São instantes estanques, que interrompem a temporalidade. A memória é moldada para consumo<sup>4</sup>, em produtos de fácil absorção e também descartáveis, como séries, filmes, objetos retrô.

A cada novo suporte comunicacional, a reação que segue é acreditar na superação imediata da linguagem e do suporte anteriores. Ao longo da história, vários novos suportes tecnológicos surgiram trazendo aura de incerteza e receio entre os jornalistas, neste “museu de grandes novidades” que sempre afetaram as práticas. O jornalismo sofre com essa efemeridade no seu modo de produção. Atualmente, insere-se cada vez mais no tempo real, tanto nas suas coberturas quanto no ato de pensar a própria profissão, que parece estar num tempo real, mas fora de um presente real, inserido em uma duração. Nas coberturas imediatistas e simplistas, o jornalista parece atuar, acima de tudo, como já pontuamos, como uma espécie de controlador de testemunhos alheios, sem assumir integralmente ele mesmo o papel de testemunha (embora ainda procure se autoconstituir como tal<sup>5</sup>). Até quando se demanda que o jornalista pense em si mesmo, no seu próprio passado e futuro, não costuma ser fácil para ele se deslocar do presente e narrar a história do seu grupo, conforme pode ser observado no cotidiano das redações.

Tomando como centro analítico essas questões e procurando aplicá-las à pesquisa empírica, cujo foco é perceber se os jornalistas possuem referências duradouras na sua memória enquanto grupo, apresentamos alguns resultados baseados, sobretudo, na relação

---

<sup>4</sup> Essa questão é controversa. Alguns autores acham que há um déficit da memória, enquanto outros, como Huyssen, acham que somos seduzidos pela memória. Ver, por exemplo, Huyssen (2000).

<sup>5</sup> São incontáveis os exemplos de jornalistas que repetem, quase como um *slogan*, o fato de serem testemunhas da história. Como exemplos podemos pensar no *slogan* do “Repórter Esso”, que se atribuía o papel de “testemunha ocular da história” ou em campanhas de jornais como a da *Folha de S. Paulo* “O Que a Folha Pensa”, que, mais do que construir publicidade, construiu história.

teórica da memória e do testemunho com aquilo que estamos denominando testemunhos do jornalismo sobre si mesmo. Assim, dividimos esta análise empírica em duas partes: na primeira, apresentamos os resultados da pesquisa realizada com 103 jornalistas com passagens por redações do Rio de Janeiro; na sequência discorreremos teoricamente sobre questões que consideramos fundamentais para pensar a relação entre jornalismo e memória; para, finalmente, estabelecer vínculos e relações entre uma memória duradoura dos jornalistas a partir da escolha de personagens-emblemas da própria profissão, procurando perceber o significado dessas escolhas.

Na última etapa da análise empírica, entrevistamos esses personagens, eleitos pelos pares, para entendermos as suas opiniões e considerações sobre transformações da profissão na contemporaneidade e sua relação com a memória profissional individual e de grupo. Essas entrevistas (e as decorrentes interpretações) produzidas pelos próprios jornalistas serão apresentadas nos capítulos 3, 5 e 5.

### 1.1 PERFIL DO GRUPO

Diante de um jornalismo que se transforma<sup>6</sup> em um contexto de ampla circulação de relatos e testemunhos, é interessante pensar que valores resistem para os profissionais que seguem praticando essa atividade como meio de vida. Entre março e abril de 2017, 103 jornalistas cariocas foram convidados a responder um questionário<sup>7</sup>. As perguntas foram enviadas por *e-mail* e incluíam questões para mapear o perfil dos entrevistados, como nome, idade, ano de formatura, universidade onde se formou, empresa onde trabalha atualmente (se trabalha) e se já trabalhou em algum veículo jornalístico (qual e por quanto tempo). Depois, foi pedido para que o participante indicasse qual jornalista considera uma espécie de ícone na profissão e por quê. A única pré-condição para responder o questionário era ser formado em jornalismo.

Primeiramente, enviei, por *e-mail*, esse questionário a contatos do meu círculo pessoal. Como trabalho em redações há 14 anos, havia uma extensa lista de colegas e ex-colegas aos quais recorrer. O número inicial foi de cerca de 90 profissionais, tendo como meta atingir cem

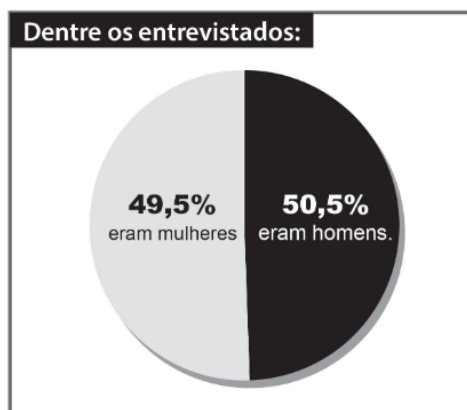
---

<sup>6</sup> Ainda abordaremos na tese estudos que falam dessas transformações do jornalismo hoje.

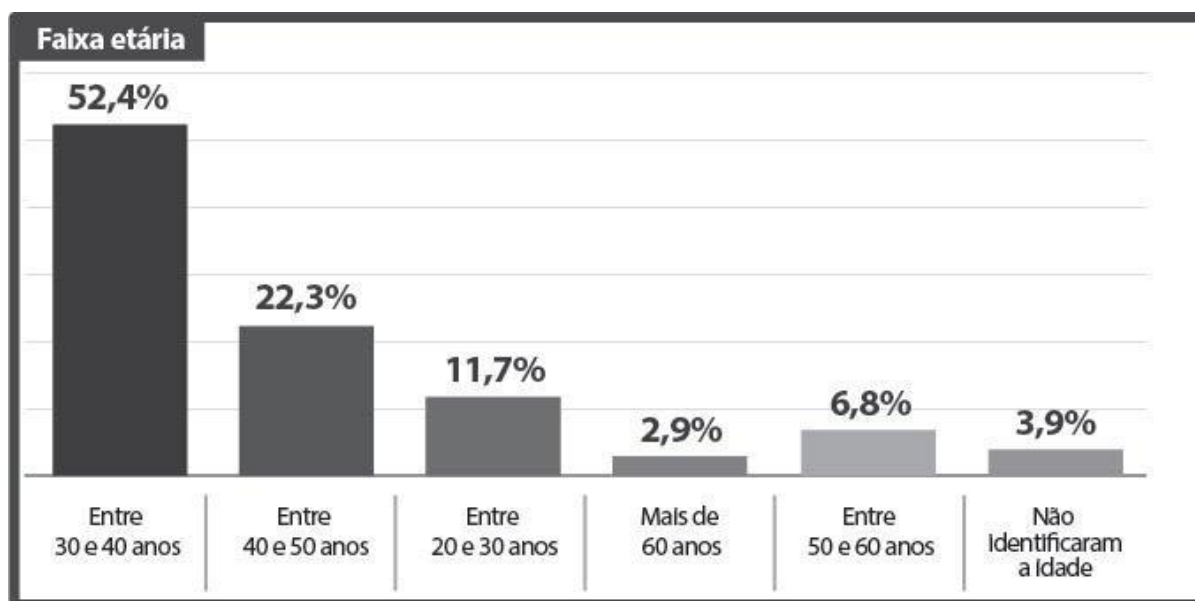
<sup>7</sup> As planilhas com todas as respostas se encontram no Anexo B deste trabalho, bem como a reprodução do questionário enviado, que está no Anexo A. Na planilha optamos por não revelar o nome dos jornalistas que responderam ao questionário, identificando-os apenas pelo número do questionário respondido.

entrevistados. Muitos desses jornalistas enviaram o questionário a outros jornalistas de seu convívio, que encaminharam para mim as respostas, chegando a 103 participantes.

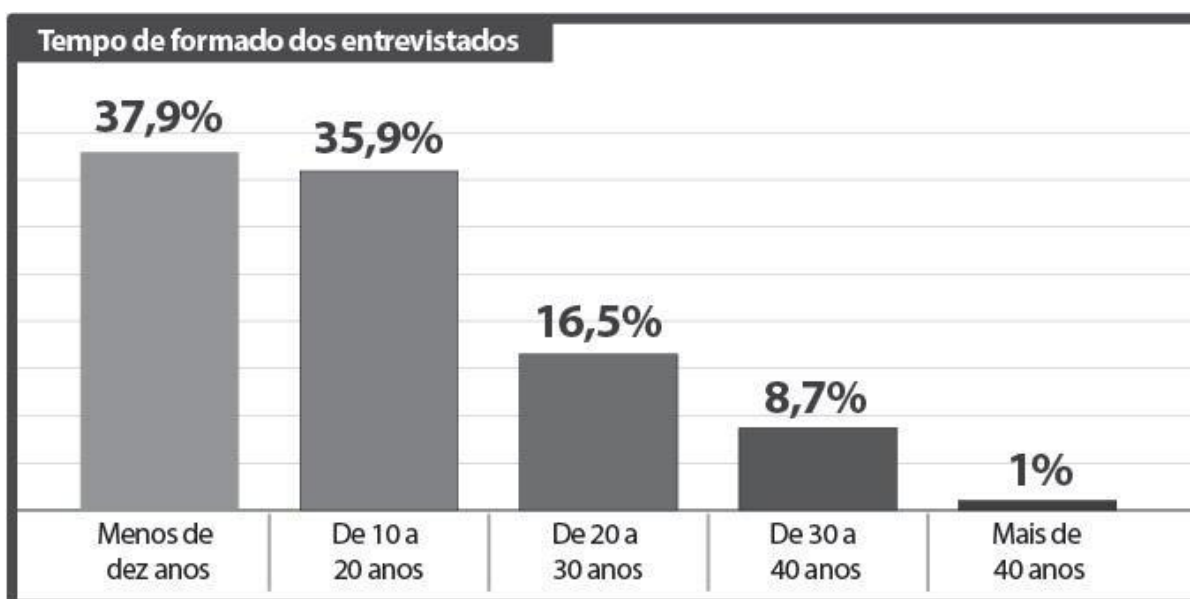
Entre os entrevistados, 49,5% eram mulheres e 50,5% eram homens, produzindo-se o equilíbrio, no que diz respeito ao gênero, desejado na amostra. A maioria tem entre 30 e 40 anos (52,4%). Os demais têm entre 40 e 50 anos (22,3%), de 20 a 30 (11,7%) ou mais de 60 (2,9%). No grupo, 3,9% não identificaram a idade e 6,8% têm entre 50 e 60 anos. A maioria dos entrevistados tem menos de dez anos de formado (37,9%) ou de dez a 20 anos (35,9%). Os demais têm de 20 a 30 (16,5%) ou de 30 a 40 (8,7%), e apenas 1% tem mais de 40. As repostas sobre o tempo de formatura condizem com a pergunta anterior, sobre a idade dos profissionais atualmente no mercado, massivamente dominado por jovens adultos.



**Gráfico 1** – Gênero dos entrevistados  
Fonte: primária



**Gráfico 2** – Faixa etária dos entrevistados  
Fonte: primária



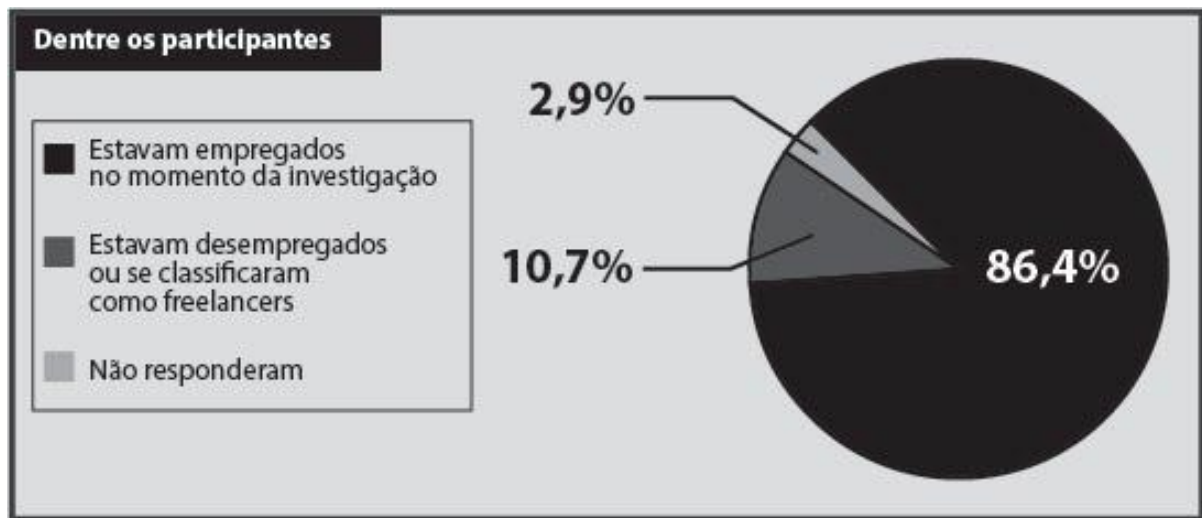
**Gráfico 3** – Tempo de formado dos entrevistados

Fonte: primária

Muitos jornalistas com idade mais avançada são demitidos por significarem mais custos para as empresas, numa tentativa permanente de reduzir gastos em função da crise econômica na qual estão mergulhadas. Considera-se que os mais novos têm remuneração mais baixa e mais “fôlego” para a agilidade das demandas. Provavelmente, a presença menor de jornalistas mais experientes na redação afeta uma troca possível sobre as memórias do grupo profissional, e até, como veremos à frente, a admiração de personagens memoráveis que não sejam de nosso tempo presente. O fato de as redações serem formadas massivamente por jovens influencia nos valores que norteiam a profissão e nas práticas profissionais, mais ligadas também a dinâmicas temporais e culturais do tempo presente. Podemos associar essa supremacia de jovens à precarização da profissão e à tendência de desvalorização de profissionais mais velhos (considerados caros, desatualizados ou “sem energia”, logo, com baixa produtividade). Também há uma dificuldade de “longevidade” na profissão, tendo em vista as frequentes demissões em massa, cada vez mais recorrentes devido à crise financeira pela qual passam as empresas de comunicação.

Dentre os participantes, 86,4% estavam empregados no momento da investigação, descontando 10,7% que estavam desempregados ou se classificaram como *freelancers* e 2,9% que não responderam. Praticamente todos (99%) já trabalharam em empresa jornalística, a maioria por menos de cinco anos (35%). Os demais trabalharam em empresa jornalística de 10 a 20 anos (28,2%), entre cinco e dez anos (13,6%), entre 20 e 30 anos (9,7%) e mais de 30

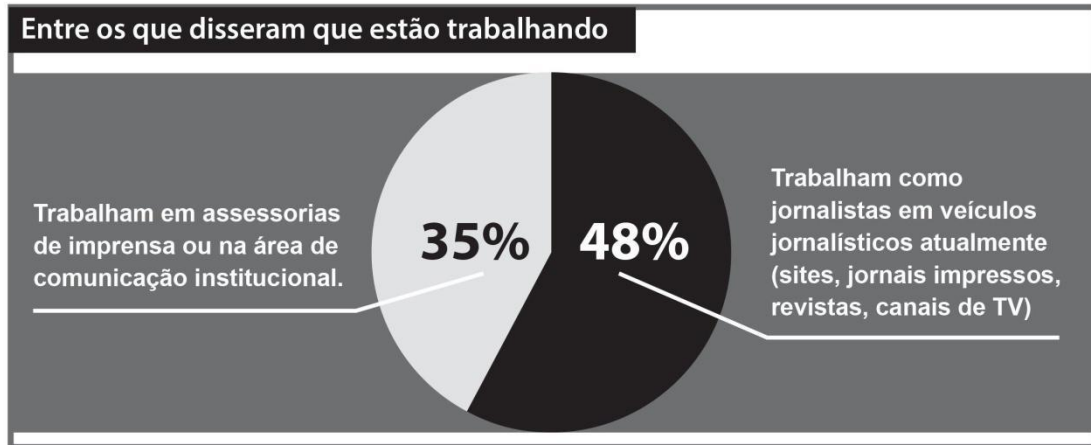
anos (1%). Há 12,6% que não identificaram o período. Entre os que disseram que estão trabalhando, 48% atuam como jornalistas em veículos jornalísticos atualmente (*sites*, jornais impressos, revistas, canais de TV) e 35% em assessorias de imprensa ou na área de comunicação institucional, o que demonstra que a amostragem reflete a opinião de profissionais em atuação na área, com experiência em redações<sup>8</sup>. O fato de haver apenas 1% de profissionais que conseguem se manter mais de 30 anos trabalhando em empresa jornalística também pode demonstrar a dificuldade de sobreviver sem demissões no longo prazo ou de resistir às condições de trabalho – reforça ainda mais o perfil jovem ou com pouca experiência profissional nas redações do Rio de Janeiro. Podemos pensar também, como já ressaltamos, que sendo a maioria dos jornalistas em atividade hoje composta por jovens, é mais provável que o grupo se insira em uma dinâmica temporal para pensar a própria profissão mais voltada para o presente. O índice de desempregados e de profissionais trabalhando atualmente fora de redações (em comunicação corporativa) também aponta para a pouca quantidade de empregos em veículos de comunicação.



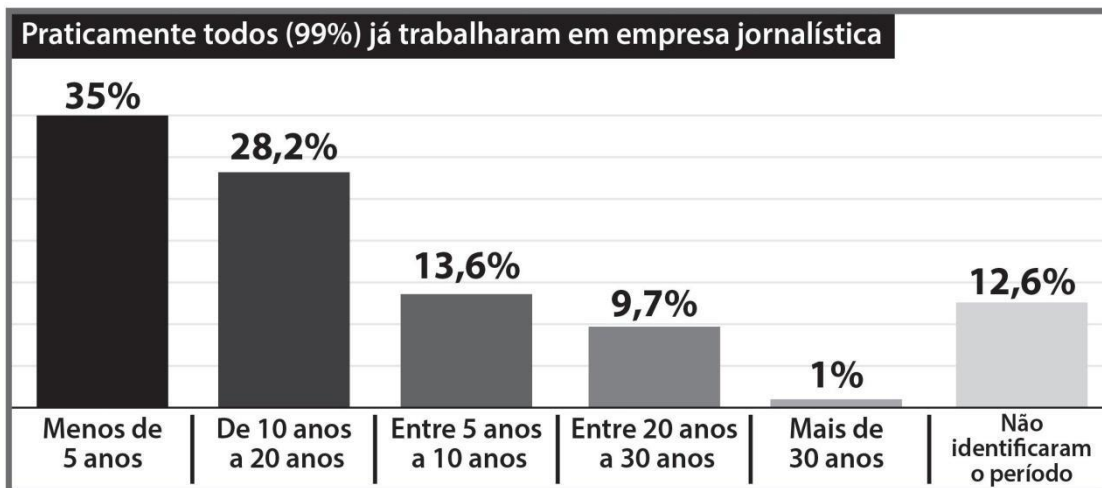
**Gráfico 4** – Situação de empregabilidade dos entrevistados 1

Fonte: primária

<sup>8</sup> É importante ressaltar que há novas formas de trabalho do jornalista. Cf, por exemplo BECKER, Beatriz. WALTZ, Igor. Mapping Journalistic Startups in Brazil: An Exploratory Study. in: ROBINSON, Laura et al. (orgs.). Brazil: media from the country of the future. Studies in Media and Communications. Emerald, 2017, p.113-135 e FÍGARO, Roseli. Comunicação e Trabalho: estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita Garibaldi, 2001.



**Gráfico 5** – Situação de empregabilidade dos entrevistados 2  
Fonte: primária



**Gráfico 6** – Situação de empregabilidade dos entrevistados 3  
Fonte: primária

Essa redução dos postos de trabalho tem outros impactos, sobretudo nas rotinas profissionais e nos ambientes das redações, caracterizados cada vez mais por uma produção exaustiva, que não permite pausas. Os impactos da convergência digital sobre o trabalho dos jornalistas são objeto de grande número de estudos, como o de Jacques Mick e Samuel Lima (2013). Os investigadores estudam problemas que se referem tanto ao discurso jornalístico (efeitos da convergência sobre temas e narrativas), quanto aos processos de produção (efeitos sobre estratégias de apuração e sobre organização do trabalho). Nesse último aspecto, ressalta o autor, destacam-se a imposição da multifuncionalidade, a precariedade dos vínculos de contratação e a juvenilização da categoria, como mencionamos antes, entre outros impactos das mudanças impostas pelas empresas jornalísticas, diante da redução de receitas e da



fragilização de seu modelo de negócios, no contexto de convergência e de direcionamento ao universo digital.

Nota-se uma diversificação de atividades e a precarização das formas de contratação de jornalistas. Funções tradicionais ligadas à apuração e à produção da informação receberam atualizações, em denominações tais como repórter de *web*, redator de conteúdo *online* ou *webjornalista*, ou outras relacionadas à checagem de dados. Surgiram novas funções e atividades, típicas da produção para internet; as mídias ou redes sociais respondem por boa parte delas. Os rótulos indicam tanto a produção explícita de conteúdos para as redes sociais, quanto outras funções ou atividades, a exemplo de “levantamento de dados” ou “experiência do usuário” e “monitoramento da audiência”. As atividades de “monitoramento” ou “análise” e as funções designadas como de “analista” merecem atenção: elas tanto podem indicar especialidades novas (acompanhamento sistemático e produção de relatórios sobre o conteúdo publicado por concorrentes ou sobre as reações de leitores, por exemplo), quanto indicar subterfúgios utilizados pelos empregadores para subcontratar jornalistas em funções mal remuneradas ou sem garantia. Outras funções parecem indicar precariedade de vínculos de contratação, pela remissão a atividades subalternas (como os vários tipos de “assistentes”) (MICK; LIMA, 2013).

Há com frequência sobreposição de funções dentro de uma mesma mídia (repórter, editor, fotógrafo) e envolvendo mídias diferentes (repórter, cinegrafista, fotógrafo, apresentador, diagramador, âncora, produtor de rádio) e mesmo atividades midiáticas e não-midiáticas (editora e assessora de imprensa; repórter, assessora e consultora). Nas menções de trabalhadores de fora das redações tradicionais, há combinações variadas entre todo tipo de atividade (assessor de imprensa, comunicação, editor, produtor, revisor, colunista, repórter, consultor) e várias espécies de trabalho ligado à produção jornalística (apuração, edição, conteúdo para *web*).

Nonato, Pachi Filho e Fígaro (2018) mostram que muitos jornalistas demitidos investem em meios próprios (*blogs* e *sites*) esforçando-se para fazer o que consideram “jornalismo de qualidade”: a maior parte é composta por jovens de 20 a 35 anos e a absoluta maioria tem diploma. Eles tendem a reafirmar os valores clássicos do jornalismo como discurso social e de interesse público, independente de interesses políticos e econômicos e alternativos aos discursos hegemônicos do poder e dos conglomerados dos meios. Todos associam a qualidade do material jornalístico que podem produzir ao maior tempo dedicado à produção de matérias “atemporais” “para explicar as coisas”. O tempo aparece como valor na

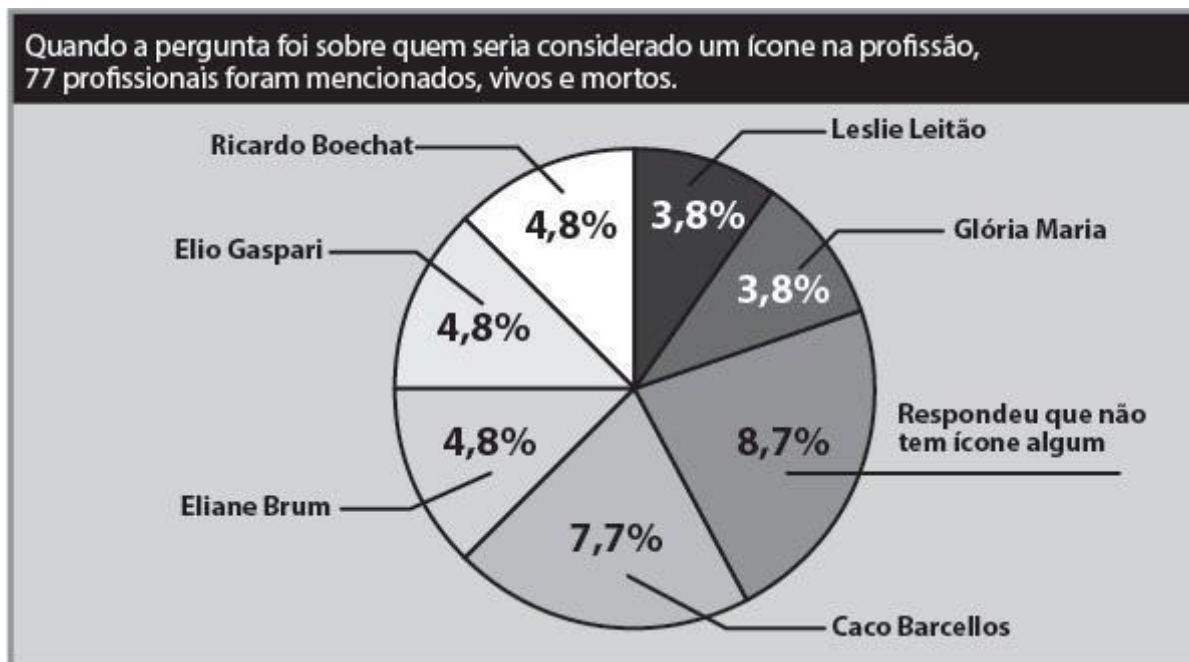
produção, em detrimento ao que ocorre no cotidiano, uma aceleração da notícia em tempos de *web*. Outros valores destacados são a independência, associada a uma maior qualidade do trabalho. Todas essas características e condições não identificavam nas empresas onde trabalhavam e de onde foram demitidos.

Tais reflexões são reforçadas ainda pelos dados colhidos por Mizukami, Reia e Ferraz (2014). Os autores apontam que a digitalização e a convergência das plataformas digitais com os veículos impressos têm piorado as condições de trabalho, uma vez que os jornalistas são obrigados a assumir papéis e funções adicionais, como adaptar conteúdos do impresso para o fornecimento digital, muitas vezes sem serem pagos pelo trabalho extra.

Os autores observaram também que a aceleração na publicação de conteúdos afeta a qualidade do material jornalístico. A conectividade generalizada mantém os jornalistas em contato praticamente ininterrupto com seus supervisores, muitas vezes fazendo horas extras a partir de casa. Assim, mesmo que alguns jornalistas reconheçam as facilidades oferecidas pela digitalização, apontam para o impacto nas condições de trabalho, não só por terem que fazer muitas horas extras, mas também por serem obrigados a assumir novas funções, de forma a atender as demandas que são resultantes de notícias em formato digital (MIZUKAMI; REIA; FERRAZ, 2014, p. 78).

Quando perguntamos aos 103 jornalistas que contatamos inicialmente quem seria considerado espécie de ícone na profissão, 77 profissionais (vivos e mortos) foram mencionados. A maioria dos entrevistados (8,7%) respondeu não ter nenhum personagem modelo na profissão. Entre os mais citados, os campeões são Caco Barcellos (7,7%), Ricardo Boechat, Elio Gaspari e Eliane Brum (com 4,8% cada) e Glória Maria e Leslie Leitão (com 3,8% cada).

Todos os profissionais mais referenciados se destacam pela atuação em veículos da grande mídia. Barcellos é responsável pelo programa Profissão Repórter, veiculado na TV Globo; Boechat era âncora de telejornais e programas de rádio da Rede Bandeirantes; Gaspari é colunista de jornais como *Folha de S.Paulo* e *O Globo*; Brum escreve artigos para os jornais *El País*; Glória Maria apresenta programas na TV Globo, onde também trabalha Leslie Leitão, como produtor.



**Gráfico 7** – Ícone na profissão

Fonte: primária

A busca pela referência daqueles que no questionário denominamos de ícones da profissão, mas que poderíamos chamar de personagens-emblemas memoráveis dos jornalistas contemporâneos, objetivava perceber até que ponto poderiam emergir símbolos e simbolizações para o profissional, que se materializariam numa síntese personalista em torno do que é ser jornalista. Dessa forma, esse jornalista poderia significar alguém próximo ou distante no tempo e na vida da profissão. Poderia ser um personagem-memória presente ou ausente do cotidiano dos profissionais que responderam ao questionário. Os personagens eleitos como referência foram depois entrevistados na busca da construção de um círculo memorável do jornalismo, em que aqueles que são lembrados como símbolos da profissão abordam questões que constituem a memória do grupo. Nessa memória, as transformações por que passam o jornalismo têm destaque. O que emergem, nesse processo, são os valores da profissão, que são lembrados pelos personagens memoráveis, mas alguns podem não produzir mais sentido para quem de fato está presente na seara do trabalho jornalístico. Isso será discutido nos capítulos seguintes.

Entre 103 profissionais, há 77 nomes citados. Essa profusão de lembranças evidencia, em primeiro lugar, que não há, no momento desta pesquisa, personagens-síntese do passado jornalístico que gerem consenso. Esta interpretação é respaldada pelo fato de quase 10% dos entrevistados terem respondido que não têm modelo ou exemplo na profissão. Em segundo lugar, o fato de os jornalistas mais citados serem profissionais em evidência na época da coleta

dos dados, em veículos de grande mídia, é indício de que o grupo não se relaciona clara e amplamente com o passado ou com uma tradição histórica da profissão. Isto é especialmente importante se analisarmos que se trata de uma fase, de um momento, em que há uma dificuldade de se projetar o futuro. Logo, não é difícil imaginar que seja difícil também se relacionar com o passado. É a ele que recorreremos quando fazemos planos e análises sobre acertos e erros, para traçar rotas. Sem passado, é difícil ter futuro. E vice-versa.

Há também uma característica imediatista do jornalismo, como profissão. Isso talvez também seja um empecilho para se debruçar no passado a ponto de só parecer possível localizar modelos de jornalistas no presente, sem reconhecer o passado da profissão, sinalizando para a produção de uma temporalidade governada por um presente absoluto de tal forma que na memória do grupo não emergem personagens que se configurariam como sínteses da história grupal. O fato de os jornalistas citados serem todos do presente dá sinais sobre a relação do jornalista com o tempo. Ao longo de próximos capítulos, vamos explorar essa complexa relação entre passado, presente e futuro no jornalismo, sobretudo a partir da fala desses personagens eleitos como referências. Como os jornalistas se relacionam com o seu passado e o que isso significa? O Jornalismo na Era dos Testemunhos apaga o testemunho do passado?

Para entender esses dados, e o que significam, é importante recorrer às contribuições de um dos principais teóricos da memória, Halbwachs (1990), que inaugurou o conceito de memória coletiva, na construção de uma sociologia da memória. A ideia de memória coletiva destaca, sobretudo, a memória dos grupos, produzindo, segundo o autor, particularidades em função desse lugar que estão ocupando no presente (um mesmo indivíduo possui vários lugares na sociedade, pertencendo a vários grupos de maneira concomitante).

Há, portanto, uma relação da eclosão de lembranças com a afetação. Quanto mais afetado por outros – participantes do grupo e aos quais estamos conectados – mais será a possibilidade de transposição de algo do esquecimento para a lembrança. Muitas vezes, o que aciona a memória é justamente a interpelação do outro, no presente. Para responder a uma pergunta feita ou imaginada, nos colocamos ou reposicionamos no ponto de vista do outro, do grupo. Ou seja, a memória tende a se esvaír quando nos afastamos do grupo ao qual ela estava ligada.

A memória profissional pode ser entendida como uma memória coletiva que também incorpora vivências e experiências de grupos do passado. Muito do que poderia ser visto como pertencente aos tempos idos está ainda presente, hoje, em hábitos e rotinas. Deve-se considerar,

também, que as memórias coletivas de diferentes grupos se entrecruzam, sendo a memória sempre um lugar de disputas relacionadas ao presente, ou seja, a forma como elaboramos a partir do hoje os tempos pretéritos. A memória é sempre viva, dinâmica, diferente a cada lembrança. Para que seja acionada, muitas vezes é preciso estar ativada em grupos que tenham “vontade de memória”, como definiu Namer (1987). Um exemplo de grupo que costuma ter essa intencionalidade é a família, com a valorização de histórias, fotografias, objetos. Como veremos nos próximos capítulos, os jornalistas entrevistados também não notam no grupo esta vontade de mergulhar em suas memórias, a partir de práticas que estimulem o resgate de um vínculo com um passado em comum, ou a reinterpretação desse passado comum. Quais as razões para esses gestos de silêncio em relação a um passado comum?

Na nossa avaliação, quanto mais os jornalistas se sentem isolados, não engajados no grupo, mais enfraquecidos e dispersos ficam a construção e o compartilhamento de uma memória coletiva. Parece que se perderam, em algum lugar, os vínculos com trajetórias da profissão, com a construção de um passado comum, objeto de idealizações. Com menos postos de trabalho formais, diminuem, também, os pontos de encontro. A memória não se fixa na conservação da experiência, mas em novas construções marcadas pela efemeridade. Assim, se não há presente duradouro, parece que também o passado comum do grupo se esvai numa ausência de personagens que sintetizem os valores históricos da própria profissão.

Em relação ao questionário aplicado, também é interessante observar que a maioria dos personagens citados ganhou fama na televisão e todos se destacaram em veículos de comunicação hegemônicos. Com a exceção de Leslie Leitão, são figuras conhecidas pelo grande público, podendo ser mesmo adjetivadas como midiáticas. As referências passam pela fama que esses personagens têm também fora do meio jornalístico. Os mais citados também se destacam, com exceção de Ricardo Boechat (pelo menos nos seus últimos anos de vida), pelo seu trabalho com reportagens mais longas e de investimento no texto ou no formato da apresentação do conteúdo jornalístico de suas produções.

## 1.2 VALORES QUE RESISTEM

Quais as razões para os jornalistas que responderam o questionário terem citado alguns nomes do jornalismo como símbolos da profissão, como alguém cuja identificação ao mundo do jornalismo é motivo de reconhecimento e distinção? Pedimos para que eles justificassem a escolha para que pudessemos ter acesso ao conjunto de valores que norteiam a atividade no

presente e estabelecemos um *ranking* com conjuntos de qualidades mais lembradas. Agrupamos qualidades semelhantes em uma palavra que resumia ou conjugava um conjunto de termos. Contabilizamos o número de vezes em que aquela qualidade era citada pelos entrevistados. Por vezes, um entrevistado citou mais de uma referência, mas só consideramos a qualidade uma vez, no momento em que foi especificamente mencionada. Há personagens citados com mais de um grupo de qualidades mencionado. Considerando o total de cem entrevistados, os números de citações na Tabela 1 correspondem ao percentual aproximado da amostragem.

**Tabela 1** – Frequência de qualificação dos ícones da profissão

<b>Qualidade</b>	<b>Percentual aproximado de citações</b>
Versatilidade, capacidade de transitar em temas diversos	9%
Inteligência, estudioso(a)	9%
Habilidade para se comunicar	4%
Bagagem (longa carreira, grandes coberturas)	11%
Premiado	1%
Contato pessoal	15%
Sem justificativa ou genérico (bom jornalista)	7%
Trabalho investigativo	8%
Ampla conhecimento sobre temas abordados, profundidade	11%
Belos textos	24%
Comprometimento e empenho	5%
Isenção, informação imparcial	6%
Antenado(a) a novidades	1%
Crítico(a)	3%
Seguro (a)	3%
Engajamento em prol de alguma luta, posição ideológica	7%
Ético(a), correto (a)	5%
Pioneirismo e superação de preconceitos, originalidade, empreendedorismo	10%
Profissionalismo	3%
Apura bem	8%
Credibilidade	2%
Furo	1%
Capacidade de produzir muito, eficiência	2%
Transparência, verdade	3%
Coragem	4%
Apaixonado pela profissão, vibrante, entusiasmado	2%
Sabe pautar	3%
Combativo, fiscalizador	5%
Curiosidade	2%
Bom caráter	2%
Líder	1%

Fonte: primária

Os valores mais citados são: “belos textos” (em primeiro lugar), “experiência” (longa carreira, grandes coberturas) e “amplo conhecimento sobre os temas abordados”/“profundidade”. É interessante que o valor que carrega certo cunho literário seja ressaltado pelos jornalistas nesse momento em que a velocidade e a pressa dão cada vez menos margem para a criatividade e a elaboração de textos mais complexos. A citação parece indicar os vínculos profundos do jornalismo com a literatura. Mesmo com todo o movimento de profissionalização que incluiu a automatização do texto jornalístico, em parâmetros específicos nos quais a busca pela improvável objetividade era o mais destacado<sup>9</sup>, essa relação entre jornalismo e produção de um texto elaborado se mantém. Portanto, a proposição parece indicar desejo de retorno a uma qualidade de grande valor no passado, que se mantém como marca histórica do jornalismo<sup>10</sup>. Ou seja, embora o jornalista não destaque personagens do passado como referência, os valores mais antigos da profissão ainda são relevantes, na construção da própria identidade jornalística.

Ao refletir sobre a questão, Lopes (2013) destaca que, nos momentos em que os sentidos que permeiam a identidade do profissional, sobretudo devido a tensões, ficam mais evidentes, também sobressaem os valores que se relacionam a esse lugar cultural. A identidade não é imutável: ela vai sendo construída ao longo de uma trajetória, incluindo marcadores históricos, a interação com outros, crenças, relações de poder, memória e atividades às quais cada um se dedica. Sobre a chamada crise do jornalismo, associada, sobretudo, à redução dos postos de trabalho, mas também ligada a essa suposta queda de credibilidade, Lopes (2013) assinala que o sentimento de pertencimento é um dos pilares da construção da identidade de um grupo, logo o jornalismo não estaria imune às pressões exercidas pela divulgação de fatos nas mídias digitais por não jornalistas. Mas, para além dos desafios do presente, a definição da identidade jornalística inclui, igualmente, o que o grupo partilha como significado comum ao longo da história.

Quando identificou a crise da figura tradicional do narrador com as transformações históricas surgidas com a modernidade e a perda do sentido de comunidade, Walter Benjamin (1983) indicava outros caminhos possíveis para a narrativa que pudessem ser trilhados a partir dos restos e das sobras. Seriam justamente os “cacos”, as “migalhas”, a capacidade de narrar

---

<sup>9</sup> Trata-se do processo de modernização do jornalismo brasileiro, que começou no início do século XX e teve o seu momento inflexivo na década de 1950. Sobre modernização do jornalismo brasileiro, ver: Ribeiro (2007) e Jácome (2017).

<sup>10</sup> Martinez (2016), ao refletir sobre as relações entre jornalismo e literatura, destaca esses vínculos profundos desde o século XIX.



a partir dos vestígios, que permitiriam uma alternativa. Os rastros, a descrição das circunstâncias, os detalhes, as pequenas coisas aparentemente desimportantes, certa “significação do insignificante” estão presentes na história do narrador e de muitas maneiras na coisa narrada e aí residiria a potência narrativa, inclusive no jornalismo. Podemos interpretar esse conselho à luz da preocupação dos jornalistas com a qualidade do texto, capaz de traduzir essas nuances, se o jornalista, ele mesmo, tiver dados testemunhais capazes de ilustrar com riqueza a narrativa. Apesar das mudanças ligadas ao tempo presente, vemos que valores que constituíam a identidade do jornalista no passado ainda são referenciados como importantes, mas a pouca ida a campo ou a pobreza na colheita de material para o relato testemunhal do próprio jornalista pode enfraquecer a potência literária do texto.

A valorização dos “belos textos” pode ser resultado do *habitus* (BOURDIEU, 2009) do jornalista, que ainda hoje ingressa na profissão aspirando à literatura. É indício de que essa veia literária continua influenciando a escolha, fazendo do jornalismo ainda hoje trampolim ou possibilidade para ingresso no mundo da literatura, lugar possível de praticar a escrita. Afinal, o jornalismo abre possibilidades para a prática da escrita, numa função próxima, pelo menos simbolicamente, da literatura. Nota-se que, mesmo não sendo prática recorrente no universo do jornalismo hegemônico atualmente o capricho no texto diário, há o desejo de caminhar nessa direção.

O impulso se relaciona também com o passado da profissão. A eclosão de suplementos literários em jornais nos anos 1930/40, por exemplo, estava relacionada à importância da literatura como informação, reflexão e especialmente *status*. Profissionais de todas as áreas se dedicavam às letras, e a literatura impregnava o jornalismo. Nos anos 1920, intensificou-se a circulação de jornais e revistas literários em todo o país. Para não perder espaço, os jornais também lançaram diversos suplementos. A tendência foi crescente ao longo dos anos seguintes. Entretanto, como pontuou Martinez (2017), esse cenário de precarização do universo de trabalho no qual o jornalista está imerso hoje, com o declínio de grandes redações e a emergência de um perfil profissional mais ligado ao empreendedorismo e à inovação, teve implicações na tradicional prática do jornalismo literário – que pode ser definido como um gênero por excelência de valorização da narrativa –, que precisa de mais tempo para a apuração e redação.

Historicamente, os jornalistas envolvidos na produção mais literária são conhecidos por mostrarem, em seus textos, uma visão de mundo mais humanizante e abrangente. Essa visão ampla exige, além do domínio de recursos literários e técnicas jornalísticas, um

profissional com sensibilidade na tentativa de compreensão do outro, conforme ressalta Martinez (2017). Esse desejo de compreender o outro se estende à relação com a comunidade e/ou a sociedade na qual ambos, jornalista e interlocutor, se inserem. A intenção é descobrir o que o outro pensa, sente e faz para criar relatos imersivos e envolventes.

É preciso que exista um espaço ou uma demanda para acolher material e profissional qualificados e há dúvidas se existe esse espaço na atualidade. Entretanto, é fundamental considerar que alguns jornalistas conseguem, a despeito de condições aparentemente desfavoráveis, persistir e manter seu estilo, mesmo em diários de grande circulação. Também são encontrados em iniciativas particulares de jornalistas ou grupos de jornalistas, sobretudo no ambiente digital. Mas a correria e a pressa de publicar na internet, bem como o grande volume de tarefas delegadas para cada jornalista, dificultam esse movimento.

Há outras discussões relevantes que cabem menção. Martinez (2017) pondera que, ao analisarmos essas reportagens de cunho mais literário, o que em geral se nota é um exaustivo trabalho de investigação. A alegação de que os leitores não teriam interesse em obras mais longas, sobretudo em suportes digitais, não se sustenta *a priori*, diante do sucesso de iniciativas como o *longform journalism*. O desafio seria estabelecer uma vinculação afetiva do texto com o leitor para que ele se interesse pela leitura, sendo ela longa ou não.

Atualmente, nas redações, nota-se a tendência à não padronização do tamanho dos textos publicados em *sites*. Uma vez que os próprios repórteres, na maioria das vezes, postam diretamente os textos nas plataformas, a ausência da edição e da limitação de espaço que era comum no jornalismo impresso (graças ao tamanho diagramado e reservado para cada artigo, de acordo com a decisão editorial) estimula certo descontrole do tamanho das matérias. Isto nem sempre é bom. O trabalho de edição, na intenção de “cortar” as matérias, sempre envolveu a tentativa de deixar o texto mais limpo e interessante para o leitor, sem repetições ou informações desnecessárias. A ausência desse cuidado, por vezes, empobrece o texto. Ou seja, ser longo não é sinônimo de ser bom, no sentido de bem escrito ou bem apurado. Muitas vezes o que se nota são textos com citações enormes, nas quais as fontes têm uma voz mais estridente do que a do próprio jornalista, mais uma vez, voltando ao problema da perda da voz autoral do jornalista na contemporaneidade.

Esse fenômeno se relaciona com certo enfraquecimento do papel do editor em um ambiente em que, cada vez mais, os próprios repórteres postam diretamente as matérias, sem passar pela edição. Nas grandes redações, ainda resiste a figura do editor para trabalhar as matérias do agonizante impresso, mas nos sites ele fica responsável apenas pela edição das

capas ou *homes*. O editor sempre foi a figura mais experiente, que, muitas vezes, ascendeu ao cargo por ter boa redação e apuração, responsável por garantir a qualidade do texto. É de se esperar que, em um ambiente sem edição, o texto tenha qualidade reduzida. E não nos referimos apenas a copidesque ou revisão ortográfica e gramatical. O trabalho de edição complexo enriquece o texto de muitas maneiras: identifica falhas na apuração, aponta caminhos, melhora o estilo. No ambiente virtual, essa figura perde cada vez mais o destaque.

A relação entre os “belos textos”, citados pelos jornalistas entrevistados, com o jornalismo literário do ponto de vista de uma apuração que muitas vezes inclui um viés sociológico ou psicológico (correntes que permitem compreender em profundidade os fatores psíquicos que movem de forma consciente ou inconsciente o indivíduo e os grupos sociais), enfim, uma apuração complexa e dinâmica, também é dificultada em um ambiente de reprodução de relatos e pouco tempo e investimento na investigação e na enunciação, como já mencionamos. Fica mais difícil relatar de uma forma mais profunda e completa as múltiplas questões que envolvem um acontecimento ou uma declaração divulgada.

Depois dessa digressão que consideramos importante para perceber os nexos que levam os jornalistas a destacarem o valor do texto como o grande diferencial a ser encontrando no jornalista reconhecido, há que tecer algumas considerações sobre o segundo valor mais citado pelos entrevistados: a “experiência” – relacionando o sentido de experiência no jornalismo à distinção ao longo da trajetória, mas, sobretudo, à vivência profissional decorrente de uma longa carreira. Embora os profissionais citados sejam do presente, todos são pessoas mais velhas, e admiradas, em geral, pelo seu passado.

O bom jornalista é aquele que “muito viu e fez”, portanto, aquele que tem “muito a contar”. A trajetória profissional criaria, assim, o “verdadeiro jornalista”, aquele reverenciado pelo seu passado, que se inscreve na história do grupo. Seriam os responsáveis por produções que entraram “para a história”, que “fizeram história”, o que torna, cada um deles, em função dessa característica, alguém que se destaca entre os demais do grupo. Eles possuem qualidades, na avaliação dos próprios jornalistas, que permitem a lembrança e, muitas vezes, a reverência. A trajetória constitui, assim, uma prova simbólica do seu valor profissional. É através da narrativa dessa trajetória, como numa biografia — cuja história de vida consiste, basicamente, na história profissional ou nos eventos que a ela conduziram — que a incidência dos anos, responsável pelo acúmulo de ter visto muito e de também ter feito muito, passa a expressar o seu mais alto valor simbólico.

Também podemos pensar que, ao transformar o próprio trabalho em fato extraordinário, o jornalista deixa de ser apenas testemunha e passa a assumir o caráter de protagonista dos eventos. Este tópico também se relaciona com a memória da profissão ou do grupo. Mas é importante perceber que essa memória, segundo as respostas obtidas com o questionário, se relaciona a personagens vivos. Os jornalistas se movem no “mundo dos vivos”. Poderíamos interpretar a prevalência da citação de jornalistas que ainda estão em atividade, a partir da configuração do próprio *habitus* da profissão no qual o sentido de busca de uma atualidade permanente é um valor definidor do ser jornalista. Isso teria influência na construção de sua memória e de seus vínculos com o passado? Conforme veremos nos próximos capítulos, para os jornalistas citados como emblemas memoráveis do próprio grupo, há uma ausência de vínculo dos jornalistas com o passado do grupo. Mas vemos, até agora, que, paradoxalmente, não há desconexão com o passado no sentido de busca e reconhecimento dos valores intrínsecos à prática profissional.

O quesito “amplo conhecimento sobre os temas abordados” também aponta para textos mais densos, com capacidade de análise e aprofundamento, o que não seria possível com uma linguagem curta e rápida, que muitas vezes se atribui ao ambiente virtual. Além disso, se relaciona, igualmente, com a questão da experiência, ou seja, para ter amplo conhecimento é preciso ser alguém com uma trajetória de vida expressiva. Um mercado massivamente jovem, como demonstra a amostragem da pesquisa, não seria, a princípio, o ambiente ideal para isso. Mas é importante ressaltar que, nesse quesito, mais uma vez notamos a idealização da profissão relacionada à experiência passada do jornalismo, a sua história. Os valores dizem respeito a um jornalismo idealizado e idealmente localizado em práticas jornalísticas do passado, mas que continuam como referência ao jornalismo do presente, muito embora na prática não se conectem com a realidade da profissão.

Cerca de 15% dos jornalistas (o segundo tópico mais citado) escolheram o “ícone” porque tiveram algum contato pessoal com ele. São pessoas que se sentiram inspiradas por trabalhar diretamente com determinado profissional em redações. As partilhas profissionais acionam lembranças, memórias afetivas. Os jornalistas lembrados como referência são aqueles que estiveram próximos ao entrevistado. Ou seja, a partilha, o conhecimento e a proximidade acionam trabalhos de memória. Com a quantidade cada vez menor de postos de trabalho e de ambientes para troca entre os profissionais, esta maneira de criar vínculos com o grupo também talvez esteja irremediavelmente prejudicada. Mas é importante ressaltar, ainda, que o número grande de personagens citados pode ter relação com esse fato, pois muitos citam jornalistas

com quem trabalharam, do seu contato pessoal, reforçando essa memória que resiste ainda nas entrelinhas das redações. As histórias, os “causos” – muitas vezes ligados à prática profissional – inspiram aqueles que estão ingressando na profissão. Uma dinâmica de trabalho cada vez menos presencial também não traria mudanças nesse aspecto? Que memórias de apuração serão compartilhadas? As de trocas de mensagens pelo WhatsApp? Esta foi outra questão que surgiu, a se pensar na qualidade destas trocas sobre o passado na redação do presente.

É interessante notar, ainda, que muitos valores diferentes foram citados para um grande número de personagens mencionados, o que demonstra haver também pouca coesão ou concordância entre o grupo sobre o que é admirável em um bom profissional. Esses dados ajudam a entender como o jornalista se vê hoje e o que almeja, para tentarmos compreender os caminhos de uma profissão em movimento.

No atual contexto de transformações promovidas pela digitalização da sociedade, a própria concepção de identidade se reconfiguraria mediante a globalização, a emergência de tecnologias de comunicações e a aceleração das trocas materiais e simbólicas. Assim, a imagem profissional do jornalista na atualidade não teria a mesma força do que a alcançada no auge da modernidade. As mudanças em curso teriam contribuído para colocar em xeque crenças consagradas e para essa dispersão na tentativa de unificar um conjunto de valores norteadores. Porém, o valor da liberdade não sofreu tantos abalos e se manteve junto com a defesa de valores democráticos, como um dos parâmetros mais fortes para sustentar a credibilidade e o poder dos jornalistas (LOPES, 2013). Algumas qualidades citadas pelos entrevistados, como capacidade crítica, habilidade investigativa, perfil combativo, transparente e verdadeiro, reforçam o argumento de Lopes (2013). Mas é interessante notar que há poucas referências à credibilidade, como se já não bastasse como argumento, a não ser se amparada por atitudes de fato legitimadoras.

Essas qualidades mencionadas, além de outras, como “profundidade”, “empenho”, “boa apuração” e “curiosidade”, se contrapõem a lógica de um jornalismo apenas ancorado em relatos ou testemunhos. O jornalista destaca como valores iniciativas que são pouco recorrentes em um cenário de mera administração de relatos como rotina, ou seja, valoriza a não perpetuação desse tipo de prática. Isto leva a pensar sobre a possível discrepância entre os valores idealizados e perseguidos e suas condições de aplicação prática, a partir de lógicas de trabalho em que o repórter é submetido a rotinas de demanda massiva, com a exigência de produção de várias matérias por dia, conforme ressaltamos anteriormente. Ou seja, muitas

vezes o profissional fica sem tempo nem autorização para conseguir colocar em prática o que o grupo classifica justamente como “boa reportagem”.

Apesar do grande número de profissionais e da variedade de funções, há uma atividade, a reportagem, entendida por todos como a essência da profissão. Ainda que nem todos os jornalistas se definam como repórteres, a atividade é considerada formadora no exercício da profissão. O repórter continua sendo considerado o “verdadeiro” jornalista. Isso ocorre desde o aparecimento da profissão e talvez aqui esteja um dos maiores vínculos do jornalismo com a sua dimensão histórica. Por que isso resiste ainda hoje? Há um longo caminho de identificação do jornalista a um personagem, o repórter – que se torna uma redução metafórica da própria profissão – e, ainda hoje, apesar de todas as transformações, isso permanece. Jornalista é o repórter: a máxima resiste.

Enquanto isso, nas redações de grandes jornais, independentemente do trabalho competente que desenvolvem, não cabe aos repórteres a decisão sobre qual é a matéria mais relevante a ser apresentada, assim como também não cabe, no início do trabalho, a decisão sequer de qual matéria eles deverão fazer naquele dia. Tem total prioridade na grade de programação aquilo que é considerado factual. Privilegia-se, sempre, o caráter imediato do fato. Graças ao apoio da equipe de escuta e produção, a tendência principal é de que haja uma homogeneização da notícia em diferentes meios, já que uma vez identificada a publicação de determinado assunto em uma mídia, digital ou televisiva, imediatamente é acionada a produção repetida.

No caso do jornalismo impresso, a matéria, uma vez redigida, é enviada para um editor para que possa ser adaptada de forma a atender às “normas de redação e estilo” do jornal. A preocupação para se evitar um tom demasiadamente intelectualizado está sempre presente. Embora o jornalista seja aquele responsável por certa ligação com os eventos do mundo, já que cabe a ele transmiti-los, seu contato com esse mesmo mundo atualmente é bastante restrito. O dia a dia de trabalho consiste, basicamente, em chegar à redação, tomar conhecimento da pauta<sup>11</sup>, sair, realizar a matéria, voltar, passar o material ao editor e, algumas vezes, sair para realizar outra matéria. Falta tempo na redação para se pensar em outra coisa que não seja a urgência de preparar o material para ser exibido na próxima edição do jornal ou no *site*. Há grandes reportagens ainda sendo feitas. Mas há um número muito maior, e crescente, de

---

<sup>11</sup> Conjunto de matérias em produção naquele dia.

pequenas reportagens, incapazes de conferir algum prestígio a seus repórteres. Apesar disso, a mítica do repórter permanece, como legado idealizado do grupo.

Outro recurso utilizado para analisar as respostas do questionário foi a submissão das justificativas ao programa Nuvem de Palavras<sup>12</sup>, que criou uma imagem gráfica (Figura 1) das palavras mais citadas pelos entrevistados na hora de justificar sua escolha do profissional símbolo do jornalismo.



**Figura 1** – Nuvem de Palavras: justificativa da escolha do ícone

Fonte: primária

Mais uma vez, vemos a palavra texto em destaque, mas aparecem outras três que chamam a atenção: “repórter”, “reportagem” e “profissional”. Os jornalistas entrevistados ainda assumem a prática da reportagem como valor enraizado, uma palavra que carrega outras noções como a de investigação, curiosidade, procura. O uso da palavra “profissional” também demonstra preocupação remanescente com a profissionalização da atividade, hoje tão discutida em função da não obrigatoriedade do diploma<sup>13</sup>.

É interessante pensar que a reportagem é entendida pelos profissionais como a essência da profissão. Já começamos a discutir esse tema, mas cabe ainda aprofundamento. Atualmente são raros os casos em que os repórteres estão na posição de decidir que temas vão apurar ou se eles serão ou não inseridos na edição final do veículo para o qual trabalha. A figura clássica do repórter com autonomia, que saía às ruas em busca de furos e assuntos, é, na maioria das

<sup>12</sup> O programa foi acessado a partir da colaboração do professor José Carlos Tavares, da Universidade Católica de Petrópolis.

<sup>13</sup> Cf. Roxo (2011) e Lopes (2013).

vezes, substituída pela imagem de um executor de uma pré-pauta definida por outros, com frequência pela própria audiência, a exemplo de uma atividade burocrática como qualquer outra. Isso é uma informação extremamente relevante, pois aponta para a indicação de que a reportagem teve seu *status* e seu peso, no interior do jornalismo, profundamente modificados, embora associada à memória e à história da profissão<sup>14</sup>. Não só o papel do repórter muda, mas também os caminhos da notícia. Ela não é mais algo a que se chega através da reportagem. É antes de tudo uma informação sabida de antemão e para a qual cabe uma exposição sumária e didática.

Na dissertação de mestrado (GERK, 2016), entrevistamos jornalistas do jornal *Extra* que afirmaram que o uso de ferramentas como o WhatsApp teria o poder de, mais uma vez, legitimar o profissional como mediador entre poder público e audiência. Notou-se também, naquela pesquisa, que o jornalista, quando se posiciona diante do público, ainda apela para valores históricos para afirmar a importância de sua profissão, como também a capacidade de definir o que é verdade ou boato em uma rede de informações digital. Mas, neste trabalho, notamos que enquanto adota esse discurso, na prática o grupo não se reconhece coletivamente, tem dificuldade de eleger um personagem que sintetize o que é ser jornalista e administra testemunhos de forma superficial como caminho para construir a maioria de suas narrativas. Ou seja, o jornalista não se reconcilia ou se alinha na prática, no presente, com as respostas do passado que defende como bandeiras para legitimar sua atividade. Até mesmo seu papel de mediador, tão supostamente valorizado, fica enfraquecido quando se desloca para a testemunha o lugar social de maior peso, já que o mesmo arquivo ou fala podem ser interpretados de maneiras diferentes. O relato muda, a pessoa e o contexto, também.

O destaque dado a uma categoria de repórter ou de reportagem parece pouco coerente quando se pensa em um ambiente que autoriza ou incentiva a simples reprodução de um relato com a resposta de uma autoridade para a construção de textos. É difícil também dar margem ou asas à reportagem em redações com poucos profissionais e demandas em excesso. As transformações por que passa o jornalismo no século XXI, causadas pela perda do domínio sobre a produção de registros sobre o que se passa no mundo, são tributárias do desmantelamento da marcação do tempo nas suas narrativas. Nesse cenário, a inclusão de notícias ligeiras, em contraposição às grandes reportagens, causa uma irreparável incerteza em relação ao gênero que foi considerado modelo e síntese da atuação jornalística, produzindo

---

<sup>14</sup> Alguns autores investigam as mudanças no trabalho do repórter, como Alexandre Bergamo (2011), mas muitas das descrições do cotidiano da profissão são baseadas na minha própria vivência cotidiana em redação de jornais.



reconfigurações nas identidades jornalísticas. Assim, podemos pensar a reportagem como um gênero jornalístico que demanda tempo, ou seja, há uma crise desse gênero ligada a uma crise de tempo, embora ainda seja valorizado. Essa valorização relaciona-se com a essência do que é o trabalho do repórter: aquele que busca as histórias, que desvenda a realidade, que investiga, que entra em contato com o mundo no sentido de conhecê-lo e interpretá-lo. É um tipo de postura muito mais ativa do que passiva. A valorização reitera a associação do grupo a valores históricos e ligados a uma essência da profissão, ou seja, de certa forma estes jornalistas veem, sim, o futuro repetir o passado.

Ainda cabem mais reflexões a respeito do que foi acionado pela memória dos jornalistas como sendo marcas indeléveis (e desejadas) da profissão. Por enquanto, ficaremos com essas reflexões iniciais e, mais à frente, quando apresentarmos as entrevistas com os profissionais citados pelos jornalistas como personagens memoráveis, refletiremos, com mais profundidade, sobre algumas questões apenas enunciadas agora. Assim, colocamos em prática o que mais pretendíamos com a aplicação do questionário: que personagens escolhidos pelo grupo pudessem comentar sobre o jornalismo na contemporaneidade.

Antes de passarmos ao próximo capítulo, porém, cabe registrar, no Quadro 1, as justificativas completas fornecidas pelos jornalistas entrevistados para a escolha de determinados nomes como referência na profissão, para que fiquem como ilustração mais detalhada de aspectos já comentados no trabalho e inspiração para novos estudos sobre o tema.

**Quadro 1** – Justificativa dos entrevistados para a escolha do *ícone*

<b>Personagem escolhido</b>	<b>Motivo da escolha</b>
Alberto Dines	Por seus mais de 50 anos de dedicação apaixonada, ética, por ser um defensor de valores como a liberdade de imprensa e propiciado uma discussão tão rica sobre a profissão no Observatório da Imprensa. Brillante em sua atuação como escritor, repórter, professor universitário e ombudsman geral da nação.
Alberto Dines	Por ter trabalhado pela profissionalização do jornalismo no Brasil, nos anos 60, ter formado gerações de jornalistas pensantes na universidade e nas redações e continuar produzindo pensamento crítico até hoje.
Alberto Dines	Pela inteligência e seu combate à ditadura.
Alexandre Medeiros	Não tenho um ícone, não. Admiro alguns como Alexandre Medeiros. Quando fui professora universitária usava bastante os exemplos dele em sala de aula.

Ana Maria Bahiana	Uma referência no jornalismo cultural, minha área. Há alguns anos vive em Los Angeles.
André Trigueiro	Por ser um dos poucos interessados pela temática socioambiental. É um profissional que se preocupa em pautar reportagens na área na grande mídia por entender a necessidade de sair da academia e chegar ao grande público. Acompanhava na GloboNews, depois tive a chance de estudar com ele, e hoje continuo de olho em tudo que ele produz. Tento trilhar meu caminho como ele, apesar das dificuldades e do interesse dos veículos sobre esses temas.
André Trigueiro	Por trazer à tona temas como meio ambiente de forma pioneira.
Caco Barcellos	Ele é um jornalista que, apesar de trabalhar na Rede Globo – sempre muito criticada por sua parcialidade nos fatos – consegue fazer um jornalismo de informação, contar histórias de relevância e trazer reflexões importantes para todas as gerações. Além disso, é um cara preocupado em manter a essência do jornalismo e ao mesmo tempo muito antenado e positivista com as novidades/mudanças do mercado.
Caco Barcellos	Porque tem retidão profissional e escreve e apura muito bem.
Caco Barcellos	Pelo trabalho investigativo de Rota 66.
Caco Barcellos e Roberto Cabrini (TV); Leslie Leitão (outras mídias)	Pelo tema, conteúdo das reportagens e coragem no dia a dia da profissão; mais próximo da minha geração.
Caco Barcellos; Marcos Uchôa	Difícil... Não sou de ter ídolos, apenas admiro alguns. Mas apesar de trabalhar com jornalismo impresso, vou citar um nome de televisão: Caco Barcellos. Desde a época da faculdade, quando comecei a ler seus livros e o conheci pessoalmente, passei a gostar de seu trabalho e de sua postura. Gosto da maneira como ele conduz o trabalho, como lida com as pautas e com as pessoas; E nunca fui uma pessoa dos esportes, mas também admiro bastante a trajetória de Marcos Uchôa. O cara é uma enciclopédia viva, inteligentíssimo, faz matérias brilhantes em qualquer parte do mundo, com países em guerra, em conflito... E quando o assunto é esporte, tem um texto maravilhoso.
Caio Barbosa	Nenhum, mas admiro o Caio Barbosa (ex-repórter do jornal <i>O Dia</i> ) pela coragem, faro jornalístico e texto impecável.
Capote, que era escritor e não jornalista. Michael Mosley, que é médico e não jornalista	Os que considero grandes têm treinamento em outras áreas, e chegaram ao jornalismo como forma de distribuir esse conhecimento. Não se formaram na "arte da distribuição". Jornalismo para mim é cada vez mais só um método e como tal deveria ser ensinado numa aula, uma matéria, para todo mundo (com uma alfabetização). Nunca uma ciência (social) em si.
Carlos Lemos; Jânio de Freitas	Fez uma palestra no colégio que eu estudava, em 1973, que me encantou: "É isso que eu quero ser".

Chico Otávio	Um exemplo de jornalista, por sua seriedade no exercício da profissão.
Christopher Hitchens	Britânico, morto há alguns anos. Pelo norte moral, pelo estilo, pela reportagem altamente qualificada e pelo raciocínio rápido em debates.
Cris Gerk; Caco Barcellos	Profissional competente e dedicada; por sua versatilidade e inspiração para novas gerações.
Cristine Gerk	Pela excelência de seu trabalho.
Dênis de Moraes	Jornalista, professor e escritor de alta categoria, sério, humano, socialista. Com uma visão de mundo igualitária. Me incentivou muito na faculdade com suas ideias.
Eli Haulfon	Foi o profissional que meu deu a chance de comandar uma revista como Editor Executivo (revista <i>Amiga</i> ) e me ensinou grande parte do que eu sei hoje sobre o mundo das novelas, celebridades e música.
Eliane Brum	Por ser o "pacote completo", repórter investigativa reconhecida e sensível e dona de texto brilhante. Conheci cedo, porque lia na Zero Hora. Ela tinha uma coluna que transformava anônimos de vidas simples em histórias emocionantes ("A vida que ninguém vê"). Conquistou um espaço único no cenário jornalístico do país, com uma leitura sempre muito lúcida e abrangente dos temas mais polêmicos.
Eliane Brum	Gosto do meio de apuração e das reportagens investigativas narrativas.
Eliane Brum e Ana Holanda	Por serem mulheres que sabem construir a narrativa jornalística de uma forma afetiva e profunda. Conseguiram criar uma nova categoria dentro do jornalismo brasileiro, mesmo em uma época onde as notícias estão cada vez mais superficiais, fugazes e comprometidas com a influência da política e dos anunciantes, nas redações.
Eliane Cantanhêde	Por ser uma ótima profissional, com vasto conhecimento político e muito humana.
Elio Gaspari	Sem justificativa.
Elio Gaspari	Capacidade de contextualização histórica, Habilidade absurda de utilizar o português para obter o máximo de objetividade. Concisão. Precisão.
Elio Gaspari	Escreve muito bem, porque não tem medo de dizer a verdade, por ser extremamente astuto e bem informado.

Elio Gaspari	Leitura obrigatória. Informação relevante, independência editorial (em tese, já que vende a coluna para vários veículos).
Elio Gaspari; Caco Barcellos	Além de ter boas informações e um excelente texto, insere opiniões de forma muito natural; pela coragem e bom senso, além de procurar mostrar ao grande público em seu programa na Globo como é feito o bom jornalismo.
Elvira Lobato	Repórter experiente que, mesmo após anos de profissão, mantém a curiosidade e a capacidade de se surpreender.
Fátima Bernardes	Pela competência, delicadeza e respeito com o público e pelo profissionalismo, comprometimento.
Fátima Bernardes	Versátil, inteligente e uma verdadeira comunicadora, tem humildade e gentileza de ser comunicar
Fernando Molica	Joga nas 11, persistente, ou seja, chato pra cacete, cultura, informação etc.
Flávia Oliveira	Acho ela extremamente competente, estudiosa, segura, crítica. Referência, a meu ver, na profissão.
Flávia Oliveira	Por ser mulher, negra, atuando com maestria em uma área elitista e dominada por homens. Ela é um ícone para mim.
Flávia Oliveira e Dorrit Harazim	Cada uma à sua maneira, elas frequentemente trazem novas perspectivas em relação a assuntos que estão em pauta – sempre de maneira aprofundada e responsável.
Gabriel García Márquez	Porque ele fez Jornalismo para a humanidade e não para os seus patrões. Teve lado. Escolheu o lado dos oprimidos. Fez do Jornalismo um instrumento de luta por liberdade e por um mundo mais justo e igualitário. Preocupou-se com a formação de futuros jornalistas. Primou pela técnica e pelo estilo brilhantes a serviço do papel político transformador que todo jornalista deveria exercer na sociedade.
Gay Talese	Porque criou o jornalismo literário.
Gay Talese	Um dos fundadores do jornalismo literário. Mostra como é possível informar sem cair na estrutura rígida, ultrapassada - e, infelizmente, predominante – do lide estéril e da reportagem sem personalidade.
Geneton Moraes e Edney Silvestre	Ícone é meio forte, mas Geneton Moraes e Edney Silvestre são caras interessantes pelas formas que contam as histórias, seja no <i>hard news</i> , seja em matérias mais leves.

Geneton Moraes Neto ( <i>in memoriam</i> ), Mário Magalhães, Daniela Pinheiro	Porque eles têm os três pilares que considero fundamentais na profissão: compromisso com a verdade factual, exercício do espírito crítico e fiscalizam o poder público. São curiosos, escrevem bem, apuram muito, duvidam do que ouvem, voltam às fontes.
Glenn Greenwald	Sem justificativa.
Glenn Greenwald	Pela transparência nas informações em caráter global.
Glória Maria	Vou citar uma jornalista que me inspirou a ingressar na faculdade de jornalismo que foi a Glória Maria. Achava admirável observá-la em coberturas variadas na TV, em situações adversas ou em entrevistas sobre temas mais sérios ou leves. A postura dela, a segurança ao abordar temas variados... Era como eu queria ser. Tenho muitos ícones na profissão, mas ainda considero a trajetória de Glória Maria muito marcante e representativa.
Glória Maria	A trajetória profissional da jornalista se confunde com diversos fatos da história do Brasil.
Glória Maria; Caco Barcellos	Pela variedade de assuntos que tratou e locais que visitou; pela seriedade e profundidade nas grandes reportagens.
Glória Maria; Renato Ribeiro	Por tudo que enfrentou para alcançar a carreira. Do racismo ao machismo; por ser um dos melhores jornalistas esportivos da televisão.
Humberto Tziolas	É um profissional genial, extremamente talentoso, competente e perspicaz. Além disso, tem ótimo caráter e espírito de liderança elogiável.
Jason Vogel	Por ser uma das referências do jornalismo automotivo, que sempre foi a minha área preferida no meio.
João Antônio Barros	Pela visão acurada sobre o que é uma pauta relevante para a sociedade e pelo entusiasmo que sempre transmitiu às novas gerações.
João Antônio Barros; Hilka Telles	Por seu faro jornalístico e por sempre procurar pautas fora do óbvio, além de ser uma baita profissional, justa e correta, ser uma professora para toda uma geração de jornalistas que foram formados no jornal <i>O Dia</i> .
Joel Silveira	De maneira breve, gosto, principalmente, da forma como ele escrevia. Os textos eram irônicos e muito bem-acabados. Além disso, tinha um estilo que pouco se vê no jornalismo de hoje em dia.
Joel Silveira, Geneton Moraes Neto, Ricardo Boechat, Renata LoPrete,	Credibilidade, furos memoráveis, honraria à profissão.

Miriam Leitão, Jorge Bastos Moreno	
José Hamilton Ribeiro	Porque suas reportagens são surpreendentes e com um tom literário, além de ele conseguir transformar um tema que poderia ser considerado chato de ler em um texto muito interessante e instigante, que te faz ter vontade de ler até o final. O conheci ainda na faculdade e me apaixonei por seu trabalho.
José Trajano	por sua trajetória no jornalismo, tendo percorrido todos seus setores (impresso, rádio, TV) e por permanecer firme em sua postura ideológica, apesar de um momento político tão conturbado que passa o país atualmente.
Juca Kfourri	Sempre respeitei a postura política dele em relação ao esporte.
Leonardo Sakamoto	Um dos poucos jornalistas de esquerda que ainda conseguem ter espaço na mídia.
Leslie Leitão	Depois de pensar muito sobre essa pergunta, resolvi dar uma resposta com base nos jornalistas com quem convivi de perto em vez de algum medalhão. Motivo: nunca vi repórter com tanto espírito de repórter quanto ele, com todos os defeitos e qualidades que isso implica. É apaixonado por essa que é a mais fundamental função em uma redação. Vibra com cada milímetro de informação nova que consegue, fica indignado, sabe como cultivar uma fonte e, até por essas características, pode até cometer algum erro. Mas sempre em busca da notícia. E qual repórter (ou redator, editor etc.) nunca errou?
Leslie Leitão	Tenho vários ídolos, com mais idade, inclusive, tarimbados, em quem procuro me espelhar. Mas, dos atuais, fico com o jovem Leslie Leitão, da <i>Veja</i> . Pela sagacidade, competência e coragem de sempre. Predicados estão ajudando a mudar o perfil da revista, antes vista com certa desconfiança por parte da população.
Leslie Leitão	É disparado o repórter mais combativo do Rio de Janeiro, e é um dos poucos que procuram pensar à parte de ideologias ou preferências políticas. Leslie Leitão aceitou a missão de fiscalizar o Estado e seus gestores (ou seja, os políticos) sem relativismo e sem atenuantes. Seu trabalho não tem preço.
Luarlindo Ernesto	Premiado repórter que guarda histórias da ditadura militar ainda na memória, como a bomba do Riocentro. Dono de três prêmios Esso, hoje extinto, mas o considerado Oscar do Jornalismo. E ainda hoje, tenho o prazer de aprender com ele a cada dia.
Lúcio de Castro	por sua combatividade e estilo de reportagens, investigativas e de fôlego.
Luiz Carlos Secco	Exemplo de profissionalismo, seriedade e eficiência.

Luiz Ernesto Magalhães	Porque ele é a personificação do repórter: incansável, questionador, atento e capaz de produzir várias matérias em um mesmo dia.
Luiz Villas-Bôas Corrêa	Lendário repórter político.
Marcos Uchôa	Pergunta difícil. Vieram alguns na minha cabeça, mas fico com Marcos Uchôa. Acho um repórter completo para qualquer tipo de matéria e qualquer editoria.
Marcos Uchôa	O jornalista apresenta um amplo leque de conhecimento nos mais diversos assuntos: samba, futebol, oriente médio, política, economia, internacional, ciências etc. Apresenta um estilo de texto simples, objetivo e ao mesmo tempo poético. Não erra a mão. É carismático, humilde e de fácil e prazeroso convívio profissional.
Marguerite Higgins Hall	Pelo pioneirismo feminino entre os correspondentes de guerra.
Mario Magalhães	Blogueiro e ex-repórter da <i>Folha de S.Paulo</i> . Bom caráter, bom texto, bom colega, bom repórter, apurador, contestador e imparcial.
Mário Magalhães; Fabiana Moraes	Ambos pela visão ampla, comprometimento profissional e empenho. Mário ainda pela capacidade de trabalho, isenção e correção.
Marshall Rosenberg	Na verdade, ele não era jornalista, mas psicólogo e foi o criador da Comunicação Não Violenta, que é um processo de pesquisa contínua com o objetivo de estabelecer relações de parceria e cooperação em que predomina comunicação eficaz e com empatia. Enfatiza a importância de determinar ações que têm como base de valores comuns.
Mino Carta	Jornalista empreendedor e criador das mais incríveis publicações brasileiras.
Miriam Leitão	Não tenho um superícone, mas, se tivesse que escolher alguém, seria a Miriam Leitão, pela profundidade e seriedade das análises econômicas e conhecimento de causa.
Não tem	
Não tem	
Não tem	
Não tem	Não tenho um ícone atualmente, estou tão distante da profissão jornalismo em si, o que faço hoje não é mais jornalismo (embora seja comunicação).
Não tem	

Não tem	Atualmente tenho medo de selecionar um ícone e me arrepender depois, de tantas frustrações com a imprensa e o mercado.
Não tem	Nunca pensei nisso.
Não tem	
Não tem	
Nilson Lage	Sem justificativa.
Oriana Falacci; Chico Otávio; Teresinha Costa e Ana Lucia Azevedo	Foi quem me inspirou a fazer jornalismo e que vem fazendo um ótimo trabalho de jornalismo investigativo.
Paulo Espírito Santo	Repórter dos velhos tempos de <i>O Dia</i> e que saiu do jornalismo diário para se especializar na edição de publicações voltadas para o setor de Transportes e Construção Civil, além de eventos.
Paulo Vinicius Coelho	É o jornalista esportivo que eu mais admiro por seu conhecimento do jogo e por suas informações.
Paulo Vinicius Coelho	Jornalista esportivo altamente estudioso sobre a área que cobre. Está sempre com dados precisos para embasar seus comentários.
Pedro Markun e Daniela Silva	Considero a empreitada do JORNALISMO DE DADOS muito promissora, também no sentido de aprimorar meu trabalho na gestão pública. Os dois são destaques do grupo Transparência Hacker, que diretamente estiveram envolvidos na elaboração da Lei de Acesso à Informação.
Pedro Só	Melhor, mais informativo e mais engraçado texto da história do jornalismo musical brasileiro.
Rica Perrone	Independente de ser meu amigo pessoal, é um cara que pensa como eu em quase tudo, é muito inteligente, tem um texto espetacular e conseguiu sucesso e realização sendo um jornalista independente (blogueiro).
Ricardo Boechat	Já trabalhei com ele pessoalmente na redação do JB, e é o que mais tenho visto e ouvido. Gosto, na maior parte das vezes, do que escuto dele. Apesar de não ter a formação formal de jornalista, ele respira jornalismo (sem contar que ele cresceu em Niterói :P).
Ricardo Boechat	Credibilidade e certa imparcialidade.



Ricardo Boechat; Ancelmo Gois	Pela facilidade de se comunicar com diferentes públicos, de variadas idades, transitando por três meios diferentes: rádio, TV e jornal (com ótima desenvoltura nos três); pela natureza do trabalho (a dificuldade de fazer uma coluna diária de variedades, vendida para veículos de todo o país) e pela simplicidade do profissional que ele é, sem estelismos. Já tive até a sorte de assistir a uma palestra dele em <i>media training</i> , para uma plateia de executivos. Apenas ele, sem recursos tecnológicos. Domínio da plateia e do ofício do jornalismo.
Ricardo Kotscho	É um repórter que valoriza o empirismo da reportagem, o trabalho na rua, a entrevista cara a cara, as histórias das pessoas comuns.
Roberto D'Ávila; Nelson Motta	É um profissional versátil que demonstra segurança e inteligência em suas entrevistas, respeitando os entrevistados e enriquecendo com seus comentários; sua importante trajetória no cenário cultural brasileiro, atuando também como crítico e produtor musical, sendo um dos maiores.
Roberto Porto	Trabalhei com ele no início da carreira e conseguiu me convencer de alguns dos meus erros e estimular minhas virtudes. Costumava escrever colunas impecáveis mas, sempre que terminava, jogava as laudas (os mais velhos sabem o que são) na minha direção e pedia pra eu pentear (tb pergunte aos mais velhos rsrs).
Roberto Saviano	Considero o italiano um ícone por esforços investigativos e corajosos que renderam a ele escolta constante desde 2006 por causa de revelações sobre as teias estruturais da máfia napolitana, a camorra. Sua escrita é ainda muito subjetiva e com um vocabulário extenso e rico, o que gera um respiro diante das estruturas tradicionais de texto.
Sandra Annenberg	Porque a linguagem dela é muito clara, ela consegue falar com qualquer tipo de público. Traz conteúdos bem interessantes, seja em telejornal ou no entretenimento, e conduz os programas com muita serenidade e ética.
Tim Lopes	Não só pela sua morte, mas por todo trabalho que realizou, tanto pela entrega ao jornalismo investigativo quanto pelas matérias criativas e inteligentes que emplacou ao longo de uma longa carreira.
William Wack; Elaine Brum	Correspondente internacional e autor de vários livros, tem amplo conhecimento em várias áreas, principalmente nas áreas política e econômica; pelos belíssimos textos.
Zuenir Ventura, Eliane Brum, Hilka Telles, Ricardo Boechat	O motivo é a mistura da excelência em texto com o olhar atento à realidade que vivemos. A disposição de deixar claro aquilo que muitas vezes a sociedade se nega a enxergar.

Fonte: primária

Nesse quadro, outras questões aparecem, sobre as quais podemos refletir, mesmo que não sejam o foco da análise do trabalho. Primeiramente, é importante destacar a profusão de jornalistas da TV. Além dos que já mencionamos como os mais citados, aparecem ainda Fátima Bernardes, William Wack, Sandra Annenberg, Marcos Uchôa, entre outros. Isso vai ao encontro da nossa impressão de que os jornalistas que viram referência acabam tendo essa aura de celebridade, se relacionam com uma imagem midiática que guarda associação com a de apresentadores de um *show*, não necessariamente com o trabalho de jornalismo em sua essência.

Outra questão a se refletir é a citação recorrente de estrangeiros e de personagens que não são jornalistas, que são escritores, por exemplo, ou até um médico. Isso aponta para a dificuldade de se achar referências para a profissão no Brasil ou para esta dificuldade de encontrar unidade no grupo, que já discutimos. Também aparecem questões sociais: o jornalista mártir em defesa dos direitos humanos (Tim Lopes), as jornalistas negras que desafiam preconceito, aqueles que defendem o meio ambiente, que combateram a ditadura. Isso pode indicar que o jornalista também ingressa na profissão governado por causas ou bandeiras e identifica modelos nesse sentido.

Já analisamos a importância do convívio em redações no momento de eleição de referências, mas o quadro mostra outro aspecto: a influência acadêmica. Alguns citam palestras e aulas que tornaram determinado profissional modelo para a profissão. Este aspecto reforça, como vimos na seção “Perfil dos entrevistados”, a valorização da formação acadêmica para os profissionais do século XXI. Os professores são vistos como alguém que inspira, incentiva, dá direção.

É importante ressaltar nas repostas o valor dado ao jornalismo investigativo como modelo de “bom jornalismo”. Essa premissa guarda relação com a valorização do trabalho do repórter ou da reportagem, como já analisamos. Outra questão é a citação a pessoas que fizeram algo pelo jornalismo: “Alguém que trabalhou pela profissionalização do jornalismo no Brasil”, que “criou veículos”. Estas repostas vão na direção contrária à ideia de pouca adesão a uma noção de grupo.

Vale ressaltar ainda algumas justificativas de quem preferiu não eleger referência alguma. “Estou tão distante da profissão em si, o que faço hoje não é mais jornalismo (embora seja comunicação)”, “tenho medo de selecionar um ícone e me arrepender, depois de tantas frustrações com a imprensa e o mercado”, “nunca pensei nisso”. As repostas mostram uma descrença com a profissão, uma infelicidade com a escolha profissional, aspecto que ainda

abordaremos. Por fim, não deixarei de mencionar que o meu nome foi citado como referência no quadro. E é justamente com esse “gancho”, para usar o jargão jornalístico, que conduzo a leitura para o próximo capítulo, quando partirei de observações da minha experiência profissional para pensar um pouco sobre algumas questões teóricas que surgiram ao longo dessa reflexão inicial, sobretudo ligadas ao testemunho e à memória.

## 2 ENTRETEMPOS: JORNALISMO NA ERA DOS TESTEMUNHOS

Estava eu observando o mundo,  
quando o jornalismo, carinhoso, me chamou.  
Ouvi um pequeno suspiro do sono profundo  
do qual minha alma gentilmente despertou.

Em águas calmas, mornas e sedutoras,  
meu sorriso havia afundado a poesia.  
Essa companheira antiga, eterna, aflita,  
que parecia despertar somente na agonia

Pois bem, com que surpresa vejo  
hoje, num dia claro, entre as matérias.  
Os versos surgem num afago sorridente,  
sem me pedir desabafo ou falsas promessas.

As estrofes escorrem com intimidade,  
sabem que têm passe livre nessas veias.  
Mas dessa vez me visitam tão sem alarde,  
como se já não encontrassem no caminho teias.

Existe um calor-essência que vem de dentro,  
ele não é barrado, aniquilado ou revertido.  
Uma vontade de poesia desde o nascimento,  
que vem de outras eras, poetas e destinos.

Uma força que não pode ser quebrada,  
persiste intensa, poderosa e sem juízo.  
Cresce no peito mesmo maltratada,  
jorra apesar de tudo. Até do sorriso  
(CRISTINE GERK).

Esta tese é um manifesto de amor pelo jornalismo. Pode não parecer, às vezes, devido ao teor crítico que adota. Mas ela é um grito em defesa de uma profissão que inspirou anos de dedicação profissional e acadêmica. É justamente enxergando os desafios e falhas que podemos trabalhar em direção às soluções e superações. Ser jornalista não é fácil. Prevê inúmeras privações, de tempo, da vida pessoal. Trabalhar em redações não é para fracos. É importante falar sobre o que inspirou esta pesquisa e ela nasceu justamente das inquietações diárias desta autora em sua prática profissional. Portanto, este aspecto não pode ser deixado de lado durante a reflexão sobre as questões que se seguem.

Início este capítulo com poesia porque foi justamente a veia poética que me inspirou a fazer jornalismo. Tinha paixão pela escrita e pelas histórias, assim como citaram os jornalistas do questionário. Esta paixão persiste e “cresce no peito mesmo maltratada”, por isso a dedicação a esta pesquisa foi tão necessária. Fui extremamente feliz (e ainda posso dizer que sou) na escolha da profissão, mas tive muitas inquietações no dia a dia da prática profissional que me inspiraram a iniciar a pesquisa acadêmica, desde o mestrado até o doutorado.

Antes de seguir falando dessas questões, cabe fazer uma ligeira digressão para falar um pouco sobre autoetnografia. A digressão vale não só por causa deste capítulo específico, mas porque esta tese inteira é um trabalho autoetnográfico: surgiu e é desenvolvida a partir de observações minhas, na minha vida profissional. A autoetnografia é estudada hoje por autores como Sílvia Santos (2017), na defesa de que o relato biográfico individual é um meio para melhor caracterizar a situação de trabalho da perspectiva dos agentes que dela participam. Ele é um observador na sua própria situação de trabalho, o que é extremamente relevante para o objeto pesquisado. Trata-se de construir um relato sobre um grupo de pertença a partir da ótica de quem escreve, tendo a refletividade sobre a própria contribuição, influência e avaliação um papel central. Outros autores como Amanda Coffey (1999) têm demonstrado que o empreendimento etnográfico é sempre, em algum grau, autoetnográfico, já que o “eu” do etnógrafo, suas memórias e experiências, é sempre imbricado no processo de investigação.

A autoetnografia se mostra como uma abordagem que reconhece e envolve a subjetividade, a emoção e a perspectiva do pesquisador sobre a investigação, reconhecendo uma dimensão de *insider* do investigador em relação ao tema e ao campo. Não deve ser usado como único método, mas pode ser um método complementar extremamente rico, e é isso que faço neste trabalho.

É importante ponderar que esse caminho metodológico tem desafios, por exemplo, as “preocupações relacionais”, o medo de ofender um grupo ao qual se pertence ou de perder o emprego por criticar a empresa da qual faz parte. A autoetnografia também se choca com algumas concepções tradicionais da pesquisa científica, sobretudo no que tange um ideal de “neutralidade” no desenvolver da pesquisa. Mas, concordando com Santos, entendo que se o pesquisador reconhece os processos mais subjetivos que o levam para o tema e advoga o valor da sua experiência como um dos principais fatores propulsores da investigação, a sua pesquisa não deixa de ter valor científico. Pelo contrário, o reconhecimento dessas questões só amplia a lente de investigação e possibilita ainda melhores resultados.

Feitas essas considerações iniciais sobre desafios e vantagens da autoetnografia no geral, cabe falar sobre os desafios da pesquisa autoetnográfica nesse campo específico. Não há estímulo ou ajuda qualquer para realizar pesquisa acadêmica trabalhando em redação de jornal. Foi um enorme desafio estudar durante esses seis anos (contando mestrado e doutorado) enquanto conciliava as atividades como jornalista de redação. Jamais tive qualquer redução de carga horária ou folga para conseguir me dedicar às atividades acadêmicas. Da mesma forma, a academia jamais considerou o fato de eu trabalhar às vezes até dez horas por dia, além de

fins de semana e feriados, para conceder extensão de prazos ou redução de carga horária. Nas redações, fazer mestrado e doutorado não é absolutamente valorizado. Na academia, profissionais da tal “grande mídia” são muitas vezes vistos e recebidos com desconfiança por parecerem personificar as críticas dos estudos sobre certo papel nocivo da mídia hegemônica. Com frequência, não se considera que uma instituição jornalística é formada por pessoas distintas, que também não podem ser todas rotuladas e homogeneizadas com a “camisa” da empresa de antemão, embora a crítica à atuação empresarial continue sendo fundamental.

Para além da dificuldade de conciliar as duas atividades e grupos, é difícil fazer a transição de linguagem. No jornalismo diário de redação, somos treinados para um tipo de linguagem imparcial, sucinta, que dá voz a especialistas ou fontes. Em uma tese de doutorado, há uma expectativa pela voz autoral, pela criação de teorias próprias, que coloca o jornalista de redação em certo choque. Ao contrário de escrever pouco, deve-se se alongar e se aprofundar cada vez mais. Não é fácil se despir das armaduras comuns do exercício da profissão, quando elas são uma prática diária há mais de uma década. Mas é nesse tipo de esforço autorreflexivo que eu acredito, tanto na academia quanto no jornalismo ou na vida.

Fazer essas ponderações é extremamente relevante porque são questões que influenciam o campo. Que profissional de redação consegue fazer doutorado? Que aluno de doutorado consegue trabalhar em redação? Prática e teoria ficam descoladas nos estudos acadêmicos porque pouco se fala disso nos próprios estudos. Aproveito a minha experiência para trazer luz a esse aspecto do debate. Acredito ser de fundamental importância que profissionais envolvidos na prática diária do jornalismo se engajem em estudos sobre a profissão. Não só porque podemos trazer nossas percepções sobre o dia a dia, sobre o *modus operandi* como nenhum outro, enriquecendo o estudo, mas também porque refletir sobre as próprias práticas enriquece, também, a prática em si. Sempre foi um argumento que usei na academia, quando por vezes percebi que estava sendo mal recebida por trabalhar em uma grande corporação midiática: se a chamada grande mídia influencia tanto, ainda, a opinião pública, é essencial que pessoas “de dentro” reflitam e analisem no sentido de propor caminhos ou, no mínimo, de criticar desvios. Sem esses *insiders* críticos, fica mais difícil contestar o *status quo*.

Voltando ao meu testemunho sobre jornalismo e o que me inspirou a iniciar este estudo, é importante pensar sobre o que denominamos aqui o Jornalismo na Era dos Testemunhos. A ideia surgiu a partir da minha reflexão sobre a maneira como os relatos são tratados por jornalistas e como se tornaram, na contemporaneidade, um discurso autobiográfico

fundamental. Com frequência observava que, na correria diária das redações em geral, a maioria das matérias postadas em *sites* respeitava dois modelos padrão: lide, a fala de um ou dois personagens endossando aquele lide, resposta do órgão competente ou lide com fala de alguma celebridade ou pessoa pública e matéria com o restante da fala. O jornalismo sempre se baseou em testemunhos ou falas, mas a rapidez e a superficialidade da produção começaram a me chamar a atenção, sobretudo devido à falta de tempo para investimento nas matérias. Quando explodiu a Operação Lava Jato, o fenômeno começou a ficar mais evidente. Como jornalista e leitora, me vi, diante da velocidade da internet, cada vez mais distante da prática da escrita poética e da reportagem aprofundada e demorada, que sempre me encantaram.

Vamos discutir essas questões neste capítulo a partir da análise de pesquisadores que se aprofundam no tema e damos alguns exemplos com a intenção de ilustrar o fenômeno, para facilitar a compreensão e a reflexão. Na sequência, tratamos das implicações entre memória, testemunho e jornalismo, tomando como pressuposto a importância da memória na atividade jornalística, nas práticas diárias. A relação dos jornalistas com suas fontes de informação enseja gestos memoráveis. Da mesma forma, o trabalho do jornalista instrumentaliza-se em articulações que colocam a memória como ferramenta indispensável para a produção de sua própria prática profissional.

Antes de tratar a questão do testemunho, interessa esboçar, rapidamente, um panorama do que se entende aqui como pós-modernidade e como o testemunho, da forma como emerge nesse contexto. A compreensão do período contemporâneo focaria suas lentes na valorização da eficácia e do consumo, com declínio do sujeito, da representação, do real e, conseqüentemente, da história, para alguns teóricos que classificam este momento como pós-modernidade.

Lyotard (1986, p. 15) definiu a pós-modernidade como o “estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX”. Haveria, segundo os pós-modernos, uma predileção atual pela eficácia tecnológica para o consumo, que pode ser também de pessoas e valores. Na conjuntura moderna, a verdade era encontrada pelo sujeito. Um sujeito diante do real que queria conhecer, que precisava olhar para seu fundamento, compreendê-lo, saber sua verdade e representá-lo. Na conjuntura pós-moderna, o real ainda existiria, mas sem a capacidade de gerar grande interesse.

As grandes narrativas do século XIX para legitimar o real teriam perdido credibilidade, e levado consigo a importância de conceitos como fundamento, verdade, representação,

sujeito. O valorizado agora passaria a ser, não a busca de causas, mas a eficácia na produção de resultados a serem consumidos. D’Amaral (2010, p. 2) resume que “tornou-se problemático continuar a dizer real, verdade, fundamento como se fossem coisas seguras”. Eles fariam obstáculo à eficácia. Dessa forma, não seria tão importante procurar causas, que simplesmente atrasariam o andamento de processos com um fim ou metas pré-determinados. Explica, ainda, que, para os pós-modernos, o pensamento se liga à eficácia de um mundo crescentemente regido pela fusão entre o saber-saber e o saber-fazer, numa tecnociência ou lógica tecno. Na ordem da eficácia, o virtual significaria servir para alguma coisa. O tempo de realização é o futuro, é efeito, não o passado. Precisamos pensar um pouco mais nesse contexto para entender depois como ele impacta o jornalismo.

Para o virtual funcionar bem, são simuladas estruturas de real que se parecem com o real, mas são simulacros. A simulação é uma produção que pode ser feita por uma máquina, não necessariamente por um sujeito, que ganharia o *status* de operador. Antes, o sujeito, com sua consciência e amparado no fundamento, se dedicava a representar o real, e a partir dessa representação, extrair a verdade. No século XX, segundo os pós-modernos, o acaso ganha destaque, e a verdade não é a consideração principal. A incredulidade perante o discurso filosófico atacaria suas pretensões atemporais e universalizantes. Haveria, nesse contexto, uma tendência ao relativismo, e não ao absoluto. A produção de sentido passaria ao consumo de informação. A ciência abriria mão da sua capacidade de determinar e provar o real para focar na eficácia. Nesse sentido a história pertenceria à causa, ao passado, e a relação de causalidade no presente não mais interessaria. O que importa é um futuro imediato, quase ancorado ao presente, um lugar de virtualidade e das apostas. Embora ainda se espere que um telejornal ou um político falem a verdade, é preconizada a necessidade de levar em consideração os contextos, os pontos de vista. A verdade não é tão absoluta quanto já foi considerada (D’AMARAL, 2010).

Os pesquisadores descrevem um momento da história em que a eficácia é valorizada, em um tipo de trabalho mais mecanicista ou operacional, e as causas e uma suposta “busca pela verdade” não despertam tanto interesse. No dia a dia profissional, percebi uma crescente “maquinização” da profissão, provocada pela agilidade da internet e pela demanda da multifuncionalidade em um contexto de sobrecarga. Sabemos que não existe verdade absoluta, mas a busca pela construção de um relato textual contundente vai além da publicação de uma versão única para um fato. Este é um preceito básico do jornalismo.



O cenário pós-moderno, com sua face informacional, desqualifica o saber científico. Chega-se ao cúmulo do surgimento de movimentos negacionistas de fundamentos científicos básicos ou universais, como o de que a Terra é redonda. Há uma ampla corrente que se autoentitula “terraplanista” que afirma que todas as provas de que o planeta é redondo, inclusive as viagens especiais, são uma farsa. É um exemplo claro desta crise da verdade, negação de premissas fundamentais e da defesa de que tudo é questão de “ponto de vista”. Outro exemplo é a forte corrente de “informações” desacreditando a eficácia de vacinas e gerando uma onda de desconfiança e descrença em relação à prevenção<sup>1</sup>.

A ciência também passa a ser uma forma de organizar e distribuir informações; um conjunto de mensagens possível de ser traduzido em *bits*. O que está em questão não é a verdade, mas o desempenho. Nesse cenário, o importante seria sempre o aumento da eficácia. D’Amaral (2010, p. 3) resume essa questão lembrando que a cultura ocidental funcionou durante dois milênios e meio perguntando pelo motivo de serem as coisas o que são, mas o século XX “teria interditado o pleno vigor dessa proposta”. E as coisas foram deixando de ser avaliadas por suas causas (menos interessantes) e sim pela sua capacidade de produzir efeitos.

A mesma questão da espetacularização, nomeada por D’Amaral (2010) como a eficácia do desempenho, é abordada por Guy Debord (1997, p. 13), que define as condições de produção na pós-modernidade como uma acumulação de espetáculos, de tal forma que tudo que é vivido se esvairia numa “fumaça da representação”. O modelo da vida socialmente dominante seria, portanto, o espetáculo, calcado no monopólio da aparência, e o mundo real se converteria em simples imagens.

Nesse sentido, o destaque dado sem contestação ou contextualização a testemunhos em veículos jornalísticos se encaixa nessa visão de mundo em que não importa a busca pela verdade do dito, e sim a aparência, ou os cliques. A verdade, que era associada a determinadas instâncias, como a ciência e o jornalismo (produtores do discurso verídico), passou a ser desacreditada e afetou o discurso dessas instituições de saber. O próprio jornalista, em suas práticas, deixou de se sentir instigado a buscar, profundamente, essas verdades e mentiras ocultas nas falas.

Nesse universo com cada vez mais informação, há cada vez menos sentido, segundo Baudrillard (1992, p. 105), pois “em vez de fazer comunicar, esgota-se na encenação da comunicação”. Uma matéria jornalística passa a valer, hoje em dia, muito pelo título e pelo

---

<sup>1</sup> Sobre o assunto, ver: Sacramento e Paiva, 2020.

lide, que vai gerar compartilhamentos e curtidas. Não importando, necessariamente, se o conteúdo é rico e até se embasa o que foi titulado. Esta impressão do dia a dia da profissão se aproxima à interpretação de Baudrillard (1992) de que estamos vivendo uma absorção dos modos de expressões virtuais na publicidade. Segundo o autor, todas as formas culturais absorvem-se na publicidade porque ela não tem profundidade, é instantânea, e instantaneamente esquecida. A forma publicitária é sem passado nem futuro, com um modo operacional simplificado, sedutor e consensual (BAUDRILLARD, 1992, p. 213). O enfoque para o consumo e a publicidade não torna vital o papel do “sujeito que sabe” jornalista, como intermediário entre o acontecimento e o público, aquele que é o “caçador” da verdade. Basta que o produto jornalístico “venda”, atraia cliques, tenha audiência. Em outra linha de raciocínio, porém com o mesmo viés crítico, Lyotard (1986) alega que existem hoje muitos jogos de linguagem diferentes, mas “o critério da operatividade é tecnológico, e não o pertinente para julgar o verdadeiro e o justo” (LYOTARD, 1986, p. 17). Espera-se uma exteriorização do saber (por exemplo, daquele que testemunha), cada vez mais produzido para ser vendido, em relação ao sujeito que sabe, por exemplo, o jornalista.

O jornalista construía sua identidade profissional sobre a autoridade que detinha ao ser capaz de explicitar o que ficaria encoberto se não fosse a sua atuação. Presenciar cenas e investigar fatos para extrair deles a versão mais fidedigna, explorando todos os “lados” de uma dada situação, dava aos jornalistas a possibilidade de construir uma visão sobre o mundo que era, em princípio, acreditada como verídica. No questionário, como vimos, muitos jornalistas reforçaram a importância da reportagem e da investigação como valores históricos fundamentais do jornalismo.

Apesar de reconhecermos que essa condição de revelador da verdade é ingênua e simplista, também não se pode ignorar que era – ou ainda é – o cartaz empunhado pelas empresas de comunicação. Se a verdade perde o interesse, a autoridade passa a ser da vítima e as narrativas jornalísticas tendem à publicidade, estaria mudando essa marca jornalística ou seria necessário um retorno à defesa de sua importância? O jornalista passaria a ser alguém que administra testemunhos alheios e os “arruma” de forma mais atrativa para uma narrativa, ou produto, interessante ao mercado consumidor? Os jornalistas que responderam ao questionário sinalizam que ainda se importam com esses valores, da investigação e da boa apuração, mas, por outro lado, elegem algumas referências (não todas) que se associam a essa lógica do espetáculo, da mídia televisiva e, na prática profissional, percebo que o tempo para a apuração mais longa e aprofundada está cada vez mais escasso.

Pela visão clássica, o jornalista seria aquele que ajuda o leitor a sair de uma posição de dúvida e caminhar em direção a um fato, numa ação que deixa a realidade cada vez mais clara, real e verdadeira. O repórter fusionaria a realidade objetiva à sua consciência, construindo uma realidade mais profunda, movimento que difere da exposição simples de um único ponto de vista de um depoimento. Será que em um contexto que não privilegia tanto as causas e se contenta mais com versões do que com a pluralidade ou profundidade interessadas na busca da verdade, a mediação jornalística perde o valor ou se reconfigura? Esta é uma questão que surgiu ao longo do trabalho e que pedimos aos jornalistas entrevistados para comentar, como veremos nos capítulos a seguir. De qualquer forma, me inquietou no dia a dia profissional a impressão de que o jornalista não estaria “ajudando” o leitor a entender diversos aspectos de uma determinada situação quando se apressa a divulgar conteúdos sem maior profundidade. A questão é que, como a notícia ou a informação vem à público por outros meios (*sites* dos órgãos responsáveis, redes sociais de autoridades e pessoas públicas em geral etc.), o jornalista se vê “encurrulado”: ele se sente na obrigação de dar a informação com a mesma agilidade, até para garantir que o público dê o clique para o veículo, e não para outras fontes. Com isso, ele garante os “lucros” pela divulgação da informação, o que é importante do ponto de vista empresarial.

Há outro aspecto que dificulta o trabalho do jornalista, mesmo quando ele adota um movimento de qualificação do material. No contexto atual, considera-se que a sociedade só progride se as mensagens que nela circularem forem “fáceis de decodificar”, como enfatiza Lyotard (1986, p. 6). E o sujeito buscaria se emancipar de tudo que o impede de governar a si mesmo. O jornalista muitas vezes é encarado como mais um fator de ruído e ingerência para essa informação “desgovernada”. Como veremos à frente, no capítulo que trata de *fake news*, há uma desconfiança em relação ao trabalho jornalístico e os leitores buscam informações que vão de encontro ao que lhes desperta conviência.

Embora às vezes pareça se reportar ao passado, o relato sempre é contemporâneo àquele que o produz. Uma cultura que concede a preeminência à forma narrativa não tem mais necessidade de procedimentos especiais para autorizar seus relatos (LYOTARD, 1986, p. 41). Qualquer um está autorizado a expor fatos e visões de mundo. Não precisa ser jornalista, nem recorrer à argumentação ou à administração de provas. Mas não é só o discurso jornalístico que enfrenta essa crise de verdade e de credibilidade. Outras organizações responsáveis pela produção das locuções verdadeiras, onde se constituem e se movem, como também é o caso da ciência, como apontamos, passariam igualmente pela crise de deslegitimação do saber.

Há que se considerar também a valorização das narrativas individuais em detrimento das falas estruturadas a partir da ideia de coletivo, o que insere na discussão outras questões: o reconhecimento da autoridade do testemunho; a emergência do testemunho autorreflexivo e a mudança do estatuto de vítima associada à transformação do estatuto de verdade.

A partir da década de 1980, quando foi revisado o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, na sigla em inglês DSM III, a vítima ganhou novo estatuto social. Fassin e Rechtman (2007) mostram esse percurso histórico que culminou com o reconhecimento da autoridade do testemunho de quem passou por um trauma e como essa narrativa se transforma em verdade, até pelo surgimento de políticas de reparação do sofrimento. A ascensão do romance modernista também desconfiava da distância entre o eu e o outro, já que o narrador assumiu muitas vezes um papel autorreflexivo e o próprio papel de narrar começou a ser questionado. É nesse momento que as narrativas em terceira pessoa que pautaram o paradigma estético da modernidade, segundo Barsotti (2014, p. 40), passam a dar lugar à primeira pessoa.

O empoderamento da vítima, segundo Fassin e Rechtman (2007), se dá ao longo de quase cem anos de história e se aprofunda no decorrer da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais, e com o trauma do holocausto. Durante as guerras, havia uma interpretação de neurose pós-traumática, pela psiquiatria, que colocava a vítima sob suspeita e críticas. O holocausto, segundo Fassin e Rechtman (2007), muda esse *status*, anos depois, quando os sobreviventes transformam as lembranças em relatos. O deslocamento do lugar do trauma é aprofundado com os horrores da Guerra do Vietnã. E já a partir dos anos de 1980, um evento passa a ser entendido como algo com força suficiente para desencadear traumas. Mas a mudança no estatuto da vítima também está associada à transformação da crença na verdade. Verdade passa também a ser algo que é narrado, sobretudo, por quem a vivenciou. Fazemos essas observações apenas para entender como, ao longo da história, foi se construindo na sociedade, e não só no jornalismo, a cultura de valorização do testemunho por quem vivencia situações, sem depender da fala de mediadores, como o jornalista.

Cada vez mais, o sofrimento no presente é vinculado a um evento no passado que deixou marcas profundas na vítima, e a experiência traumática é cada vez mais plural: abrange desde eventos-limite, como desastres e assassinatos, até situações cotidianas, vividas diretamente ou observadas. E a forma de comunicar esse trauma é o testemunho, que se liga a uma reconfiguração do público e do privado, a partir do momento em que pressupõe o compartilhamento de emoções. A vítima ou observador vai a público dizer o que viveu, presenciou e sentiu. Há uma demanda por atribuir ao que sofre o papel social da vítima,

mobilizando aparatos institucional, jurídico e simbólico. O espaço onde esses relatos circulam e ganham visibilidade é, na maioria das vezes, o virtual.

Para alguns autores, a exacerbação do individualismo, a intensificação do presente e o esvaziamento do espaço público contribuem para a emergência de narrativas sobre experiências individuais. Para Beatriz Jaguaribe, por exemplo, esse novo autor ganharia “a tatuagem legitimadora da experiência” (JAGUARIBE, 2007, p. 109). Ou seja, quanto mais o autor vivencia a situação, mais ele vai se parecer autêntico aos olhos do leitor-espectador. Entretanto, há que considerar igualmente que, se por um lado, o testemunho por vezes humaniza o jornalismo, pode também provocar sua espetacularização (AMARAL, 2011, p. 78) e, em consequência, descontextualizar o relato jornalístico.

Podemos dizer que hoje a experiência é muito mais decorrente da vivência alheia. A partir do olhar do outro sobre sua própria experiência tem-se a sensação de viver tramas semelhantes e de partilhar mundos que, afinal, não são de fato comuns. É nesse contexto que se situa a perda de importância da fala sobre si mesmo em ambientes privados, valorizada no passado, por exemplo, pelas práticas da psicanálise e pelas lógicas da confissão. Longe de querer deslegitimar o discurso de alguém que foi alvo de uma violência – culpados devem ser punidos e violências precisam ser conhecidas para que o poder público atue –, o que estamos enfatizando é o valor dado ao testemunho sem necessidade de qualificar a busca por respostas mais complexas que englobem a análise do contexto social, por exemplo.

A questão do testemunho insere nas reflexões o papel do jornalista enquanto narrador e sua transformação ao longo da história, refletida de maneira primorosa por Walter Benjamin (1983), remarcando as transformações na figura desse narrador na passagem para a modernidade. O avanço da cultura moderna e a busca pelo progresso, segundo ele, tornaram irremediável o desaparecimento da figura clássica do narrador, do contador de histórias que muito se aproxima da narrativa da história oral.

Já no ambiente pós-moderno, poderíamos afirmar que vigora a noção de uma autoridade da experiência, e não mais de um “condutor de consciência” (FOUCAULT, 2004). O narrador se transformaria num protagonista, mais verdadeiro que qualquer outro. E a partir das possibilidades ensejadas pelas tecnologias, é possível, mesmo, exercer esse papel sem a mediação do jornalista. Mais do que uma prerrogativa, falar torna-se estratégico e fundamental, já que enseja não apenas a questão do poder (daquele que toma a palavra e, como tal, tem visibilidade e força), além do próprio efeito terapêutico, por exemplo.

Mas até que ponto vai a independência do falante comum? Eliminar a mediação do jornalista e supor que o “povo” poderá falar não significa que ele se expressará com sua própria voz (MORETZSOHN, 2014). A mediação jornalística é muitas vezes reconstruída pela incorporação do formato jornalístico no próprio discurso “amador” e a experiência narrada, nos produtos jornalísticos, é sempre moldada pelos padrões discursivos jornalísticos. Nas matérias, há uma interferência do interlocutor no sentido de narrar determinadas circunstâncias da forma que se espera, o que dificulta ainda mais a aceitação desse discurso como uma voz autônoma do outro. Se a presença do jornalista molda a fala da testemunha, quando essa mediação ainda ocorre, há parâmetros culturais que permanecem interpelando e aparecem explicitamente na voz do outro que fala. São problemas também a se considerar quando pensamos no tratamento dado aos testemunhos nas matérias. Essas questões sempre existiram, mas em um momento de publicação apressada de relatos, cabe lembrá-las no sentido de problematizar o movimento. Mesmo quando tratamos da dimensão do testemunho no que se refere aos discursos das vítimas e de observadores de situações traumáticas, violentas ou de abandono do poder público, o que importa na reflexão é a correlação entre testemunho e jornalismo, no que diz respeito a diversas questões: a produção do verdadeiro, a ausência de polifonia discursiva e a superficialidade dos relatos.

Esse breve histórico que fizemos, destacando a questão do sofrimento, foi importante para ajudar na reflexão sobre como se deu a construção e a disseminação da noção do testemunho ou do relato como discurso legitimado e desejável na sociedade contemporânea. Para pensar em como o profissional acata e reproduz os relatos de vítimas e sofredores da rede, basta lembrar como *posts*<sup>2</sup> de sucesso sobre artistas que superaram traumas e as conhecidas “histórias de superação”, por exemplo, rapidamente ganham destaque, em um processo de retroalimentação mútua entre amadores e profissionais e difusão dos testemunhos em todos os canais e formatos. Portanto, a noção de testemunho adotada parte do pressuposto que ela implica na visibilidade pública dos relatos, a partir da divulgação daqueles que tratam de uma experiência vivida ou observada. O que está sob o foco da análise são os chamados relatos testemunhais. Esses, aqui chamados de testemunhos ora de relatos, com muita frequência se relacionam a eventos violentos. Nesse sentido, Vaz, Sá-Carvalho e Pombo (2005) argumentam que o excesso de imagens de sofrimento veiculadas pela mídia pode causar apatia no telespectador: são tantos relatos, fotos e vídeos que parece uma situação de desesperança e de

---

<sup>2</sup> Publicações em redes sociais.

dor, como a fome na África, é imutável, estando além do alcance da ação da audiência. E mais: o sofrimento real parece fictício.

Mas os próprios meios de comunicação podem, também, construir a ideia de sofrimento evitável. Acompanhando as imagens, sempre há análise ou questionamento dos erros humanos que poderiam ter evitado aquele desfecho. Há, segundo os autores, uma lógica de restrição dos riscos, na qual se apaga invariavelmente o contexto social. Essa discursividade aparece em profusão nas redes sociais e em sites jornalísticos, quando se mostra, por exemplo, imagens da vítima em sua rotina ou desfrutando de uma felicidade, que pode ser semelhante ao do espectador, mas sugerindo-se, também, a possibilidade de perdê-la. Ou seja, essa pressa em divulgar relatos atende a um desejo do espectador de saciar curiosidade e de se “identificar” com quem testemunha: gera cliques porque há um movimento atual na sociedade, que não é exclusivo desse tempo, mas é facilitado pelas redes sociais. No mundo hoje, com a possibilidade de acesso aos acontecimentos sem mediação, o jornalista perde a prerrogativa e a condição de ser o único ator capaz de decidir se o sofrimento do outro é relevante.

Muitas vezes, o jornalista passa ainda a narrar situações em primeira pessoa ou compartilhar dramas pessoais para tentar se adequar ao novo jogo. Trata-se do movimento, como já dito, de divulgação de testemunhos relativos a experiências vividas pelos próprios jornalistas. Brêtas (2016) observou a profusão dessas formas de relato na imprensa brasileira entre 2013 e 2015 e seu aparecimento em veículos de grande circulação. Este fenômeno mostra fraturas nos paradigmas do jornalismo apoiado na objetividade, distanciamento e imparcialidade. Mostra-se a experiência da dor e/ou do desconforto sofrida pelo próprio jornalista. A inclusão do testemunho, em primeira pessoa, tende a expressar maior intimidade do jornalista com o fato por ele enunciado, assim como a busca de cumplicidade com o leitor em uma relação mais simétrica. O jornalista passa, em várias ocasiões, a exercer o próprio papel da vítima. O testemunho na mídia se refere hoje então, simultaneamente, ao aparecimento do testemunho nas matérias, à possibilidade de a mídia, em si mesma, testemunhar, e ao posicionamento das audiências como testemunhas (FROSH; PINCHEVSKI, 2008).

Também em relação à questão do testemunho considerado legítimo e passível de divulgação imediata, é interessante pensar sobre o discurso de espetacularização da política e da divulgação instantânea na imprensa de relatos sem tratamento e investigação mais profunda. Trataremos desse assunto como exemplo de como os relatos sobre situações, em tese, vividas

ou observadas ganham estatuto de notícia e têm grandes consequências na sociedade, inclusive no rumo político do país.

Também sob a perspectiva de Sodré (2009), estamos diante de uma crise de confiança que atinge institui es clássicas da modernidade, como a política, crenças e grande narrativas. A internet, a partir da segunda gera o (a *web 2.0*), surgiu com a promessa de tornar a média totalmente democrática e acessível, receptiva a qualquer um que queria expressar suas opiniões e contar suas experiências, já que ela reforçava conceitos como troca informa es e colabora o de internautas com sites e serviços virtuais. Porém, o que se viu na prática, desde então, não foi apenas a experiência democrática, já que a internet também possibilitou a prolifera o de notícias falsas de maneira exponencial, trazendo consequências nefastas para o mundo.

## 2.1 O SILÊNCIO QUE FALA E A FALA QUE SILENCIA

A no o de testemunho como algo dotado de objetividade sucumbe frente ao fato de que ele corresponde a uma experiência vivida e que se torna visível sob a forma de constru o de linguagem. O testemunho não pode ser considerado apenas um registro objetivo de uma experiência porque todo discurso, inclusive o jornalístico, altera a realidade uma vez que a narrativa recria o mundo. O grande paradoxo do testemunho: se são   possível narrar recorrendo à imagina o e   memória, qual o teor de verdade do testemunho? O “efeito do real” é uma estratégia para construir um caráter de verdade absoluta. Isto, sem falar ainda sobre o que é deixado de fora, ou seja, o não dito, ou este silêncio que fala. As narrativas jornalísticas oferecem muitas marcas temporais, que ajudam o leitor a se localizar numa dura o. O jornal sempre foi considerado, de certa forma, um espaço com credibilidade para marcar e destacar as relevâncias nessa dura o.

Antes de prosseguirmos, é importante atentarmos para outras dimensões do testemunho e da memória, relacionadas ao relato jornalístico. Apesar das mudanças a partir da internet, da possibilidade de propaga o de mensagens por qualquer um e da queda do interesse geral pela busca de uma verdade universal, o relato jornalístico mant m uma aura testemunhal propagada pelo discurso autorreferencial e acolhida por uma grande parcela da popula o, interpretada ainda como crucial para atestar a veracidade do ocorrido, um lugar privilegiado para representar e destacar acontecimentos.



Também é importante pensar em como esse texto se situa em relação aos que o antecederam, ou seja, na condição, também do produto jornalístico, de testemunha de um processo midiático, carregado de historicidade. A notícia de um crime, por exemplo, além de relacionar passado, presente e futuro do acontecimento noticiado, se situa em uma cadeia histórica de notícias de crimes, a partir de certos padrões narrativos que foram se formando ao longo do tempo e são replicados. Trata-se do efeito do testemunho explorado em uma articulação narrativa, em que as próprias narrativas estão carregadas de historicidade. Mesmo sendo uma construção do presente, o texto será lido em outro tempo, numa cadeia temporal. Também há uma historicidade dos padrões narrativos que remetem ao efeito testemunha.

O testemunho jornalístico pressupõe uma dada representação de um fato que não necessariamente exige, acima de tudo hoje, o ato de testemunhar do jornalista. Não é só questão de estar presente, mas sim de conferir a qualidade de verossímil a um testemunho por ter validação factual, ou seja, relacionar-se a um acontecimento que realmente aconteceu e agora está sendo reportado. Testemunhar, aqui, é uma forma de trazer um saber da experiência para dentro do relato jornalístico, que olha do futuro para o passado e está relacionado a um tipo de conhecimento. Sendo assim, é importante perceber que todo texto testemunhal, além de testemunhar um acontecimento externo, testemunha a si mesmo dentro de uma cadeia histórica e de uma situação comunicacional. O testemunho jornalístico também se relaciona com a construção histórica da identidade jornalística e é um mapa para as mudanças de práticas ao longo do tempo, como mostramos nesta tese.

O testemunho midiático também se situa nas relações entre o dito e o não-dito, em jogos de poder, conforme já assinalamos. Portanto, sendo um modo de acesso a eventos e experiências do mundo, surge como experiência comunicacional, em interação regulada, na qual emissores de autoridade reconhecida pelo leitor, textos e receptores interagem na produção de sentidos.

Além de perceber a condição de testemunha do produto jornalístico, é relevante considerar que, ao entrar em contato com uma produção midiática, o espectador também se torna testemunha do que assiste ou lê. Observa-se, portanto, as múltiplas vertentes a serem consideradas: a presença das testemunhas nos relatos midiáticos; a possibilidade de a própria mídia testemunhar e o posicionamento das audiências como testemunhas dos acontecimentos noticiados, entre outros aspectos. Além disso, todo texto é estruturado de modo narrativo e, como tal, sujeito ao regime de interpretação que se aproxima das narrativas cotidianas com as quais estruturamos a vida.

Dessa forma, quando se pensa em testemunho, estamos lidando com várias questões e, aqui, nesta tese, ainda acrescentamos mais uma: a do testemunho do jornalista sobre si mesmo, sobre sua própria profissão, dentro de uma cadeia histórica. O que estamos construindo aqui é uma cadeia histórica em que jornalistas lembram de outros, que por sua vez falam (dão o testemunho) das práticas jornalísticas de outrora, de hoje e do futuro. O testemunho constrói uma cadeia histórica. O testemunho e a memória estão carregados de historicidade, tanto quando analisamos a atuação do leitor, quanto quando pensamos nas mudanças do jornalismo avaliadas pelos próprios implicados nas alterações, nas expectativas em relação ao tempo presente (construído em relação a um passado que é apresentado como diverso) e nos medos em relação ao futuro, construídos no aqui e agora. Como jornalista, também empresto minhas memórias na redação desta tese e exponho meu medo em relação ao futuro da profissão: faço essa pesquisa porque temo os rumos que percebo hoje, mas sinto esperança de que novos caminhos surjam a partir de reflexões como esta.

O testemunho faz emergir múltiplas reflexões sobre a memória. Além de ser um instrumento de construção também daquele que narra, não é mero relato com função informativa. Ancora-se nas condições sociais que permitem a ele ser comunicável, mas que também promovem silêncios, inclusive pela destruição das condições morais da fala. Para que nossa memória se conecte com as dos outros, o testemunho precisa ter tido esta autorização para se tornar público e se ligar a comunidades afetivas (POLLAK, 1998). Como testemunha, o jornalista tentou desenvolver a habilidade de se fazer acreditar. Mas há que se considerar ainda que contar é um ato memorável que implica em seleção e exclusão. Ao ser portadora de um discurso socialmente reconhecido, que pode ser transformado em documento histórico, a ser usado no futuro, a mídia se configura como um dos “senhores da memória” do nosso tempo (BARBOSA, 2009). Mas não se pode perder de vista que a memória é, sempre, construção. A memória no jornalismo tem o poder de selecionar certos fatos para os leitores, em detrimento de outros que passam à categoria do esquecimento (RIBEIRO, 2003). Nesse sentido, há muitos testemunhos que seguem no esquecimento, mesmo em uma era de profusão de testemunhos, como ressaltamos neste trabalho. A eleição daqueles que serão conhecidos, pelo menos por parte da mídia de referência, passa por interesses econômicos, políticos e sociais.

Neste trabalho, fazemos um esforço para jogar luz sobre o testemunho dos próprios jornalistas sobre si – que muitas vezes também é relegado ao esquecimento. Farei uma breve contribuição testemunhal a partir da minha própria memória profissional. Em 14 anos de redação, acompanhei o processo de massificação de redes sociais e o surgimento dos

*smartphones*. O impacto dessas transformações foi gritante nesse intervalo de tempo. A rapidez com que informações e relatos viram notícia e a crescente perda de um hiato necessário para a reflexão e a construção trabalhada das narrativas me inspiraram a conduzir esta investigação, como já destaquei anteriormente. Naturalmente, os testemunhos sempre fizeram parte da narrativa jornalística. O que estamos discutindo aqui é o “como”, as mudanças nas práticas.

Também cabe refletir sobre a influência do testemunho midiático no próprio ato de testemunhar daqueles que ajudam a construir a narrativa midiática, numa espiral de afetamento – outra questão que não é exclusiva da atualidade. De que forma a presença de uma câmera, de um microfone ou as próprias perguntas do repórter, a maneira como é conduzida uma entrevista, influenciam no testemunho do outro, encaminhado o relato para uma encenação que busca atender expectativas? Nesse sentido, teria um testemunho flagrado por um popular em uma situação espontânea, e sem o conhecimento daquele que é filmado, um caráter mais real? Vale refletir sobre isso no bojo da contestação que estamos fazendo sobre a condição de verossimilhança apriorística, muitas vezes atribuída ao relato testemunhal, que estimula a reprodução apressada. Há que considerar ainda que a voz dos entrevistados é muitas vezes usada para respaldar o próprio discurso das empresas de comunicação, em um testemunho que poderíamos qualificar como encenado ou induzido, sobretudo em um ambiente com pouco tempo para a produção de pautas, no qual se respeita muito uma “pré-pauta”. O repórter precisa voltar com uma matéria específica que foi pautada de antemão porque será cobrado pela chefia. Para isso, ele “busca” os testemunhos que reforcem uma “tese” ou impressão transmitidas pelo editor ou pauteiro. As próprias perguntas são feitas no sentido de gerar as respostas esperadas de um lide pré-produzido.

Nesse caldeirão da pressa e da urgência, é usado, ainda, o famoso “escudo” da imparcialidade. O jornalista “joga” na rede uma frase qualquer, com um conteúdo bombástico, usando o discurso de que “está apenas relatando o que Fulano disse, não está dizendo que isso é verdade”. Mas se ele não agrega outros elementos para que o leitor questione ou duvide da declaração, ele está de certa forma endossando o testemunho divulgado e possivelmente colaborando para a crise atual envolvendo as *fake news*, como veremos.

Devemos nos debruçar mais um pouco no aspecto fundamental da seleção. Em uma profusão de falas, certos relatos são escolhidos e destacados para atender a determinados objetivos. Nesse sentido, muitas vezes há “pressa” em divulgar falas que provêm de pontos ou posições ideológicas e políticas do próprio veículo. Para ilustrar esse ponto, fazemos aqui uma

breve análise do tratamento dado pela mídia de referência a um dos momentos da operação Lava Jato<sup>3</sup>. Ressaltamos que não é objetivo deste trabalho se debruçar sobre esse capítulo da história do Brasil, mas achamos interessante usar como exemplo de que chamamos de tratamento apressado ou leviano dos relatos nos veículos de comunicação.

A Operação Lava Jato nasceu no Brasil com a pretensão de unir a nação na bandeira do “combate à corrupção”. A arma para ganhar estrelismo na guerra seria apenas uma: a fala. Enquanto se formava uma verdadeira indústria da delação, as engrenagens midiáticas trabalhavam a todo vapor transformando imediatamente os relatos de denunciados e delatores em produtos para consumo rápido de massa. Pelas redes sociais, as falas de um ou outro político alimentavam discussões polarizadas, usadas como trunfos da verdade sobre as causas da crise política e encaradas como provas para argumentos dos eixos pró ou contra o partido da presidente.

Ao longo de todo o processo da operação, as falas que vazavam na mídia, independentemente de autorização judicial, ganhavam repercussão instantânea. Por exemplo, áudios particulares da então presidente Dilma Rousseff conversando com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foram amplamente divulgados, antes de serem analisadas as implicações políticas e a legalidade da divulgação. Os vídeos com as delações de executivos da empresa Odebrecht à operação geraram uma verdadeira corrida de jornalistas pelo troféu de divulgar primeiro as falas, sem necessidade de tratamento ou interpretação.

Em relação a esse último caso, que ocorreu já no governo de Michel Temer, vale uma análise mais prolongada, pois é emblemático do que queremos refletir neste capítulo. Os depoimentos dos delatores da construtora Odebrecht, que firmaram delação premiada à Justiça Federal no âmbito das investigações da Lava Jato, foram liberados à imprensa no dia 11 de abril de 2017, pelo ministro Luiz Edson Fachin, relator da operação no Supremo Tribunal

---

<sup>3</sup> A Lava Jato é um conjunto de investigações conduzidas pela Polícia Federal do Brasil, que cumpriu mais de mil mandados de busca e apreensão, de prisão temporária, de prisão preventiva e de condução coercitiva, no bojo da apuração de um esquema de lavagem de dinheiro que movimentou bilhões de reais em propina. A operação começou enquanto a ex-presidente Dilma Rousseff ainda estava no poder. Dilma pertence ao PT, partido que governou o Brasil desde 2003, com foco na implementação de políticas públicas decisivas para a inclusão social dos integrantes de classes economicamente desfavorecidas. As eleições de 2014 foram marcadas por uma disputa acirrada entre os partidos PT e PSDB. Após a vitória de Dilma, o candidato derrotado Aécio Neves liderou diferentes ações visando à criminalização da chapa vencedora. O processo de abertura de impeachment foi aceito no dia 2 de dezembro de 2016 pelo então presidente da Câmara dos Deputados do Brasil, Eduardo Cunha. O pedido acusava a presidente de ter cometido as chamadas pedaladas fiscais, operações contábeis do Tesouro Nacional com a intenção de atrasar de forma proposital o repasse de dinheiro para bancos e autarquias, o que foi interpretado como crime de responsabilidade. Mas, nas ruas, a adesão popular à derrubada da presidente tinha como bandeira o combate à corrupção, na ordem do dia. Na votação final do impeachment, em 31 de agosto daquele ano, Dilma foi definitivamente afastada.

Federal (STF). Com base nessas delações, o STF acolheu parte dos pedidos de abertura de investigação feitos pelo Procurador-geral da República, Rodrigo Janot, e determinou a instauração de inquéritos para investigar ministros do Governo Michel Temer, senadores e deputados. Em 12 de abril, o juiz federal Sérgio Moro seguiu a mesma linha do Supremo e retirou o sigilo das delações que envolviam pessoas sem foro privilegiado, de competência de julgamento de juízes de primeira instância<sup>4</sup>. Segundo Moro, em seu despacho, “não deve o Judiciário ser o guardião de segredos sombrios. Além disso, a publicidade previne vazamentos ilegítimos, lamentáveis e de difícil controle”.

Para entendermos melhor esse fenômeno, focamos a análise neste momento da operação envolvendo a Odebrecht. No *site* do jornal *Folha de S.Paulo* (maior do Brasil, juntamente com *O Globo*)<sup>5</sup>, encontramos 114 matérias usando os filtros “Odebrecht” e “Lava Jato” em apenas 24 horas, entre 11 e 12 de abril, quando o sigilo foi quebrado. O número representa uma média de quase cinco matérias por hora. A busca foi feita na seção de política do site. Deste material, 44 (quase 40%) têm como título “diz delator”, com as variantes “relata” ou “afirma”. Muitas matérias são iniciadas com o mesmo lide padrão, contando que os depoimentos foram liberados. Depois, havia a exposição de uma delação. No fim da matéria, o mesmo texto padrão resumia o contexto em todas as matérias, explicando brevemente o momento da Operação Lava Jato.

Dessas 114 matérias, pelo menos 52 são baseadas apenas em uma delação, com a resposta de alguém citado na denúncia. O lide começa relatando o conteúdo da fala de alguém, muitas vezes de forma afirmativa. Por exemplo, primeiro afirma-se algo (“Fulano recebeu R\$ 400 mil de propina”) e depois é dito que a informação consta na denúncia de um delator. Outras 28 também são baseadas em delação, seguindo esse mesmo modelo, porém sem resposta de ninguém citado. Há ainda oito matérias que se iniciam com as repercussões jurídicas de uma delação ou da operação, sem resposta de ninguém citado, e mais 12 com resposta. Pelo menos nove matérias são baseadas ainda em uma fala de alguém, que comenta uma delação ou a

---

<sup>4</sup> Esse acordo de leniência proporcionou o maior ressarcimento da história mundial. A Odebrecht e a Braskem se declararam culpadas e obrigadas a pagar em multas 3,5 bilhões de dólares, o equivalente a 12 bilhões de reais, sendo 80% deste valor destinados ao Brasil. A assinatura do acordo resultou em diversos desdobramentos da operação Lava Jato no mundo todo, especialmente na América. O esquema protagonizado pela construtora e políticos de diversos partidos é um dos principais capítulos do maior escândalo de corrupção da história recente do Brasil: além do presidente Temer e da cúpula do Congresso Nacional, são citados pelos delatores quatro ex-presidentes da República: Dilma Rousseff, Luiz Inácio Lula da Silva, Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso. Os detalhes desse esquema constam em vários vídeos das delações de executivos e ex-executivos da empreiteira, incluindo o do empresário Marcelo Odebrecht.

<sup>5</sup> Ver: Sacchitiello (2020).

operação, como um todo. Por fim, cinco matérias apenas comentam algum movimento da operação ou curiosidades, como os apelidos dos denunciados.

Entre as 114 matérias nesse período, 24 horas, pelo menos 89 (78%) são baseadas simplesmente em falas. Estes dados são interessantes para avaliar a corrida gerada para produzir matérias, sobretudo no ambiente *online*, que se fundamentam apenas em um relato, sem estabelecer qualquer correlação entre os tempos, ou seja, sem inserir a afirmação em um texto com dimensão histórica.

Devido ao fato de o mecanismo de busca no site do jornal *O Globo* ser menos estruturado, não foi possível fazer análise semelhante à realizada em relação à *Folha de S.Paulo*. Mas não é difícil supor que o fenômeno se repete, sobretudo na seleção e valorização de falas que reforcem a posição política do jornal, de oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT). Muito embora não admita essa posição, ancorando-se em bandeiras de imparcialidade, a escolha política é clara e foi apontada, no contexto político da Lava Jato, por outras pesquisas<sup>6</sup>. Nesse contexto, há de se supor que as delações e falas sejam selecionadas, em seu destaque e publicação, para reforçar um movimento político que já está sendo feito pelas empresas. Dentre tantas delações, por que umas são destacadas e outras, não? Com que intuito são divulgadas? As falas e acusações podem servir como um prato cheio para um banquete com hora marcada, e menu já selecionado. O movimento de tornar um testemunho instantaneamente notícia atingiu seu ápice na imprensa brasileira com a Operação Lava Jato, razão pela qual trouxemos o caso para exemplificar esse tipo de abordagem. As falas eram cada vez mais destacadas ou envoltas em um tom de verdade quanto mais atendessem à linha editorial do veículo onde eram publicadas.

A prática de fazer circular uma informação com uma versão única tem se consolidado de tal forma que tememos que a velha máxima jornalística de “ouvir o outro lado” vire uma preocupação anacrônica. A disposição para a diversidade, em um olhar inclusivo e humanista,

---

<sup>6</sup> No caso do *impeachment*, Becker *et al.* (2016) analisaram o enquadramento de 12 capas dos jornais *O Globo*, *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo* em quatro episódios desse período e indicam o enaltecimento dos atos pró-*impeachment*. As pesquisadoras argumentam que as capas concentram a retórica maniqueísta do “nós” contra “eles”, em uma luta do bem contra o mal. Exemplo disso é o emprego frequente do adjetivo “brasileiros” para se referir aos manifestantes favoráveis ao *impeachment* e a construção de um discurso consensual em torno da condenação pública dos líderes petistas. Fernandes (2017) analisou, na capa do jornal *O Globo*, 358 manchetes de 12 de abril a 11 de maio de 2016, período de articulação da deposição da presidente Dilma, e aponta que fica claro que havia uma tendência a apoiar a derrubada da presidente. Shuen (2017) também analisou manchetes e chamadas dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Globo*, que citam Dilma ou Presidente/a ou Governo/Planalto ou Petista (para se referir à Dilma) no título. Foram 793 unidades textuais, de 27 de outubro de 2014 (dia seguinte à reeleição) a 13 de maio, dia seguinte à abertura do processo de *impeachment* no Senado. As palavras mais associadas à presidente Dilma e seu governo nas manchetes e chamadas de ambos os jornais são negativas, como derrota, rombo, erro e trapalhada.

é cada vez mais distante. Falta o contraditório formulado por fontes diversas e a crítica necessária às afirmações formuladas por fontes oficiais. É a aproximação do jornalismo privado com o produzido por órgãos públicos. No jornalismo investigativo, por exemplo, a maior parte das matérias de denúncia são produzidas a partir de informações recebidas por órgãos oficiais, como o Ministério Público. A ausência de contraditório e de esforço investigativo próprio nesta zona de visibilidade aumenta a importância das boas práticas jornalísticas.

Na dissertação de mestrado citada anteriormente, jornalistas do *Extra* afirmam que o uso de ferramentas como o WhatsApp tem o poder de, mais uma vez, legitimar o profissional como mediador entre poder público e audiência. Analisando as informações dos jornalistas que responderam o questionário, nota-se que o jornalista, quando se posiciona diante do público, ainda apela para valores identitários históricos para afirmar seu valor, como também a capacidade de definir o que é verdade ou boato em uma rede de informações digital. Mas enquanto adota esse discurso, na prática o grupo ainda administra testemunhos de forma superficial como caminho para construir a maioria de suas narrativas. Ou seja, como falamos, o jornalista parece não se reconciliar ou se alinhar na prática, no presente, com as respostas do passado que defende como bandeiras para legitimar sua atividade. Até mesmo seu lugar de mediador, tão supostamente valorizado, fica enfraquecido quando se desloca para a testemunha o lugar social de maior peso. O mesmo arquivo ou fala podem ser interpretados de maneiras diferentes. O relato muda, a pessoa e o contexto, também. O jornalista precisa ter um refinamento para entender esta multiplicidade através do tempo, em vez de considerar a fala como detentora do valor instantâneo de prova irrefutável, como acontece, como mencionado, na chamada “indústria da delação” no cenário político, com delações colhidas na Operação Lava Jato virando automaticamente reportagens e “provas”.

## 2.2 RECORDAR E REDIGIR

Entender como funciona a percepção e a memória é essencial em uma sociedade crescentemente influenciada por impressões e relatos individuais. Uma boa análise de uma situação, para um conteúdo jornalístico, por exemplo, corre o risco de empobrecer ao acompanhar ou se restringir a uma única percepção. Neste subcapítulo, trataremos das relações memória e testemunho jornalístico.

Construindo memória e vivendo a partir da memória, há que se pensar como a dimensão memorável se constitui, também, como um fluxo, tal como o tempo. Se pensarmos, a partir de Bergson (1990), a problemática da percepção, podemos dizer que esta se relaciona fulcralmente à memória. A percepção condiciona, sempre, uma ação vitalmente orientada. Percebe-se para viver e agir, não para contemplar, especular e conhecer, como propunha uma tradição metafísica<sup>7</sup>. Para Bergson (1990), o ser humano só percebe o que traz promessa ou ameaça. A percepção é, portanto, sempre ligada à memória. As imagens percebidas são conservadas para serem úteis às ações na vida. Perceber é também lembrar.

Segundo a teoria bergsoniana, a matéria é um conjunto de imagens, interligadas e interdependentes. A percepção extrai certa imagem de um conjunto possível, como uma redução. As “coisas” são imagens reveladas para cada um de acordo com o que lhe interessa. A nossa percepção volta para nós a face da matéria que nos interessa, por trazer promessa ou ameaça. O todo está na matéria, e nós vemos parte do todo. Ou seja, quando alguém testemunha algo e envia esse relato para um jornalista, o material conterà sempre um testemunho de parte de uma situação maior que lhe interessa, que lhe chama a atenção. Há outros aspectos não percebidos e, portanto, não testemunhados. Além disso, quando alguém destaca ou retém algo que vê ou lê, ressalta aquilo que traz promessa ou ameaça de acordo com o seu repertório. É interessante pensar sobre isso dentro de uma reflexão sobre os perigos de se pré-validar um testemunho como verdade absoluta, são muitos aspectos a considerar para compreender um testemunho antes de simplesmente acolhê-lo. Aqui tratamos de aspectos mais profundos, ligados à experiência inicial da percepção.

Muitas vezes a nossa percepção é também influenciada pela percepção do outro. Esse aspecto sutil também pode ser analisado aqui no sentido de compreender que muitas vezes um testemunho publicado em jornal inspira uma série de testemunhos semelhantes. As próprias experiências e expectativas são interpessoais (KOSELLECK, 2006), ou seja, se espera das experiências que elas se repitam. As experiências superpõem-se, impregnam-se umas das outras. A ideia de legitimação imediata do relato da experiência merece essa análise mais complexa, por englobar aspectos relacionais, entre seres e tempos, que o influenciam.

Em uma época de disseminação da legitimação e autoridade do testemunho, e em meio a processos de transformações no jornalismo<sup>8</sup>, também é impossível não pensar nessa fonte e

---

<sup>7</sup> Bergson (1990) critica o idealismo subjetivista, que deduz o mundo a partir do eu, e o realismo materialista, que aposta demais na existência das coisas, ou foca na materialidade do cérebro.

<sup>8</sup> Sobre transformações no jornalismo no contexto digital, ver, por exemplo, Deuze (2006).



futuro lugar de arquivo de todos os relatos: a memória. Entretanto, segundo Rancière (2010), enquanto a informação é abundante, a memória não segue o mesmo movimento. Para o autor, a memória, no sentido de mecanismos coletivos de preservação de documentos e informações relevantes, deve constituir-se tanto contra a superabundância de informações quanto contra sua falta. A profusão de relatos em ambientes virtuais, por exemplo, nos leva à reflexão sobre o que permanece e o que some enquanto arquivos de uma memória coletiva a longo prazo.

Sobre essa relação entre memória e jornalismo, Zelizer e Tenenboim-Weinblatt (2014) chamaram ainda a atenção para o fato de que enquanto o jornalismo continua a funcionar como uma das principais instituições da sociedade contemporânea para gravar e recordar, precisamos entender melhor como se articulam em torno do jornalismo as premissas do memorável (como se lembra e por que se lembra). Também é importante, na nossa avaliação, entender como os jornalistas acessam a memória como grupo, lembrando-se do passado de seu grupo e de quem elegem como espécie de signos de representação da própria profissão – o que aqui estamos denominando personagens-emblemas para os próprios jornalistas. Este estudo nos ajuda a entender quais os valores e sentidos da profissão, e portanto, que memórias regem práticas e até as seleções e tratamentos de conteúdos que podem ficar para a memória da sociedade.

Em sua prática diária, o jornalista tende a se debruçar mais explicitamente sobre a memória, na visão do senso comum, quando se envolve em coberturas de efemérides, marcos, ou até em suas próprias comemorações, como aniversários dos veículos jornalísticos. Mas, como tratamos aqui, a memória é muito mais do que isso: ela rege, mesmo que inconscientemente, as práticas diárias profundamente. Além disso, a maneira como jornalistas se lembram e agem influencia também a memória de toda a sociedade: nós nos lembramos de coberturas importantes, de jornalistas e até da mídia em si (aparência dos jornais, por exemplo): quer dizer, a memória coletiva inclui o jornalismo e eventos jornalísticos. Os dois campos estão intimamente relacionados. É impossível para o jornalista imaginar sua função e o futuro dela sem a memória. E é importante para uma sociedade colher, como buscamos aqui, o testemunho do jornalista sobre sua memória no caminho de entender as práticas jornalísticas e como elas influenciam a própria memória coletiva, de forma mais ampla.

Como ressaltaram Zelizer e Tenenboim-Weinblatt (2014), poucos teóricos do campo da memória incluíram o jornalismo como um componente importante. É hora de o quadro mudar se quisermos entender os caminhos da memória coletiva no século XXI. O que afeta o campo do jornalismo, por exemplo, as redes sociais, afeta também o da memória, e vice-versa. Na relação com as novas mídias, a memória é fluida, híbrida e transfronteiriça, assim como o

jornalismo. Por outro lado, o jornalismo consumido em nichos, graças às redes sociais, à internet e aos programas *on demand*, também cria memórias em nichos em comunidades de interesses com cada vez maior poder de escolha sobre o que consomem e do que se lembram.

De acordo com Olick (2014), o jornalismo e a memória têm qualidades suspeitas semelhantes: são passíveis de erros, falíveis, efêmeros. Ao mesmo tempo, da perspectiva dos estudos de memória, o jornalismo também se parece, em alguns aspectos, com a história: é um empreendimento público, valoriza fontes e regras de confirmação, e seus resíduos são relativamente permanentes. Os arquivos dos jornalistas também são usados como fontes históricas, inclusive os testemunhos, usados muitas vezes sem contextualização e aprofundamento. Em contraste, muitos dos estudos de memória se interessam na validação ou autenticidade da experiência em vez da produção profissional, e na recepção mais do que na produção. É preciso estudar os jornalistas e seu fazer profissional para entender a memória do grupo e da sociedade.

O relato que transforma uma história pessoal em coletiva, ou vice-versa, está na fronteira entre o individual e o de grupo. Por mais pessoal que seja um relato, se ele é reproduzido em grande escala, acaba assumindo o valor de documento histórico ou coletivo. O jornalista também busca garantir sua presença na história. Esta é uma visão idealizada e que os próprios jornalistas se apressam em construir de forma a dar simbolismos para a própria profissão: jornalista como personagem da história, jornalistas que fazem a história etc. Isso é resultado de um processo de construir a profissão pela diferenciação, dando valor. Quando entendemos quem são as referências para os jornalistas hoje, conhecemos também um pouco deste grupo selecionado que marca a história do jornalismo, que, a partir do relato dos pares, “fez história”. Também pensamos aqui, ainda nas relações entre testemunho, memória e jornalismo, nessa memória declaratória inscrita sob a forma de documento e que pode representar o passado pelas narrativas. Cada vez mais presente na maneira como o jornalismo representa o presente, o testemunho possivelmente será, no futuro, uma importante fonte de memória para a sociedade, por isso também a importância de estudar o tratamento dado a eles nos produtos jornalísticos.

Falamos sobre como a memória do grupo influencia a prática jornalística, mas a memória individual, do próprio jornalista, também deve ser considerada. Jornalistas dependem de memória no seu trabalho em muitos aspectos. Lembram-se de eventos e momentos passados em suas carreiras. Parte de seu conhecimento profissional é saber – ou seja lembrar – para quem ligar e para onde ir. Hábitos, rotinas são formas de memória. O que é noticiável? A

resposta também é baseada no que era noticiável no passado e norteia as rotinas de jornalistas e de organizações, ou seja, a memória individual e de grupo norteiam as práticas. Eventos previsíveis, com coberturas semelhantes no passado, são mais fáceis de preparar e cobrir. Saber isso importa na hora de entender o que será recebido como relevante pela audiência, a molde do que já foi recebido bem por ela no passado. Por isso, a memória também da reação dos leitores influencia escolhas.

O jornalista depende ainda da memória de suas fontes, das testemunhas. Assim como a memória do jornalista é falha, a da fonte também é. Entender como a memória funciona é essencial para a prática profissional. É também essencial para quem estuda esse campo: analisar como as versões institucionalizadas da história se formam. As memórias autobiográficas e históricas de um indivíduo são influenciadas pelo jornalismo e também influenciam na forma como vivemos. Além disso, o jornalismo também pode influenciar no curso dos eventos em si, os moldando de forma ativa e passiva.

A própria história do jornalismo é parte da memória pública. Nota-se, por exemplo, que as referências eleitas pelos jornalistas do questionário são figuras midiáticas, televisivas, que também estão na memória do público mais amplo. Além disso, ao olhar arquivos, podemos não só entender sobre eventos passados, mas sobre como esses eventos eram discutidos. E comparar as diferentes formas com as quais os jornais apresentam a abordagem sobre temas e como preocupações e métodos jornalísticos mudam com o tempo. O jornalismo é parte central da memória coletiva. Até uma notícia falsa, ainda considerada notícia, influencia a memória cotidiana. Estudar a memória do jornalismo é fundamental para entender a memória coletiva em formação hoje e como se transforma o próprio jornalismo. Embora haja muitas informações e “memórias” circulando no ambiente virtual, é provavelmente a memória armazenada pelos meios de comunicação que vai servir de arquivo no futuro. Estudar a memória no jornalismo – ouvir os testemunhos e memórias de personagens memoráveis da profissão – é, nesse sentido, projeto de futuro.

Cabe ainda aqui refletir um pouco mais sobre essa aposta de que é provavelmente a memória armazenada pelos meios de comunicação que vai servir de arquivo no futuro. Ela também traz controversas. Muitos jornalistas acusam veículos de terem apagado suas matérias da rede ou até de terem mudado a autoria dos textos. Isto ocorre, geralmente, depois que o profissional deixa de trabalhar na empresa. Aconteceu com inúmeros colegas e também comigo. Eu publicava uma coluna sobre anônimos famosos no Rio de Janeiro, intitulada “Caras do Rio”. Os artigos eram sempre publicados no *site* do jornal *O Dia*. Depois de alguns

anos, já em outra empresa, notei que os textos tinham sido retirados da internet. Outras matérias minhas ainda estavam no *site*, porém assinadas com outros nomes.

Neste caso, precisamos refletir sobre esse valor de documento do texto na internet. Ao contrário do que acontecia com o jornal em papel, o texto na internet pode ser alterado e até apagado após a publicação. Não é um “documento fixo”, como a publicação impressa. A não ser que o jornalista se ocupe, ele mesmo, de armazenar seus textos em alguma plataforma, a possibilidade de armazenamento ainda está nas mãos de terceiros, que, por interesses empresariais ou de natureza diversa, podem optar por não fazê-lo. No caso do jornal *O Dia* que mencionei, alguns jornalistas que também se incomodaram com o “sumiço” de seus textos chegaram a procurar representantes do jornal, que alegaram ter havido um problema técnico. Não sabemos se houve de fato tal problema, mas a ameaça de interferências tecnológicas também é uma novidade desafiadora.

De qualquer forma, em algum aspecto, o jornalismo ainda constitui uma das poucas instituições que encapsulam o espalhamento da memória contemporânea (ZELIZER; TENENBOIM-WEINBLATT, 2014). Os processos e conteúdos mais relevantes para a memória estão no jornalismo: testemunho, trauma, discurso terapêutico, guerra. Mesmo assim, a memória como potência explicadora dos eventos do presente é muitas vezes negligenciada pelos próprios jornalistas, quando simplesmente administram relatos sem compará-los a outros relatos do passado, buscando semelhanças e diferenças. A representação do passado não é só constitutiva da identidade individual, mas da coletiva. Assim, deve-se relacionar a construção de um passado comum com o benefício que isso pode causar ao grupo, como lembra Todorov (1995, p. 52): “Ao constituir um passado comum podemos nos beneficiar do reconhecimento devido ao grupo. O recurso do passado é especialmente útil quando os pertencimentos são reivindicados”.

Da mesma forma como vem atuando no dia a dia, na relação com suas fontes e entrevistados e baseando sua apuração, muitas vezes, apenas na reprodução de um relato único, sem aprofundamento, o jornalista também adota com frequência uma postura de vítima ao dar testemunho de uma história de sua profissão marcada pela crise do presente, para a qual aponta muitos culpados: a internet, a crise econômica, o público. Mas é preciso problematizar a nossa própria vitimização e entender como construir hoje novos caminhos e novas memórias que fiquem para o futuro, levando em consideração o passado do grupo.

As falas, que estão sempre contidas no relato histórico, servem também para exemplificar, construir imagens e impressões que muitas vezes sinalizam o que seria verídico.

Mas a fala traz, sempre, novas interrogações, e não apenas à interpretação dos acontecimentos, mas ao próprio relato, sendo espécies de emergências novas, como acontecimentos (FARGE, 2009).

Farge (2009) mostra que é importante ler os deslocamentos que cada um tenta inventar para si e para os outros em suas falas, as condições de sua irrupção, e dar sentido aos relatos articulando com os grupos sociais e acontecimentos coletivos de que são dependentes de várias formas, como submissão, revolta, consentimento etc. A fala, em vez de ilustrar o discurso, deve lhe causar um problema, ao provocar ou se submeter ao poder. Outro perigo é tornar a fala exterior, espantosa, objeto de fascinação. Deve-se fazer da fala uma alteridade ao mesmo tempo separada e igual, desconcertante e familiar, singular e articulada com um conjunto de outros falantes. É importante religar seres e palavras (FARGE, 2009). É importante que o jornalista veja as falas assim em suas práticas diárias.

Nesta tese, também é importante ressaltar que os jornalistas falam. E é nosso papel deslocar e compreender também essas falas do jornalismo sobre si próprio, que são um trabalho de memória, produzida por vários indivíduos que aqui são amalgamados como referências. Eles foram lembrados, reverenciados de certa forma, produzindo pela memória de um outro (também jornalista) um lugar estável para eles no mundo que os permite enunciar – falar – de maneira articulada sobre múltiplos tempos da profissão. A fala nesse sentido é uma alteridade, é também desconcertante, singular e, sobretudo, articulada com um conjunto de outros falantes, deixando emergir uma espécie de fala jornalística.

Devemos refletir também sobre os sentidos de tempo, que, reunidos, trazem as condições do estudo histórico (DIDI-HUBERMAN, 2015). E é através da memória que podemos humanizar e configurar o tempo, entrelaçando suas fibras, e reconhecendo nele uma impureza essencial. Para o autor, é fundamental estudar os sintomas, que interrompem o curso meramente cronológico do inconsciente da história. O sintoma é uma abertura repentina e a aparência de uma latência ou sobrevivência, a conjunção de diferença e repetição. Nesta tese, estudamos os sintomas do jornalismo do presente para entrelaçar o tempo jornalístico, seu passado, através da memória do grupo, e seu futuro, a partir das expectativas e medos.

Nesse sentido, queremos pensar aqui que a fala pode ser trazida para um espaço de confrontação e vida, e não apenas como ilustração, como feito com frequência nos veículos midiáticos. Eu busquei os testemunhos de jornalistas para, como jornalista, interpretá-los e deslocá-los em passado, presente e futuro, para dar meu testemunho também sobre essa história em transformação e tentar inspirar mais reflexões. É importante não apenas apresentar fatos

em relação aos quais o espectador é impotente, mas estimulá-lo a apropriar-se criticamente das falas para produzir suas próprias interpretações.

Assim, um caminho possível para o jornalismo no tratamento dos testemunhos é desvelar as falas, descrever relações, estabelecer séries, interrogar, já que um documento ou uma fala não expressa uma verdade sobre determinada época, mas sobretudo revela as relações do poder com a memória. Materializa-se o esforço de sociedades que guardaram esses documentos para propor ao futuro certas imagens de si próprias. O documento (inclui-se aí a fala) não é instrumento da história, mas seu objeto. Eles revelam e escondem traços das condições em que foi produzido e do poder que o produziu.

A proposta seria pensar em uma multiplicidade de fontes de informação. Usar as falas da testemunha viva, do testemunho dos documentos ou a de especialistas, abrir a possibilidade de surpreender alguém com a sua própria fala, de forma que o documento ative uma memória adormecida. Ou a possibilidade de confrontar as falas de duas ou mais testemunhas, de reconstituir cenas. A poética do testemunho não é só da informação, automática, do hábito. Pode dar saltos no passado e no presente. São maneiras mais complexas de lidar com o testemunho. É importante suspender as reações automáticas na prática jornalística. Esta reflexão está ligada a uma contestação do hábito. Perguntar-se o que poderia ser feito diferente também pode ser um bom exercício para o jornalista hoje, em um contexto que expõe a necessidade de buscar novas alternativas para antigos e novos hábitos.

Toda vez que nos deparamos com um fenômeno, é preciso questionar suas causas e seus possíveis impactos. Como definiu Koselleck (2006), não há expectativa sem experiência e não há experiência sem expectativas. É imprescindível descobrir a vinculação entre o antigo e o futuro em cada fenômeno, perceber o que muda e o que permanece e quais as consequências. A história só poderá reconhecer o que está em contínua mudança e o que é novo se souber qual é a fonte onde as estruturas duradouras se ocultam. É isso que propomos na tese ao pensar as relações entre memória, testemunho e jornalismo, refletindo sobre mudanças e continuidades na profissão.

Depois do Iluminismo, quando o tempo linear apontava para o progresso e o domínio sobre a natureza e o futuro, assistimos no século XX a uma falência do projeto de futuro, à crise das utopias e das metanarrativas a caminho da pós-modernidade. Mas, segundo Huyssen (2000), é necessário que a história olhe para as ruínas e as transforme em terreno para construção. Olhar para o passado pode ser transformador no presente, mesmo que o futuro seja desanimador. A relação com o passado é fundamental, ainda que para romper com ele. Para

nós, foi fundamental, na construção do nosso argumento, da multiplicidade de possibilidades do testemunho, pensarmos nas relações memoráveis do jornalista ao referenciar uma profissão que, como veremos, está repleta de significações que eles colocam, sobretudo, no passado.

Todas essas questões colocadas até agora servem para pensar no uso atual e nas novas possibilidades de uso e divulgação dos testemunhos pelo jornalismo, de forma a respeitar as nuances da memória e a considerar a importância da memória do jornalista sobre si mesmo, enquanto grupo. Em relação a esse segundo aspecto, os próximos capítulos se ocuparão da reflexão que os jornalistas produziram sobre eles mesmos, indicando caminhos possíveis para a profissão.

Ouvir a opinião dos jornalistas sobre si mesmos e sobre a profissão, entender quem são os jornalistas hoje e o que pensam sobre as mudanças em curso é importante para poder analisar as transformações vividas pelo grupo. Para isso, relacionaremos memória e testemunho e como esse conjunto articulado fornece interpretações para o próprio jornalismo. O que muda e o que permanece como traços do passado numa profissão que passa por um momento de drásticas transformações.

### 3 O PASSADO COMO VESTÍGIO DO TEMPO

Para entendermos para onde navega esse jornalismo em transformação<sup>1</sup>, entrevistamos aqueles que foram considerados pelos pares no questionário, como vimos anteriormente, os porta-vozes do grupo, eleitos pelos próprios jornalistas em atividade ou com passagens por redações cariocas. Foram escolhidos para as conversas os seis mais mencionados no questionário respondido pelos 103 jornalistas. As entrevistas foram gravadas e transcritas, e sua reprodução foi autorizada. Foram entrevistados Caco Barcellos, Ricardo Boechat, Eliane Brum, Glória Maria e Leslie Leitão. Elio Gaspari respondeu às perguntas, mas não autorizou a publicação de sua entrevista, razão pela qual ela não figurará na análise.

Havia um roteiro de perguntas a ser seguido (Anexo A), que dava margem para alguns desvios, dependendo da necessidade. Como os entrevistados não residem no Rio de Janeiro ou têm uma rotina extremamente movimentada, as conversas foram realizadas por telefone, com duração aproximada de 1 hora. As transcrições se encontram no anexo do trabalho. Dividimos as respostas dos entrevistados e as nossas interpretações em blocos temáticos que revelam as múltiplas dimensões temporais presentes na tese. A ideia é relacionar o material empírico coletado com as entrevistas dos personagens memoráveis a uma reflexão sobre passado, presente e futuro da profissão. Criamos, assim, “entretempos”, relacionando os tempos do relato com os tempos da memória. Nesse sentido, dividiremos as análises das entrevistas em três capítulos, com os seguintes focos:

- **Passado:** neste capítulo, analisamos como os jornalistas se relacionam com suas memórias e expectativas ao ingressar na carreira. Interpretaremos também como eles se referem a valores do passado da profissão;
- **Presente:** estudamos os comentários dos entrevistados sobre a situação do jornalismo na contemporaneidade, as crises, os dilemas, as mudanças e permanências em curso, tanto na relação com a audiência quanto com os próprios jornalistas;
- **Futuro:** analisamos os relatos dos profissionais sobre as suas expectativas em relação à profissão; e o desejo de futuro do jornalismo, como possibilidade de registros sobre um tempo presente e que poderiam ser acionados no futuro com marca histórica de um passado.

---

<sup>1</sup> Vários autores estudam essas transformações no jornalismo. Ver, por exemplo, Becker (2016).



Vamos destrinchar e interpretar as falas dos jornalistas entrevistados nesta tese, assim como propomos que os jornalistas destrinchem e interpretem falas em seus produtos jornalísticos. A intenção é pensar nas mudanças do jornalismo do ponto de vista da avaliação dos próprios implicados nas alterações históricas, nas expectativas em relação a um presente que vêm do passado e nos medos do presente em relação ao futuro. Também é importante articular as noções de passado, presente e futuro com a de testemunho, entendendo que o texto testemunhal também é autorreferente dentro de uma cadeia histórica.

Antes de deixarmos emergir a fala de cada um dos entrevistados, cabe uma pequena introdução a esses personagens e suas trajetórias<sup>2</sup>. É através das trajetórias (BOURDIEU, 2007) que identificamos as posições dos atores/agentes no espaço social no qual eles se inserem. Então, a passagem desses agentes por uma série de instituições (escolares, profissionais etc.) interferem na forma através da qual eles se posicionam publicamente, encaram e interpretam o mundo. Também são as incorporações de diversos processos institucionais pelos quais eles passaram ao longo da vida que permitem a sua consagração entre os pares.

Caco Barcellos nasceu na periferia de Porto Alegre, na Vila São José do Murialdo, em 5 de março de 1950. cursou a faculdade de Matemática para ser engenheiro civil. Dois anos e meio depois, no entanto, mudou para o Jornalismo. Formou-se em 1975 pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Ele se especializou, ao longo da carreira, em jornalismo investigativo e em grandes reportagens, sobretudo sobre injustiça social e violência. Começou no jornalismo como repórter do jornal *Folha da Manhã*, do grupo gaúcho Caldas Júnior. Participou da fundação do Coojornal, primeira cooperativa de jornalistas da América do Sul. E escrevia para o *Versus*, um dos mais importantes jornais alternativos da década de 1970. Depois que se formou, passou cinco anos viajando pelo mundo. Para se sustentar, mandava matérias para o *Jornal da Tarde*, de São Paulo.

Antes de trabalhar para a Rede Globo, onde ficou mais conhecido pelo grande público, foi repórter de outros jornais e das revistas de informação semanal *IstoÉ* e *Veja*. Ainda quando trabalhava no jornalismo impresso, no fim dos anos 1970, foi correspondente internacional em Nova York. Durante seis anos apresentou um programa semanal na emissora Globo News. A partir de 2001, passou a atuar como correspondente internacional em Londres, para a Rede Globo. Atuou durante mais de 20 anos em programas, como Globo Repórter, Fantástico, Jornal

---

<sup>2</sup> As informações sobre as trajetórias foram colhidas em páginas de internet, como Memória Globo, Wikipédia, e sites produzidos pelos próprios jornalistas.

Nacional e Profissão Repórter, que comanda atualmente. Transmitiu, ao vivo, a cobertura sobre a morte do então presidente eleito, Tancredo de Almeida Neves, internado no Hospital das Clínicas em São Paulo.

É o autor do livro *Rota 66*, que lhe custou oito anos de pesquisa e várias ameaças. A obra faz denúncias sobre o trabalho da Polícia em São Paulo. A investigação levou à identificação de 4.200 vítimas mortas pela Polícia Militar de São Paulo. Seu terceiro livro, *Abusado, o dono do morro Dona Marta*, é um relato do tráfico nos morros cariocas, de como “nascem” os traficantes e do relacionamento entre eles e a comunidade. O livro-reportagem esteve mais de um ano na lista dos mais vendidos do Brasil. A obra foi muito criticada por setores conservadores por supostamente fazer apologia ao crime organizado e romantizar a vida de criminosos.

Barcellos também é o autor do livro *Nicarágua: a revolução das crianças*, sua primeira obra editorial e pouco conhecida, sobre o movimento sandinista que tirou a Nicarágua das garras da ditadura de Anastasio Somoza. Ele cobriu a guerra como *freelancer* e foi refém dos sandinistas. Temia por sua vida, porque se a revolução fracassasse, ele poderia ser morto junto com os insurgentes.

Em 2007, Caco Barcellos escreveu a peça de teatro, *Ösama, the suicide bomber of Rio* (*Osama, homem-bomba do Rio*), para o projeto *Conexões*, do National Theatre of London. Foi vencedor de mais de vinte prêmios por reportagens especiais e documentários produzidos para televisão, entre os quais dois prêmios Vladimir Herzog, um pela reportagem sobre os 20 anos do atentado militar deflagrado no Riocentro durante as comemorações do Dia do Trabalho e o outro, em 2003, pelo livro-reportagem *Abusado, o dono do morro Dona Marta*. Seu livro *Rota 66, a história da polícia que mata* rendeu-lhe em 1993 o Prêmio Jabuti, um dos mais prestigiados do país, na categoria reportagem, e mais oito prêmios de direitos humanos. Com *Abusado, o dono do morro Dona Marta*, Caco Barcellos foi novamente vencedor do Prêmio Jabuti, como melhor obra de não ficção do ano de 2004.

Recebeu em 2003 e 2005 o prêmio de melhor correspondente, promovido pelo *site Comunique-se*. Nos anos de 2006 e 2008, em premiação do mesmo *site*, foi eleito o melhor repórter da televisão brasileira. O júri foi formado por 60 mil jornalistas, que fizeram a escolha por meio de voto livre pela internet. Ainda em 2008, recebeu o Prêmio Especial das Nações Unidas, como um dos cinco jornalistas que mais se destacaram, nos últimos 30 anos, na defesa dos direitos humanos no Brasil.

Ricardo Boechat nasceu em Buenos Aires, em 13 de julho de 1952, e morreu em fevereiro de 2019, em um trágico acidente aéreo. Trabalhou nos principais jornais do Brasil, como *O Globo*, *O Dia*, *O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*. Foi também diretor de jornalismo na Band e, na época de sua morte, trabalhava como âncora de dois jornais: nas redes de rádio da BandNews FM e de televisão, a Band do Grupo Bandeirantes de Comunicação. Tinha uma coluna semanal na revista *IstoÉ*. Filho de um diplomata brasileiro, nasceu na capital argentina enquanto o pai estava a serviço do Ministério das Relações Exteriores. Iniciou sua carreira na década de 1970 como repórter do extinto jornal *Diário de Notícias*. Também nessa época, iniciou sua trajetória como colunista, colaborando com a equipe de Ibrahim Sued. Em 1983, foi para o jornal *O Globo*. Em 1987, ocupou por seis meses a secretaria de Comunicação Social no governo Moreira Franco (1987–1991). Após o período, voltou para *O Globo*.

Ao participar de reportagens na guerra pelo controle das companhias telefônicas no Brasil, teve sua participação citada em reportagem publicada na revista *Veja* em junho de 2001. O colunista foi demitido de *O Globo* e da Rede Globo, onde tinha uma coluna no Bom Dia Brasil, quando a revista publicou trecho de um grampo telefônico em que revelava ao empresário Paulo Marinho o conteúdo das matérias que seriam publicadas pelo jornal. A decisão dos diretores da empresa foi unânime. Eles alegaram que o comportamento do jornalista feria o código de ética da empresa. Marinho trabalhava para Nelson Tanure, principal acionista do *Jornal do Brasil* e aliado da TIM, empresa que disputava o controle da Telemig Celular e Tele Norte Celular em confronto com o banqueiro Daniel Dantas.

Nos últimos anos antes da demissão, o jornalista, com sua coluna em *O Globo*, a mais lida do jornal, transformou-se num dos mais influentes jornalistas do país. Também deu início ao primeiro escândalo de quebra do sigilo do painel do Senado Federal, quando, em 2000, revelou falhas de segurança. Pouco depois, disse que a senadora Heloísa Helena teria traído o Partido dos Trabalhadores em votação que cassou o mandato do senador Luís Estêvão. Antes da demissão, deixou claro ter uma cópia da lista de votação. São alguns exemplos de coberturas famosas do jornalista, que se destacou na carreira por reportagens de denúncia e por comentários ácidos e críticos no rádio sobre a atuação do poder público, principalmente.

Boechat ganhou três prêmios Esso (1989, 1992 e 2001), oito prêmios Comunique-se (2006, 2007, 2008, 2010, 2012, 2013, 2014 e 2017) e o Troféu Imprensa 2016 como Melhor Apresentador de Telejornal, entre outras honrarias.

Glória Maria Matta da Silva nasceu no Rio de Janeiro em 1949. Filha do alfaiate Cosme Braga da Silva e da dona de casa Edna Alves Matta, estudou em colégios públicos estaduais.

Em 1970, foi levada por uma amiga para ser rádio-escuta da Globo do Rio. Glória conciliava os estudos da faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) com o emprego de telefonista da Embratel. Na Globo, acabou virando repórter numa época em que os jornalistas ainda não apareciam no vídeo. Em 1971, estreou como repórter durante o desabamento do Elevado Paulo de Frontin, no Rio de Janeiro. Glória trabalhou no Jornal Hoje, no Bom Dia Rio e no RJTV. No Jornal Nacional, foi a primeira repórter a aparecer ao vivo, em 1977. Cobriu a posse de Jimmy Carter em Washington e no Brasil, durante o período militar, também entrevistou chefes de estado.

A partir de 1986, a jornalista integrou a equipe do Fantástico, do qual foi apresentadora de 1998 a 2007. No programa, ficou conhecida pelas matérias especiais e viagens a lugares exóticos. E por entrevistar celebridades como Michael Jackson, Harrison Ford, Nicole Kidman, Leonardo Di Caprio e Madonna. Para o Fantástico, ela viajou por mais de cem países, passando por toda a Europa, África e parte do Oriente. A jornalista cobriu a guerra das Malvinas (1982), a invasão da embaixada brasileira do Peru por um grupo terrorista (1996), os Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) e a Copa do Mundo na França (1998).

Homenageada pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro em 2008 com a Medalha Chiquinha Gonzaga, a jornalista conta que ficou particularmente emocionada ao ser convidada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância e a Juventude (Unicef) para ser uma das apresentadoras do concerto beneficente para a Etiópia (1998). Após 10 anos no Fantástico, Glória anunciou que iria tirar dois anos de licença para se dedicar a projetos pessoais, como a viagem à Índia e à Nigéria, onde foi trabalhar como voluntária cuidando de pessoas em situação de vulnerabilidade social. Nesse período, adotou as meninas Maria e Laura e, ao retornar à Globo, em 2010, pediu para integrar a equipe do Globo Repórter, programa do qual faz parte até hoje.

Formado em comunicação social pela Faculdade Estácio de Sá, Leslie Leitão tem a sua trajetória profissional ligada a veículos sediados no Rio de Janeiro. Nascido em 1977, ele começou a carreira na editoria esportiva, em 1996, sendo repórter da (extinta) agência Sports Press. Aos 19 anos, chegou ao diário *Lance*. Mais tarde, se transferiu para os jornais *Extra* e, depois, *O Dia*.

Entre suas principais reportagens nas áreas de esportes, onde ficou por oito anos, está o caso do assassinato da modelo Eliza Samudio pelo ex-goleiro do Flamengo Bruno Souza, que Leslie foi o primeiro a noticiar. Sobre o caso, Leslie escreveu, em parceria com os também jornalistas Paulo Carvalho e Paula Sarapu, o livro *Indefensável: o goleiro Bruno e a história*

*da morte de Eliza Samudio*. Outra reportagem de grande destaque foi sobre Eurico Miranda e a caixa preta do futebol, publicada pelo *Extra*, que concorreu ao prêmio Esso, em 2001. Com André Hippertt, Alexandre Freeland e Ana Miguez, Leslie Leitão, com o trabalho *Faroeste Carioca*, publicado no jornal *O Dia*, ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo em 2010. Ele foi ainda finalista ao Prêmio Esso, categoria regional 3, em 2007, com o trabalho *Memórias do cárcere*, publicado no jornal *O Dia*. Desde 2017, Leslie trabalha na TV Globo, no núcleo de jornalismo investigativo.

A ligação de Leslie Leitão com o jornalismo começou antes mesmo do ingresso na faculdade e na redação do diário *Lance*. Ele é filho de Sergio Leitão, profissional que, entre outras atividades, cobriu quatro Copas do Mundo, viajou por mais de 70 países e foi o responsável por noticiar ao mundo a prisão de Ronald Biggs, ladrão inglês que ficou famoso por conseguir fugir para o Brasil após assaltar um trem pagador. Com mais de 50 anos dedicados a relatar os fatos na imprensa, Sergio Leitão morreu aos 69 anos, em julho de 2015.

Gaúcha de Ijuí, nascida em 1966, Eliane Brum é jornalista, escritora e documentarista. Trabalhou 11 anos como repórter do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, e 10 como repórter especial da revista *Época*, em São Paulo. Desde 2010, atua como *freelancer* e faz projetos de longo prazo com populações tradicionais da Amazônia e das periferias da Grande São Paulo. De 2009 a 2013, foi colunista do *site* da revista *Época*. Desde 2013 tem uma coluna quinzenal, em português e espanhol, no jornal *El País*. É também colaboradora do jornal britânico *The Guardian*. Publicou seis livros – cinco de não ficção e um romance –, além de participar de coletâneas de crônicas, contos e ensaios.

Entre eles, destacam-se a *Coluna Prestes: o avesso da lenda* (Artes e Ofícios, 1994), pelo qual recebeu o Prêmio Açorianos de autora-revelação. Eliane refez, 70 anos depois, a marcha de 25 mil quilômetros da tropa rebelde pelo país, entrevistando 100 pessoas que testemunharam a passagem da Coluna Prestes por povoados e cidades do Brasil. Em *A vida que ninguém vê* (Arquipélago Editorial, 2006), Eliane conta pequenas histórias reais sobre o que chama de “desacontecimentos” e sobre pessoas que jamais virariam notícia na pauta convencional do jornalismo, mostrando que toda vida é habitada pelo extraordinário. A obra foi reconhecida com o Prêmio Jabuti 2007 de melhor livro de reportagem. Em *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*, Eliane escolhe dez grandes reportagens e conta seus bastidores – dilemas, medos e até mesmo seus erros, vividos no processo do fazer jornalístico.

Como jornalista, Eliane Brum ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem, como Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Líbero Badaró, Sociedade Interamericana de Imprensa e Rei de Espanha. Em 2008, recebeu o Troféu Especial de Imprensa ONU, “por tudo o que já fez e vem realizando em defesa da Justiça e da Democracia”. Foi três vezes reconhecida, em votação da categoria, com o Prêmio Comunique-se. Por cinco vezes ganhou o Troféu Mulher Imprensa. Recebeu três vezes o Prêmio Cooperifa, “por ajudar, com suas ações, a construir uma periferia melhor para viver”, e o Prêmio Orilaxé, do grupo AfroReggae, concedido a pessoas e entidades que, com seu trabalho, têm conseguido “mudar a realidade, melhorando a qualidade de vida das pessoas e do planeta”.

Nascido na Itália, Elio Gaspari chegou ao Brasil em 1949 em companhia de sua mãe Anna Giacchetti. Começou a carreira jornalística no semanário *Novos Rumos*, e depois foi auxiliar do colunista social Ibrahim Sued, passando a seguir por publicações de destaque, como o *Diário de São Paulo*, a revista *Veja* e o *Jornal do Brasil*. É colunista do jornal *Folha de S.Paulo*, jornal diário de São Paulo, onde está radicado, tendo seus artigos difundidos para outros jornais, entre os quais *O Globo*, do Rio de Janeiro, *Correio do Povo*, de Porto Alegre, *O Povo*, de Fortaleza, e *A Tribuna*, de Vitória.

Em seus artigos, trata com ironia as personalidades. Para tanto, lança mão de personagens como Madame Natasha, professora de português que “condena a tortura do idioma” e vive concedendo “bolsas de estudo” àqueles que se expressam de modo empolado. Já Eremildo, o idiota, é uma sátira aos que usam indevidamente o dinheiro público. Dono de consagrada carreira no mundo jornalístico, publicou uma série de cinco livros sobre a ditadura militar brasileira, dividida em duas partes, as *Ilusões armadas* e *O sacerdote e o feiticeiro*. Importante documento desse período histórico do Brasil, Gaspari havia em 1984 iniciado suas pesquisas a partir de uma bolsa de estudos no Wilson Center for International Scholars, cuja temática seria centrada nas principais figuras do período ditatorial: os generais Ernesto Geisel e Golbery do Couto e Silva. Embasado em documentos pessoais de ambos, a obra deslinda os bastidores do regime militar que por duas décadas mergulhou o Brasil no regime de exceção.

São, portanto, perfis bastante diversos, com capital social distinto e espectros sociais, educacionais e familiares diversos, ressaltando a importância da ênfase na trajetória individual. São pessoas comuns que ingressam no jornalismo por variados caminhos. São posições e situações de classe peculiares, o que nos permite pensar que nas décadas de 1960/70, quando ingressaram na profissão, o capital cultural dominante e importante eram as textualidades

produzidas e não a situação familiar. Isso indica transformações em função da profissionalização da profissão, há mais de duas décadas.

### 3.1 AS REFERÊNCIAS DAS REFERÊNCIAS

A primeira pergunta da entrevista com os jornalistas abordava a inspiração. Perguntamos o que motivou o entrevistado a fazer jornalismo, quando optou por essa carreira e se ele encontrou o que procurava ao longo de sua trajetória profissional. A intenção era transportar o entrevistado para o que o conectava com a essência da carreira, a origem, ainda não impregnada das experiências acumuladas ao longo de décadas de trabalho. Conhecer essas respostas é uma forma de começar a entender quem é esse personagem referenciado por outros jornalistas e que valores os nortearam na escolha profissional. Também é uma maneira de pensarmos sobre o passado da profissão, já que a maioria dos entrevistados (com exceção de Leitão) tem mais de 50 anos de idade.

Caco Barcellos (2017) considerou a pergunta difícil, mas afirmou que buscou a profissão por um “*desejo genuíno*”, desde a adolescência, de escrever. Contou que não havia intelectuais, escritores ou jornalistas na família, mas que ele gostava de acompanhar histórias de trovadores. Encantado com a técnica, ele contava também histórias, só que em textos, sobre suas andanças pela periferia. Sua fala revela o desejo de literatura, já presente no jovem, que nem sabia o que era jornalismo, mas gostava e queria escrever. Queria contar histórias. É a associação entre jornalismo e literatura presente nas respostas dos jornalistas ao questionário – um valor partilhado com o jornalista-referência.

*Eu saía com meu cachorro vira-lata para descobrir caminhos, lugares, pessoas, e aí na volta eu escrevia. Era muito comum encontrar doentes mentais pelas ruas e eu sempre parava com eles, ouvia, e eles me davam muita atenção e vice-versa, e depois eu escrevia (BARCELLOS, 2017).*

Barcellos (2017) foi convidado para trabalhar em jornalismo enquanto cursava faculdade de Matemática e ainda não vislumbrava a possibilidade de virar repórter. A oportunidade surgiu porque ele escrevia um jornal para o centro acadêmico da universidade e agradou um jornalista da *Folha da Manhã*, de Porto Alegre. Barcellos (2017) diz que com um “*grupo de jornalistas amantes da reportagem*” aprendeu técnicas de redação, de apuração, e, sobretudo, “*a pilha*” de buscar histórias inusitadas, das ruas.

*Eu não sabia que existia essa profissão, de repente eu estava diante dessa oportunidade cotidiana de sair pela cidade conhecendo gente nova, histórias novas e escrever sobre elas. Eu fiquei muito emocionado quando descobri isso e comecei dessa maneira, fortemente emocionado pela chance de correr atrás da história onde ela estivesse e ainda ser pago para isso (BARCELLOS, 2017).*

Barcellos exercia o jornalismo, sem ser jornalista, em um caminho comum a muitos. O desejo de jornalismo se expressava na produção do jornal universitário, como vários da sua geração, como referência de aprendizagem da prática. Essa ideia, que é um valor do “*velho jornalismo*” antes da proliferação das escolas de comunicação, se mantém como marca do início no seu discurso. E o mais importante: a descoberta de que contar histórias era uma prática profissional que, ainda por cima, poderia ser remunerada. É mais do que simplesmente uma visão romântica do início de carreira, é um modo de estar no mundo do jornalismo: a mítica de contar histórias, de “*correr atrás da história onde ela estivesse*”, muito distante de uma prática automatizada, superficial, ou sem envolvimento afetivo.

Ricardo Boechat (2017) tinha uma visão menos romântica em relação ao início da carreira. Ele estava procurando emprego, com 17 anos, não tinha concluído o “secundário” e sabia que exatas “*não tinha a ver*”. Vendia livros e, em uma das visitas para venda, o pai de uma amiga, que “*sabia que ele gostava de política, de discussão, de debater, e que tinha boa redação*” (BOECHAT, 2017), o convidou para uma entrevista no *Diário de Notícias* do Rio, onde trabalhava. Ele disse que começou fazendo “*atividades básicas*”, depois foi gradativamente ganhando funções e, assim, “*estava nesse trabalho há 46 anos*” (BOECHAT, 2017).

É interessante perceber que enquanto Barcellos tem uma visão lúdica sobre suas motivações no jornalismo desde o princípio, Boechat ressaltava motivações mais práticas e apresentava também seu interesse por temas políticos e debates, que não é ressaltado por Barcellos, mais preocupado com o contato com pessoas, com a qualidade literária da profissão. Entretanto, ambos se lançam na profissão “por acaso”, ou seja, não almejavam ou sonhavam seguir a carreira, pouco a conheciam. Tampouco conheceram a profissão graças à formação universitária.

É o caso também de Eliane Brum (2018), que considera que o início da carreira não foi “*muito pensado*”: “*Consigo ver os sentidos quando eu olho para trás*”. O acaso que aparece nas falas, que Eliane particulariza nesta frase, é produto da articulação memorável dos entrevistados. Só quando são instados a lembrar é se que constrói o nexos das suas trajetórias, quando eles precisam achar o ponto nodal onde tudo começou. Assim, o acaso parece ser um aspecto importante para destacar o início de uma outra vida: a vida no jornalismo. É, portanto,



um índice do esforço e dos trabalhos de memória desses jornalistas, para determinar o momento em que tudo começou. Do presente eles lembram e do presente constroem os nexos de sua trajetória como jornalista, ao olhar do presente em direção ao passado.

Eliane conta que desde pequena gostava de escutar histórias, sobretudo da família na zona rural de Ijuí, no interior do Rio Grande do Sul: “*Eu gosto desse lugar, que é o lugar de escuta. Eu acredito que seja do jornalista, que é um lugar um pouco de canto, um pouco fora do quadro*” (BRUM, 2018). A esse aspecto fundamental, Eliane acrescenta outro: o momento em que aprendeu a ler e a escrever, que considera uma grande transformação na sua vida:

*A escrita, a leitura primeiro e a escrita depois, me salvaram de uma melancolia [...]. Sempre tive uma conexão muito grande, desde pequena, com a dor do mundo e eu não sabia o que fazer com essa dor. Desde muito menina eu lembro de cenas que me marcaram muito. O sofrimento das pessoas, da desigualdade que era muito clara na minha cidade, da questão racial, enfim, tudo isso era muito presente na minha infância pelos meus olhos. E eu não tinha como elaborar isso naquele tempo e eu sofria muito. Quando eu passo a ler e ver outros mundos e principalmente quando eu passo a escrever, a poder me expressar, trazer essa escrita, isso me dá uma possibilidade de viver, de quebrar essa [...] melancolia [...]. Mas eu nunca pensei em ser jornalista durante esse período todo. [...] Escrevia, escrevia poesia, escrevia histórias, escrevia, escrevia e lia, o tempo todo. E enfim, o meu primeiro vestibular não foi para jornalismo, meu primeiro vestibular foi para Biologia (BRUM, 2018).*

Mais uma vez, notamos o vínculo com a escrita que todos destacam. São escribas, pessoas que fazem da escrita modos de vida, modos de transformação pessoal e social. Foi também este vínculo que me fez buscar o jornalismo, a escrita como caminho e cura terapêutica. É fundamental reparar como essas figuras eleitas como referência ressaltam esse valor literário e até o papel da escrita como voz das próprias dores e das dores do mundo – o viés poético da profissão.

Eliane fez ainda vestibular para história antes de prestar para jornalismo e começou a estudar nas duas faculdades, mas a princípio não se encontrou em nenhuma das duas. A história lhe parecia “*árida*” e desconectada das “*pequenas subjetividades que sempre foi o que interessaram*” (BRUM, 2018). Já o jornalismo, segundo ela, com pouco acesso à internet na época, não proporcionava muito contato com “*grandes reportagens interessantes*”, “*era um jornalismo muito pirâmide invertida*” e Eliane Brum (2019) diz que “*não via vida*”. Só no fim da faculdade de Jornalismo, quando Eliane começou a fazer estágio, ela conta que um professor chamado Marques Leonam, “*que tinha sido um grande repórter e tinha uma paixão pelo jornalismo e pela reportagem*”, começou a mostrar para ela “*textos maravilhosos*” (BRUM, 2018) e acreditou na jovem estudante.

*A primeira reportagem individual que fiz, podia escolher sobre o que fazer, eu fiz sobre as filas. [...] Todas as filas que a gente entra desde que nasce até morrer. Fiz uma reportagem de filas, que naquela época era um assunto bastante inusitado [...], então eu descobri, aí eu me apaixonei pelo jornalismo, porque eu descobri que o que eu gostava eram essas pequenas histórias, essas pequenas vidas. O que eu depois chamei de “desacontecimentos” era possível (BRUM, 2018).*

Segundo Eliane, uma amiga inscreveu a reportagem em um concurso do jornal *Zero Hora*. Ela ganhou, e o prêmio era um estágio no jornal: “*E aí, na Zero Hora, eu me apaixonei completamente pela reportagem*” (BRUM, 2018). A fala de Eliane é interessante porque remete a uma questão, também tratada por Boechat e Barcellos. A pouca influência da formação no fascínio em relação à profissão. Eliane se apaixonou pela reportagem em estágio, no trabalho, mas não em sala de aula. O valor da escrita, da palavra, tão citado pelos jornalistas entrevistados na pesquisa, também é ressaltado por Eliane de um ponto de vista vocacional. Esta noção da entrada no jornalismo um pouco por acaso, mais marcante ainda nos relatos de Barcellos e Boechat, é algo que parece um pouco distante da fase atual do jornalismo. São raras as possibilidades de acontecerem esses convites inesperados para empregos em redações de jornais, até porque os postos de trabalho estão muito reduzidos. Conseguir viver e trabalhar como jornalista, atualmente, precisa muito mais ser fruto de uma batalha individual. O que mudou com a profissionalização da profissão foi a forma de acesso a ela. Enquanto no passado, alguém sempre indicava, era sempre levado pela mão de alguém, hoje os processos de seleção são outros (cursos dos jornais, processos seletivos em várias partes, programas seletivos). Mas, independentemente dos caminhos para se chegar a trabalhar com jornalismo, podemos pensar se as motivações de ontem e hoje ainda guardam semelhanças.

*Eu poderia ser várias coisas [...] mas não tem nada que eu goste mais de ser do que ser repórter. [...] posso viver várias experiências e estar em vários lugares. Porque eu sou muito inquieta e sou muito curiosa. Algo que eu fizesse a vida inteira, no mesmo lugar, eu acho que não daria para mim. [...] Escrever também é minha arma (BRUM, 2018).*

Mais do que idealizações, observamos aqui vínculos memoráveis com as mitificações em torno da profissão: uma profissão aventureira, inquieta, que desperta a curiosidade. Pelos trabalhos de memória, a jornalista vai construindo também valores míticos da profissão que permanecem como uma espécie de marca do jornalismo. Inquietude, curiosidade, a escrita como “arma” foram valores poucos mencionados pelos jornalistas que responderam ao questionário, na eleição das referências. Esses mesmos valores ao não estarem mais presentes desencadeariam a crise do jornalismo? Esta pergunta poderia até levar a um questionamento se seria a crise do jornalismo também uma crise de memória. Mas, por outro lado, outros

valores históricos permanecem fortemente como referência, como a busca pela verdade, os belos textos, mostrando que a memória ainda resiste, mesmo quando descolada da prática.

Embora não trabalhe mais apenas com produção textual, Glória Maria (2019) também cita a paixão pela escrita como a principal motivação para o interesse no jornalismo, valor compartilhado pelos profissionais que a elegeram como referência. Ela diz que se formou em uma época em que “*o jornalismo era considerado arte*” e ela queria “*melhorar a sociedade através do trabalho*” (MARIA, 2019). Este valor, de paixão pela escrita, norteava a escolha profissional no passado e parece nortear ainda hoje. Mas a ideia, evocada por Glória, de um “*jornalismo arte*” pode parecer um valor do passado que tem estado desgastado no dia a dia corrido do noticiário veloz da internet.

*Eu comecei numa época que o jornalismo não tinha glamour, o repórter não aparecia no vídeo, aparecia em função da notícia. Então, durante anos eu trabalhava e só aparecia a minha mão no ar. Então eu tinha ser alguém pela notícia que eu conseguia. Então eu acho que assim: o que eu buscava o jornalismo? Primeiro, eu adorava escrever. Então buscava ter a possibilidade de botar a minha alma para fora em função da notícia. Então o texto foi a primeira coisa que me levou para o jornalismo [...]. Quando eu tinha dúvida de texto, eu ia pedir ajuda para o Rubem Braga. É uma coisa que hoje não existe mais. Eu fui formada numa época do jornalista em que o jornalismo era considerado arte. E isso é que me levou pra profissão: a possibilidade de eu conseguir melhorar a sociedade através do meu trabalho. Isso é que me faz ser jornalista até hoje (MARIA, 2019).*

Glória ressalta outra questão mítica da profissão: a ideia de que o jornalista produz transformações sociais, tem o papel político de melhorar a sociedade com o seu trabalho. Embora não explicitem de que forma, muitos enxergam no jornalismo esse papel transformador, essa possibilidade de, pela informação, desvendar o que não seria revelado, poder ser um lugar de produção de mutações extraordinárias no mundo. Ou seja, o que as falas dos entrevistados revelam são o que poderíamos denominar valores míticos do jornalismo que constituem a essência da profissão. Glória Maria (2019) diz ainda que foi “*formada numa época do jornalista em que o jornalismo era considerado arte*”, dando a entender que esta qualidade não existe mais, a de um jornalismo-arte.

Leitão tem uma história diferente. Por ser filho de jornalista, a escolha da carreira veio a partir da influência familiar. Ele foi “*criado dentro de redação, desde um ano de idade*” e que o jornalismo era “*uma coisa muito entranhada*” na sua vida (LEITÃO, 2019). Esse tipo de experiência, uma descendência jornalística, era muito comum no começo do século XX, mas se torna cada vez mais rara.

*Com dez anos de idade, papai foi embora do Réveillon para cobrir o Bateau Mouche. [...] Eu frequento a tribuna de imprensa do Maracanã desde um ano de idade. Então, assim, eu ia pra Reuters no fim de semana de plantão, eu ficava lá com ele. [...] Toda a minha formação jornalística, na verdade, ela começa no berço praticamente, entendeu? E, assim, foi a vida inteira. Eu sempre brinco que eu só sei ser repórter. Não sei fazer mais nada, eu tenho pouquíssimas habilidades na vida (LEITÃO, 2019).*

Leitão (2019) se considera “*cara de pau*” e “*devoto de santa perguntinha*”, porque gosta de perguntar “*tudo para todo mundo*”. Essas características, segundo ele, influenciaram sua decisão de buscar o jornalismo como profissão. “*Eu gosto de apurar as coisas, eu gosto de contar histórias, eu gosto de descobrir histórias. E aí... é isso que é um pouco a essência do nosso trabalho, né? Descobrir histórias e contar histórias*” (LEITÃO, 2019), resume. O jornalista como contador de histórias aparece com frequência na fala dos entrevistados, ressaltando uma relação com o viés literário tão apontado e também com certa vinculação com as pessoas, com o humano.

Quando perguntado se acredita que encontrou na profissão o que buscava nesse início, Leitão (2019) diz que seria injusto reclamar de qualquer aspecto da profissão.

*Minha mulher não é jornalista. E, assim, no início foi muito difícil ela compreender o meu ritmo de trabalho. Jornalista, assim como o policial, o médico, são profissões que o cara é 24 horas aquilo, né? [...] Eu não fico chateado se alguém me liga com alguma informação a qualquer hora do dia, entendeu? [...] Eu sou muito realizado, eu gosto, eu adoro o que eu faço. Eu indico... Já indiquei mais, né, pra estudante que sonha em ser jornalista. É uma profissão que eu acho que não tem nada igual. Eu sou absolutamente realizado na minha profissão. [...] Então, assim, meu grande combustível diário não é prêmio, não é nada. É “pentelhar” os outros, saber que eu tô descobrindo alguma coisa, tentando ajudar em alguma coisa, mostrar uma realidade pra sociedade, entendeu? Porque são muitas coisas que são escondidas (LEITÃO, 2019).*

Leitão trata de uma temática, a ideia de “*ser jornalista 24 horas*”, que ganhou destaque depois da massificação das redes sociais. Muitos jornalistas se queixam hoje de “uma carga horária” extenuante devido ao contato digital, mas é importante traçar algumas distinções. A possibilidade de estar sempre conectado, sem uma divisão clara entre o horário de trabalho e o de lazer, é uma realidade em muitas profissões e notadamente no jornalismo, que se relaciona tanto com a circulação de informações no ambiente digital na atualidade. Como explica Sodré (2002), a presença permanente na rede gera uma condensação da temporalidade no presente e uma indistinção entre o tempo do trabalho, do lazer e da formação. Mas aqui os entrevistados falam de outro aspecto. Ser jornalista 24 horas não tem a ver necessariamente com trabalhar mais. É ser jornalista o tempo todo, estar numa atitude de jornalista todo o tempo. É mais uma construção importante em torno da profissão que sempre existiu, como um dos parâmetros idealizados da profissão. O jornalismo como missão e que, portanto, não pode ser governado

por parâmetros comuns. O sujeito é jornalista durante todo o tempo, ele tem uma missão, um olhar diferenciado em relação às coisas do mundo. Ele presta atenção no que pode ser “pauta”, no que está fora do comum no cotidiano. É uma postura.

Outra condição apontada por Leitão como estímulo para o começo da carreira, a de o jornalismo possibilitar denúncias, descobertas de temáticas escondidas, elucidações de casos mascarados, sendo diretamente relacionada com os valores que circundam a reportagem. Leitão se parece mais com Boechat neste sentido e reforça um valor ainda muito citado pelos jornalistas que responderam ao questionário: a importância da reportagem, da investigação, da apuração.

Nesse bloco temático que se relaciona com o passado do grupo, também foi perguntado aos entrevistados se tinham alguma referência na profissão. O interesse era conhecer os personagens que também para eles se constituíam em símbolos da própria profissão. O objetivo também era perceber se o perfil do escolhido e as motivações estariam mudando de uma geração para outra. A investigação indicaria transformações na trajetória da profissão. As referências para as referências podem mostrar as transformações na profissão personificadas na escolha de símbolos? Por que esses símbolos foram escolhidos? Que valores eles evocam? São os mesmos? Se são os mesmos, o que revelam? Se são outros, o que revelam?

Barcellos (2017) citou como inspiração seu chefe de reportagem no primeiro emprego, aquele que lhe deu “*os primeiros caminhos de técnica, comprometimento com a precisão jornalística*”. O jornalista também mencionou, no fim, rapidamente, jornalistas e escritores famosos que admira, como Gay Talese, Truman Capote, Jack London, Hemingway e Gabriel García Márquez – todos representantes do *new journalism* dos anos 1960 e escritores jornalistas. A afirmação aponta novamente para vínculo entre jornalismo e literatura. No caso brasileiro, esse vínculo é muito forte, e parece não ter havido uma ruptura mesmo com a profissionalização e a automatização pretendida da profissão. Os vínculos com a literatura permaneceram, até mesmo na fala sobre eles mesmos.

*Era tempo da ditadura, o DOPS impedia qualquer aproximação nossa, inclusive do prédio, e ele [Carlos Alberto Kolecza] dizia “sempre há uma porta”. Eu lembro que fui tentar fazer uma apuração lá, de um sequestro. As forças de retenção haviam sequestrado um jovem. Eu disse a ele que consegui bater em quatro ou cinco portas em um prédio de cinco andares e absolutamente todas estavam fechadas. Quando consegui falar fui mal recebido, bateram a porta na minha cara, falaram coisas ostensivas, incomodados com a minha ousadia de simplesmente perguntar sobre o suposto sequestro. Eu voltei para a redação fracassado, cinco tentativas, um dia inteiro insistindo e não consegui. Eu falei pro Kolecza. Ele disse: “Eu não acredito, o dia inteiro e não consegui por quê? Em quantas portas você bateu?”. Eu falei: “Cinco portas eu bati”. E ele me disse: “Pois é, eu acredito que sejam 30 portas em cada andar, são cinco andares, 150 portas. E as outras 145? Volte pra lá”. Ai voltei e foram muitos dias, batendo em 145 portas e não sendo recebido.*

*Constrangido, contei pra ele que não fui recebido nenhuma vez, contei do meu imenso fracasso. Ele disse: “É, foi um fracasso enorme, tanto obstáculo, tanta barreira, que a gente tem uma grande história pra contar. Conte a história da dificuldade de conseguir a informação. Tenho certeza que ela existe”. Dicas assim são inesquecíveis... (BARCELLOS, 2017).*

A forma de lembrar de Barcellos (2017) conecta com o ato de contar histórias: “*Era no tempo da ditadura*”, como se ele fizesse da própria história material literário. A partir dessa localização da lembrança ele vai, aos poucos, detalhando a história símbolo de sua iniciação ao jornalismo. O que lhe vem à mente é uma história que desvenda o medo de muitos jornalistas: não conseguir contar a história. As dificuldades também são reveladas no ensinamento que o outro lhe transmite. São gestos memoráveis o que ele faz, ao detalhar cada passo. É como se as lembranças emergissem das imagens que estão ecoando na sua cabeça: as portas que bate e não se abrem, as portas em que bate e recebe do interlocutor um não como resposta. Como principal lição, a partir dessa história, ele destaca a “*insistência*”.

Eu não posso fazer deixar de fazer um paralelo com a situação percebida por mim no dia a dia das redações: há pouco espaço para a insistência, porque existe uma crise de tempo. O tempo para contar uma história. Contar boas histórias demanda tempo, demanda deparar-se com portas fechadas e seguir batendo uma, duas, 145. É muito difícil conseguir esse tempo hoje como repórter. E também contar a história do jornalismo, através destas páginas, foi um esforço enorme de tempo e portas fechadas para mim. Mas é uma boa história. Vale a pena ser contada.

Também é interessante pensar nesse elogio à influência de Kolecza, o “*professor*” da redação, aquele que vê a pauta onde nem o próprio repórter está enxergando, nessas trocas fundamentais no ambiente de trabalho com os mais experientes. Boechat também citou como referência alguém com quem trabalhou, Ibrahim Sued, “*minha escola em colunas de hard news*”.

*Eu integrei a equipe dele, ali eu recebi régua e compasso, citando Gilberto Gil, pros fundamentos para apuração de notícias, o cultivo de fontes, mecanismo, habilidades, extrair a informação da fonte, descobrir a notícia e a fonte certa, ele exigia de forma veemente que eu produzisse 15, 20 notícias explosivas por dia. Então ali foi referência de formação, fui treinando ali (BOECHAT, 2017).*

Para os dois, o treinamento, o aprendizado, se fazia no dia a dia da profissão. O jornalismo é uma “*escola*” da prática. Os mestres são os “*velhos*” jornalistas. Há uma passagem de conhecimento informal no mundo do jornalismo, indicando, naquele momento, a ainda incipiente profissionalização.

Nos tempos atuais, Boechat (2017) disse que admirava Elio Gaspari, “*completo em todos os aspectos*”, “*pela abrangência do trabalho como pesquisador, pelo seu texto, pelo seu estilo, pela sua enorme capacidade de análise, crítica*”. É interessante pensar que Gaspari, referência de Boechat, também estava no grupo dos eleitos pelos jornalistas que responderam ao questionário, mostrando certo alinhamento. Mas, ao fim, Boechat (2017) ressaltou que a principal referência pessoal é Ibrahim.

As falas levam-nos a refletir que, apesar dos pontos distintos nas razões apontadas para o envolvimento com o jornalismo, nenhum dos dois tinha um personagem fonte de inspiração para ingressar na profissão. Ambos ressaltaram como inspirações profissionais com que tinham convivido nas redações. Esse é um valor que permanece, da importância da prática e da troca com profissionais no ambiente da redação, como citado também pelos jornalistas entrevistados no questionário. É importante ressaltar também que o convívio das redações, as trocas e a informalidade do conhecimento adquirido nesses espaços indicam uma tipologia conceitual para a profissão, feita de improvisos, sem maiores políticas de profissionalização na época em que estes personagens ingressaram na profissão. Nos anos 1970, a escola ainda era o jornal.

Também é interessante ressaltar novamente que Barcellos (2017) elogia em seu personagem-referência a pressão pela insistência nas temáticas, pela investigação de um tema enquanto Boechat (2017), por outro lado, citou a capacidade de produção em massa, a eficiência. São dois perfis distintos, mostrando também entre eles há divergências em relação ao que consideram o “bom jornalismo”.

Assim como Boechat e Barcellos, Leitão (2019) cita como referências principais ao longo da carreira, além do pai que o inspirou a buscar a profissão, os profissionais com quem trabalhou em redações. Mas, ao contrário dos colegas, ele se inspirou em outros jornalistas fora do seu convívio pessoal quando escolheu a carreira.

*Um garoto que sai da faculdade, cara, 80, 70, 80% querem ser repórter de esporte. Isso está muito entranhado no jornalismo esportivo, principalmente na minha geração que tinha rádio, tinha os jornais ainda mais fortes. Hoje em dia mataram um pouco os jornais, mas isso foi sempre uma... Eu tinha alguns ícones do jornalismo esportivo para mim que eram... Sempre foram uma referência. E, ao longo do tempo... Eu tinha sonhos, eu tinha sonho de cobrir Olimpíada, guerra e Copa do Mundo. Eram os três sonhos da minha vida, porque eu acho que são exemplos emblemáticos da sociedade. Os dois esportivos, todo mundo quer cobrir esses eventos. E a guerra que é o... São fatos históricos que acabam acontecendo, relatando fatos históricos. É péssimo querer cobrir guerra, é péssimo guerra? Eu também concordo, mas os jornalistas não fazem a guerra, eles vão lá retratar, denunciar atrocidade, mostrar a realidade de um povo massacrado de um lado e de outro. [...] Então assim tinham as referências de jornalismo esportivo, várias. E depois eu resolvi trocar (de editoria) e aí eu tive outras referências (LEITÃO, 2019).*

O comentário de Leitão (2019), de que os jornalistas têm o papel de denunciar atrocidades e mostrar a realidade, mostra essa tendência, ainda forte, a uma idealização da profissão. Ser um bom jornalista significa ter um papel social, denunciar, tentar mudar o mundo, mostrar a realidade. O papel social do jornalista é ser aquele que revela, que denuncia, que cumpre um dever histórico. O jornalista estaria objetivando no fundo inserir seu nome na história. Há, portanto, uma disputa entre esse idealismo, ligado a valores do passado, e a prática atual, que faz com o que a profissão se materialize de outra forma.

As duas mulheres do grupo, Glória e Eliane, também não mencionam referências em relação ao início da profissão. Glória Maria (2019) explica que, quando começou na carreira, os repórteres “*mais poderosos, mais fortes*” eram os de jornal, e ela só “*fez jornalismo de televisão esses anos todos*”. Além disso, os repórteres trabalhavam sem aparecer no vídeo. Outra questão importante para Glória era a falta de referência feminina:

*Primeiro que eu era mulher, negra, de uma família pobre, então eu não tinha em quem eu me espelhar porque não havia outra mulher, não havia outra mulher negra, não havia outra mulher que fosse pobre como eu, então não tive referência, eu tive que buscar meu próprio caminho (MARIA, 2019).*

Nesse aspecto, a contemporaneidade também traz poucas mudanças, pois são raras as mulheres negras à frente das câmeras e quando conseguem esse lugar, não raro são alvo de comentários preconceituosos<sup>3</sup>. Glória não frequentou escolas de referência ou excelência nem tinha familiar ou pessoa próxima no jornalismo, como outros entrevistados. Então teve que se valer de sua própria ação. Ainda hoje, uma mulher pobre e negra não é espelho para jornalistas. Mas Glória abriu brechas. O negro e o pobre continuam não tendo capital econômico, social e cultural suficiente para ser jornalista, em um país de enormes desigualdades. Aos excluídos não é dado nem o direito de ter ídolos da profissão. Na redação integrada do Grupo Globo, em 2019, foi formado um grupo de jornalistas negros, com o objetivo de discutir essa importante segregação e formar um coletivo de apoio mútuo e resistência<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Esse é, por exemplo, o caso de Maju Coutinho, apresentadora do Jornal Hoje, da Rede Globo de Televisão. Ver, por exemplo, Extra (2020a).

<sup>4</sup> A iniciativa, em 2019, começou com um grupo de WhatsApp só para jornalistas negros. Ali, são trocados pautas e personagens, compartilhadas experiências e os participantes se sentem seguros para falar sobre os fatos racistas da redação. Com as demissões ocorridas naquele ano, nove dos 26 membros iniciais saíram do grupo. O objetivo é ser um coletivo para discutir a questão racial, não só com a redação, mas com toda a empresa. Em 2016, os brancos representavam 91% da redação (o percentual provavelmente aumentou, mas o grupo não sabe qual é o de 2020).



Não se pode mais dizer que hoje os repórteres de maior destaque são os de jornal impresso, como mostramos na pesquisa. Quatro dos seis jornalistas escolhidos como referência trabalham ou trabalhavam, no caso do Boechat, em televisão. Assim como os demais, Glória Maria (2019) menciona depois na entrevista pessoas que ajudaram ao longo da carreira, no convívio profissional.

Eliane Brum (2018) também se esquia de dar destaque a possíveis personagens que tenham sido inspiradores, optando por enfatizar que suas maiores lições foram aprendidas com o próprio fazer jornalístico e suas maiores referências são as “*peessoas que contaram suas histórias*”:

*Eu sou muito grata às pessoas que abriram a sua vida, a porta da sua casa e da sua vida para me contar sua história. Porque é a partir delas que eu vou entendendo também o que eu faço e eu vou dando sentido praquilo que eu faço. [...] Todas as pessoas têm voz, mas aqueles cuja voz não é escutada, os esquecidos, os párias, aqueles que estão à margem da narrativa. São pessoas muitas vezes que fazem literatura pela boca, assim. Esse contato com a linguagem criada por tantas pessoas, por esses tantos Brasis, assim, como eles entendem o mundo, como eles contam o mundo, que palavras eles criam para contar o mundo. Isso é talvez um dos meus grandes interesses na reportagem, essa possibilidade de entender como as pessoas contam o seu mundo e que palavras elas inventam para contar seu mundo. Isso é crucial para mim. E isso vai me fazendo refletir e entender aquilo que eu faço. [...] Muitas das pessoas que eu entrevisto elas não escrevem, né? Elas são analfabetas da escrita, né? Mas são pessoas que fazem literatura na linguagem oral. E a linguagem oral é um modo de transição do conhecimento dessas pessoas. Então como é que se escreve sobre isso. Que lugar tem a escrita nisso? Todas essas questões são questões que essas pessoas vão me trazendo. Então eu vou me movendo a partir dos problemas que o próprio fazer da reportagem me traz, o próprio ser repórter me traz, são problemas, questões trazidas por essas pessoas. Então eu acho que são elas as minhas grandes referências (BRUM, 2018).*

A belíssima fala de Brum (2019) traz reflexões marcantes. Eliane quer dar voz a “*peessoas cuja voz não é escutada, os esquecidos, os párias, aqueles que estão à margem da narrativa*” (BRUM, 2019). É a ideia de jogar luz sobre o não dito. E a relação com a literatura aparece aqui novamente carregada de afetividade: “*São pessoas muitas vezes que fazem literatura pela boca*” (BRUM, 2019). A fala mostra o envolvimento com os entrevistados, o amor pela contação de histórias, não só do ponto de vista da própria jornalista narradora, mas do jornalista como ouvinte, uma outra dimensão: a do ouvinte atento, a do observador minucioso, aquele que estabelece vínculos com os personagens. Movimentos extremamente facilitados ou até possibilitados apenas pela presença. Outro aspecto que merece destaque é o fato de que Eliane diz que se “*move*” a partir “*dos problemas que o próprio fazer da reportagem me traz*” (BRUM, 2019), ou seja, ela não é escrava de uma ideia pré-concebida da pauta ou do lide, ela segue um percurso aberto de investigadora.

É interessante pensar que essa falta de referências coletivas é estável, relatada tanto pelos jornalistas que entrevistamos mais profundamente quanto pelos participantes da enquete, que está presente na quantidade de respostas para a pergunta. Embora os valores inspiradores, em grande parte, continuem os mesmos, sempre foi difícil para os jornalistas, enquanto grupo, egerem personagens que sintetizassem essas características. Talvez por ser um grupo heterogêneo ou, no caso atual, pela crise de admiração da profissão. Além disso, três dos jornalistas entrevistados, Barcellos, Boechat e Glória, ressaltam as referências encontradas ao longo da trajetória profissional, elogiando a importância do convívio em redações. Aparecem como unidade entre os jornalistas os encontros do início de carreira, a admiração pela experiência, nesse momento de ingresso na profissão. Jornalismo é uma categoria forjada composta de pessoas díspares, com vidas diversas, não há homogeneidade e isso se destaca quando são instados a falarem das referências ao passado. Mas como homogeneidade entre eles em relação a esse passado comum aparece essa ligação com o aprendizado e os ensinamentos adquiridos no ambiente das redações.

Havia um conflito, nos anos 1980 e 1990<sup>5</sup>, de “antigos” e “novos” jornalistas – os “antigos” sendo os profissionais mais “críticos”, e os novos, egressos dos cursos de Jornalismo, os mais “acríticos”. Como salientou Bergamo (2011), a principal acusação era de ausência, nesses profissionais, do capital simbólico próprio ao jornalismo: a trajetória na profissão, que era avaliada como experiência insubstituível. Nos anos 1980, esses egressos dos cursos de Jornalismo não representavam uma ameaça. Preenchiam diversas funções técnicas – subordinadas – e, nelas, podiam ser vistos com bons olhos até pelos mais experientes. Mais atualmente, porém, eles passaram a representar uma evidente ameaça. Posições de comando, que antes eram ocupadas pelos mais experientes, passaram a ser ocupadas por esses egressos aos quais os mais antigos na profissão precisam se submeter. Há uma significativa mudança nas relações de poder no interior do jornalismo. Nota-se, no momento atual, a perda de importância do papel do editor, como já enfatizamos. Cabe ao editor muito mais a tarefa de editar o conteúdo que é publicado no material impresso, que perde cada vez mais valor, potencial de venda e importância no interior das redações.

As múltiplas funções desempenhadas hoje por jornalistas se afastam daquela que é entendida como a definição clássica para a profissão: a reportagem. Não é mais a reportagem, fronteira entre uma memória individual e uma coletiva, a principal definidora da profissão.

---

<sup>5</sup> A rigor esse conflito é mais antigo. Na época da modernização da imprensa, ele também fica evidente. Sobre o tema, ver Ribeiro (2003).

Mas ainda é ela, referenciada como um valor que permanece, que permite ao jornalismo encontrar-se com o passado ao se deparar com a sua própria narrativa.

### 3.2 MEMÓRIA EM GRUPO

Na etapa final desse momento da entrevista, em que o passado constrói as teias narrativas dos entrevistados, unindo-os e afastando-os de valores que perpetuam a própria memória do grupo, perguntamos se acreditam que os jornalistas hoje são ligados à memória, à história da profissão, ou seja, se aprendem com as lições históricas que o próprio jornalismo fornece. Todos os entrevistados não reconheceram essa valorização como construtora de exemplos perenes para a história da profissão. A maioria defende que há abalo na noção de grupo. Também já suspeitávamos desse movimento, ao perceber o número grande de citações a personagens-sínteses da trajetória do grupo e valores elencados pelos 103 jornalistas que responderam ao questionário. Havia, a rigor, pouca coesão nas respostas. Caco Barcellos (2017) acredita que a noção de grupo foi abalada pela decisão de que para ser jornalista não seria mais necessário ter diploma. Na sua opinião, a não obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão “*abalou o desenho de categoria, ficou aberta, líquida, imprevisível*” (BARCELLOS, 2017). O aspecto específico da perda do diploma o preocupa<sup>6</sup>, e na nossa avaliação pode ter influenciado no enfraquecimento da memória coletiva deste grupo. Barcellos (2017) enfatiza outras características, como a questão do individualismo, abordada por nós no contexto da discussão sobre a pós-modernidade.

*Hoje há um eumismo em todas as classes, nas profissões, nos grupos. É um foco muito maior na identidade, em um grupo, se é progressista, conservador. “Eu sou do grupo das mulheres negras, dos transexuais”, cada um trata de lutar por suas categorias, só que mais por identidades do que dentro do conceito de luta de classe. Não há muito essa ideia de “todos juntos somos mais fortes”, há uma propagação do individualismo, ‘eu posso tudo’” (BARCELLOS, 2017).*

Boechat (2017) enfatizou uma perspectiva histórica ao analisar a temática da memória. Ele diferenciou o papel do jornalista do de historiador e reduziu a importância dessa pretensão por parte do primeiro. Abordou ainda, novamente, a questão do monopólio da informação perdido.

---

<sup>6</sup> Esse é um assunto complexo que mereceria uma reflexão mais aprofundada, mas não entraremos no mérito da questão por achar que foge ao escopo da tese.

*Vamos imaginar o seguinte cenário: a história do mundo contada pelos meios de comunicação, ok? Agora, a história do mundo contada pelo mundo. Qual o problema? “Ah, mas aí você pede fidelidade”. Quem disse que a História contada pelos meios de comunicação tem 100% de fidelidade aos fatos? Os historiadores que se encarregam de fazer essa depuração, não é a imprensa que se encarrega disso. Pode até querer fazer, mas não é seu papel. A memória será a soma de todos que contaram alguma coisa, hoje tem muita mais gente contando, é melhor ou pior pra memória? É como dizer que hoje a internet é um perigo porque as pessoas difundem mentiras. Desculpe. Na internet as pessoas difundem mentiras, mas difundem verdades, na internet as mentiras, já que todos estão acompanhando também as verdades, tendem a ser desmascaradas muito mais rápido, a sobrevida da mentira, embora seu efeito instantâneo seja decisivo, é menor, o que jamais foi. Hoje são desmascarados muito mais rapidamente, reclamar da internet é choradeira de quem detinha o monopólio da mentira e da verdade. O que houve foi o fim do monopólio da mentira. Hoje fala a verdade quem quer, mente quem quer. Antes mentiam os que podiam, falavam a verdade os que podiam, os outros ficavam ouvindo. Agora todo mundo fala, eu acho ótimo (BOECHAT, 2017).*

Nesse aspecto, defendeu que a história do mundo se beneficia com uma profusão maior de registros e memórias compartilhadas, que criariam a possibilidade de mais fontes. É uma discussão interessante, mas é preciso questionar até que ponto essas memórias e falas diluídas nas redes sociais de fato se transformarão em registros históricos futuros, a não ser que incorporadas pelo registro hegemônico, já que a relação entre memória e poder é indiscutível.

Blanchard e Veyrat-Masson (2008) defendem que esse “reino de instantaneidade” das tecnologias digitais abre novo espaço para o arquivamento, a difusão e a conservação dessas memórias que, muitas vezes, tinham conflitos inéditos no espaço público. A internet permite o cruzamento das diversas memórias, com cada indivíduo ou coletivo podendo expor a sua visão. A memória passa por alterações e modificações, como mudança da memória coletiva para a conectada, conforme a *new memory ecology* descrita por Neiger, Meyers e Zandberg (2011) e Hoskins (2011). Nesse novo ecossistema, a relação entre mídia e memória é também transformada, demandando discussão sobre uma possível mudança de paradigma sobre o que se considera como memória mediada. Hoskins (2009) denomina esse processo de memória possibilitada pelos arquivos digitais de *memory on-the-fly*, uma versão da memória que preserva seus momentos anteriores, emergindo, acumulando e adquirindo novas características. Palacios (2010) defende que a sociedade nunca se ocupou com os processos de rememoração como atualmente, pois a memória se torna cada vez mais fácil e rápida de ser acessada, especialmente nos arquivos jornalísticos já digitalizados. Essa perspectiva aparece de maneira tão predominante que a memória é um dos aspectos do jornalismo digital mais enfatizados, em relação às produções jornalísticas em outros suportes. Segundo o autor, ela passa a ser definida como múltipla – devido à possibilidade de acesso aos diversos formatos midiáticos – instantânea – por ser acessível pelo produtor e pelo leitor rapidamente por meio dos links – e cumulativa – haja vista sua facilidade e baixo custo de arquivamento.

Entretanto, a internet sofre com a mesma concentração de grandes corporações midiáticas que existem no jornal impresso, na TV e no rádio: bolhas na internet de perfis e informações não favorecem o espaço de trocas, a ampliação de vozes e acesso à informação. Google e Facebook aparecem como potentes distribuidores de informação e também administradores dessa memória digital. Ou seja, não é certo que essa profusão maior de registros e memórias compartilhadas faça com que a memória coletiva tenha, de fato, mais fontes.

Boechat (2017) ressaltou ainda a memória nas próprias práticas jornalísticas, pois considerou a cultura, a informação e as referências importantes para a “bagagem” profissional, valor também citado pelos jornalistas que responderam ao questionário. “*Alguém que leu mais sabe mais, faz mais conexão, está mais gabaritado para qualquer coisa*” (BOECHAT, 2017), resume. Porém, defendeu que há um sentimento de grupo “*em processo de extinção*” devido a essa perda de monopólio que ele enfatiza:

*Tinha a classe dos charreteiros no século 19, isso sumiu. Durante os anos 70, você tinha grandes espaços dedicados ao turfe, colunas, coberturas, depois o turfe foi perdendo relação com o público mais jovem, acabou, não tem jornalista, coluna, mais nada sobre turfe. Essa categoria está em processo de extinção no sentido de deter monopólio sobre a narrativa histórica, isso dançou (BOECHAT, 2017).*

Glória Maria (2019) destaca a dinâmica temporal acelerada da contemporaneidade para explicar por que acredita que os jornalistas atualmente não se conectam mais a uma memória da profissão. E destaca o papel das novas tecnologias, que tirariam o interesse, de forma geral, da história e da “verdade”, como já abordamos anteriormente.

*Eu acho que hoje as coisas estão mudando tão rápido, tão rápido. O que você tem de cinco anos atrás já não é mais referência, então essas novas tecnologias fazem você olhar pra frente, mas sem você ter um calço na História. Porque pra você ter uma conclusão, você tem que ter elementos anteriores e hoje não acontece muito, tudo é baseado no Google, na Wikipédia. Então hoje as informações são totalmente erradas. Eu por exemplo na Wikipédia tenho dez anos a mais de idade e nasci numa cidade do interior na Bahia, quando eu sou carioca. E isso é registrado e repetido eternamente, não tem como você consertar. Então acho que o risco hoje é de você fazer um jornalismo baseado em versões, e não em fatos, entendeu? (MARIA, 2019).*

Para Leitão (2019), a falta de ligação com a memória da profissão se relaciona com a pouca presença de profissionais mais experientes nas redações, como já mencionamos. Na opinião dele, este pouco convívio com jornalistas mais velhos empobrece o exercício profissional. O fenômeno é fruto das recorrentes demissões em massa, que tendem a atingir

com mais frequência os profissionais mais experientes em função de possuírem os maiores salários.

*É uma lástima cada vez as redações terem menos cabeças brancas. Porque eu tive muito essa aula. [...] A minha geração ainda pegou muita cabeça branca e ali você tem aulas diárias, cara. Eu me lembro de um caso n'O Dia, por exemplo, que é um caso pra mim emblemático, já até falei em palestra isso, do Mesquita, que era um fotógrafo, que era um cara meio mago, era bem quieto, falava pouco. E teve um menino que foi morto, parece que por engano numa operação policial, na favela da Kelson's, e aí teve uma chamada. Tem que chamar um fotógrafo, aí veio o Mesquita. E o Mesquita quando chegou lá, ele quieto lá, fez as fotos dele, deu uns 40 minutos, aí eu tava indo embora, "vambora, vambora", aí ele falou assim "só um segundinho, só um segundinho", aí eu falei "tá bom". Aí eu fiquei no bar esperando um pouco e quando a imprensa inteira foi embora, ele me chamou. Ele falou "vem aqui, vou te mostrar um negócio aqui". E aí ele me levou numa casa em que tava uma senhora que tinha perdido 13 filhos. Era, na verdade, a mãe desse garoto. Ele tinha achado. E ela tinha perdido 13 filhos na vida. E isso era uma história inacreditável, a matéria mudava completamente. [...] O cara tinha um outro olhar, ele tinha outra cabeça. Ele tinha muito mais experiência. Então o cara me puxa ali pra me dar a história que eu não tava enxergando, entendeu? Isso aí falta muito nas redações. A história, a nossa história é meio atropelada. As pessoas não... Poucos se interessam no fundo, no fundo. [...] de fato os mais velhos acabaram sendo cada vez mais raros nas redações. E isso faz com que a história se perca um pouco pros mais novos, pros mais novos contarem... cara, eu sempre fui um apaixonado pelas histórias. Simplesmente sentar e ouvir, entendeu, um jornalista com milhões de coisas pra contar. [...] Isso é aula, né? Isso você não aprende na faculdade, entendeu? [...] É aula, é muito mais aula do que uma coisa didática de quadro negro, entendeu? Lugar de repórter é na rua (LEITÃO, 2019).*

A bela metáfora de Leitão (2019) traz-nos muitas possibilidades de reflexão: não há cabeças brancas na redação. Esses ensinamentos transmitidos a partir da prática, um processo tão valorizado pelo jornalista historicamente, está se perdendo hoje. Este outro olhar, da experiência, que se perde não só pela redução efetiva dos postos ocupados por pessoas mais velhas, mas também pelo modo de produção que não favorece a troca. Cada vez mais solitário na produção do texto, em função da agilidade demandada, este repórter jovem apura da sua mesa, muitas vezes só a partir de ferramentas digitais, e posta a matéria no *site*, sem ter troca alguma com profissionais mais experientes em todo o processo. "*Lugar de repórter é na rua*", opina Leitão (2019), mas o jornalista troca cada vez menos: longe da rua e longe da experiência, mesmo dentro da redação.

Os entrevistados destacam essa paixão pelas histórias e ressaltam que o jornalista é um grande contador de histórias. Isto também pode ser pensado nessa relação do jornalista com a própria profissão. Sempre foi uma prática do jornalismo as rodas de conversas sobre os "causos", as apurações. Os jornalistas mais experientes eram estes contadores de histórias sobre a própria profissão.

Todos os entrevistados ressaltam esse amor pelas histórias. Há uma memória individual que vai nutrindo uma memória do grupo. Podemos perceber isto nas falas. Princípios, valores,

aspectos, imagens são recorrentemente construídas por cada um deles como se falassem em uníssono: são argumentos que se repetem construindo o grupo, sua memória, seus valores, ou seja, um lugar de fala comum da profissão de tal forma que podemos falar de uma memória dos jornalistas como grupo. Esses que foram distinguidos são, de certa forma, os porta-vozes dessa memória.

Eliane também lembrou da importância do convívio com profissionais mais experientes na sua própria prática profissional. “*Eu comecei numa redação que foi a Zero Hora em 1988. Eu era uma foca completa. E aí eu aprendi muito com os repórteres mais velhos lá*” (BRUM, 2018), lembrou. Para Eliane, essa “*cadeia de transmissão*” de conhecimento das práticas jornalísticas está sendo interrompida, como um ciclo que tende a se encerrar. E neste processo, muito conhecimento se perde.

*Quando me tornei mais velha e mais experiente, eu tentei ser isso pras pessoas que tinham interesse em ter alguém que fosse referencial. Porque a gente... Eu mesmo hoje com 30 anos de profissão, eu tenho um montão de dúvidas que eu vou discutir com meus amigos, jornalistas e tal, pessoas que eu confio. [...] Então tinha esse papel de transmissão do conhecimento, que os mais velhos respeitáveis poderiam ensinar os mais novos. Isso foi importante pra mim e acho que foi importante pra várias gerações. E, hoje, com a precarização das redações, essa figura desapareceu. Então essa cadeia de transmissão, ela foi interrompida porque os altos salários em grande parte foram demitidos. [...] E se contrata, em geral, pessoas menos experientes que vão ser a carne mais barata. E aí quem ensina pras pessoas? Tem cada vez menos gente pra cobrir mais coisas (BRUM, 2018).*

Podemos pensar também sobre um possível dilema entre valorar o conhecimento dos mais velhos ou se chafurdar nas novidades: um conflito geracional. Os mais jovens hoje tenderiam ainda a valorizar a experiência dos mais velhos? Ou acreditam que têm habilidades, como agilidade, praticidade, domínio sobre tecnologias, que os mais velhos não têm, e que para eles são mais importantes?

Eliane Brum (2018) manifesta preocupação com o “*fim das redações*”, decorrente do encerramento de atividades de empresas e de vários produtos. O sentimento de pertencimento é um dos pilares da construção do grupo. A identidade também é composta da continuidade do grupo no tempo e da sensação de coerência e unidade.

*E eu continuo achando que redação é muito importante. [...] Acho que a gente precisa inventar outros modos de estar juntos hoje e fazer jornalismo. Mas cada um tem que se virar enquanto as coisas estão dessa maneira. A gente tem que se virar. A gente hoje não tem mais essa possibilidade que era, de certo modo, cômoda, que tinha um caminho, que já era o caminho. Tu vai, se forma, tu vai pra uma redação, tu vai trabalhar, tu vai brigar dentro da redação, blá blá blá. Hoje a gente tem que inventar um jeito de poder ser jornalista. A gente faz parte dessa criação, a gente é protagonista na criação, diante dos desafios que a gente tem. E isso aumenta nossa responsabilidade também. É o que eu tenho tentado fazer na minha pequenez (BRUM, 2018).*

Eliane destaca aqui a questão da criação num duplo sentido que mereceria também ser citada: “*Hoje a gente tem que inventar um jeito de poder ser jornalista*” (BRUM, 2018). Em um contexto de esvaziamento das redações, o jornalista precisa criar não só os textos, as produções jornalísticas em geral, mas também a própria maneira de ser jornalista, de viver disso, a partir de um viés empreendedor.

### 3.3 CAMINHOS E TRAJETÓRIAS

Quando perguntamos aos entrevistados o que eles percebiam como mudança na profissão e na prática profissional, desde o início da sua trajetória como jornalista, quase todos falaram sobre os desafios impostos pelos novos “concorrentes” *online*, como as crises de mediação e de credibilidade, além do desemprego. Também falaram sobre uma atual supremacia da imagem, que antes não exigia com tanta força. Eles apontaram como caminhos possíveis o esforço para qualificar cada vez mais os relatos jornalísticos e a importância de assumir um papel de quem separa “as verdades das mentiras”. O objetivo era aproveitar as reflexões dos entrevistados para nos aprofundar, no próximo capítulo, no estudo das transformações pelas quais passa o jornalismo. Incorporamos essas respostas no capítulo que trata do passado, por ser uma análise comparativa do presente sob a luz da história da profissão. Inserimos algumas dessas reflexões ao final desse capítulo como forma de construir uma ponte interpretativa na direção da próxima etapa do trabalho.

Barcellos (2017) menciona imediatamente a chamada revolução digital, considerada vantajosa por permitir melhorias na infraestrutura de trabalho nas redações e o surgimento de outras fontes concorrentes.

*Havia um tempo em que numa guerra deflagrada hoje, você esperaria até meses para saber os detalhes daqueles bombardeios a partir da chegada de um repórter até aquele front. Hoje todo mundo, antes de saber as histórias, já vê a bomba caindo, registrada por aqueles equipamentos todos que a revolução nos trouxe. Já não vejo mais necessidade de correr, como no passado, mas continuo achando que nós somos essenciais porque é hora de não correr, mas de contar melhor. Correr para enfrentar a tecnologia é desigual, nenhuma máquina vai explicar por que estão jogando a bomba em tal lugar e não em outro, quais as motivações para jogar essa bomba (BARCELLOS, 2017).*

A observação de Barcellos (2017) sintetiza um argumento que cresce entre jornalistas de que simplesmente narrar o factual não seria o que se espera de um jornalista. Embora essa reflexão ainda pareça ter muitos adeptos, os veículos jornalísticos, sobretudo em seus *sites*, seguem fazendo isso diariamente. A ideia de Barcellos seria, porém, transformar o conteúdo



narrado, de forma que se torne mais interessante para o leitor acessar a fonte de comunicação jornalística, em detrimento de uma alternativa ou amadora. Para ele, o importante seria contar melhor, e não contar primeiro. Esta observação demonstra mais uma vez o valor de narrador (contador de histórias) do jornalista. Não se trata do narrador de qualquer história, mas sim o de uma história singular, por um ângulo preciso, com uma estética narrativa peculiar – algo que seria próprio do jornalismo, mas dentro do já mencionado flerte com a literatura, tão reforçado pelos entrevistados como um valor do jornalismo do passado e do presente.

*Então nesse momento, quando eu digo que nós temos uma função essencial, é essa tarefa de separar o que é notícia relevante, do que é barulho, falsidade, jogo de interesse, campanha quase política embutida dentro da função jornalística, isso é essencial, porque o repórter que vai separar a verdade do barulho. Nós, como jornalistas profissionais, levamos uma grande vantagem, em relação aos comunicadores de redes sociais, e eu torço por eles, para que eles possam viver do trabalho que fazem, são raros os que conseguem. Como nós somos remunerados, temos essa vantagem. Eu posso me dedicar, se necessário, 24 horas por dia numa apuração. Pessoal de rede social geralmente tem um segundo trabalho (BARCELLOS, 2017).*

Esse é um aspecto da identidade jornalística do passado que permanece no presente: caberia ao jornalista ser o instaurador da verdade e da mentira. Barcellos (2017) usa a palavra “*barulho*”, que tem um duplo sentido: remete a informações espetacularizadas e, ao mesmo tempo, que podem ser vistas como mentirosas, já que *bruits* em francês é boatos. Jean de La Bruyère (1847) definiu que “le contraire des bruits qui courent des affaires ou des personnes est souvent la vérité”<sup>7</sup>. Revelar essa verdade seria o papel do jornalista clássico, a partir de sua autoridade moral. Mas se essa verdade é cada vez mais amparada em produtos multimídias, recebidos por intermediação do público, ou seja, quem foi o responsável por descobrir a tal “verdade” afinal? Além disso, todo ideal de “verdade” é sempre amparado em versões.

Lopes (2013) aprofundou-se em alguns aspectos que relacionam a identidade jornalística à dimensão gnoseológica, ou seja, o fato de o jornalista, *a priori*, sempre se reportar ao mundo real, mesmo quando a realidade se enquadra em um mundo virtualizado. Aí se fundariam, segundo a autora, as crenças sobre a verdade jornalística e o papel de mediação. O segundo âmbito do jornalismo seria o político-discursivo, um discurso autorizado e desejado entre público e fatos. A retórica jornalística, de acordo com Lopes (2013), explora a verossimilhança ao mesmo tempo em que busca um estatuto de verdade, através da norma da objetividade, ou seja, na reunião de elementos que esfumaçam o esforço retórico e reverterem o discurso de aparência inquestionável, evidente, lógica. A terceira dimensão do jornalismo tem

---

<sup>7</sup> “O contrário dos boatos que circulam sobre assuntos e pessoas é normalmente a verdade” (tradução nossa).

a ver com seu caráter atual e periódico. Lopes (2013) ressalta que, na época da ditadura, ficaram reforçados os papéis de jornalistas como promotores dos valores democráticos e defensores de garantias individuais e coletivas, porta-vozes desinteressados do bem comum. A busca pela “revelação da verdade” também permitiu a eclosão do jornalista investigativo, que se transformou numa espécie de vigia da sociedade, mediador entre o poder público e os fatos.

O que observamos nas entrevistas é que cada um desses aspectos de conformação dos jornalistas como grupo ainda tem grande relevo. A repetição sistemática desses argumentos pelos jornalistas entrevistados mostra que, para além de serem simples categorias do jornalismo, se constituem como espécies de “cola discursiva”, formando um amálgama conceitual em torno dos padrões de um jornalismo ideal.

Outra mudança citada por Barcellos (2017) é a primazia cada vez maior dada aos depoimentos que tenham imagens ou outros recursos multimídia agregados. Ele nota que os relatos mais valorizados são os que têm essas fontes complementares ou até essenciais para que o jornalista possa conferir “*as provas e ver que a história aconteceu como você está dizendo*”. Barcellos (2017) caracteriza essa mudança como “*sensacional*” no sentido de dotar o jornalista da possibilidade de ter uma prova “*precisa*”, não baseada apenas em um depoimento. Essa fala de Barcellos (2017) sobre a valorização da imagem nos relatos jornalísticos demanda uma pequena digressão para que não deixemos de analisar um fenômeno tão importante no jornalismo contemporâneo que ainda não havia sido mencionado.

A busca generalizada por ser e fazer notícia tem relação com a intenção de tornar algo ou alguém (frequentemente a si próprio) visível. Por outro lado, há que se considerar que a dimensão simbólica do visível tornou-se central nas tecnologias midiáticas atualmente. Os leitores, ao mandarem para os jornalistas fotos e vídeos do que viram para que todos possam ver também, corroboram com a supremacia da visão nos meios de comunicação e na vida, construída há décadas e reforçada pela televisão, o cinema e agora pela internet<sup>8</sup>.

Ver e ser visto estão intimamente ligados atualmente, ao que poderia ser denominado de cibereexistência, que se mistura com a nossa própria existência real. Não basta viver alguma coisa. É preciso que a experiência seja vista por todos nas redes sociais, numa dupla visibilidade, do eu e do eu partilhado<sup>9</sup>. No campo do jornalismo, essa cultura da exposição é muito interessante e atrativa. A oferta de pautas, que não precisa mais de ida a campo, está

---

<sup>8</sup> Sobre o hiperestímulo e a modernidade, ver: Singer (2004).

<sup>9</sup> Cf. Sibilía (2008).

numa vitrine constantemente atualizada e alimentada pelo leitor. Os critérios de noticiabilidade<sup>10</sup> passam a ser governados, sobretudo, pelo olhar, do jornalista e do leitor, a partir de imagens impactantes.

A nossa percepção do mundo e de nós mesmos se dá pela relação com a imagem que o outro cria de nós. E as novas mídias ampliaram o outro genérico e a relação que estabelecemos com o lugar, que se relaciona com a visão expandida que temos de outros lugares. Cada vez mais vemos e nos sentimos vistos por esse outro genérico. Assim, passamos a monitorar e transmitir o que nos cerca, numa eterna interação e vigilância.

Além de o leitor buscar a visibilidade de forma crescente, o senso de responsabilidade da notícia passa a ser dividida com ele. Se ele não filma e não manda, não aparece. O leitor torna-se uma espécie de jornalista de plantão, pronto para vigiar sempre a sociedade e denunciar o que está fora de lugar. Ele espera, então, a aceitação do jornalista nessa tarefa, num diálogo que, não se pode esquecer, é perpassado por relações de poder e pelo enquadramento social do discurso. Alguns fatores atuam seletivamente na configuração do acontecimento noticiável para o jornalista: sua imprevisibilidade, sua repercussão junto ao leitor, sua comunicabilidade e sua atualidade, entre outros (BENETTI; FONSECA, 2010). Também é levada em consideração a capacidade de produzir consensos. Os acontecimentos que fogem à normalidade são midiáticos por excelência e, por isso, frequentemente são os retratados por leitores e enviados para os jornalistas, ou “pescados” por eles na internet.

Os espectadores dificilmente podem olhar alguma coisa sem aplicar um esquema primário, tecendo conjecturas sobre o que ocorreu antes e expectativas sobre o que vai acontecer. Assim como os leitores adotam determinado esquema para interpretar algo e enviam para o jornalista a mensagem carregada com essa informação, por outro lado, o jornalista tem seus próprios esquemas interpretativos, que nem sempre coincidem com o dos leitores<sup>11</sup>. Uma mesma imagem carrega em si diferentes possibilidades de enquadramento e interpretação, tanto na sua produção quanto na sua recepção.

Os observadores projetam ativamente seus quadros de referência sobre o mundo imediato que os cerca. Se o jornalista não vai ao local ou procura um diálogo mais profundo com a fonte, mais difícil ainda é para ele promover trocas entre seus enquadramentos com os dos outros e quem sabe chegar a novos quadros interpretativos. O que ocorre hoje, na valorização apenas da superficialidade visível, é o que o contexto é muitas vezes esquecido. O

---

<sup>10</sup> Sobre critérios de noticiabilidade, ver: Silva (2014).

<sup>11</sup> Sobre o enquadramento tradicional no jornalismo, ver: Traquina (2005).

agora é cada vez mais perseguido, pelo flagrante e o “furo”, sobretudo a partir de imagens. Barcellos (2017) falou das vantagens da facilidade de ter acesso mais fácil a imagens e certamente isto facilita o trabalho jornalístico e traz muitos caminhos e possibilidades. Porém, é importante ter cuidado no trato apressado e superficial de imagens, assim como no caso dos relatos.

Barcellos (2017) fala também sobre a multiplicação de concorrentes e plataformas, como blogueiros e radialistas amadores, destacando, de forma crítica, o papel de humoristas que se comportam como repórteres, mas se escondem por trás da alcunha de um programa de humor para agredir e escapar de retaliações. Menciona ainda como concorrentes os pretensos profissionais de *marketing* (denominados de marqueteiros), que pesquisam e ensinam discursos a seus clientes, para que eles reproduzam o que foi mapeado como atraente para determinada comunidade. Independentemente se de fato pensa ou planeja o que fala, comenta Barcellos (2017), o político está sendo comunicador, “*usando as mesmas plataformas que nós usamos*”. O jornalista cita também os assessores de imprensa, que elegem as informações que vão transmitir à sociedade. Os próprios dirigentes, as fontes das empresas, são definidas por Barcellos como comunicadores que não precisam mais da “*interferência jornalística*”.

*Se ele tiver um compromisso com a sociedade, vai dar as melhores informações, as mais relevantes, mas se não tiver preocupado com isso vai só obstruir nosso trabalho, evitar que a gente chegue perto da verdade que incomoda. Não deixa de ser um concorrente, negativo (BARCELLOS, 2017).*

Mais uma vez Barcellos (2017) trata aqui desse papel de “*investigador e propagador*” de verdades do jornalista, que seria ainda mais dificultado em um ambiente digital, com muitos “*concorrentes*” divulgando informações que podem se tornar armadilhas para o jornalista, por não conterem ou esconderem a tal verdade. Se por um lado ter mais facilidade a informações – e imagens, como ressaltou Barcellos – é uma vantagem, o autor considera que, por outro, essa profusão de informações traz “*cascas de banana*” para o jornalista nas suas práticas, como discutiremos no capítulo em que abordaremos as *fake news*.

Para Boechat (2017), os fundamentos do jornalismo não sofreram mudanças. O papel do jornalista continua sendo apurar e lidar com notícias que “*valem mais quanto a mais pessoas interessam*”. “*O jornalista coleta informações, na pretensão de que são de interesse público, formatamos para que chegue ao público de forma assimilável, compreensível, capaz de gerar reflexão*” (BOECHAT, 2017), resumiu. Aqui aparece mais uma máxima do jornalista: tornar as informações acessíveis para um maior número de leitores, ou seja, o fato de que cabe a ele

definir também o que é de “interesse público”. Todos esses aspectos (aquele que mostra a verdade, que divulga o que é de interesse etc.) conferem características marcantes a uma espécie de denominador comum do grupo, que garantiria a credibilidade junto ao público. Não seria a quebra desses paradigmas a responsável pela construção de uma ideia de crise do jornalismo? Ao se verem diante de tantas ameaças, a crise não seria um discurso reagente dos próprios jornalistas?

Para Boechat (2017), não. De acordo com o apresentador, o que mudou no jornalismo não foram os fundamentos ou valores, e sim “a mecânica”, isto é, as maneiras de fazer. Ele citou mudanças semelhantes como o surgimento do telégrafo, das câmeras fotográficas, das filmadoras, sempre no sentido de “*agregar funções operacionais que agilizaram o trabalho de coleta de informações*” (BOECHAT, 2017). Segundo Boechat (2017), com a internet, essas alterações no que denomina de “*mecânica de produção*”, sofreram “*avanço exponencial e planetário*”, porque ficou disponível “*uma quantidade inimaginável de recursos para a pesquisa e a difusão*”. “*Isso se assemelha às mudanças que ocorreram para um médico ou um dentista, que foram ganhando mais ferramentas, mas sem mudar o fundamento de suas atividades*” (BOECHAT, 2017), resumiu.

De acordo com Boechat (2017), o importante é o que jornalismo deixou de ser monopólio das empresas de mídia e aí estaria, para ele, a explicação sobre uma possível crise do jornalismo. No sentido de ser entendido como coleta e difusão de informações, não é mais um nicho onde transitam só profissionais desse meio: “*Se ele é entendido como coleta de informações de interesse público, ele pode ser feito por tantas forem as pessoas no mundo que tenham celular capaz de gravar, digitar e difundir informações*” (BOECHAT, 2017). Diferentemente de Barcellos (2017), ele não via tão claramente essa superioridade ou primazia da capacidade do jornalista de narrar os fatos em comparação com o amador, através das redes sociais.

*Os jornalistas sempre foram as testemunhas ativas, mas agora a sua vizinha pode testemunhar, gravar, filmar, colocar na rede, ela é a testemunha. O que se preserva como relativa exclusividade é a credibilidade acumulada de alguns veículos, notoriedade que esse ou aquele profissional conquistou ao longo do tempo, como ele é percebido pelo seu meio, pela sua bagagem geralmente ligada a algumas instituições, então ele agrega à notícia da vizinha uma coisa que só quem tem essa trajetória consegue, porque é visto como alguém que tem esse patrimônio, essa credibilidade, pelo público a quem se destina. Mas mesmo essa possibilidade de agregar análise, credibilidade, peso institucional, identidade pública, tende a se pulverizar com a entrada em cena das testemunhas originais, coletores originais, os que estão vivendo na ponta, no instantâneo. Se o cara ao lado do aeroporto testemunha a queda de avião e filma e agrega informações porque está familiarizado com aquela área, viu na lataria do avião o modelo, sabia se ele ia para sul ou norte, se era ponte aérea, como costumam passar aviões ali, tem conjunto de informações que o*

*credencia, se ele quiser fazer a narrativa, tiver condições básicas pra isso, ele esgotou a parte essencial de uma grande notícia sem depender do jornalista* (BOECHAT, 2017).

Tanto Boechat (2017) quanto Barcellos (2017) falaram aqui sobre um aspecto importante da discussão sobre mudanças no jornalismo, que ocupa lugar central nesta tese: a questão do testemunho. A credibilidade, defendida por Muniz Sodré (2009) como o principal capital simbólico do jornalista, sempre decorreu muito provavelmente do lugar privilegiado que o jornalista ocupa como mediador entre a cena do acontecimento e a sociedade global: o lugar da testemunha. Para Boechat (2017), porém, a credibilidade não estaria associada à capacidade de testemunhar do jornalista, e sim à sua trajetória, “*pela sua bagagem geralmente ligada a algumas instituições*”, que daria ao jornalista a capacidade de agregar valor ao testemunho, analisá-lo. Entretanto, para ele, mesmo “*essa possibilidade de agregar análise, credibilidade, peso institucional, identidade pública, tende a se pulverizar com a entrada em cena das testemunhas originais, coletores originais, os que estão vivendo na ponta, no instantâneo*” (BOECHAT, 2017). Ou seja, na visão de Boechat (2017), as testemunhas “desbancam” o jornalista e relativizam seu capital simbólico.

Nesse cenário, o jornalista parece querer abrir mão recorrentemente do lugar do testemunho, delegado ao público, e atuar, como já dissemos, como esse controlador de testemunhos alheios: o jornalismo na Era dos Testemunhos parece fazer do jornalista uma não-testemunha, porque o testemunho se deslocaria para o outro. Boechat (2017) atenta para uma mudança nesse valor histórico, no sentido de o jornalista ter perdido esse lugar de único mediador possível, diante da possibilidade generalizada de divulgação das enunciações.

*Antes ele [a testemunha] via isso e contava pro repórter, hoje ele não precisa desse intermediário. A importância do jornalista de intermediário entre a testemunha e a difusão da informação hoje é quase anulada. Lembrando sempre que esse jornalista, ainda que esteja em função declinante, ele tem alguns elementos que o público não tem, é reconhecido como alguém em que se acredita, faz conexão entre fatos, tem memória, lembra que aquele avião remete ao caso de um outro que caiu em tal lugar em tal ano, enfim, se aquilo se assemelha a outros fatos. O vizinho também pode conseguir isso pesquisando, se ele quiser. Mas a representatividade de seu papel institucional, nesse âmbito, o jornalista conserva* (BOECHAT, 2017).

Mesmo considerando uma perda do papel de testemunha, Boechat (2017) ressalta outro aspecto central nesta tese, a memória, como um trunfo do jornalista. A memória do próprio jornalista, que “*faz conexão entre os fatos*”, e a memória do público em relação ao jornalista, “*reconhecido como alguém em que se acredita*”. Mais uma vez aqui, a noção de verdade: o público se lembra de aquele jornalista é alguém que fala a verdade.

Cabe também fazer um breve comentário, que não poderia passar despercebido em uma tese escrita por uma jornalista. Em uma das últimas entrevistas antes da sua morte, provocada por uma queda de helicóptero em 2019<sup>12</sup>, Boechat (2017) usa aqui como exemplo um acidente aéreo para discutir a importância do jornalista e a força do testemunho. E não foi a única vez que fez isso: mais adiante, na entrevista, ele recorre a esse exemplo.

Diferente dos colegas, Glória Maria (2019) ressalta as permanências, mais do que as mudanças, quando analisa o jornalismo ao longo da sua trajetória profissional. Acredita que mudou a maneira de fazer jornalismo, por causa da tecnologia e dos recursos tecnológicos, mas “*a alma no jornalismo continua a mesma coisa*” (MARIA, 2019). Para Glória, a essência do jornalista é a de ser um fiscal da sociedade, o famoso “*cão de guarda*”, vigia dos acontecimentos que devem ser noticiados para o grande público. Essa é outra mítica que é destacada pelos entrevistados. São os valores duradouros que constroem o capital simbólico dos jornalistas, referendados pelos jogos memoráveis dos próprios jornalistas, fazendo parte da memória do grupo.

*Acho que hoje você tem mais acesso a tudo, mas o jornalismo em si ele não mudou, ele continua com a mesma essência de ser um fiscal da sociedade, de ser realmente um controlador da sociedade, controlador não, acho que um fiscal mesmo. A gente tá para mostrar o que é notícia, mostrar o que está acontecendo no Brasil, no mundo, no planeta, e essa função do jornalista não mudou, ela continua igual (MARIA, 2019).*

Como Boechat (2017), Leitão (2019) analisou o aspecto da credibilidade, mas ressaltando a crise. Para Leitão (2019), as principais mudanças em relação ao passado referem-se à perda de credibilidade, sobretudo por motivações políticas. O jornalista cita como exemplo as críticas recebidas pela imprensa nas coberturas dos governos PT e Bolsonaro. Segundo Leitão (2019), o jornalista tem autonomia para apurar os mandos e desmandos das autoridades sem interferência do veículo onde trabalha. E a força dessa interferência é uma ilusão do público, que acaba acreditando em um jornalista com “*tendência*” ou inclinação a este ou aquele político. É a defesa da capacidade de imparcialidade do jornalismo, que, para Leitão (2019), é um valor que está sendo contestado e afeta hoje de forma mais contundente a imagem do jornalista diante do público.

*As pessoas que pararam de ler e agora ficam colocando a culpa nos erros da imprensa que existem, e ficam dizendo “ah, a imprensa inventou”. [...] As redes sociais transformaram qualquer debate que você tenha na vida, qualquer assunto vira “Fla-Flu”. E o grande “Fla-Flu” hoje é a esquerda*

---

<sup>12</sup> Ver: Rodrigues e Gomes (2019).

*contra a direita. Então qualquer conversa que você tenha acaba caindo nessa seara. Então, por exemplo, as mesmas pessoas que hoje aplaudem a imprensa pelo trabalho que está sendo feito esmiuçando alguns escândalos que surgiram já no governo do Bolsonaro são as mesmas pessoas que passaram 15 anos dizendo que a imprensa perseguia o PT. E agora mudou, inverteu. [...] Se você analisar friamente, tudo o que foi escrito do PT e dos escândalos que envolviam por trás, e que essas pessoas que hoje em dia votaram contra o PT, elas tomaram conhecimento pela mesma imprensa que agora elas criticam por estar alegando uma suposta perseguição ao Bolsonaro. E não é perseguição nenhuma. O jornalista... As pessoas confundem muito isso. Achem que um editor tem uma reunião e chega lá e diz “Olha, não podemos falar mal desse, vamos só falar desse”. Isso não acontece. Meio balela, entendeu? Então, assim, eu, por exemplo, o que eu apuro? Eu apuro o que eu quiser, ninguém me manda apurar determinada coisa. Manda especificamente às vezes, tem uma pauta, tem lá uma pauta do dia. Mas, assim, no meu cotidiano, principalmente nos últimos anos aí de Veja, O Dia. Já n’O Dia que eu comecei a ganhar um pouco mais de musculatura e credibilidade interna, até pro seu chefe acreditar em você, que você não vai à praia. Meu chefe sabe que eu não vou à praia, ele sabe que eu não vou ao cinema. Ele sabe que eu vou estar apurando o dia inteiro. Posso às vezes não trazer nada, sim, acontece. Mas ele sabe que eu tô batalhando por alguma coisa, entendeu? Então, assim, há muita lenda em relação a isso, nego acha que há uma grande conspiração (LEITÃO, 2019).*

Sobre as mudanças, Leitão (2019) também destaca as perdas no mercado jornalístico, a crise econômica na profissão. O desemprego e a precariedade de salários e condições de trabalho são temas que preocupam o repórter, dificuldades que vêm se agravando.

*O que está acontecendo com nosso mercado é uma tragédia, tragédia total. Hoje tem uma penca de excelentes profissionais desempregados ou trabalhando em assessoria, que é uma coisa meio relações públicas. É um auxílio ao jornalismo, na verdade. [...] Tem pouco emprego, os salários são muito ruins. Eu brinco que tem um amigo que não se conforma de eu não ganhar uma fortuna, eu e alguns jornalistas com um tipo de trabalho que às vezes te causa problema, eles não darem fortuna, não botar risco no contrato. Quando na verdade isso não existe no nosso mercado (LEITÃO, 2019).*

Concordando com Leitão, Eliane Brum (2018) aponta que o jornalismo tem vivido uma grande crise, que não é só de modelo de negócios e de financiamento, mas é também de representação. Para ela, o mais importante do jornalismo é a reportagem, que é essencial em qualquer sociedade democrática. “Mas a gente precisa fazer jornalismo de qualidade para cumprir nossa função social. [...] E o que a gente tem visto com todas essas dificuldades, essas crises, que é algo que me angustia muito, é que vastas porções de Brasis não estão sendo contadas” (BRUM, 2018), pondera. É o não dito do qual falamos.

Para Eliane Brum (2018), a mudança que mais impactou sua trajetória foi o advento da internet. Ela vê pontos positivos e negativos na substituição do jornal impresso pelo digital. Na sua opinião, a principal vantagem é a possibilidade de escrever matérias maiores, porque “era penoso que eu não tivesse as páginas necessárias para contar a história do jeito que eu acreditava que devia ser contada” (BRUM, 2018). Além disso, Eliane diz que conseguiu se livrar das disputas políticas nas redações, em relação do que “vira matéria publicada e do que



*não vira*” (BRUM, 2018). Os dois aspectos que ela nomeia como os “*limites do papel*”, referindo-se com a palavra ao jornal impresso. Aqui, nota-se que Eliane discorda de Leitão em relação à liberdade de atuação do jornalista dentro de redações, sem interferência hierárquica: ela se refere a “*disputas políticas dentro da redação*” na escolha do que será publicado (BRUM, 2018).

Na internet, Eliane considera que consegue escrever uma reportagem “*com o tamanho que ela merece ter*” (BRUM, 2018). E destacou também a possibilidade da maior interação com o leitor, que trouxe impactos para o texto, como a preocupação maior com a clareza na transmissão das informações, porque ela pode perceber as dificuldades de interpretação de texto no Brasil.

*Não é que ela (a reportagem) tenha que ser infinita, ela tem um tamanho, que a gente vai ter que descobrir qual é a cada vez. Porque na internet cabe tudo, né? Mas pra mim foi uma grande possibilidade de fazer reportagens, de resgatar as grandes reportagens com a complexidade necessária, as grandes entrevistas. Hoje o entrevistado pode ter espaço pra contextualizar as coisas, tem espaço pras hesitações, tem espaço pras nuances todas, os grandes ensaios. Eu acho que nisso a internet é maravilhosa. E também pra um contato com o leitor que a gente não tinha ideia, né? [...] Isso possibilitou também entender, primeiro alcançar pessoas que eu não alcançava antes, que eu acho que é muito importante. E também entender o tamanho dos nossos problemas de educação no Brasil, as dificuldades que as pessoas têm de interpretação de texto e mesmo pessoas que chegaram à universidade. Eu não sabia, por exemplo, que muitas pessoas não entendiam ironia, por exemplo. Eu precisei mudar um pouco meu jeito de escrever, o que às vezes é um pouco difícil pra mim porque... enfim... porque eu queria escrever de outro jeito, mas pra poder me fazer entender. E eu acho importante me fazer entender. Então tem um desafio que é também escrever simples sem simplificar, né? Manter a complexidade, mas explicar muito as coisas, bem mais do que eu explicava antes quando eu não sabia que os leitores não entendiam ironia, por exemplo, entre outras coisas. Às vezes quando eu vejo meus textos que eram no impresso, nossa, muita gente não entendeu isso que eu escrevi aqui. Mas eu não sabia antes, agora eu sei (BRUM, 2018).*

A análise de Eliane é importante: além de reconhecer o papel de mediador, o jornalista quer atingir, de fato, o público, nem que para isso precise mudar a sua própria escrita. Eliane ressalta a positividade do diálogo permanente com o leitor que as mídias digitais possibilitam: permite a ela conhecer melhor seu leitor e adaptar seu texto, sua escrita, às exigências do leitor (BRUM, 2018). Há sempre um leitor implicado em todos os textos que se produz, mas a internet tornou essa presença mais ativa.

A crise da profissão e da reportagem, destacadas tanto nas falas de Leslie Leitão (2019) como na de Eliane Brum (2018), se relacionam, entre outros aspectos, com as mudanças vividas pelo profissional do jornalismo diante de uma era de ampla circulação de relatos e informações. Para discutir um pouco mais essas transformações, perguntamos aos entrevistados sobre as mudanças sentidas com o uso extensivo de redes sociais, fenômeno que

está no cerne da questão que estamos investigando, conforme veremos no próximo capítulo. Poderemos mapear enfim, com o apoio dos testemunhos, valores e qualidades que mudam e permanecem no Jornalismo na Era dos Testemunhos.

## 4 O PRESENTE COMO TESTEMUNHO

Neste capítulo, refletimos sobre as transformações do jornalismo na contemporaneidade, tendo como enfoque a massificação de informações das redes sociais e a noção de um Jornalismo na Era dos Testemunhos. Estamos explorando, como já enfatizamos anteriormente, múltiplas dimensões do testemunho: o aparecimento e o tratamento dado ao testemunho nas matérias; o jornalismo como testemunha do tempo; e o jornalista como testemunha do presente e de sua própria profissão. Antes de passarmos às respostas dos jornalistas sobre as questões que os inquietam no tempo presente, cabe fazer uma breve análise das mudanças pelas quais passa o jornalismo em função da digitalização da sociedade.

A computadorização faz parte dos processos jornalísticos desde o início dos anos 1980, especialmente depois que empresas começaram a investir em serviços de vídeotexto. Assim como o século XIX relaciona-se às transformações da imprensa escrita e o XX aos efeitos do aparecimento e supremacia da radiotelevisão, o XXI coloca em evidência as plataformas multimídia digitais<sup>1</sup>. A investigação sobre jornalismo digital se intensificou em meados dos anos 1990, à medida que a internet abria caminho nas redações. O autor norte-americano Wilson Dizard, que começou a estudar o tema nos anos 1990, no ano 2000 já apontava na obra *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação* que as transformações no ambiente de comunicação trariam grandes implicações para as carreiras, como a perda da referência do jornal como principal fonte de notícias, opinião e entretenimento do público. Redes sociais como o WhatsApp se transformam nessa principal fonte.

Segundo Deuze, Speers e Blank (2010), as mídias estão gradualmente saindo da vista dos que nela se inserem, havendo uma espécie de desaparecimento da consciência da sua existência. As pessoas crescem rodeadas pela mídia de tal forma que a consideram apenas mais uma parte do ambiente. Esse fenômeno é chamado pelos autores de *media life* (*vida midiática*, em tradução nossa). Já Sodré (2001) explica essa relação de outra forma. A mídia é uma ambiência, uma forma de vida, que ele chama de “bios midiático” ou “virtual”. Trata-se de uma vida como espectro ou quase presença. É real, mas não da mesma ordem da realidade das coisas, é um tipo de representação mais abstrata, espectral, de acordo com o autor. E também uma nova esfera de domesticação do homem particular, onde a vida cada vez mais é apresentada sob sua forma espectral, fantasmática, em sua forma abstrata com relação ao toque.

---

<sup>1</sup> Cf., por exemplo, Barbosa e Mielniczuk (2013).

Deuze (2012) chama a atenção para o fato de que o ser humano hoje tem a impressão de que, assim como faz em seus aparatos tecnológicos, pode manipular a realidade, acelerar, congelar, retroceder, focalizar. A realidade torna-se restrita à maneira como é vivenciada, está o tempo todo sendo construída. Já Sodré (2002) ressalta o aspecto das sensações, o fato de que o homem pode ter relações verdadeiramente satisfatórias no “bios virtual”, sem que elas existam em sentido concreto, tátil. Para Sodré (2002), o bios midiático não se confunde com a realidade vivida de forma inconsciente, como Deuze (2012) sugere. Ele é outra forma de vida.

Os dois autores dedicam-se a estudar esse novo modelo de comportamento e de percepção do mundo, chamando a atenção para a importância de analisar as formas de vida no contexto midiático. As mudanças afetam a vida pessoal e profissional de maneiras diversas. Para Deuze (2012), o indivíduo tem a sensação de controle, que influencia também na forma como ele interage com os veículos de comunicação. Isso é muito importante no caso do jornalismo. Se a realidade é construída, qual seria a matéria-prima do jornalista? A fidedignidade da representação da realidade continua importante para o grande público?

Berardi (2009) ressalta que é preciso competir para sobreviver atualmente, e essa competição demanda uma participação ativa no ambiente virtual, sobretudo pela necessidade de receber e processar ininterruptamente uma imensa e crescente quantidade de dados. “Isso provoca um estresse de atenção contínuo e uma redução do tempo disponível para afetividade” (BERARDI, 2009, p. 44). Nesse cenário, muitos adotariam uma posição de indiferença para lidar com essa sobrecarga de conteúdo. Os jornalistas podem estar nesse grupo, nas suas práticas, e também os leitores, na interação com conteúdo informativo.

O autor definiu essa postura como uma lassitude hedônica, caracterizada pela incapacidade de fazer outra coisa a não ser buscar prazer e completar tarefas, em um relativo estado de inércia mental. A internet diminuiria a habilidade de construir na mente conexões ricas capazes de criar uma inteligência singular. Seguindo essa linha de pensamento, não podemos esquecer que o jornalista tenta adaptar sua rotina de trabalho a um mundo de conversação e circulação de dados contínuas, em tempo real – o que pode causar cansaço e dispersão, entre outras consequências.

Enquanto analisamos o ambiente virtual e seus impactos nos usuários, não é possível ignorar que a mídia tem papel central na circulação de sentimentos. Os usuários emergem numa rede de estímulos e sensações, canalizados de modos específicos. A linha de sensações varia entre entediado e surpreendido.

Para além dos óbvios benefícios da internet (mais informação, arquivos, fontes e dados disponíveis), muitos jornalistas se inquietam com a pressão causada pelo imediatismo da rede e esse leitor sempre conectado. Os assuntos viram notícia muito rapidamente, mas muitas vezes a verificação da informação é difícil devido ao frequente anonimato das fontes. Da mesma forma que ficou mais fácil encontrar determinadas informações, é mais fácil também expor pessoas e marcar suas vidas, sem provas. Uma foto de suspeito corre o mundo em segundos, marginalizando-o como acusado ou criminoso. Os boatos podem ser letais num ambiente em que todos se veem e se consideram num *playground*, onde podem dizer o que querem, sem consequências. Por isso, a importância do alerta feito por alguns jornalistas dos perigos de publicar notícias baseadas apenas em relatos de leitores pelo WhatsApp ou outra rede social.

A internet passa a ser centro do interesse, muitas vezes mesmo para quem não trabalha com jornalismo *online*. A convergência constante dos diferentes tipos de mídia sugere que todo o jornalismo terá um componente ou essência multimídia. Mas não se pode cair num estudo técnico-determinista da internet. É possível, segundo McQuail (2000), fazer um estudo sobre como esses fenômenos contribuem para relações de poder na sociedade, além de entender o nível de integração entre pessoas que de outro modo não teriam contato com determinadas informações e as variadas maneiras como a sociedade muda ao longo do tempo. A internet, o jornalismo e a sociedade interagem, e isso não pode ser esquecido.

Enquanto se tenta compreender as mudanças que a internet vem promovendo na sociedade e no jornalismo, em particular, o papel e a função do jornalista profissional vão sendo redefinidos ou, em alguns aspectos, reafirmados. Uma das mudanças mais evidentes e já mencionadas é que, em muitos acontecimentos considerados de relevância jornalística, é cada vez mais provável que o caso se torne conhecido porque uma pessoa comum, não um jornalista profissional, o divulgou na internet ou enviou a informação para a empresa de comunicação através de aplicativos. Isso não significa necessariamente que o jornalista foi substituído – mas muitas vezes é deslocado para um ponto acima na cadeia editorial. É comum que ele já não produza observações iniciais, mas deve verificar, interpretar e dar sentido à enxurrada de textos, áudios, fotos e vídeos produzida pelo público, como sinalizaram os jornalistas entrevistados.

Para diversos autores, a ideia de uma comunicação direta, sem mediações, como mera performance técnica, que poderia significar sonhos de liberdade individual, é meramente uma ilusão. “A rede pode dar acesso a uma massa de informações [...], mas quanto mais informação há, maior é a necessidade de intermediários [...] que filtrem, organizem, priorizem. Ninguém

quer assumir o papel de editor-chefe a cada manhã” (WOLTON, 1999). Os jornalistas entrevistados apelam para este papel reforçando também a importância de desmentir boatos<sup>2</sup>.

Apesar das mudanças observadas, ainda se espera que algumas características clássicas do profissional de imprensa não mudem. O jornalista ainda precisa ser alguém capaz de apurar: obter informações cruciais de uma testemunha, cobrar de forma incisiva respostas de autoridades públicas, saber onde achar um documento, decifrar rotinas de organizações ou explicar como conseguir determinado serviço. O problema é que esse investimento na apuração corre o risco de ficar cada vez mais superficial diante da quantidade de informações e tarefas, e a cobrança pela rapidez.

Muitos jornalistas dirigem-se ao mesmo número limitado de fontes na hora de buscar informações para matérias de grande relevância, com o ocasional complemento de dados obtidos em comunicados de imprensa, geralmente enviados por assessorias, e por uma ou duas mensagens de leitores na internet. Não adianta dizer que essa concepção do trabalho é fruto de uma era, porque ela inclusive deixa de lado potencialidades desse momento histórico, como a explosão de dados digitais e fontes de informações disponíveis *online*.

Em 24 de março de 2014, *O Globo* anunciou mudanças no fluxo de trabalho para diversificar a presença digital, incrementar a qualidade e quantidade de conteúdos no digital e gerar produtos de mais interesse no mercado<sup>3</sup>. Entre as novidades, estava a cobrança de aumentar a área noticiosa da sua *homepage*, com mais recursos como vídeos e gráficos, e mudanças das notícias a cada duas horas. A intenção era entrar no ritmo do celular. A partir de então passa a haver uma área responsável pelos produtos digitais que trabalha de maneira ininterrupta. Entre suas atribuições estão relações com outros *sites*, atenção ao usuário, análise de audiência, experiência do usuário. Os editores passam a chegar às 7 h da manhã no jornal, para comandar as edições impressa e *online*. Eles não editam diretamente as páginas do impresso no fim do dia. Isso passou a ficar com os editores adjuntos.

No dia 6 de abril do mesmo ano, as transformações no processo editorial foram divulgadas com destaque em duas páginas do jornal. Entre as principais motivações para a reforma, a força da internet era destacada como prioridade. “Para garantir a qualidade da informação, todas as editorias anteciparam o horário de suas equipes. As plataformas digitais passam a determinar a nova prioridade: um fato, logo que descoberto, deve ser entregue com agilidade ao internauta, via *site* ou celular” (O GLOBO, 2014b, p. 10). O *site* foi transformado

---

<sup>2</sup> Falaremos sobre *fake news* e agências de checagem no próximo capítulo.

<sup>3</sup> As mudanças foram anunciadas pelo jornal *O Globo* (2014a).

e passou a ser atualizado o dia todo. Já o impresso apresentava uma versão mais contextualizada do fato.

Em 2017, as redações dos jornais *O Globo*, *Extra* e *Expresso* foram unificadas, na chamada redação integrada<sup>4</sup>. A mudança na estrutura e nos processos de trabalho tinha como objetivo ampliar ainda mais o foco nos ambientes digitais. Os conteúdos produzidos pelos repórteres passaram a ser compartilhados por todos os produtos. As reuniões dos editores da Infoglobo começaram a ter mais recursos técnicos, com a presença de especialistas em redes sociais e em audiência. O objetivo é analisar em tempo real o comportamento dos internautas e direcionar assim o conteúdo oferecido.

Essas mudanças, protagonizadas pela maior empresa de comunicação do país, e iniciadas há quase uma década, são mais indícios de que os processos vêm mudando em função da lógica de aceleração e agilidade. O leitor precisa ser atraído em minutos e ter sua atenção presa, numa enxurrada de informações incessante. Isso pode reduzir o tempo do jornalista para apuração, bem como o tratamento na elaboração do texto.

As empresas midiáticas estão tentando aprender a expandir possibilidades de lucro, alargar mercados e reafirmar compromissos. Em relatório produzido pelos pesquisadores da Escola de Jornalismo da Universidade Columbia (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2012), os autores lembram que há muitas formas de automatizar a produção jornalística. Há inclusive, sobretudo no exterior, programas que fazem sozinhos textos padronizados, como resultados financeiros de empresas e de competições esportivas. Segundo os autores, a ideia é deslocar a mão de obra de atividades repetitivas e elementares para tarefas que exijam interpretação do fluxo enorme de informações/dados e de textos mais complexos. Seria uma forma de otimizar o tempo em redações cada vez mais enxutas.

Entre as tentativas de fidelização e atração dos usuários, há também a denominada de personalização ou individualização, que consiste na existência de produtos jornalísticos configurados de acordo com os interesses individuais do usuário<sup>5</sup>. Alguns *sites* noticiosos, entre eles o da CNN, permitem a pré-seleção dos assuntos de interesse, assim quando o site é acessado, este já é carregado na máquina do usuário atendendo à demanda solicitada. Nota-se, com exemplos como esse, que as empresas tentam agradar com novos serviços e apresentações do conteúdo.

---

<sup>4</sup> Ver: O Globo, 2017.

<sup>5</sup> Cf., por exemplo, Dorr (2016).

Para os pesquisadores da Columbia, num mundo de conexões, no qual é mais fácil achar informações, o jornalista precisa estar bem cotado na rede para se manter útil. Isso faz com que alguns jornalistas, ao migrarem de veículo, levem também seus seguidores. A análise não leva em conta a marca ou a empresa por trás do jornalista, que teria grande peso atrativo e validador, segundo profissionais entrevistados neste trabalho. Esse ponto é abordado por Costa (2014), segundo o qual, no jornalismo do século XXI, há dois dilemas centrais de institucionalização. O primeiro é a necessidade de adaptação de organizações jornalísticas tradicionais à internet (e as dificuldades das empresas neste processo). Já o segundo é menos discutido: novas formas de produção de notícias ainda precisariam ser institucionalizadas, pois sem as instituições ficaria difícil sobreviver ou ser forte o bastante para disciplinar outros atores institucionais. A imprensa profissional de prestígio se posiciona como aquela que fiscaliza as atuações de órgãos públicos e políticos, que se sentiriam de certa forma obrigados a responder às suas demandas. Mas o momento atual aponta para um movimento contrário. O presidente atual do Brasil governa e foi eleito pelo WhatsApp. O mesmo ocorre nos Estados Unidos, com Donald Trump. Abordaremos essas questões no próximo capítulo. De qualquer forma, quando se pensa no jornalismo popular, essa premissa ainda parece ter valor. O leitor desfavorecido ainda procura o jornalismo de grandes corporações para ter uma mediação e buscar a resolução de problemas cotidianos<sup>6</sup>.

A informação é instantaneamente compartilhada e comentada – ao vivo, sem possibilidade de controle. Plágio, desonestidade e erros são mais difíceis de esconder; podem abalar uma reputação de forma rápida e irreparável. A incidência de erros, sobretudo quando a fonte das notícias é a própria internet ou informações vindas por aplicativos como o WhatsApp, incomoda os jornalistas entrevistados. As notícias, na maioria dos casos, são produzidas levando-se em conta sua utilidade para distribuir em *smartphones* e *tablets*, com rápida replicação. Por isso mesmo, fenômenos da própria internet e das redes sociais são matéria-prima rápida para reportagens<sup>7</sup>.

Outro tópico recorrente de discussão é de que a audiência passa a ser cada vez mais mensurável e um termômetro para jornalistas, através do uso, inclusive, de ferramentas de monitoramento em tempo real, como reforçado na mudança para a redação integrada das Organizações Globo. E pode levar à manipulação do conteúdo e afetar a decisão das pautas

---

<sup>6</sup> Cf. Gerck (2016).

<sup>7</sup> Como exemplo de como a própria internet pauta reportagens, ver: Barbosa (2020).



para aumentar o número de *pageviews* ou de visitantes únicos. O número de *likes* e de compartilhamentos passa a ser um valor-notícia importante.

A sobrecarga do profissional é também citada como motivo de preocupação para os jornalistas. A produção se concentra, basicamente, num único profissional que acumula várias funções. Cada vez mais, o jornalista precisa entender de tecnologia, e não só de texto<sup>8</sup>. Ao escrever, é cobrado por arquitetar maneiras de transmitir a informação a partir de canais diversos, com modelos inovadores e atrativos. Ele precisa estar atento ao que acontece nos mundos real e virtual, o que estão comentando, compartilhando, que novas ferramentas surgem, para incorporar novidades ao seu trabalho. É provável que profissionais de empresas de tecnologia cada vez mais se associem a jornalistas na busca por soluções e respostas. Essa demanda, novamente, vira mais uma atribuição do jornalista, que o tira da atenção ao texto. Nessa discussão sobre quem é o jornalista hoje, a tecnologia tem um papel principal na formação de novas exigências. Em nome do aumento da produtividade, os jornalistas são submetidos a novas e complexas rotinas de trabalho, sobrecarregando-os de tarefas, o que, na visão de alguns autores (KISCHINHEVSKY, 2009) e dos próprios jornalistas, compromete a qualidade informativa do jornalismo.

O sucesso do jornalismo sempre foi influenciado por avanços tecnológicos: da máquina de escrever ao computador, das câmeras e gravadores analógicos aos digitais, de uma única mídia ao multimídia. Mas a tecnologia sempre foi vista como presságio de ameaças, por vir acompanhada de níveis maiores de estresse nas redações, que as encaram como indício de mais trabalho, sem maiores vantagens. É demandado um longo tempo até que mudanças sejam sedimentadas na cultura de trabalho das organizações jornalísticas.

Os jornalistas se queixam de pouco treinamento e perda de tempo para aprender e cumprir tantas demandas. Essa máxima só não costuma valer para os recém-chegados, segundo Deuze (2012), que são mais entusiasmados com as novas tecnologias, e para os freelancers, que encaram as novas tarefas como potenciais chances de encontrar mais trabalho. Percebemos que, de fato, os mais jovens não relataram tanta preocupação quanto os mais velhos com a sobrecarga (GERK, 2016). Mas, afinal, o que pensam os entrevistados sobre as transformações e as permanências no mundo e nas práticas de trabalho dos jornalistas?

---

<sup>8</sup> Cf. Anderson, Bell e Shirky (2012) e Mick e Lima (2013).

#### 4.1 JORNALISTA DE QUALIDADE

Que qualidades um “bom jornalista” deveria ter e, em consequência, que valores poderiam ser atribuídos a esse “jornalista ideal”? A pergunta direcionada aos entrevistados trouxe contribuições importantes para a pesquisa, já que permitiu refletir sobre uma interconexão entretempos (passado, presente e futuro). Com as respostas, fica clara a ligação entre as diferentes dimensões temporais, já que se referem a indícios do que muda e do que permanece durando.

Barcellos (2017) começou a responder descrevendo o que identifica como um problema atual que denominou de “*jornalismo declaratório*”.

*Hoje a gente tem uma função essencial, nesse momento em que é um modismo o jornalismo declaratório. O jornalismo declaratório não combina com a reportagem feita com luz própria. No jornalismo declaratório, basta uma entrevista, e uma entrevista pode conter todas as verdades do mundo e também todas as mentiras. Eu só admito divulgar uma entrevista, já que sou repórter, depois de provar que cada palavra dita é verdadeira. O jornalismo, no gênero reportagem, é essencial nesse momento em que outros gêneros se ocuparam dessa função de ser jornalista. Eu gosto muito, adoro, evidentemente não tenho nada contra, usar as entrevistas como multiplicadoras de ideias, para reflexão, nesse gênero de jornalismo, não sei se posso chamar, mais centrado na reflexão. Mas por si só, numa reportagem, não passa de um instrumento para início de uma pauta. Acho essencial porque muita gente hoje, o público em geral, não faz essa diferença, não entende que ali tem uma opinião do autor, da obra jornalística, acreditando que seja verdade, e não o olhar de um profissional apenas. E como estamos nessa situação de extrema polarização, acho essencial essa função de retratar de forma precisa as notícias conforme elas nascem [...]. Nossa função é legal também para o trabalho do sociólogo, do historiador, do antropólogo, que se baseiam na história instantânea, no relato do repórter. Agora, claro que eu falo de repórter, estamos falando de repórter que trabalha com luz própria. Por exemplo, a cobertura de Lava Jato não é um trabalho de reportagem. É reprodução de dossiê. É claro que há aqueles que pegam o dossiê e a partir dali fazem o trabalho de reportagem. Mas muitos fazem uma reprodução. Não é a reprodução que eu acho essencial, o trabalho essencial é independente. Buscar as informações não só através do relato, que é obra de terceiros, do promotor, juiz, do policial, do delegado. Que se faça a reprodução desse trabalho, mas aí não é reportagem, é reprodução do trabalho alheio. O que acho essencial é esse trabalho nosso de buscar, questionando o assunto (BARCELLOS, 2017).*

Barcellos (2017) critica as reportagens que se estruturam apenas em declarações, tomando-as como verdades apriorísticas, esta ideia ligada ao que denominamos nesta pesquisa Jornalismo na Era dos Testemunhos. Para ele, o trabalho do repórter vai muito além disso: cabe ao repórter checar as informações contidas nas declarações, ou seja, o exercício da dúvida sobre o dito. Esse seria o trabalho do jornalista na acepção da palavra. Ele ressalta a importância de uma crítica intrínseca a cada declaração. O trabalho do jornalista se aproximaria

ao de um detetive. Está contida na resposta a explicitação de um *habitus* (BOURDIEU, 1989)<sup>9</sup> do jornalista, qual seja, o estímulo ao conflito e também o exercício da dúvida como formulador de uma verdade possível. Só a dúvida seria capaz de conduzir uma investigação para mais perto de uma suposta verdade.

Barcellos (2017) citou como exemplo de uma prática que o incomoda as reportagens que reduzem manifestações ou protestos de rua a ações de “vândalos”. Os textos falam apenas do prejuízo público causado por incêndios a coletivos ou de danos ao patrimônio de empresas de transporte público e dos passageiros.

*Se o autor da obra fosse um repórter, perguntasse por que, andasse quatro quarteirões, certamente iria encontrar o corpo de um negro fuzilado pela polícia. Eles vão dizer que aquela morte foi praticada pela Tropa de Elite ou outras autoridades por suspeita de delinquência. Como a imprensa ignora totalmente o morto pela polícia, de baixa renda, a imprensa nem fala, fala de um número. Para chamar a atenção da imprensa, coloca-se fogo nos ônibus, os parentes, sobretudo se for um jovem sem relação com delinquência. Quando se trata de um delinquente, um criminoso, de um jovem envolvido com tráfico, com armas, não põe fogo no ônibus porque tá na guerra, faz parte. Geralmente colocam fogo quando é uma brutal injustiça. Imagina, se o trabalho fosse com esse olhar independente do repórter, a sociedade seria informada de outra maneira. Eu imagino que daqui a dois anos, 15, 20 anos, quando o historiador contar a história do Rio de Janeiro e se ele basear nos relatos da maioria, vai dizer que houve uma época no Rio em que os bandidos botavam fogo nos ônibus no Rio de Janeiro, causando prejuízo público. Se esse repórter tiver luz própria, fazendo a pergunta por que, esse historiador vai poder olhar para esse momento de outra maneira: houve uma época no Rio de Janeiro em que as famílias revoltadas pelo fuzilamento de seus parentes colocavam fogo nos ônibus para chamar a atenção da imprensa, das autoridades, que ignoram essa situação que se repete mil vezes por ano (BARCELLOS, 2017).*

Barcellos (2017) apresenta a ideia de que os jornais constroem uma história para o futuro, aquilo que podemos chamar de um desejo de história dos jornais. Ele ressalta a dívida que o jornalismo tem com a história, na sua opinião, já que, no futuro, a história se baseará em relatos dos jornais. Logo, o jornalista teria uma grande responsabilidade ao relatar os acontecimentos, já que escreve no presente com vistas ao futuro, ou seja, também o jornalista escreve em um “entretempos”. O relato do presente pode fornecer uma interpretação equivocada para o futuro, o que aumenta a responsabilidade do jornalista. É essa atitude que ele chama “repórter com luz própria” – aquele que, consciente dessa responsabilidade, busca qualificar seu relato e investigar os acontecimentos a fundo. O jornalista tem, assim, segundo Barcellos, uma dívida com a “justiça” dos fatos e deve buscar desvendar as informações não

---

<sup>9</sup> Bourdieu (1989, p. 61) define *habitus* como um “conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista)”. O *habitus* “indica a disposição incorporada, quase pontual, de um agente em ação”. Esse *habitus* é permanentemente reatualizado desde a mais tenra infância, em instituições de formação do indivíduo ao longo de sua trajetória de vida (família, escola, prática profissional). Nesta tese estamos tratando de um conjunto de valores e gostos inerentes aos jornalistas, definidos por sua inserção num grupo profissional.

apenas baseado nas informações aparentes, mas na essência das significações para além das aparências.

A fala de Barcellos (2017) é crucial porque vai de encontro à nossa hipótese de que há um fenômeno, que ele batiza de jornalismo declaratório, que chama a sua atenção inclusive a partir do exemplo já usado por nós aqui, do tratamento dado pelos veículos midiáticos à Operação Lava Jato. Barcellos (2017) critica esse fenômeno identificando um risco em não buscar mais fontes ou “*uma investigação com luz própria*”, reforçando a importância da ida presencial do repórter à cena dos acontecimentos. Barcellos (2017) ainda ressalta outros valores explorados neste trabalho, que são os do jornalista como o capaz de “*buscar verdades além das declarações*”, proclamando-o como “*produtor de um registro histórico futuro*” nesse desejo de futuro do jornalismo, no sentido de criar registros que permanecem e viram fonte para historiadores de outros tempos.

As opiniões de Barcellos (2017) também se relacionam a reflexões propostas em alguns estudos sobre testemunho, como o de Barbosa (2016), que postulou que os textos jornalísticos deveriam mostrar a presença de um sujeito real no desenrolar dos acontecimentos (seja o próprio jornalista ou outros que assumem o papel de testemunhas), confrontar o que é dito entre várias testemunhas e, por fim, colocar em cena o contraditório (opiniões e visões divergentes, no pressuposto de que se deve ouvir os vários lados dos envolvidos na trama para produzir um texto com pretensão à isenção). Uma mera administração de um ou dois relatos não cumpriria esse papel.

O modo de produção, de certa forma superficial por não empreender uma investigação mais aprofundada, também se relaciona com os regimes de tempo da atualidade, adaptados ao cotidiano profissional do jornalista. A alta competição no ambiente digital, repleto de fontes de informação, demanda uma participação ativa no mundo virtual, sobretudo pela necessidade de receber e processar ininterruptamente uma imensa e crescente quantidade de dados. Isso provoca no jornalista um estresse de atenção contínuo. As leituras são, em geral, como já sinalizamos, um *scanning* intuitivo, sem tempo maior para grande esforço de concentração ou interpretação de texto. No novo formato, uma matéria já não é uma unidade, mas sim um fluxo de atividades. Os prazos e formatos podem mudar de acordo com o *feedback*. O próprio *deadline*, como uma referência para o horário de fechamento de uma matéria, se reconfigura porque o repórter está sempre *online*. A presença permanente na rede gera, conforme já assinalamos, uma condensação da temporalidade no presente e uma indistinção entre o tempo do trabalho, do lazer e da formação (SODRÉ, 2002).

Historicamente, entende-se que o historiador era aquele que interpretava o passado e o jornalista, o presente<sup>10</sup>. Em um contexto de crise de legitimidade, recorrer ao passado parece um caminho. Em seu livro *Jornal Nacional: modo de fazer*, William Bonner (2009), âncora e editor-chefe do jornal de maior audiência da TV Globo, diz que entre os critérios de noticiabilidade para definir os temas dignos de cobertura está escolher o que daqui a 50 anos o historiador vai buscar no arquivo do Jornal Nacional, antecipando a lógica do historiador do futuro para definir o que importa do passado. Nesse sentido, percebe-se um argumento de que o jornalismo registra a História, não pelo instantâneo apenas, mas pelo que vai ser importante no futuro<sup>11</sup>. A ideia de que o jornalista é o historiador do presente é uma visão carregada de idealização no sentido político. Faz parte das estratégias de legitimação do jornalista ao longo da história. O jornalismo, como atividade, autolegitima-se nesse lugar de peso histórico, inclusive quando vê seu valor e papel questionados na pós-modernidade, mas o jornalista, como sujeito inserido em um grupo profissional, não se sente muito ligado ao seu próprio passado, como sinaliza a pesquisa que estamos realizando. No próximo capítulo, falaremos mais sobre essa relação do jornalismo com tempo, memória e história. Barcellos (2017) menciona ainda a busca pela verdade, tema que tratamos aqui neste trabalho como polêmico em uma sociedade que prima pelos “*pontos de vista*”. São valores do passado que se mantêm como referência para os jornalistas em um contexto atual que não os favorecem.

Boechat (2017) destacou a mesma iniciativa presencial do repórter em sua fala. Para ele, o principal traço que um jornalista deve ter é a curiosidade, que define como “*interesse pelas coisas*”, sobretudo “*as de potencial interesse coletivo*”, como fatos e histórias, além de se “*ligar a detalhes que passam despercebidos por pessoas que não têm esse olhar vocacionado*” (BOECHAT, 2017). Mas ao exemplificar esse exercício da curiosidade, ressaltou também a importância desse “*estar na rua*”, de presenciar e observar acontecimentos.

*Um bom exercício para quem quer ser repórter é andar pela rua que sempre anda e olhar tudo ao redor como fonte potencial de notícias, buscar a informação, aguçar esse instinto, não ser um andar passivo, ir olhando os postes, os letreiros da rua, as pessoas que passam, o trânsito, lidar com a realidade extraindo dela por instinto observações que podem gerar uma abordagem de interesse maior* (BOECHAT, 2017).

Uma questão que preocupa os jornalistas (GERK, 2016) é a permanência na redação ou o risco de um jornalismo “preguiçoso”, como alguns denominam. Eles têm opiniões

---

<sup>10</sup> Sobre jornalismo e história, ver: Lacouture (1978).

<sup>11</sup> Sobre o tema, ver: Barbosa (2016) e Ribeiro (2003).

distintas sobre as pautas que demandam uma ida a campo e alguns reconhecem que, com equipes mais enxutas e a grande enxurrada de informações, fica inviável sair às ruas na maioria das pautas. Cada vez mais, o trabalho de produção para o site é feito a partir da redação, sem contato presencial com fontes e personagens. Para Georg Simmel (1969), a objetividade do contato olho a olho, da visibilidade recíproca que só existe se não for mediada (por palavras ou outras imagens), é o tipo de interação humana mais fundamental. Leva a uma compreensão do outro que não é filtrada por categorias gerais, mas é singular, é a forma maior de sociabilidade. A visibilidade promovida pelas ferramentas tecnológicas foge a essa lógica. Boechat (2017) e Barcellos (2017) também reforçaram a importância da ida a campo.

A fala de Boechat (2017) também inspira uma interessante digressão sobre o fato jornalístico poder estar diante de nossos olhos, mas ao mesmo tempo imperceptível. Só um olhar treinado para perceber o escondido – que o jornalista deveria ter – é capaz de perceber as notícias. É o popular “faro” jornalístico, para o qual Boechat (2017) fornece uma espécie de cartilha de procedimentos, no objetivo de “treinar” o jornalista.

Boechat (2017) mencionou ainda outras características, como interesse pela leitura, pela história (“*saber as coisas do mundo, do seu tempo e de tempos passados*”), pela atualidade, pelos “fundamentos da realidade” (por exemplo, “*saber a diferença entre Congresso e Câmara*”), e alimentar a sua cultura da forma mais aberta possível, “*não necessariamente com a pretensão de ser um especialista, pode até ser, mas essa coisa generalista, ampla, horizontal em relação ao mundo é importante*”. Por fim, elogiou a importância de investir na escrita, na língua, na forma e na síntese, que, como vimos, é uma preocupação também de muitos outros jornalistas.

Essa discussão em torno da demanda por uma especialização maior em determinados temas é um tópico nebuloso, que divide opiniões. Segundo pesquisadores da Escola de Jornalismo da Universidade Columbia (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2012), hoje, o jornalista precisa ter um conhecimento profundo de algo além do ofício jornalístico. Em áreas como economia, ciência ou relações internacionais, a complexidade da informação e a velocidade na qual o público deseja recebê-la, já explicada, de forma curta e direta, deixaria pouco espaço para generalistas.

Só que num contexto de redações cada vez mais esvaziadas, o jornalista precisa fazer de tudo um pouco. Ele cobre folgas de colegas, faz plantões em editorias diversas, redige várias matérias por dia. Isso dificulta o processo de especialização e agrava, ao contrário, o chamado generalismo. Para Träsel (2013), a informatização resulta numa taylorização do trabalho do

jornalista, na alta rotatividade das redações e no fim da especialização. Passa-se a esperar de um redator que ele possa escrever um texto objetivo sobre temas de qualquer área, para que se possa intercambiar mais os funcionários. A análise e o comentário passam a ser terceirizados.

Isso tem como consequência a eliminação cada vez maior de traços autorais nos textos noticiosos. O formato passa a ser cada vez mais homogêneo, o que iria contra a preocupação dos jornalistas entrevistados sobre a necessidade de dar “carisma” às reportagens, com belos textos. O jornalismo ficaria baseado fundamentalmente na reelaboração de materiais existentes, o que facilitaria a difusão de conteúdos pouco originais (TRÄSEL, 2013). Os jornalistas entrevistados incomodam-se com a padronização de textos ou falta de originalidade.

Questionada sobre qualidades que o jornalista deve ter, Glória Maria (2019), mais uma vez, destaca a noção de imparcialidade, um valor muito propagado pela empresa onde ela trabalha, a TV Globo. Trata-se de um discurso institucional recorrente para reforçar a capacidade de a emissora agradar públicos heterogêneos, que também é uma estratégia de mercado mais lucrativa. Mas há que considerar que a noção de imparcialidade é um valor histórico duradouro do jornalismo. No início do século, por exemplo, era um dos mais importantes, e na modernização dos anos 1950, mais uma vez foi central (BARBOSA, 2007).

*Eu acho que em primeiro lugar ele tem que ter informação, ele tem que ter fontes, ele tem que ter ética e ele tem que saber principalmente que jornalista não é acima do bem e do mal e nem é dono da verdade. Eu acho que hoje o jornalista se coloca quase como um juiz da sociedade e eu aprendi desde muito cedo que jornalista não é advogado, ele não pode defender, não é juiz, ele não pode julgar, ele não é promotor, ele não pode acusar. Ele está ali simplesmente para ser um intérprete do fato. E eu acho hoje o que você é o jornalista que critica... Não é aquele que é jornalista de opinião, que isso sempre teve e sempre vai existir. Só que hoje o jornalista se coloca como uma figura acima do bem e do mal, isso pra mim é mortal (MARIA, 2019).*

Leitão (2019) também enfatiza qualidades relacionadas a uma ética profissional, mas, em vez de ressaltar a imparcialidade, reforça a importância de confirmar a informação apurada anteriormente (a checagem, no jargão jornalístico), que é um traço marcante de quem preza a reportagem. Nesse sentido, ao contrário de Glória, admite que o jornalista, “apesar de não julgar com o martelo”, “acaba nas páginas julgando as pessoas muitas vezes” (LEITÃO, 2019) e por isso tem grande responsabilidade na apuração.

*A gente tem que tomar todos os cuidados do mundo. Então, assim, eu já errei, a gente erra. Eu sempre brinco com a questão da fake news. Eu falo que a gente tem CNPJ pra ser processado. E o fake news não tem. As pessoas escrevem aquilo que as outras... Sem ter qualquer consequência disso. Então, assim, número um, ter a mínima noção do que é o nosso papel. [...] O tipo de matéria que eu faço muitas vezes você coloca as pessoas em situações de pessoas denunciadas, viram alvo. Então tem que tomar todo o cuidado do mundo [...]. Se tem uma matéria que eu detesto fazer, por*

*exemplo, é de estuprador e pedófilo. Porque é o máximo de medo que eu tenho, desse cara ser inocente, entendeu? Então, assim, eu tenho essa noção, o quanto representa o jornalismo nisso. O cara vai ser execrado. Todos os processos que eu tive na vida, foram vários, e graças a Deus eu não perdi nenhum. Recentemente eu ganhei o do Romário, que foi até a maior polêmica da minha carreira. [...] Então, assim, eu sei embasar. Cara, o fundamental do repórter é checar a informação, não acreditar na primeira versão piamente. Não dá pra você ficar cego com qualquer versão que uma autoridade passe. Eu detesto o jornalismo declaratório. [...] Só o jornalismo declaratório é péssimo (LEITÃO, 2019).*

Nesse ponto, Leitão (2019) faz crítica contundente, assim como Barcellos (2017), ao chamado jornalismo declaratório, reforçando que é, de fato, uma grande preocupação para eles, vistos aqui como porta-vozes do grupo, na atualidade. Leitão (2019) reconhece que a confirmação de informações por fontes oficiais é importante. Ressalta, por exemplo, a importância de reconhecer o trabalho e o papel na sociedade do Ministério Público, da Polícia e da Justiça. Mas enfatiza que “*não dá para isso ser só para o repórter*”:

*Ah, eu pego um relatório aqui e bum denúncia e bum taca... A gente tem o maior cuidado do mundo, tenta checar e recheckar algumas coisas. Tem outras coisas, que é o que eu mais gosto, que a gente faz por conta própria, sem o braço de uma autoridade. É óbvio que a gente tem limitações, a gente não pode quebrar sigilo bancário, fiscal, telefônico de ninguém. Então, em determinadas matérias, a gente fica um pouco refém disso. [...] Checar e recheckar é muito fundamental. Agora até brinco que na Globo, cara, a repercussão é tão bizarra que eu passei a checar três vezes as mínimas coisas, coisas que você às vezes faz do cotidiano, você pega, ah, isso aqui, não sei o quê, parará. Cara, lá na Globo a repercussão é muito grande, muito maior do que... Eu sou jornalista desde [19]96. Vai fazer 23 anos agora. E eu tenho dois anos de tevê e 21 de escrita. Então eu tenho noção do tamanho, da multiplicação dessa repercussão, entendeu? [...] No início, eu fiquei até meio apavorado com o tamanho da repercussão. [...] Mas é isso, assim, eu acho que a gente tem que ser chato, perguntar, perguntar, perguntar (LEITÃO, 2019).*

Vale sinalizar neste comentário de Leitão (2019) que a capacidade de atingir um público mais vasto – como é o caso da TV Globo – dá, na interpretação dele, mais responsabilidade ainda ao jornalista pelo receio de transmitir uma informação que não proceda. Então, ele exacerba o ato de conferir a informação. Ou seja, o próprio lugar ocupado pelo meio de comunicação enseja outros comportamentos do jornalista. Os jornalistas entrevistados têm em comum essa preocupação com a responsabilidade do jornalismo em investigar as informações que divulga.

Em certo sentido, Brum (2018) defendeu um ponto de vista semelhante ao de Glória Maria (2019) no que diz respeito à necessidade de o jornalista não ser vaidoso, mas difere fortemente no que se refere à crença na objetividade. Ela defende que um grande valor do repórter é reconhecer e expor suas limitações:



*Eu não acredito naquele jornalista [...] que acredita que paira acima da sociedade, que acredita na invenção completa, na objetividade [...] eu acho que a gente tem que ser consciente que a nossa própria escolha do que contar e do que não contar ela já afeta aquilo que é contado. [...] Eu acho que é muito importante pro jornalista se tornar repórter, porque eu acho que repórter a gente se torna, né? Não é só tu se formar na faculdade. E vai se tornando a vida inteira. É ser consciente das tuas limitações, assim, saber quais são os teus limites. Exatamente também pra poder ser capaz de respeitar o limite do outro. E também pra deixar claro pro teu leitor, que é com quem a gente tem esse compromisso muito grande, de quais foram os nossos limites numa reportagem. [...] O nosso próprio estar... por mais que eu faça essa escuta, que eu me coloque num lugar de canto, que eu faça todo esse movimento de me despir, eu ainda tenho uma interferência e essa interferência eu sempre conto pro meu leitor, porque eu acho que é uma questão de honestidade (BRUM, 2018).*

Eliane Brum (2018) defende a ideia de que o jornalista mais pleno – o repórter – se faz no cotidiano da profissão, na prática, ou seja, há um aprendizado valorizado que é o da prática continuada, e não do conhecimento transmitido e tradicional. Essa ideia também atravessa gerações e se relaciona com a noção de “bagagem”, elogiada como valor pelos jornalistas que responderam o questionário. Com isso, advoga-se um lugar da tradição na esfera da profissão. Outro aspecto que cabe mencionar é o da transparência. Eliane diz que o jornalista deve, “*com sinceridade, expor suas fraquezas*” (BRUM, 2018). Caberia, nesse pacto de confiança entre leitor e jornalista, deixar claros os limites da apuração, como um caminho em defesa da manutenção da credibilidade.

Para Eliane, a principal qualidade que um jornalista deve ter é a capacidade de escuta. Mas não apenas “*ouvir*”, e sim “*escutar com todos os sentidos*”, o que inclui o movimento profundo “*de se despir daquilo que se é, das tuas visões de mundo, dos teus julgamentos, das tuas crenças pra fazer esse movimento em direção ao outro*” (BRUM, 2018). Nesse sentido, Brum (2018) também defende um “jornalista sem julgamentos”, mas não no sentido de ser imparcial. E sim, no de tentar entender profundamente os sentidos do outro.

*E ser habitada por essa outra experiência de existir, essa outra experiência de se colocar no mundo, essa outra experiência de linguagem que é o outro. E depois fazer esse caminho de volta. Isso implica um grande movimento interno e essa volta nunca é fácil de fazer, pelo menos pra mim não é. Então é esse atravessar a rua de si mesmo, essa coisa que o jornalista faz na rua e eu acredito profundamente nisso. Mas para ir para essa rua concreta, tu precisa antes fazer esse movimento simbólico que é atravessar a rua de si mesmo para ser capaz de fazer essa escuta que é se desabitar de si para habitar o outro, uma outra experiência de ser e estar no mundo, que pra mim é o mais fascinante, mas também é o mais difícil. É o que vai me deixando marcas pelo corpo, tanto no sentido simbólico, às vezes no concreto também. Então acho que sem escutar não é possível, né? (BRUM, 2018).*

Eliane Brum (2018) acrescenta uma visão particular, criando certa poética para o jornalismo: o sentido de construir pontes em relação ao outro, como sendo possível só ao se abdicar de olhar apenas para si. Ver o outro em toda a sua integralidade, nesse sentido, é ser

conjuntivo, como diz Agnes Heller (1993), ou seja, partilhar com o outro verdadeiramente o seu tempo de vida. Eliane usa a bela metáfora de “*atravessar a rua de si mesmo*” para ser capaz de fazer essa escuta que é “*se desabitatar de si para habitar o outro*” (BRUM, 2018), ou seja, não partir de preconceitos ou de visões autocentradas, mas verdadeiramente se debruçar sobre a alma e a vida de quem entrevista.

A fala de Eliane remete a uma análise de Sodré (2002, p. 223-224), o qual ressaltou que “o núcleo da comunicação está na vinculação entre o eu e o outro”. Vinculação é mais do que a interação promovida por ferramentas virtuais. Trata-se do ser em comum, desde a dimensão imaginária até as orientações práticas de conduta, os valores, como destaca Sodré (2002, p. 223-224). Considerar esses aspectos obriga, segundo autor, perceber a comunicação como objeto de estudo para além da esfera midiática. A comunicação é, em síntese, para ele o estudo do comum humano.

Perguntamos também aos entrevistados sobre o conceito, que estamos denominando Jornalismo na Era de testemunhos. Explicamos que tinha relação com uma crítica, feita por muitos jornalistas, de um jornalismo que se baseia, atualmente, apenas em relatos enviados ou publicados em rede social, por vezes acompanhados apenas de resposta de autoridades. A intenção era questionar sobre as consequências desse tipo de apuração e como ela impacta na profissão, no sentido de interferir, ou não, na capacidade de o jornalista produzir textos para o presente, mas também para o futuro. A temática já havia sido abordada espontaneamente pelos jornalistas em outros momentos da conversa, mas achamos importante acrescentar outras respostas dadas à questão pelos entrevistados.

Barcellos (2017) reconhece o fenômeno, e diz que ele impacta, em primeiro lugar, na “*felicidade do jornalista*”, já que para ele é um privilégio e “*apaixonante*” para o jornalista “*se guiar com luz própria, ir atrás da história, onde ela estiver, conhecer pessoas novas todos os dias e aprender com elas*”. Mais uma vez, Barcellos (2017) diz que estar presencialmente é essencial e ressalta, como Brum (2018), a importância da escuta ativa.

*A primeira coisa que eu vejo é isso é perda de felicidade de você se basear num relato e não conhecer a fonte daquela história. Toda pessoa, independentemente de classe social, guarda consigo uma bela história, cabe a você conhecê-la, ouvi-la. Acho que as ferramentas, que não são nada tecnológicas, mais eficazes para um bom trabalho de profundidade jornalística são os que estão na nossa cabeça, são os olhos, a boca, e principalmente os ouvidos, são essenciais, porque você se dedicar a ouvir o conhecimento alheio é fascinante, você aprende junto, e depois é contar aquela história. E no conjunto dessa busca é relativamente fácil você se aproximar da verdade. A verdade absoluta é um conceito inatingível, mas é nossa obrigação se aproximar dela. [...] Eu confio e desconfio de todos, é preciso estar lá e ver com meus olhos, quais as perguntas que eu tenho, qual o interesse de quem enviou o relato, a que grupo pertence, qual a sua ideologia, preferências religiosas, sexualidades, preconceitos. O meu olhar é de desconfiança. Interagindo*

*com o grupo você tem novas possibilidades, diferentes, de contar uma história, de se aproximar dessa verdade. Claro que cada um sofre influências de seus preconceitos* (BARCELLOS, 2017).

A declaração de Barcellos (2017), novamente de que é obrigação do jornalista se aproximar da verdade, reforça como a questão é ainda importante valor-símbolo do jornalismo, que persiste do passado.

É necessário fazer uma digressão em relação ao que Barcellos (2017) qualifica o prazer do trabalho jornalístico, da felicidade que produz, do fascínio que desperta, quando permite o contato frente a frente com o outro, “*condição indispensável para contar uma boa história*”. Com essa constatação, produz outra, que denomina a “perda de felicidade” no jornalismo declaratório. Na sua concepção, a reportagem deveria continuar sendo uma posição de prestígio, uma “essência” da profissão (BERGAMO, 2011; TRAQUINA, 2013), mas, sobretudo, o lugar onde o jornalista encontra a sua felicidade. O jornalista do século XXI estaria menos feliz.

Boechat (2017) também reconheceu o fenômeno declaratório, mas não percebendo pelos traços negativos. Para ele, a questão se resumia a uma análise sobre mediação, mais especificamente sobre a perda de protagonismo do jornalista, que incomoda o jornalista. Segundo ele, a função de testemunha é fundamental no jornalismo.

*As testemunhas nos entregavam seus testemunhos, essa função, esse carregamento de conteúdo, era feito só pelos jornalistas. Eu vejo essa mudança de forma saudável, hoje são sete bilhões de pessoas fazendo isso. Não vejo isso assim, como uma prática de só administrar relatos sem agregar à apuração, faz isso quem quer, é uma forma de reduzir a relevância do que está fazendo, eu por exemplo não escuto autoridades. Agora, tem fatos com início, meio e fim na própria cena, a testemunha que viu uma colisão, você tem quase 100% do necessário para contar o fato, e isso basta naquele primeiro momento* (BOECHAT, 2017).

Para Boechat (2017), as pessoas “*comuns*” estão se fazendo presentes numa escala nunca antes alcançada e elas são as testemunhas reais da história. Ele argumentou, nesse momento, que o jornalista sempre se apropriou dos testemunhos alheios, sem ser ele mesmo a testemunha. Apenas teria perdido o monopólio da difusão da informação coletada. O apresentador tampouco disse acreditar que o jornalista esteja mais preguiçoso: ele teria apenas se adaptado a novos parâmetros e referências, sem que tenha ocorrido piora em relação a outras épocas. É um ponto de vista interessante, afinal o jornalista sempre se baseou em testemunhos para construir as reportagens. O que se questiona não é este fato em si, apenas o modo como o testemunho é aproveitado, ou seja, as práticas. Mas Boechat (2017) não acredita que o tratado a testemunhos seja um problema do jornalismo na atualidade.

*O jornalista nunca foi testemunha de merda nenhuma, na redação estavam, eram acionados pelas testemunhas dos fatos, as pessoas contavam o que tinham visto, a história sempre foi contada pelas pessoas que viveram a história. O que o jornalismo fazia era dar voz a essas pessoas, trabalhar e estruturar essa narrativa para ela ser assimilada, passada de forma mais fiel e sedutora possível para o maior número de consumidores dessa narrativa. O que o jornalista fazia era apropriar-se desse testemunho primário da História, formatar, fundamentar, contextualizar, enriquecer com pesquisa, com sua experiência, com seu texto, e difundir-lo. Essa difusão era o grande pulo do gato, porque quem detinha esse poder de difusão eram os meios de comunicação nos quais ele estava inserido. Hoje essa capacidade de difusão de massa está na mão de todo mundo. Então, o jornalista continua tendo esse mesmo papel, qualificando a narrativa, checando, confrontando, questionando, formatando, mas é evidente que se ele não tiver como aportar esse ganho de qualidade à narrativa do fato, esse fato será narrado pelas próprias testemunhas numa condição privilegiada porque elas viveram os fatos. Num acidente aéreo quem você quer ouvir? O jornalista dizendo que houve um acidente aéreo ou o sobrevivente que esteve a bordo do acidente aéreo, que viu as pessoas gritando, reagindo caindo, chorando<sup>12</sup>? Eu posso contar, mas tenho a voz do cara contando diretamente. Então eu tenho que aportar alguma coisa ao testemunho histórico porque esse testemunho nunca me pertenceu, ele vinha pra minha mão antes porque a testemunha não tinha opção de torná-lo público em grande escala. Agora ela tem. Então qual o meu papel nessa história? Meu papel é [...] qualificar a narrativa do fato, vou agregar a ela coisas que eu pela natureza do que faço vou poder somar, fazer memória de outros acidentes. Isso está um pouco perto de todo mundo, nunca esteve tão perto, mas ainda assim esse é meu trunfo, é a capacidade de montar um texto, uma narrativa descritiva com estilo, qualidade idiomática, com síntese, objetividade, coisas que às vezes as pessoas que não são treinadas não vão fazer. Mas a matéria-prima essencial não tá mais na mão da gente (BOECHAT, 2017).*

É interessante observar que Boechat (2017) e Barcellos (2017) mostraram opiniões em relação a esse assunto com pontos divergentes e semelhantes. Barcellos (2017) enxerga declínio e critica o uso indiscriminado de narrativas pelos jornalistas. Já Boechat (2017) não via uma mudança em relação ao que era feito no passado. Mas ambos defenderam a necessidade de qualificar o relato jornalístico com algo mais do que a simples reprodução do relato alheio. Barcellos (2017), porque se preocupa com o conteúdo transmitido e sua relação com a verdade. Boechat (2017), porque acreditava que, sem isso, não havia motivo algum para o espectador escolher o relato jornalístico, e não o da fonte.

Boechat (2017) defendeu ainda que o jornalista nunca foi testemunha, ele mesmo, dos fatos, contestando um valor auto atribuído historicamente ao jornalista e uma opinião que ele mesmo tinha dado em resposta anterior, quando disse que “os jornalistas sempre foram as testemunhas ativas”. Isso demonstra uma confusão ou dúvida do entrevistado em relação a essa condição do jornalista, se ela existe ou não.

Para Eliane Brum (2018), é complicado fazer associação entre o conceito de testemunho e o jornalismo, porque acredita que o testemunho é um conceito complexo, profundo, “ainda mais nesse tempo de Comissão da Verdade”. Ela preferiria usar os termos

---

<sup>12</sup> Mais uma vez, Boechat (2017) dá como exemplo um acidente aéreo. Faz-nos pensar se ele temia acidentes aéreos, se era algo que permeava seu inconsciente. Enfim, apenas uma digressão relevante já que a repetição parece ter até um caráter premonitório.

relatos ou desabafos. Feita essa observação, Eliane ressaltou que acha muito complicado “*fazer jornalismo que não seja com o corpo, com colocar o corpo*” (BRUM, 2018), ressaltando a importância do jornalismo presencial, já discutido. O exemplo dado pela jornalista também já foi abordado anteriormente: o tratamento dado a documentos da Operação Lava Jato. Eliane ressaltou a importância da checagem antes da publicação e da presença “*corporal*” como fundamento básico para a reportagem de qualidade. E também defendeu, como Barcellos (2017), que o relato é apenas o ponto de partida para a apuração.

*Assim como os documentos da Lava Jato, os relatos na internet são só pontos de partida para o jornalista. Eles são só por onde tu começa uma investigação, me parece. Primeiro você tem que saber quem é aquela pessoa, se aquela pessoa existe, se ela é quem diz ser. Pra eu publicar algum pequeno relato de alguém na internet, eu falo com essa pessoa, e eu falo com pessoas que possam me dizer quem é essa pessoa. Eu checo, eu preciso checar. E eu tento fazer, assim, é claro que às vezes não é possível, mas eu te diria que 95% do que eu faço é pessoalmente, com meu corpo e diante do corpo daquele outro. Primeiro porque eu acho que a gente documenta muito mais do que palavras. Nós não somos aplicadores de aspas em série. Cheiro, expressão, cenário, contexto, móveis, ruídos que não são palavras, tudo isso faz parte daquilo que a gente tá documentando. Então pra mim como repórter é muito difícil fazer jornalismo sem fazer com meu corpo. Eu, por exemplo, hoje, desde agosto do ano passado, eu vivo na Amazônia. Eu vim pra Amazônia porque eu achava que eu tinha que ver o Brasil a partir de um outro ângulo. Eu venho pra Amazônia há muito tempo regularmente, mas eu me sentia tipo uma enviada especial. Era eu mesma que me mandava pra cá, mas era uma enviada especial porque eu voltava depois. Eu quis inverter esse processo e passei a morar aqui. Eu não falo muito onde eu vivo porque eu sofro ameaças pelo meu próprio trabalho aqui. Mas eu vivo numa cidade pequena da Amazônia. Pra poder estar com meu corpo nesse lugar, pra poder experimentar o que é viver e o que é enxergar o resto do Brasil (BRUM, 2018).*

Eliane autodenomina-se como repórter e isto é muito importante no seu argumento. Ao se reconhecer como repórter, ela, que é escritora, uma jornalista reconhecida, uma cronista do cotidiano de sucesso, estaria se nomeando como a verdadeira jornalista. Mais uma vez, é destacado o valor da reportagem, ressaltado pelos jornalistas ouvidos no questionário. Para ela, o trabalho do repórter se assemelha ao de um etnógrafo: ela precisa estar vivendo e experimentando a vida como as pessoas sobre as quais escreve. Outra perspectiva interessante é a de que o jornalista precisa documentar “*muito mais do que palavras*” (BRUM, 2018), na defesa da importância de estar presencialmente na apuração: “*Nós não somos aplicadores de aspas em série. Cheiro, expressão, cenário, contexto, móveis, ruídos que não são palavras*” (BRUM, 2018). Ou seja, um relato jornalístico não se baseia apenas em palavras, se baseia também em outros sentidos.

Assim como Eliane Brum (2018), Leitão (2019) reforça novamente a importância da checagem das informações e questiona “*informações iniciais*” como “*verdades absolutas*”. Ele diz que por vezes suas fontes até “*ficam chateadas*” por saberem que ele está checando a

informação, em uma crise de confiança, mas que ele “*não abre mão*”. Comenta, ainda, que emissoras de rádio sofreram críticas por “*colocar no ar*” falas inverídicas, sem nenhuma checagem. Para Leitão (2019), nós estamos vivendo “*na era da delação*”, mas a “*delação não é uma verdade absoluta*”. O jornalista pondera, porém, que é preciso também não cair no outro extremo, de deixar de enxergar quando um relato de fato vira notícia: “*Não se pode brigar com a notícia*”, com “*fatos*”.

*E, recentemente, por exemplo, nós vivemos um pouco desse dilema. O Orlando da Curicica prestou um depoimento oficial no Ministério Público Federal fazendo várias acusações. E aí ficou um debate. Vamos dar voz a bandido? O cara preso por homicídio. [...] Primeiro que eu sou favor de ouvir qualquer pessoa. Segundo que, a partir do relato dele, o Ministério Público Federal tomou uma medida. Então ele prestou um depoimento e a Raquel Dodge determinou que viesse uma missão da Polícia Federal pro Rio de Janeiro para apurar vários casos e investigar a investigação da Polícia Civil. Então existe um fato criado a partir dessas declarações dele. Essas declarações dele ganham um pouco de contornos oficiais. Aconteceu uma coisa, mudou de patamar. Não é uma simples denúncia [...]. Então nós resolvemos dar por isso, guardadas todas as proporções, fazendo todos os poréns, esclarecendo de quem se trata, mas informando ao telespectador o que tá acontecendo, entendeu? Porque há uma pressão gigantesca no caso Marielle (LEITÃO, 2019).*

Para Leitão (2019), o mais importante é checar se é notícia e ouvir o “*outro lado*”, e não apenas “*sair escrevendo*”. Esse é um valor que remete à criação do jornalismo como linguagem autônoma, com a reforma da década de 1950. A impessoalidade da linguagem e a pluralidade de vozes, destacando o contraditório, são pilares da autonomização da linguagem jornalística, apregoados com as reformas dos anos 1950. Essa pluralidade de vozes é que daria ao jornalista maior autonomia.

Ele cita uma ocasião em que uma fonte, um policial, ficou chateado com ele porque não escreveu que determinado criminoso preso era chefe do tráfico de uma favela do Rio de Janeiro. Ele se recusou a dar essa informação porque sabia que ele não tinha mais esse posto na comunidade e o policial entendeu que o repórter estava “*querendo diminuir o trabalho dele*” (LEITÃO, 2019). O exemplo ilustra a difícil relação com as fontes, sobretudo no jornalismo policial. No geral, as fontes passam informações, mas também cobram condutas. Cria-se uma relação de confiança, que não pode ser quebrada ou o relacionamento é rompido. Ele também ressalta novamente a importância da checagem antes da publicação de relatos.

*Eu vivo de credibilidade. Então a senhora, a dona Maria, que tem um bar na esquina do Jacarezinho, ela não pode numa reportagem minha achar que eu sou um desinformado, entendeu? Que eu digo ainda que um cara que foi chefe do tráfico oito anos atrás continua como chefe do tráfico. Não faz o menor sentido. Esse tipo de jornalismo declaratório... Eu chequei, eu já sabia quem era e fui checar e não era mesmo. Ele já tinha saído, entendeu? Isso é o mínimo de checagem, é uma checagem muito bê-a-bá, até porque o próprio telespectador, o leitor, ele já tá meio de saco*

*cheio, “ah, o cara é chefe do tráfico mesmo? Porque todo mundo é chefe do tráfico”, entendeu? Então esse é o tipo de coisa que dá pra checar. Não é difícil de checar isso (LEITÃO, 2019).*

Assim como os demais, Leitão (2019) ressalta a importância da presença no jornalismo policial. Como exemplo, ele cita a cobertura de ações policiais em favelas, quando, geralmente, “a imprensa inteira fica do lado de fora” e “quando a polícia sai, ela conta o que aconteceu, a versão dela” (LEITÃO, 2019). Leitão (2019) diz que sempre defende a importância de a imprensa participar das operações porque, inclusive, “as arbitrariedades acabam sendo evitadas pelo simples fato de a imprensa estar ali, diligente, cobrando, explicando”. Aqui ele ressalta outro valor duradouro do jornalismo: cobrar providências, exercer pressão junto aos órgãos aos quais a população não tem acesso. Não basta explicar, a imprensa tem que estar ali diligente e cobrando. A presença física, segundo Leitão (2019), é “vantajosa” também para a polícia, porque “um trabalho eventual que eles façam, uma apreensão”, é noticiado. A fala de Leitão (2019) reforça a valorização de um jornalista considerado “cão de guarda” da sociedade, que já tinha sido citado por Glória Maria (2019), até mesmo antes da produção da notícia, ou seja, para que os desmandos que possam vir a serem notícias nem sequer aconteçam. Leitão (2019) associa o testemunhar à presença. Para ele, o jornalista é a testemunha ocular – slogan do Repórter Esso dos anos 1950/60 – quando está presente.

*Agora quando a gente tá junto, você entra na missa, né, você não fica do lado de fora da igreja. E, assim, eu acho que ali você passa a ser testemunha realmente ocular dos fatos, que é um pouco o caso da guerra, de você ouvir o que acontece na Síria e você ir à Síria e tentar entender a realidade de perto. Eu acho isso aí absolutamente fundamental. Por isso que eu sempre defendi, inclusive até muitas vezes eu fui atacado por isso. Alguns colegas me criticaram por isso, alguns colegas entendiam que era risco demais. Assim, tem o risco, eu me preparei praquele risco ali, eu fui aprendendo a lidar com aquele risco. Teve poucas situações em que eu realmente tive medo de morrer, nessas operações de favela. Havia um risco, aí eu... Fui contando, explicando, narrando o que era um pouco aquilo ali por dentro (LEITÃO, 2019).*

Glória Maria (2019) também ressaltou o valor histórico do jornalismo de ser um canal propagador de “verdades”. Para ela, o jornalismo “corre o risco de virar uma coisa menor” se passa a se basear apenas em relatos, pelo risco da publicação de informações inverídicas. Nesse sentido, ela interpreta que as redes sociais empobrecem o trabalho jornalístico, pela enxurrada de informações e pela cultura de valorização de versões.

*Porque hoje você ir em busca dos fatos, os fatos vão atrás de você. Porque às vezes você tem até a informação correta, mas você é soterrado pela quantidade de informações ou falsas ou dúbias. Então o que acontece: às vezes você tem lá a verdade pura e cristalina, mas ela deixa de ter importância em torno das versões. Então eu acho que essas novas tecnologias, elas têm um lado*

*que elas ajudam, mas têm um lado que elas estão empobrecendo fortemente o exercício do jornalismo (MARIA, 2019).*

Sobre as mudanças no jornalismo na contemporaneidade, uma das perguntas enfocava mais especificamente os impactos para o jornalismo da massificação do uso de novas tecnologias, de redes sociais e *smartphone*. Glória Maria (2019) relacionou novamente os novos recursos à replicação de informações inverídicas.

*Eu acho que esses recursos todos novos, eles interferem só na maneira mais rápida e ágil que você vai fazer o jornalismo. Agora, tem o lado que aquela coisa de você realmente buscar a verdade, ela fica meio perdida ali no caos de redes sociais e tecnologia porque as coisas ao invés de serem buscadas na origem, elas vão se repetindo ad eternum. Então você vê uma informação no Google, que você não confirma, e você vai passando aquilo adiante e passa a ser verdade. Então eu acho que o grande problema, o grande risco, dentro das novas tecnologias, dos novos recursos, é você não ir em busca da verdade real, de você viver em torno da realidade virtual. Eu acho que isso é um perigo, porque você distorce, você tem um risco, não é que sempre aconteça, mas você tem um risco de distorcer a verdade e você fica em torno de versões e não de fatos (MARIA, 2019).*

Para Leitão (2019), há pontos positivos e negativos da massificação do uso de redes sociais. Como vantagens, ele vê a facilidade de propagação e de recebimento de informações. Ele cita como exemplo a cobertura de notícias factuais, como incêndios, quando a demora de deslocamento, por exemplo, prejudica a apuração, numa lógica de valorização do flagrante.

*Vamos mandar um fotógrafo para a Avenida Brasil na altura de Campo Grande porque tá tendo um incêndio lá. Na verdade, quando o cara chega lá uma hora e 40 depois ou o incêndio vai ter acabado e praticamente todas as imagens vão estar já no WhatsApp da vida, rolando no WhatsApp. Então assim, isso, esse grande Big Brother que virou, todo mundo com um celular, todo mundo com uma câmera na mão, uma câmera fotográfica ou filmadora, isso... A gente tem que se adaptar a isso. Isso é uma realidade. Não tem como lutar contra. E isso muitas vezes nos ajuda, nos facilita. Você melhora uma matéria por causa disso. Tem um flagrante que não teria (LEITÃO, 2019).*

Para Leitão (2019), o lado ruim é se popularizar o entendimento de que o “*jornalismo profissional é feito de qualquer jeito*”. Para ele, apenas um profissional sabe contar uma história, porque ele vai se preocupar em “*não fazer acusações levianas*”: “*Você vai apurar uma história que a imagem, na verdade, ela não é o que ela parece ser. Então, assim, tem uma série de coisas que o jornalismo profissional ainda resiste*” (LEITÃO, 2019).

Eliane Brum (2018) também vê pontos positivos da massificação do uso de redes sociais no jornalismo, mas defende que “*aquele que é jornalista tem que mostrar que é jornalista e que ele é diferente*”. Ela acredita que há muitas pessoas escrevendo na internet, que ela inclusive gosta de ler e divulgam “*artigos relevantes*”, e não são jornalistas. Logo, ela



ressalta a importância de pesquisar sobre os autores dos textos que circulam na rede e chama a atenção para a responsabilidade do leitor naquilo que ele escolhe para ler.

*É porque a gente precisa garimpar no meio de um monte de bobagem, de mentira e de manipulações. Tem o tempo todo. Então o “ser leitor” hoje é mais trabalhoso. [...] Pra isso eu tô sempre pesquisando, se aquela pessoa é quem ela diz ser, qual é a história dela enfim. Eu faço isso como leitora e acho que os leitores precisam fazer isso se eles quiserem ler coisas relevantes, coisas responsáveis, coisas consequentes, coisas com conteúdo (BRUM, 2018).*

Já do ponto de vista do jornalismo, Eliane Brum (2018) acredita que é importante que o conteúdo jornalístico difira cada vez mais de “posts de Facebook” para que o leitor decida gastar tempo e dinheiro com o material produzido: “O jornalista tem que qualificar a sua atuação, tem que fazer jornalismo, jornalismo de qualidade”. Para a jornalista, a ideia de competir com a velocidade da internet, de buscar a instantaneidade sem checagem, “é um tiro no pé”.

*Porque aí tu tá corroendo justamente aquele que é o teu diferencial. A reportagem é extremamente trabalhosa, é o que precisa ser muito investigado, muito apurado, muito checado, com várias fontes, não com uma só. Então é algo que dá muito trabalho, não tem como fazer isso instantaneamente. Não é um post dizendo qualquer coisa. Ela dá trabalho e ela leva tempo. E a reportagem é o diferencial do jornalismo, então ou tu faz isso e se diferencia como jornalismo, ou não vai ter chance de... Não vai ter nenhuma importância, né? Tu não vai... E por que alguém vai querer pagar pra te ler, porque vai ter um monte de coisas sem qualidade que pode ver também, né? A gente tem que manter aquilo que é o nosso diferencial. Então acho que tem que investir em reportagem, que é cara, muitas vezes é cara, e sempre dá trabalho. [...] A gente tem que ser responsável, a gente não pode botar qualquer coisa no mundo [...] eu acho que o jornalista tem que se colocar como alguém que produz documento, seja cinco linhas ou 50 páginas. É um documento. E na internet isso fica pra sempre, além de tudo. Não pode ser um documento sobre essa incompetência, tem que ser um documento sobre aquilo que você tá contando, né? Tem que ter relevância, responsabilidade, enfim, eu acho que esse é o grande desafio, né? [...] Quando tu tira a reportagem do mundo, o mundo fica... A documentação sobre o que a gente vive fica muito empobrecida. É uma ausência muito grande, sabe? (BRUM, 2018).*

É muito importante destacar esta percepção de que o jornalista produz um texto perene, um documento, isto é, um relato sobre um tempo carregado da ideia da reprodução de uma realidade acreditada como verídica e que ficará como marca do tempo presente para o futuro. É novamente o trânsito entretempos do jornalista e dos testemunhos dos jornalistas. Padrões narrativos do jornalismo produzindo esta ideia de imparcialidade e verdade absoluta são valores antigos que os entrevistados relembram a toda hora e constituem o que poderíamos chamar de marcas históricas do jornalismo. Interessa pensar que se o jornalista produz um documento, produz um texto perene para ficar e durar em direção ao futuro, corroborando com a tese de que o jornalismo quer ser um lugar na história. Mas este lugar, para Eliane Brum

(2018), é da reportagem. Vamos aproveitar, então, esta reflexão sobre o trânsito entretempos do jornalismo, para mapear estes valores que mudam e permanecem, na visão dos entrevistados.

#### 4.2 RUPTURAS E PERMANÊNCIAS

Notamos, até aqui, alguns valores históricos que permanecem, citados e enfatizados tanto pelos jornalistas que responderam ao questionário quanto aos entrevistados. Esses valores revelam a idealização do ser jornalista hoje. A seguir, no Quadro 2, listamos os principais.

**Quadro 2** – Síntese dos valores jornalísticos que permanecem

<b>Valores que permanecem</b>	<b>Como são reforçados na contemporaneidade</b>	<b>Dificuldades enfrentadas</b>
Busca pela verdade ou pelo lugar de fala daquele que expõe um conteúdo verdadeiro	Em um ambiente de proliferação de notícias falsas, o jornalista teria essa função reforçada	O jornalista não consegue fazer a confirmação dos fatos de forma aprofundada em função da aceleração dos processos e da demanda em ambientes de precarização do trabalho
Qualidade literária do texto	O jornalista se destacaria pela superioridade de seu texto em contexto de profusão de textos amadores com presumida qualidade inferior	Apuração superficial, agilidade na execução de tarefa e o caráter multifuncional do trabalho jornalístico dificultam a elaboração do texto
O jornalista-testemunha, a sua presença física no local dos acontecimentos e a troca com fontes e leitores presencialmente	Apontado como diferencial do jornalista em momento de questionamento da qualidade profissional e com a proliferação dos “jornalistas” amadores da internet	O jornalista cada vez mais atua como administrador de testemunhos alheios, pouco saindo da redação. Compila declarações da internet e, pelo <i>modus operandi</i> atual das redações, tem pouco tempo para apuração. Há redução da ida à rua em contexto de aceleração e grande demanda de trabalho
Produtor de registro histórico	Se muito se perde na avalanche das informações que circulam na internet, o jornalista (sobretudo aquele que pertence a instituições de prestígio e de credibilidade) se destacaria como aquele que ainda	Em um ambiente de ampla circulação de informações, é difícil prever se essa função ainda se mantém ou está abalada. Que registros serão consultados no futuro?

	produz a informação e o registro que permanecem no tempo, para consulta no futuro	
Amplos conhecimentos gerais e sobre os temas abordados	O jornalista com maior conhecimento (cultural, intelectual e profissional) conseguiria produzir conteúdo com mais agilidade, no atual contexto de rapidez e a cobrança pela ausência de erros, que viralizam e destroem mais facilmente a credibilidade do autor	A versatilidade exigida nas redações (o repórter que cobre temas diversos e não se restringe a editoriais e temáticas específicas) dificulta essa especialização
Imparcialidade	O jornalista, que adotaria esse posicionamento conseguiria ter destaque por apresentar um texto mais abrangente e polifônico	A antiga cobrança editorial das empresas jornalísticas e o atual fenômeno do jornalismo declaratório dificultam, pois facilitam a produção de textos que apresentam apenas uma versão dos fatos
Profissionalismo	O jornalista diplomado e empregado em empresas de prestígio teria mais condições dar valor ao texto e reforçar a segurança das informações. Este jornalista com experiência e bagagem seria melhor profissional	Poucos postos de trabalho em redações, a demissão de jornalistas com mais tempo de atuação e a grande quantidade de difusores de informação anônimos colocam a premissa em xeque
Importância da troca entre colegas nas redações	Esta ajudaria no processo de formação profissional e na qualidade do texto	A queda na quantidade de postos formais de trabalho mais uma vez dificulta essa relação
O valor do repórter e da reportagem	O bom repórter, aquele com capacidade e esforço investigativo, se destacaria, podendo ele exclusivamente prestar informações seguras, mostrando ao público a suposta verdade	Pouco tempo e investimento em reportagem nas redações dificultam o esforço investigativo mais amplo

Fonte: primária

No Quadro 3, listamos alguns valores pouco citados ou não mencionados pelos jornalistas, sinalizando mudanças e reflexões importantes na contemporaneidade.

**Quadro 3** – Síntese dos valores jornalísticos em transformação

Agilidade	Muito embora essa seja uma cobrança fundamental nas redações, diante do alto fluxo de atividades e a velocidade da internet, os jornalistas que já trabalharam ou trabalham em redações do Rio de Janeiro e os que foram entrevistados mais longamente não consideram esse um valor para o jornalismo. E tampouco é um valor histórico.
Multifuncionalidade	Outra característica cobrada em redações: que o jornalista entenda de tecnologia, de diferentes ferramentas e formatos digitais, que ele saiba editar vídeos, fotografar, diagramar etc. Os jornalistas entrevistados não valorizam esta capacidade.
Versatilidade	Foi enfatizada pelo grupo que respondeu o questionário como qualidade a capacidade de transitar por temas e coberturas variados, mas os personagens memoráveis não destacaram essa qualidade (embora suas carreiras mostrem relativa versatilidade).
Mediação	Foi pouco citado pelos jornalistas o papel histórico do jornalista de mediador entre o público e o poder público, aquele capaz de resolver problemas da sociedade e de interceder junto a autoridades. Alguns mencionaram tangenciando outras qualidades, mas não foi destaque. Outros falaram especificamente de crise do papel de mediação. Isso pode estar relacionado à tendência de quebra do monopólio do jornalista como difusor de informações e de maior acesso da população a outros canais virtuais de cobrança.
Originalidade	Alguns entrevistados citaram originalidade como valor e podemos considerar que esta característica é relativamente atual no sentido preciso da palavra. Se ela se relaciona à qualidade do texto, é ligada a um valor histórico. Mas se ela diz respeito a novas maneiras de apresentar conteúdo ou a ângulos inusitados para contar uma história, pode ser um valor que ganhou destaque na atualidade.
Empreendedorismo/ pioneirismo	Outra característica citada pelos entrevistados que se relaciona a uma dinâmica mais atual. Muitos jornalistas, fora do ambiente corporativo, criam produtos e canais na internet, por exemplo.

Fonte: primária

Notamos, com a sistematização que os quadros permitem, que os valores ainda defendidos pelos jornalistas entrevistados são históricos, que permanecem no decurso do tempo, mas que enfrentam um novo contexto de dificuldade para serem explorados em sua ampla potência. Notamos ainda que há um desencontro entre esses valores e algumas qualidades e práticas exigidas atualmente em redações. Essa reflexão nos leva a pensar que o futuro do jornalismo enquanto atividade profissional necessita de alinhamento de valores entre empresas e jornalistas em torno de um objetivo comum: entender o que é o jornalismo de qualidade e como atingi-lo. Há discrepância entre o que se espera, entre os profissionais, do que seja realizar bom jornalismo e o que é possível realizar no cotidiano atual das redações.

A hipótese inicial deste trabalho era de que se há uma mudança do testemunho como dimensão do jornalismo, haveria também mudanças nas práticas e na identidade jornalísticas. Notamos, até aqui, que a profusão de relatos circulando sem freio promove mudanças nas práticas jornalísticas. Mas não promove mudanças na identidade e nos valores perseguidos pelos profissionais. As práticas mudaram, mas a idealização e as expectativas em torno da profissão pelos próprios jornalistas são as mesmas.

Outra conclusão interessante é que os valores mais citados pelos entrevistados não são os mesmos daqueles que os elegeram como símbolos para a profissão. Isso pode reforçar que a admiração diz respeito mais a um culto à celebridade do que de fato a uma identificação com práticas e escolhas, que construiria um modelo.

Para continuar interpretando as declarações desses jornalistas, é importante falarmos um pouco mais sobre as relações entre tempo, memória e jornalismo. Também é fundamental entender o que é o presente no jornalismo e os laços com esse passado para enfrentar o atual momento de incertezas. Faremos isso no próximo capítulo.

## 5 O FUTURO EM PAUTA

Pensar nos vínculos entre o passado e o presente é um caminho possível para a compreensão de um provável futuro para o jornalismo como profissão. Nas redações, hoje, o medo de os “anônimos digitais” e suas correntes de informações pelas redes sociais substituírem o papel do jornalista profissional é grande<sup>1</sup>. Por isso, conhecer a opinião de jornalistas sobre estas perspectivas pode ser uma luz na atualidade para guiar esforços em um período de aparente nebulosidade. É um ponto de partida para pensarmos em outros aspectos ainda não explorados na pesquisa.

A última pergunta da entrevista tinha a pretensão de evocar as perspectivas de futuro, uma análise sobre os caminhos e desafios do jornalismo. A intenção era entender o que os jornalistas apontam como os caminhos possíveis para uma profissão em transformação. Até agora, entendemos que há uma voz em uníssono, que aproxima o grupo, sobretudo na valorização da crítica ao chamado jornalismo declaratório e à importância de uma busca pela verdade. Essa retórica discursiva é usada para se constituírem e permanecerem como jornalistas de relevância, e para reforçar a importância da própria profissão. Como testemunhas dessa história em transformação, os jornalistas reforçam a importância de ser o jornalista, ele mesmo, testemunha daquilo que noticia.

Para além da questão do testemunho e da verdade, Barcellos (2017) defende ainda que a principal missão do jornalista é tentar propagar “*só o relevante*”. Caberia, portanto, ao jornalista definir o relevante. Numa sociedade dual, governada pelas emoções, a ordem do dia não seriam as sensações?

Nesse momento, Barcellos (2017) critica o chamado sensacionalismo, ou seja, a intenção, entre jornalistas, de causar impacto, a preocupação excessiva de divulgar histórias que gerem audiência, sem questionamento sobre a relevância da temática para a sociedade.

*Por exemplo, casos de crimes extremamente brutais, um serial killer. Aí o jornalista se dedica demais a essa história, mesmo depois da prisão, buscando todos os detalhes. Se ele não está mais colocando em risco a vida de ninguém, deixa de ser relevante. Serial killer é raro no Brasil, do ponto de vista da incidência, acontece uma vez a cada dez anos. O sensacionalismo é a divulgação de algo irrelevante. É muito mais provável que você seja agredido pelo seu vizinho, pela polícia (se for pobre), sofrer assalto. Não é relevante ficar muito tempo divulgando isso. O desafio é buscar algo artesanal, de origem, em um comprometimento ferrado com a precisão, separar o que é barulho, irrelevante, campanha, sobretudo de uma multidão que não tem filtro que não seja o próprio, temos o filtro do nosso grupo que nos ajuda na reflexão (BARCELLOS, 2017).*

---

<sup>1</sup> A reflexão é fundamentada na vivência como jornalista em redações e na dissertação de mestrado da autora, em que jornalistas de redação foram entrevistados.

O jornalista mostra estratégias ainda usadas para manter a coesão do grupo, como o combate às *fake news*, que abordaremos neste capítulo. Barcellos (2017) enfatiza novamente a já discutida questão da verdade, mas insere outra questão, a preocupação atual com a chamada ditadura da audiência. Muitos jornalistas<sup>2</sup> queixam-se da dificuldade de achar um meio termo entre agradar a audiência (ou noticiar aquilo que dá mais cliques) e promover o chamado jornalismo de qualidade<sup>3</sup>, com matérias de maior relevância social e política. Segundo Massip (2014), o jornalista precisa mesmo ter medo de cair na ditadura da audiência através dos meios digitais e tentar manter o equilíbrio entre o interesse público e o interesse do público, para que o papel de prestar um serviço público do jornalismo não seja extinto. Como veremos no próximo subcapítulo, é outra construção histórica do jornalismo: a de guardião de valores democráticos. O autor investigou, através de pesquisas realizadas na Espanha, que quando o jornal dá destaque a um assunto político na primeira página, mesmo que os mais lidos ainda sejam os supérfluos, os mais comentados são os destacados pelo veículo.

Massip (2014) lembra que quando o conteúdo mais acessado é o sobre a vida privada nessa extenuante luta por atenção, muita humilhação e falta de dignidade humana circulam sem critério por veículos jornalísticos. Segundo ele, o mercado não pode superar a democracia e ultrapassar limites éticos para atrair leitores. É preciso ter em mente, não só o clique, mas se a informação é, de fato, relevante. Além disso, segundo o autor, como os comentários nos sites noticiosos geralmente são monólogos, há falta de diálogo, o que acarreta uma crise democrática, uma falta de espaço público de debate. Schudson (2000) já ressaltava no início desse século que o papel crescente de valores de entretenimento no julgamento do que é notícia sinalizava uma intromissão de valores de mercado no profissionalismo do jornalismo. Isto inquieta jornalistas cada vez mais, com o passar do tempo.

Boechat (2017) repetiu que a essência do jornalismo é coletar fatos de interesse público, formatar e difundir em grande escala. Para ele, essa matriz não tinha mais sentido, como ele já defendeu, pela possibilidade de qualquer um ter essa mesma função, se assim quiser e para isso se dedicar. O jornalista voltou a abordar a crise da mediação e a diluição da fronteira entre o profissional e o amador, ou ainda, uma indefinição sobre quem seria o jornalista a partir de agora.

---

<sup>2</sup> Segundo relatos de jornalistas entrevistados. Cf. Gerk (2016).

<sup>3</sup> Cf. Gómez Mompert, Gutiérrez Lozano e Palau Sampio (2013).

*Uma filha minha de 11 anos tem nas mãos um celular e pode filmar um evento de rua que ela esteja vendo e ninguém da imprensa está, tem imagem e som, pode sonorizar essa gravação, editar, pode aplicar efeitos especiais, legendar, coloca isso na internet, na rede social. A comunicação de massa que dava nome ao nosso ambiente de trabalho deixou de ser um monopólio dos grupos de imprensa, de comunicação, cada vez menos um nicho no qual atuavam com exclusividade. Dentro desse ambiente, forjou-se a profissão de jornalista, tanto quanto a perda desse ambiente como território exclusivo de um determinado tipo de organização, a própria atividade do jornalista, que era capturar a informação, formatá-la, enriquecê-la de conteúdo e pesquisa, também tende a perder essa chancela de exclusividade, já está perdendo. [...] Garantia-se a certa inviolabilidade de fronteiras, quem estava dentro era isso, quem estava fora era outra coisa, e as fronteiras estão mais dilatadas e com vários pórticos abertos, entra-se, sai, sobrepõe-se. Faz-se paralelamente de tudo em termos de comunicação de massa, de trânsito de informação e difusão de conteúdo de interesse de maiores e menores grupos de espectadores, ouvintes ou leitores. A função do jornalista como foi criada e exercida ao longo de todos os séculos até o advento dessa realidade, essa função também perde o seu exercício característico, exclusivo. Esse exercício exclusivo morre (BOECHAT, 2017).*

Boechat (2017) comentou ainda que nunca foi favorável a uma formação jornalística específica porque acredita que a atividade é mais fruto de *“uma vocação, de um dom que você instrumentaliza ou enriquece”*. Este é outro valor histórico do jornalismo. Ele é uma espécie de “eleito” que já nasce com o “dom”. Além disso, tem uma “missão”, como os entrevistados não cansam de destacar. Ele acreditava que a faculdade correspondia a um período importante de uma formação intelectual e cultural, mas descartou a necessidade de um curso próprio para esse ofício. Citou, como exemplo do argumento, o médico Dráuzio Varela, funcionário da Rede Globo, que *“faz um belíssimo trabalho jornalístico”*, ou outras *“centenas de pessoas com outra formação que apenas aportaram esse conteúdo a esse exercício do jornalismo, que é basicamente a difusão de análises, comentários, críticas em cima de assuntos”* (BOECHAT, 2017).

Mesmo com toda essa perda de protagonismo, Boechat (2017) não achava que o jornalista devia se preocupar com a ausência de nicho de atuação ou mercado futuros pois *“estarão nele quem se habilitar a estar, se preparar, estiver vocacionado, conhecimento, instinto, curiosidade”* e desenvolver o dom da escrita ou da comunicação oral. Para ele, todos poderão compartilhar *“desse mundo”*, da comunicação, e *“aqueles que melhor estiverem preparados estarão muito provavelmente identificados de forma mais clara, vivendo de forma mais direta essa realidade”* (BOECHAT, 2017), destacando a necessidade de um conhecimento peculiar. Ou seja, Boechat via um futuro para a profissão, apesar de relativizar a necessidade de formação específica. Por outro lado, determinava que a profissão, entendida como um monopólio de poucos com um tipo de preparo ou de convivência específicos, acabou.



*O jornalista, como figura específica, detentor de um monopólio de uma determinada atividade, talvez ele preserve essa identidade como tal, mas a atividade dele caiu nas mãos do planeta, é um pouco, mal comparando, uma comparação bem simplória, como o Uber. Quem é taxista, foi um nicho de um grupo profissional que se preparou, veio uma tecnologia que inseriu nesse mercado outro concorrente, outro personagem. Eu acho que a sociedade devia criar mecanismos que não permitissem a concorrência predatória, preservarem, à luz da história, da realidade, o mercado dos taxistas, não deixando que eles fossem simplesmente devorados pela concorrência desigual, predatória, mas ninguém pode negar que essa atividade que desempenharam ao longo de séculos com carros da mesma cor, sendo chamados pelo mesmo nome, prestando o mesmo tipo de serviço, com o mesmo tipo de formação, de habilidade, atividade, isso melou porque a realidade do mundo mudou (BOECHAT, 2017).*

Glória Maria (2019) e Leitão (2019) voltaram a ressaltar como caminho para o jornalismo, conforme citado repetidas vezes ao longo das entrevistas, a missão de traduzir o que é verdade, em meio a uma enxurrada de informações falsas, sobretudo em ambientes digitais. Esse valor histórico do jornalismo ganharia mais importância em meio a uma crescente difusão das chamadas *fake news*. A retórica jornalística sempre buscou esse estatuto de verdade, através da norma da objetividade, ou seja, na reunião de elementos que esfumaçam o esforço retórico e reverterem o discurso de aparência inquestionável, evidente, lógica.

Para Glória Maria (2019), a única forma de o jornalismo continuar ocupando lugar de relevância, enquanto atividade profissional, na sociedade é “*buscar profundamente a verdade, independente dos recursos e dos veículos*”, como já mostramos aqui, uma premissa que uniria o grupo e é ressaltada por todos. Para ela, “*hoje se vai pelo caminho mais fácil*” e “*o jornalismo na verdade virou uma coisa de glamour*” (MARIA, 2019). A jornalista defende uma posição de imparcialidade diante das notícias:

*Quando você é jornalista, você é considerado quase um superstar, e isso eu acho que interfere profundamente no exercício do jornalismo. Porque você deixa de ser realmente aquela pessoa que serve à sociedade, para ser quase um mentor da sociedade. Eu acho que o jornalismo perde muito quando você coloca a sua posição, e não a verdade. Eu acho que hoje o risco que corre é isso. O jornalista, ele tenta, mesmo quando ele não é um jornalista de opinião, ele se coloca como condutor daquela coisa e ele não pode. Não podemos julgar, não podemos interpretar segundo nossos valores. Eu acho que o erro hoje do jornalismo é ele ser colocado na mídia segundo os valores pessoais de cada jornalista que está trabalhando. Eu acho que isso é fatal para a profissão (MARIA, 2019).*

É a primeira vez nas entrevistas em que apareceu a questão do jornalista celebridade. A rigor, todos os entrevistados se situam nesse patamar, exceto Leitão (2019). São celebridades para os outros jornalistas, são celebridades para o público porque publicizam a si mesmos. É interessante pensar nesse desejo de visibilidade do jornalista, já que ele admira quem está em uma vitrine midiática.

Leitão (2019) não destaca o aspecto opinativo, e sim o perigo das notícias falsas. Para ele, o futuro do jornalismo é combater as *fake news*, retomando, assim, a credibilidade perdida. A ideia seria mostrar que o jornalismo é o “*caminho de uma informação correta, precisa, com o máximo de detalhes, com credibilidade*” (LEITÃO, 2019) .

*O combate à fake news é o que vai salvar o jornalismo na minha opinião, porque quem vai informar? As pessoas vão se informar como? As pessoas vão se informar de um acidente de trânsito como? O fake news disse aqui, não sei quem morreu, não sei como é que foi, ah! mas não foi bem assim. Então nós somos isso. Nós vamos contar de um acidente de trânsito a um escândalo do Presidente da República, a uma guerra a 10 mil quilômetros daqui, entendeu? Esse é o nosso papel, retratar isso e vencer a fake news. Não é possível que as pessoas vão para o resto da vida se informar por corrente de rede social, entendeu? [...] A gente tem que se adaptar, é difícil ganhar dinheiro com a internet. O jornalismo também precisa ganhar dinheiro para sustentar famílias, para sustentar a empresa que vai sustentar famílias. Então assim é preciso encontrar uma forma de ganhar dinheiro. A população não quer consumir muito, o cara não quer pagar por aquela matéria. Às vezes você fecha o link, o cara fala “pô, mas tem que ter senha?”. Pô, cara, eu tô vendendo. Isso aí não é... Eu estou te mostrando que esse é o caminho pra você ler alguma coisa com credibilidade, senão você não vai saber se essa informação... Um profissional custa caro pra fazer, pra investigar. Investigar é muito caro (LEITÃO, 2019).*

Leitão (2019) citou alguns exemplos para ilustrar o alto preço das investigações, como retirada de certidões, aluguel de carros, viagens, hospedagens, transporte. Por fim, citou um exemplo pessoal, de que ainda é comum que amigos o procurem para perguntar se alguma notícia circulando por redes sociais é verdadeira.

*Ou seja, não é o Leslie que está ali, não é pro Leslie que eles estão perguntando, o Leslie amigo de infância, é pra um jornalista que trabalha apurando com o máximo de credibilidade possível, de detalhe, o cara minucioso na apuração, entendeu? Então ele quer saber se aquilo ali é verdade. Se ele pergunta para um jornalista, ainda existe isso no coração das pessoas, as pessoas acreditam realmente no jornalista, entendeu? Então isso é uma coisa que, a cada vez que nego me pergunta se é verdade, eu fico feliz pela profissão, entendeu? Porque ali não sou eu, somos nós todos (LEITÃO, 2019).*

Leitão (2019) acredita que as *fake news* vão fazer com que “o jornalismo profissional, diligente, responsável sobreviva” já que ele questiona a probabilidade alta de, “*depois de um tempo*”, as pessoas passarem a “*não ler mais nada*” e ficar “*tomando conhecimento das coisas por corrente de WhatsApp e de Facebook*”, já que a maioria das informações recebidas é “*lixo de informação*”.

*Eu preciso de um profissional ali gabaritado, profissional e que responda por seus atos também, entendeu? Eu tô... Não tenho problema nenhum em responder, a gente erra, acerta. A gente acerta muito mais do que erra. E quando a gente erra, tem que responder, normal. Não tem muito mistério. O cara procura a Justiça, entra com uma ação e se a gente escreveu errado ou cometeu algum erro que pague, que dê direito de resposta, que explique, entendeu? Para ser punido da maneira que a Justiça já prevê, entendeu? (LEITÃO, 2019).*

Eliane Brum (2018) destaca o impacto social do jornalismo no futuro, do ponto de vista da sociedade, e não só dos jornalistas. Para a escritora, a profissão é uma documentação do cotidiano, ou seja, os jornalistas seriam historiadores do cotidiano. “*O que é produzido pelo jornalismo é um documento que ecoa e tem efeitos no hoje e vai colaborar para a compreensão desse momento no futuro*” (BRUM, 2018), resume. Segundo Eliane, esse trabalho tem sido feito de forma precária porque “*vastas porções de Brasis não têm sido descobertas*” e “*as que têm sido contadas têm sido mal contadas*” (BRUM, 2018). Eliane aposta que o futuro do jornalismo está na conscientização da necessidade de o público, a sociedade em geral, investir em boas reportagens.

*Tem várias boas reportagens e vários bons jornalistas fazendo boas reportagens, mas tem muito menos do que seria necessário. Então a gente está num momento também de precarização do nosso trabalho em todos os sentidos e também na qualidade das reportagens. Acho que sempre que uma reportagem, uma matéria se parece com um post de Facebook, a gente desce um... A gente desce um degrau rumo à irrelevância. E o jornalismo só vai existir, as pessoas só vão achar que é importante financiar o bom jornalismo se ele for relevante, se ele tiver efeito sobre a vida, se ele garantir a complexidade daquilo que ele está contando. E isso porque eu acredito que é algo que a gente precisa investir. O bom jornalismo não é um problema só dos jornalistas. Ele é um problema de toda a sociedade. A sociedade tem que entender que ter bom jornalismo, ter boa reportagem é importante, e a gente vai precisar financiar isso de alguma maneira (BRUM, 2018).*

Esse valor histórico do jornalismo, conforme já apontamos, é muito citado pelos jornalistas. O jornalista ainda quer ser relacionado ao ato de produzir a história do tempo presente. Por que esse valor é importante hoje quando a fluidez e a aceleração marcariam um momento de distanciamento da história? Por que mecanismos eles se inserem novamente na história? São questões que surgiram com esse trabalho e certamente não serão respondidas por ele, mas seguiremos refletindo sobre elas. Essas constatações desafiam a hipótese inicial de que, se muda o papel autoatribuído ao jornalista, de ser ele mesmo testemunha da história, mudaria também seu papel de produtor e conservador de memórias coletivas (já que quem assumiria essa função, em primeira instância, seria o público) e de disseminador de uma verdade reconhecida pelo senso comum. A hipótese está definitivamente descartada: o jornalista não mudou o papel autoatribuído de ser ele mesmo testemunha da história, mesmo em meio à prática de administração de relatos alheios e tendo ele poucas chances de testemunhar, de fato, os fatos. Apesar de as práticas terem mudado para a maioria dos repórteres, nas redações, o jornalista ainda se apegava a valores e respostas do passado para definir quem é. Como vimos, os valores defendidos estão distantes, muitas vezes, das práticas, mas são valores da longa duração, enfim, históricos.

Pensando em futuro, Eliane acredita que a melhor fonte de financiamento para um jornalismo que possa ser chamado de independente seja o próprio leitor, que pode optar por investir naquilo que considera relevante: “*Não é que ele (o leitor) vai escolher as pautas, mas aquilo que ele se sente engrandecido quando lê*” (BRUM, 2018). Na sua opinião, vários caminhos estão sendo testados, mas o principal desafio é ser relevante e encontrar maneiras de financiar este tipo de jornalismo. Unindo as duas respostas, podemos interpretar que, para ela, encontrar uma maneira de fazer com que boas reportagens (a essência do bom jornalismo) sejam feitas é um “problema” de toda a sociedade.

*O desafio de ser relevante sempre aconteceu. Quando eu comecei, durante as primeiras décadas da minha vida de repórter, o que a gente fazia era se formar e tentar conseguir um lugar numa redação e a partir daí começar uma briga eterna que faz parte, pra conseguir espaço pras nossas reportagens e depois conseguir fazer com que elas fossem publicadas da forma como a gente tinha escrito, né? Para mim isso sempre foi uma briga [...]. É uma disputa que também é política. Mas hoje não, né? Hoje as redações estão encolhendo, outras formas de financiamento têm surgido, as agências de jornalismo independente que estão sendo financiadas por fundações, por outros modelos de financiamento, têm acontecido várias coisas. Eu, desde 2010, eu trabalho de forma independente, independente eu mesma no caso. Eu tenho uma coluna no El País que é meu compromisso fixo e tenho feito de várias maneiras meus livros, minhas reportagens, meus projetos de longo prazo, muito longo prazo de reportagem, cada vez mais longo prazo, meus documentários, eu vou indo pela minha inquietude e tentando achar minhas formas de conseguir continuar sendo repórter, fazendo aquilo que eu acredito (BRUM, 2018).*

A fala de Eliane Brum (2018) sobre o impacto social do jornalismo em futuros leitores se relaciona a este desejo de futuro do jornalismo de que tratamos, no sentido de criar registros que permanecem, transformando-se em fontes para historiadores de outros tempos. É importante, portanto, refletirmos um pouco mais sobre esta relação entre jornalismo, tempo e verdade, já que a maioria dos jornalistas entrevistados aposta que o combate às *fake news* é o caminho possível para o futuro do jornalismo.

## 5.1 JORNALISMO, TEMPO E VERDADE

O jornalismo relaciona-se a múltiplas temporalidades. Como lembra Franciscato (2003), a temporalidade da atividade jornalística não é composta só pela do objeto noticiado, mas também pela temporalidade do ato de informar publicamente (na forma de um discurso) que tal fato está ocorrendo numa dimensão do presente. O autor pondera que o que se convencionou denominar de atualidade jornalística tem sentidos diferentes que se referem a variados fenômenos, como um conteúdo que revela a temporalidade de uma ocorrência; uma prática social que contribui para sedimentar a experiência social em um tempo definido (seja

construindo sentidos de proximidade e imediatismo, seja estabelecendo a agenda dos temas considerados relevantes para a sociedade); um conjunto de processos institucionais que se realizam em ritmos ditados pela produção organizada industrialmente e periodizada; um ato de construção de sentidos pelo leitor ao interpretar conteúdos jornalísticos com base em sua realidade cotidiana.

Sendo assim, o jornalismo é entendido como uma criação institucional que interfere na maneira como o indivíduo e a sociedade vivenciam socialmente o presente. A atividade jornalística opera com base em determinados princípios, entre os quais o autor destaca três: adotar como pressuposto a existência de uma ideia de verdade do real que pode ser apreendida nos seus aspectos principais por meio de técnicas jornalísticas e transformada em relato noticioso (conforme amplamente destacado pelos jornalistas entrevistados); ter um compromisso normativo de cumprir esta tarefa de fidelidade ao real; e produzir conteúdos que ofereçam a uma coletividade modos específicos de vivenciar situações num tempo presente. Como instituição social, o jornalismo cumpre papel social específico, não executado por outras instituições. A instituição jornalística conquistou historicamente legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas (FRANCISCATO, 2003).

O processo de institucionalização do jornalismo está vinculado, portanto, a fatores decorrentes de suportes tecnológicos que tornaram a sua produção e circulação possível; a processos industriais de produção e inserção no mercado; à formação de práticas sociais e técnicas específicas da atividade por parte de um corpo coletivo de jornalistas; à constituição de um conjunto de normas que estabelecem princípios e que regulam formas de agir; à criação de hábitos, expectativas e valores sociais sobre o papel que o jornalismo desempenha na sociedade; e ao estabelecimento e consolidação de relações simbólicas e de poder (FRANCISCATO, 2003).

O jornalismo possui um ritmo regulado pela velocidade da produção, pela rapidez com que um conteúdo é transformado em produto noticioso. Franciscato (2003) marca que há uma tensão entre a velocidade do movimento do mundo e a velocidade da produção do discurso jornalístico sobre esse movimento, pois o jornalismo vive um permanente risco de que o sentido de tempo que traz no seu discurso se descole do tempo do mundo. Isso parece sofrer grande exacerbação no momento atual, em função das mídias digitais. Essa noção é incorporada na rotina das redações: a fuga da defasagem é razão para acelerar a produção e dar

valor à noticiabilidade de um evento. O discurso jornalístico, define Franciscato (2003), afirma-se publicamente como discurso sobre a atualidade porque constrói um sentido temporal de não haver um desencaixe real entre o tempo do mundo e o da produção jornalística. Para isso, usa também recursos linguísticos, como a utilização de verbos no presente nos títulos das matérias, mesmo que o texto depois se construa no passado. Hoje é comum até a utilização de verbos no futuro em manchetes, reforçando este desejo de futuro do jornalismo, mesmo que se reporte ao passado. A temporalidade também está no próprio ato de informar publicamente no presente. Ao dar visibilidade pública a determinados fatos, a instituição jornalística mostra ao leitor que certos conteúdos possuem sentido de relevância para a vida social, e, por consequência, também acaba dando essa relevância aos eventos.

Para além disso, também há um evidente desejo de futuro, como notamos nas falas dos entrevistados e mencionamos ao longo da pesquisa. Mesmo assim, esta construção do futuro se faz no presente, como uma preparação para o novo que se abre como desdobramento do presente. Este novo depende das situações concretas da vida cotidiana, das escolhas e ações dos atores e dos movimentos sociais reativos.

A digitalização da sociedade propõe mudanças na forma como o tempo é vivenciado. Em Castells (1999), podemos encontrar a proposta de conceituar essa nova temporalidade, como o que denomina “tempo intemporal”. A nova configuração estaria relacionada ao fato de que a comunicação por redes possibilita a transmissão instantânea de dados sem intervalo temporal entre o envio e o recebimento (a “instantaneidade”) e essa transmissão não depende de uma sequência linear e demorada de leitura e envio. Haveria uma pretensão de rompimento com um modelo de tempo cronológico, que tem como uma de suas manifestações mais paradigmáticas as linhas de montagem e os controles de ritmos de produção característicos das sociedades industriais.

O fenômeno de instantaneidade da transmissão das informações refere-se também à capacidade de os leitores interagirem e agirem em uma simultaneidade do tempo da veiculação. Também há um rompimento da sequencialidade da leitura, por meio de recursos de construção textual como o hipertexto. Franciscato (2003) ressalta que essa quebra possibilita ao leitor construir uma pluralidade de tempos sociais ou pelo menos experimentar os tempos sociais existentes de uma forma singular e criativa, inserindo-os dentro de uma nova lógica, mais particular, o que não significaria necessariamente uma anulação da temporalidade conforme a expressão “tempo intemporal” induz. Dessa forma, cada leitor tem um “tempo próprio” da

leitura, em múltiplas camadas, de notícias produzidas no presente e no passado. Em textos do “ontem” que na rede ainda são de hoje.

Harvey (1992, p. 258-263) usa a expressão “compressão do tempo-espaço” para designar “processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos”. As consequências seriam a institucionalização da efemeridade, da volatilidade, da descartabilidade e da instantaneidade como modos de realização do capital na sociedade, com impactos no modo de fazer jornalismo hoje. Produtos, serviços, técnicas de produção, processos de trabalho, ideias e ideologias, valores e práticas estabelecidas passariam a estar envolvidos por esta lógica em uma experiência do tempo em um presente ao qual objetos e práticas se direcionam sempre em busca de uma renovação intermitente (HARVEY, 1992, p. 258-263). Essa aceleração contemporânea atinge também a produção de narrativas. Ao mesmo tempo, a mídia opera também com uma multiplicidade de temporalidades, construindo diferentes relações temporais de acordo com os gêneros midiáticos produzidos e os suportes utilizados.

É interessante pensar que essa relação com o tempo, que simultaneamente engloba multiplicidade, instantaneidade e um tempo comum, afeta profundamente a prática jornalística, impondo cada vez mais um sentido de urgência e uma sensação de descarte. Ao mesmo tempo em que o jornalista tem um desejo de futuro, ele não se preocupa tanto com as marcas que seu conteúdo apressado pode deixar, porque, no momento em que são produzidas, parecem marcas efêmeras. Mas, ao mesmo tempo, ele tem como valor continuar sendo um historiador do tempo presente, ou seja, ele ainda quer gerar conteúdos que permaneçam durando.

É também importante considerar que as narrativas constituem um dos principais artifícios da memória, tanto em sua constituição, quanto nas formas de modificá-la. Como analisa Ricoeur (2007), as narrativas são construídas a partir de escolhas – não necessariamente conscientes – que selecionam aquilo que poderá permanecer e o que poderá ser escondido, naquilo que constitui a dialética entre extensão no tempo e no espaço ou a supressão de detalhes de um acontecimento, de uma história de vida ou de um grupo social. Assim, narrar implica complexos movimentos de lembranças e esquecimentos. E o plano do esquecimento tende a ser muito mais amplo, já que nenhuma narrativa dá conta do todo que chamamos de “real”. Mas aquilo que é narrado será configurado e reconfigurado, podendo chegar, pela repetição e pelo compartilhamento, à constituição de tradições e crenças.

Essa configuração das narrativas aciona a memória coletiva, uma noção associada àquelas lembranças compartilhadas que perfilam a identidade étnica, cultural ou religiosa de uma coletividade dada (RICOEUR, 2007). Isso porque as lembranças não são completamente individuais, mas estão inseridas em relatos coletivos, como também já assinalamos. Estão sujeitas, assim como outras modalidades de memória, a manipulações, falsificações e à dialética memória e esquecimento. Em um nível classificado como prático – ou pragmático – por Ricoeur (2007), os abusos de memória, são também abusos de esquecimento, resultam de uma manipulação entre memória e esquecimento.

“Os mesmos acontecimentos podem significar glória para uns e humilhação para outros. À celebração, de um lado, corresponde a execração do outro. É assim que se armazenam, nos arquivos da memória coletiva, feridas reais e simbólicas” (RICOEUR, 2007, p. 96). A memória, nesse nível, tem a ver com o exercício de um poder que determina o que poderá ser lembrado e o que deverá ser esquecido, mesmo em um contexto que parece favorecer um esquecimento mais acelerado. Nessa dialética, os jornalistas entrevistados acreditam que ainda há um papel do jornalista, que vem de longa tradição, de ter o poder de influenciar o que será lembrado e esquecido em uma sociedade. Forjam-se narrativas em que se escolhe o que deve ser lembrado, o que estará nos livros, nos relatos, para que virem tradição. São aquelas que buscam manter as formas e estruturas ditas originais e, muitas vezes, que contribuam para a repercussão das narrativas que interessam ao poder.

O que será lembrado é definido a partir da escolha daquilo que deve ser apagado. Nessa perspectiva, lidar com a dialética memória e esquecimento se associa às próprias possibilidades de as narrativas não darem conta de todas as perspectivas do acontecimento em questão. A narrativa comporta uma dimensão seletiva que a configura. Assim, para Ricoeur (2007), o passado lembrado depende da representação, e não necessariamente da presença.

Podemos pensar que o fato de o jornalista não exercer, em muitos casos, o papel de testemunha, no sentido de ele mesmo estar presencialmente nos eventos, testemunhando acontecimentos, não desconfigura – mas certamente influencia – seu papel de construção dessa memória coletiva e de uma narrativa que pode influenciar no que será lembrado ou esquecido. Os leitores tampouco estiveram lá. Mas muitos ainda terão memórias associadas às representações jornalísticas. A mídia é considerada uma instância mediadora na produção de sentidos históricos e no enquadramento da memória sobre acontecimentos (RIBEIRO, 2003).

Pollak (1998) aponta para a carga de violência simbólica desses procedimentos de enquadramento de memória, bastante apropriada para a análise de como diferentes processos



e atores participam da formalização de uma informação que poderá se tornar fonte para a elaboração de uma memória oficial. A partir da análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, o autor ressalta a existência de memórias subterrâneas opostas à memória oficial, sublinhando “o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional” (POLLAK, 1998, p. 4). Explica, ainda, que há gradações na dialética entre lembrar e esquecer. Afinal, a lembrança é sempre enquadrada pela situação comunicativa em que ela se dá, pelos valores coletivos que a conformam, por determinações sociais e por demandas do presente. Já o silêncio está associado ao não dito, ao que é lembrado de uma determinada maneira em relação ao que deixa de ser narrado, enquanto o silenciamento se relaciona a práticas deliberadas de poder de não deixar ver, ouvir, perceber determinados grupos, questões e acontecimentos sociais do passado. O apagamento é quando essas práticas de poder e controle se dão de modo tão intenso que fazem com que os vestígios da existência de um passado incômodo se desfaçam. O esquecimento, por sua vez, pode ser tanto próprio da atividade mnemônica (não somos capazes de lembrar tudo que vivemos e fizemos), mas também configurado por processos políticos de gerenciamento da memória, que, portanto, conta com específicos interesses. Nesse sentido, ainda pensamos que estes jogos de poder que influenciam o que será lembrado e esquecido de forma mais marcante, coletivamente, ainda apontam para o poder institucional do jornalismo tradicional, mesmo em um momento em que falamos de crise nas instituições. Conscientes desse poder de perpetuar esquecimentos, alguns dos jornalistas entrevistados, como Brum (2018) e Barcellos (2017), falaram da responsabilidade do repórter de dar voz a esquecidos e silenciados e a se preocupar com as marcas que seu conteúdo deixará no futuro.

Halbwachs (1990) falava da necessidade de a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. Nessa perspectiva, Pollak (1998) propõe que, em vez de se lidar com os fatos sociais como coisas, se analise como os fatos sociais tornam-se coisas, como e por quem são solidificados e dotados de duração e estabilidade, entendendo assim que toda memória coletiva é memória enquadrada. No caso do jornalismo, os autores dos textos ainda são responsáveis por propor esse enquadramento, que ajudará a constituir o esquecido e o lembrado de uma sociedade.

Muitos estudos ampliam essa perspectiva para observar as lógicas e operações enunciativas de enquadramento da memória coletiva realizada pelos meios de comunicação<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Cf., por exemplo, Ribeiro e Ferreira (2007), Zelizer e Tenenboim-Weinblatt (2014) e Zelizer (1992).

O jornalismo sempre foi considerado como o primeiro rascunho da história. Em uma era de domínios performativos cada vez mais misturados, de narrativas, imagens e impulsos reciclados de informações (ZELIZER; TENENBOIM-WEINBLATT, 2014), o jornalismo ainda regula e participa da produção do sentido histórico sobre determinados eventos, da escrita da história dos fatos e do enquadramento da memória coletiva. É importante marcar o papel do jornalismo como parte do processo de construção da memória coletiva. Enfim, o jornalismo, definitivamente, se envolve na construção de uma memória enquadrada.

A relação do jornalismo com o tempo define a atividade jornalística. Inicialmente, como vimos, pela sua intrínseca articulação com a questão da narrativa, instaurando os múltiplos tempos na ação de contar uma história – o tempo contado, o tempo levado para contar e o tempo apropriado que passa a figurar no mundo (RICOEUR, 1994). A própria ideia de jornalismo é dependente das lógicas das articulações temporais. O vínculo com o passado e com a perspectiva histórica é alvo de vários estudos, que pensam essa articulação entre presente e passado (BARBOSA, 2009; 2016). O próprio regime de verdade, que temos explorado ao longo da tese, interliga-se diretamente ao da temporalidade, já que remonta ao que está acontecendo no presente. Essa ilusão do tempo presente acrescenta credibilidade a uma fala como se as ações narradas ainda estivessem em curso. Logo, esse compromisso com a verdade, que em uníssono é apontado pelos jornalistas entrevistados como um valor histórico que permanece no jornalismo, se apoia nesta ideia de presente para reforçar a configuração histórica do jornalismo enquanto instância legitimadora para narrar o mundo. A proximidade temporal com o público, que também dá conta de antecipar o futuro, estreita os laços que credibilizam as ações narradas, fazendo acontecer na presença, como resume Rêgo (2019). O jornalismo instituiu-se como instância de divulgação da atualidade, numa espécie de atualização que só se tornava passada pela publicação de novas atualizações no dia seguinte.

A base da relação desse jornalismo com o tempo é a ideia de que jornais operam como mediadores de nossa experiência histórica, oferecendo à sua comunidade de leitores um mapa temporal de narrativas de uma atualidade socialmente partilhada. Como vimos, a atualidade é a temporalidade do tempo presente definidora e legitimadora do jornalismo enquanto instituição social, que demarcaria o próprio sentido de realidade e definiria modos de organizar a vida cotidiana. Mas agora vivemos uma espécie de ultra-atualidade, que não permite mais a pausa necessária para esse tempo organizador da vida cotidiana. Nesse sentido, a relação do jornalismo com a atualidade ganha novos contornos, no tempo acelerado da internet, que não permite pausas nem durante a produção nem entre a veiculação, o consumo e o retorno

opinativo da audiência, indicando já novos caminhos imediatos da produção ou até a revisão do que acabou de ser feito. Tudo no mesmo tempo: agora.

A reportagem faz da história pessoal uma história coletiva: por mais pessoal que possa ser um dado registro jornalístico, ele é sempre reproduzido em grande escala, assumindo, posteriormente, o valor de “documento” não apenas pessoal, mas também coletivo – um borramento das fronteiras entre o íntimo e o público. Os meios de comunicação não são os únicos, mas ainda são, hoje, um dos principais atores na realização do trabalho de enquadramento sobre o passado das coletividades. O controle da memória social parte de “testemunhas autorizadas” e o jornalista, mediador entre o fato e o leitor, interfere nesse processo, não só enquadrando os fatos, mas deixando emergirem valores e identidades ao reportar a realidade.

A posição na fronteira entre uma memória individual e uma coletiva confere características específicas à reportagem: a narração garante a “presença” do jornalista num dado momento ou acontecimento histórico, mesmo que ele não tenha estado lá. Isto permite ao jornalista e ao jornal partilharem a importância que um dado acontecimento possa ter, fazendo coincidir essa “importância histórica”, seu “registro” e, com ele, a “presença” – na história – do jornal ou do jornalista. Portanto, a escrita, possibilita o encontro entre a “memória” e sua “prova documental”: lembrar-se – no caso do jornalismo e diante do fato de que as reportagens são “documentos” – é encontrar não um acontecimento no passado, mas a narrativa desse acontecimento no passado. Com isso, a relação de dependência do acontecido ao narrado torna a narrativa o documento mais importante de todos (FRANCISCATO, 2003).

A notícia diária, assim como a conhecemos e vemos todos os dias, é feita com a preocupação de ser lida ou vista “naquele dia”. No entanto, algumas delas tornam-se fonte permanente de consulta, passando a ser relidas ou revistas. Este movimento é facilitado no mundo virtual, já que o acesso a arquivos está a um clique de distância. Mesmo assim, há uma tensão entre o lido e o relido, entre a notícia e seu valor histórico documental, entre o que não precisa e o que deve ser lembrado, vide as edições comemorativas e memoráveis de jornais e revistas. Essa tensão está na balança das relações de poder no jornalismo. Mesmo com a facilidade de acesso à memória na internet, cabe refletir se o que a grande maioria da população resolve revisitar, simultaneamente, em determinado período, ainda não é direcionado a partir de decisões e estratégias de quem tem o poder. Mesmo dentro das instituições jornalísticas, há hierarquia definidora de quem produzirá conteúdos com potencial de “marcar” mais que outros: que matérias terão mais destaque, espaço etc.

A desigualdade que pode ser observada nos critérios de escolha entre o que não precisa e o que deve – ou merece – ser revisto ou lembrado é homóloga à desigualdade entre as matérias ordinárias e as extraordinárias, e entre as posições mais autônomas e as mais dependentes no interior do jornalismo nas tensões diárias da profissão. Mesmo reconhecendo que muitos testemunhos, relatos, textos, produtos midiáticos em geral circulam sem freio pela mídia, ao se pensar ainda no que ficará marcado para uma memória futura se associa a registros mais “oficiais”, de mídias chamadas hegemônicas, que serão depois revistos ou relidos.

Cabe refletir que, na atualidade, jornalistas com medo do futuro tendem a idealizar um futuro semelhante ao passado, como pudemos perceber nas respostas dos entrevistados sobre que valores e qualidades podem garantir ao campo profissional a sobrevivência a longo prazo. Concomitantemente, aparece um desejo intermitente de futuro, também nas matérias que buscam antecipar o que ainda está por acontecer, com uma expectativa de notícia.

Latour (1994, p. 15) ressalta que “quando aparecem as palavras ‘moderno’, ‘modernização’, e ‘modernidade’, definimos, por contraste, um passado arcaico e estável”. Mas, como aponta Koselleck (2014, p. 19),

historiadores têm percebido o tempo em torno de dois motes principais, a princípio, distintos: um primeiro, que o considera como uma flecha irreversível rumo ao futuro; e um segundo, que o imagina como algo recorrente e circular. Ambos os modelos parecem insuficientes, na medida em que [...] toda a sequência histórica contém elementos lineares e elementos recorrentes.

É importante pensar sobre isso já que à medida que notamos características e valores históricos da identidade jornalística sendo questionados nesse início de século, também percebemos uma tentativa de reforço e revalorização destes valores, mesmo que estejam ameaçados pelas novas rotinas produtivas.

A constante atualização de notícias e circulação de relatos, que desafia as rotinas produtivas, se relaciona também a um fenômeno que citamos algumas vezes, que merece ao menos um subcapítulo à parte: as chamadas *fake news*, que guardam relação ainda com a nova dinâmica acelerada do tempo e também com este desejo de verdade e de credibilidade do jornalismo.

## 5.2 O FENÔMENO DAS *FAKE NEWS*

Em uma sociedade capitalista, a informação jornalística é uma mercadoria que, independentemente do modelo de negócios adotado para a sua produção, depende de uma qualidade essencial para ser consumida e amplamente aceita: a credibilidade, seu principal valor de mercado, como já mencionamos. Em um contexto que desafia credibilidade do trabalho do jornalista profissional, pensar sobre esse valor é essencial para entender esta administração de testemunhos alheios pelo jornalista e o próprio testemunho jornalístico.

Palacios (2019) lembra que Ralph Pulitzer é creditado como o pioneiro na implantação de um setor especializado em *fact checking* no *The World*, de Nova York, que havia sido comprado por seu pai, Joseph Pulitzer, em 1883. Em 1913, Ralph Pulitzer e Isaac White, editor-chefe do *The World*, criam o Bureau for Accuracy and Fair Play, com a tarefa de checar fatos antes de sua publicação, e com o objetivo de reduzir processos movidos contra o jornal por calúnia e difamação. Quando a revista *Time* começou sua publicação, em 1923, Nancy Ford foi contratada para o trabalho de *fact checking*.

Grandes jornais e revistas também sempre tiveram sessões de “Cartas ao Editor”, por meio das quais recebiam críticas e opiniões de leitores, por vezes apontando erros. Apesar do sistema de filtragem, algumas correções eram acolhidas e publicadas, em geral em um *box* pequeno intitulado “Erramos”, sem grande destaque. Historicamente também aparece a figura do *ombudsman*, que surgiu, segundo Palacios (2019), no jornalismo japonês (o *Asahi Shimbun*, um diário de Tóquio, em 1922). Palacios (2019) reforça que a característica fundamental dos mecanismos de *fact checking*, desde princípios do jornalismo moderno, é o total controle da empresa jornalística. Esse controle total começa a ser abalado agora. Os comentários dos leitores ficam expostos para todos verem, no site e nas páginas dos jornais nas redes sociais.

A partir da década de 1990 e notadamente no início do século XXI, com a chamada digitalização da sociedade e a proliferação de conteúdos denominados jornalísticos, surgem novos modelos de checagem, sobretudo as agências de checagem de informação (*fact checking agencies*). O movimento trouxe novas possibilidades de atuação para profissionais de jornalismo, envolvidos exclusivamente na tarefa de verificar a veracidade de textos e imagens. Em estudo realizado com 4.183 jornalistas, em 2012, no âmbito da pesquisa “Perfil profissional do jornalismo brasileiro” (UFSC; FENAJ, 2012), 9,5% dos jornalistas mencionaram outras funções profissionais, diferentes das clássicas (repórter, editor etc.).

Mesmo jornalistas em funções convencionais referiram-se a novas atividades ligadas a conteúdo digital (notadamente, em *blogs*, redes ou mídias sociais). Dos profissionais que atuam em mídia, 76% divulgam seu trabalho inteiramente ou em grande parte via internet, percentual muito próximo do verificado entre profissionais que atuam fora das mídias. As novas funções se relacionam, em sua maioria, a planejamento de mídias, produção de conteúdos e desenvolvimento de novas linguagens. Entre jornalistas de mídia, houve 161 menções a “outras funções”, enquanto surgiram 127 entre jornalistas de fora da mídia. Muitas destas novas atividades se ligam ao *fact checking*.

De acordo com o Duke Reporter’s Lab, o número de agências de *fact checking* no mundo mais do que triplicou, desde 2014, crescendo de 44 para 149, um aumento de 239%. Em 2015, segundo Palacios (2019), já era tal a proliferação de que o Poynter Institute tomou a iniciativa de criar uma forma de “checagem das checagens”, ou seja, uma instituição encarregada de verificar normas e metodologias adotadas pelas agências de checagem, para estabelecer e garantir sua idoneidade. Trata-se da International Fact checking Network. No Brasil, a primeira experiência com a checagem de fatos foi em 2010, durante as campanhas eleitorais, num projeto do jornal *Folha de S.Paulo* chamado *mentirômetro e processômetro*, que verificava o grau de veracidade de declarações dos políticos<sup>5</sup>.

Em 2015, foi criado o *site* Aos Fatos, dedicado à checagem de informações jornalísticas. Em 2016, foi criada a Lupa, a primeira agência de *fact checking* do Brasil, que vende seus serviços para veículos de informação. Durante as eleições presidenciais de 2018, no Brasil, uma coalizão de 24 empresas de mídia se formou para o Projeto Comprova. A ideia era trabalhar de forma colaborativa para encontrar informações falsas e táticas de manipulação nas redes sociais. O projeto foi coordenado pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), envolvendo *O Estado de S. Paulo*, AFP, Band (TVs e rádios do Grupo), Canal Futura, *Correio*, *Correio do Povo*, *Exame*, *Folha de S.Paulo*, *GaúchaZH*, *Gazeta Online*, *Gazeta do Povo*, *Jornal do Commercio*, *Metro Brasil*, *Nexo Jornal*, *Nova Escola*, NSC Comunicação, *O Povo*, *Poder360*, *Revista Piauí*, SBT, UOL e *Veja*. Três exemplos recentes dessas iniciativas são a constituição do UOL Confere; do Estadão Verifica, departamento de checagem criado pelo grupo *O Estado de S. Paulo*, e a iniciativa lançada pelas Organizações Globo, no fim de julho de 2018, que reunia um *pool* de jornalistas de diferentes veículos do grupo para fazer a checagem de fatos e de declarações de candidatos às eleições

---

<sup>5</sup> Cf. Mereles (2017).

de 2018. O jornal *Extra* também lançou um selo chamado fato ou *fake*, usado no *site*. Em fevereiro de 2018, o Duke Reporter's Lab assinalava a presença de oito agências de checagem operando no Brasil.

Paralelamente, também marcam presença os chamados *bots* (robôs) de checagem, que começaram a aparecer a partir de 2016. O pioneiro foi o ClaimBuster, desenvolvido na Universidade do Texas e atualmente já fora de serviço<sup>6</sup>. O modelo inicial proliferou e há vários *bots* ativos, funcionando com maior ou menor grau de sucesso na detecção de informação falsa em circulação.

A Comissão Europeia, órgão executivo da União Europeia (UE), criou um Código de Práticas sobre Desinformação, o apoio institucional a uma rede de checadores independentes e uma série de ações para estimular a qualidade no jornalismo e promover o letramento digital, termo originado do inglês *media literacy*. A Comissão Europeia define a desinformação nos seguintes termos: “Informação verificavelmente falsa ou enganosa que é criada, apresentada e disseminada para [obtenção] de ganho econômico ou para enganar o público, podendo causar danos públicos” (ERC, 2019). Essa forma de compreensão das *fake news* adotada pela União Europeia, entretanto, exclui erros de reportagem, sátiras, paródias notícias partidárias e “conteúdo ilegal”, representado pelo discurso de ódio, pelo racismo e por informações danosas a minorias sociais. A definição da UE apoia-se em um relatório técnico elaborado pelo bloco de países em 2018, intitulado *A transformação digital na mídia de notícias e o crescimento da desinformação e das fake news*. A UE faz referência a Wardle e Derakhshan (2017) nesse documento. Eles distinguem três dimensões da desordem informacional:

- A informação errada, que se manifesta quando informações falsas são compartilhadas, embora não haja registro de dano;
- A desinformação, que ocorre quando uma informação falsa é, intencionalmente, compartilhada com o objetivo de causar dano;
- A má informação, ou seja, notícia compartilhada para causar dano e tornar públicas informações que foram produzidas para permanecer na esfera privada.

Tandoc Jr., Lim e Ling (2017, p. 137) valem-se de artigos sobre o tema para identificar os diferentes significados aplicados ao termo. Identificam, desse modo, seis categorias segundo as quais estudos prévios têm operacionalizado a expressão *fake news*. São elas: sátiras

---

<sup>6</sup> Cf. Hassan *et al.* (2017).

de notícias, paródias de notícias, fabricação de notícias, manipulação de fotografias, publicidade e relações públicas e propaganda política.

Wardle e Derakhshan (2017) sustentam ainda que o ponto central do relatório é entender o que chamam de função “ritualística da comunicação”, considerando o efeito que a desinformação tem sobre as pessoas, encorajando sentimentos de superioridade, raiva ou medo. Para os pesquisadores, são esses fatores que levam ao compartilhamento de conteúdos “problemáticos” entre pessoas que querem se conectar com “suas comunidades *online* e tribos”. Os autores consideram que estamos apenas nos estágios iniciais de entendimento dos impactos diretos e indiretos da poluição informativa, e reconhecem que tem havido muita discussão sobre como a desordem informacional está influenciando as democracias. Mas, para os pesquisadores, o mais preocupante são as implicações das campanhas de desinformação a longo prazo uma vez que elas são desenhadas para “semear desconfiança e confusão e para exacerbar divisões socioculturais existentes, valendo-se de tensões nacionalistas, étnicas, raciais e religiosas” (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 4-7).

O movimento é uma resposta à proliferação das chamadas *fake news*, notícias falsas, que circulam de forma cada vez mais acelerada e ampla no ambiente digital. Mentiras sempre circularam em materiais informáticos na sociedade, o que chama a atenção hoje é a velocidade, a facilidade e a abrangência do fenômeno. Segundo uma pesquisa do Ipsos Institute, os brasileiros aparecem como o povo que mais acredita em *fake news* no mundo – são 62%, seguidos de Arábia Saudita e Coreia do Sul (58%) e peruanos e espanhóis (57%) (GALHARDI, 2019). Grande parte dos leitores agora consome informações que circulam em redes sociais, sem acessar páginas de empresas jornalísticas. Essa forma de consumo incidental provoca uma perda do contexto de origem, sem qualquer garantia quanto à procedência ou precisão do material circulado.

Deve-se ao presidente norte-americano Donald Trump e à sua equipe a grande propagação do conceito de *fake news* neste início de século. Navalón (2017) diz que a negação da realidade, por parte de Trump, se relaciona a tudo aquilo que o presidente norte-americano “não gosta ou não lhe cai bem”, e compara essa situação à estratégia do ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels, segundo o qual “uma mentira repetida mil vezes acaba se transformando em uma verdade”. Sara Suárez-Gonzalo (2018) analisou o caso de vazamento de dados pessoais de milhões de usuários do Facebook para a empresa Cambridge Analytica. A pesquisadora argumenta que essa empresa pode ter usado os dados de cerca de 87 milhões de usuários desta plataforma social, a maior parte deles situada nos Estados Unidos, para



favorecer a vitória de Trump, por meio de “estratégia de micro-alvo baseada em técnicas militares de ataque psicológico” (SUÁREZ-GONZALO, 2018, p. 25).

Essa ideia de associar a noção de *fake news* ao que não agrada o poder também vigora atualmente no Brasil. Com frequência, representantes do poder acusam os jornais de produzirem *fake news*, mesmo quando as matérias são construídas a partir de falas destes mesmos políticos. Eles dão determinada declaração e depois contestam a reprodução da própria declaração, ou seja, se a repercussão é negativa, a fala vira “falsa”. É um movimento de relativização da fala, a depender da fonte, da repercussão e da intenção do momento. Em um ambiente de extrema polarização nacional e de disputa pela verdade, entre esquerda e direita, é interessante perceber que o jornalista é acusado por ambos os lados de produzir *fake news* e defender determinados interesses, de forma parcial e duvidosa, a ponto de a Rede Globo, tradicionalmente acusada de ser imperialista e defensora inescrupulosa de interesses capitalistas, ser acusada de ser comunista por atacar atitudes do presidente Jair Bolsonaro. Com frequência, os jornalistas são alvo de ataques violentos e de perseguições por parte de seguidores inflamados de políticos<sup>7</sup>.

Esse fenômeno abala também a relação das empresas jornalísticas com as assessorias de imprensa de órgãos públicos e de políticos. No dia 13 de maio de 2020, o jornal *Extra* publicou matéria informando que o prefeito do Rio, Marcelo Crivella, havia suspenso o auxílio-alimentação dos servidores estão afastados do trabalho por terem contraído a Covid-19. Questionada, a prefeitura respondeu que o benefício também estaria suspenso para os servidores que estão trabalhando remotamente. A notícia gerou repercussão negativa entre os servidores. Logo depois, o *Extra* teve acesso a uma troca de mensagens entre um servidor municipal e o prefeito, nas quais o funcionário pergunta se a informação publicada pelo jornal era verdadeira. Por duas vezes, o prefeito responde que é *fake news*. O jornal, então, publicou nova matéria reproduzindo na íntegra a informação que havia sido dada anteriormente pela assessoria de imprensa da prefeitura (TONDO, 2020). É mais um exemplo de que quando a notícia desagradada, vira falsa.

É importante lembrar que as *fake news* também tiveram papel relevante nas discussões para a saída do Reino Unido da UE, o chamado Brexit, no mesmo ano de 2016, bem como nas eleições francesas de 2017. Já é comprovado também que as *fake news* têm o poder de influenciar resultados eleitorais nas democracias do mundo ocidental, como ocorreu no Brasil,

---

<sup>7</sup> Cf., por exemplo, *Extra* (2020b).

nas eleições de 2018, em que saiu vencedor o candidato Jair Bolsonaro, com ajuda de um exército de disparadores, robôs e humanos de *fake news* que o favoreciam. Há uma manipulação consentida dos postadores de informações por interesses de poderosos na difusão da desinformação.

No dia 27 de maio de 2020, por ordem do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, a Polícia Federal cumpriu 29 mandados de busca e apreensão contra investigados por integrar um grupo suspeito de operar e financiar uma rede de divulgação de notícias falsas contra ministros e outras autoridades e instituições da República. Segundo a decisão, que cita depoimentos de parlamentares, provas colhidas e laudos periciais “apontam para real possibilidade de existência de uma associação criminosa, denominada [...] como ‘Gabinete do Ódio’, dedicada a disseminação de notícias falsas e ataques ofensivos” (EXTRA, 2020). Foram alvo da operação o ex-deputado federal Roberto Jefferson (PTB-RJ), o blogueiro Allan dos Santos, do *site* Terça Livre, os empresários Luciano Hang, dono da rede de lojas Havan, e Edgard Corona, CEO das academias Bio Ritmo e Smart Fit, a ativista Sara Winter e outros apoiadores do presidente Jair Bolsonaro. Além dos alvos da operação, seis deputados federais bolsonaristas e dois deputados estaduais do PSL são investigados. A Justiça começa, então, a descobrir a imensa rede, articulada, por trás das notícias falsas.

Pesquisa do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação (Gpopai), da Universidade de São Paulo (USP), revela que cerca de 12 milhões de pessoas difundem notícias falsas sobre política no Brasil. Se for considerado o número médio de 200 seguidores por usuário, o alcance das notícias falsas compartilhadas poderia chegar, potencialmente, à quase toda a população brasileira. Esse dado resulta do monitoramento de 500 páginas digitais de conteúdo falso ou distorcido no mês de junho de 2017. A *Pesquisa Brasileira de Mídia 2016*, elaborada pela Secretaria de Comunicação (Secom) da Presidência da República, aponta que 49% das pessoas se informam no país pela internet (SECOM, 2017).

No *Relatório de Notícias Digitais 2018*, do Instituto Reuters (2018), o pesquisador Nic Newman mostra que, no Brasil, 52% das pessoas usam o Facebook para consumo de notícias, um resultado 17 pontos percentuais menor do que a amostra de 2016. Ao mesmo tempo, porém, o uso do WhatsApp para consumo de notícias quase triplicou no mundo desde 2014, superando, em alguns países, a importância do Twitter. No momento da pesquisa realizada pelo Instituto Reuters (2018), 48% dos entrevistados no Brasil usavam o WhatsApp para consumir notícias, com alta de 2% sobre a última pesquisa. Mais da metade dos cidadãos que compõem a amostra global conduzida pelo Instituto Reuters (54% do total) expressa

preocupação ou muita preocupação com o que é real ou falso em termos de notícias *online*. Há diferenças de percepção entre pessoas de distintos países, porém, no Brasil, o tema ficou no topo das preocupações em função das eleições de 2018.

Nas eleições, o WhatsApp ocupou lugar de destaque como uma das plataformas mais usadas para disseminação de desinformação. Na reta final do segundo turno das eleições, o jornal *Folha de S.Paulo* publicou reportagem mostrando que empresas que apoiavam o então candidato Jair Bolsonaro, do PSL, teriam comprado pacotes de disparos de mensagens em massa contra o PT (MELLO, 2018). O mecanismo vale-se da base de usuários do próprio candidato ou de bases vendidas por agências (de publicidade) de estratégia digital. Estudos consideram que mais de 10% do conteúdo da mídia social e 62% do tráfego na internet no Brasil são gerados por robôs e entre 9 e 15% do total de contas ativas do Twitter são comandadas por *bots*, representando cerca de 50 milhões de contas nessa mídia social. Os robôs têm sido usados por todo o espectro partidário no Brasil. Ensaio de Thais Lobo e Danilo Carvalho (2018), publicado no jornal *Nexo*, mostrou que nas semanas anteriores ao primeiro turno das eleições de 2018 o percentual de interações no Twitter, os chamados retuítés, motivados por robôs, nas discussões sobre os presidenciáveis, manteve-se acima dos 10%, em acordo com um levantamento da FGV/DAPP.

Pablo Ortellado (2018), professor de Gestão de Políticas Públicas da USP, considera que o WhatsApp ganhou novo papel nas eleições brasileiras. A ferramenta já tinha sido, marginalmente, importante em outras eleições, como as do México, em julho de 2018, mas não estruturalmente, pondera o pesquisador. “O fato de uma das campanhas [de Jair Bolsonaro] estruturar toda sua estratégia em torno do WhatsApp é novo. Ninguém estava preparado para esse fenômeno” (ORTELLADO, 2018), avaliou. O pesquisador previu que a estratégia tende a ser replicada em outros países: “A campanha brasileira seguramente vai ser estudada no mundo todo e muita gente vai querer copiar a estratégia do Bolsonaro, sobretudo na América Latina”, projetou Ortellado (2018):

O presidente eleito continuou a pautar a sua interlocução com o público via internet, com discursos enunciados em primeira mão nas redes sociais. Essa comunicação direta fortalece a desconfiança em relação à mediação desempenhada pelo jornalismo. Um exemplo de como a mediação jornalística é relativizada por Bolsonaro está no fato de que ele costuma fazer anúncios inéditos de temas de interesse do Estado e da sociedade pelo Twitter e pelo Facebook. Os jornalistas, por sua vez, passam a ter de seguir Bolsonaro e seus filhos nas mídias sociais como forma de se manterem bem informados e ter acesso à informação oficial, bem

como também acompanhar ministros de governo que usam o Twitter para se comunicar. Com frequência, o presidente recusa-se a falar com jornalistas de empresas tradicionais ou é até agressivo com o grupo, se dispondo apenas a dialogar com o público através da internet, em espaços onde não possa haver confrontação.

Para Sunstein (2010, p. 3), os boatos são “quase tão antigos quanto a história humana, mas com o surgimento da internet hoje se tornaram onipresentes”. Ele reconhece que não existe uma definição clássica para boato, e admite a “imperfeição” de qualquer definição, mas sugere que o termo pode ser usado para fazer referência à seguinte situação: a alegações de fatos – sobre pessoas, grupos, acontecimentos e instituições – que ainda não foram comprovados, embora passem de uma pessoa para outra e, portanto, tenham credibilidade não porque se conhecem evidências diretas para corroborá-los, mas porque parece que outras pessoas acreditam neles. Compreendidos assim, os boatos geralmente têm origem e conseguem adesão porque reforçam e se encaixam nas convicções prévias dos que acreditam neles. Algumas pessoas e alguns grupos estão predispostos a acreditar em certos boatos porque são compatíveis com seus interesses próprios, ou com o que acreditam ser verdade (SUNSTEIN, 2010, p. 7).

Na internet, o fenômeno é exacerbado graças também a recursos tecnológicos, como os adotados pelo Facebook (que dá destaque às postagens daqueles amigos mais “curtidos” pelos usuários”: as pessoas vivem nas chamadas “bolhas”). O material informativo é compartilhado no intuito de reforço e reafirmação de posições já assumidas, numa arena em que interessa muito mais o ser visto, do que a compreensão e o debate verdadeiro. Sunstein (2010) defende que a internet permite às pessoas viver em “casulos de informação ou câmaras de ressonância”, que operam de acordo com uma dinâmica segundo a qual os indivíduos só tendem a acreditar naquilo que reforça suas crenças. As crenças, por sua vez, se apoiam em experiências. Ou seja, as pessoas não vivem diretamente determinadas situações que resultam em aprendizados, mas se informam por meio de outros indivíduos ou da mídia e de suas mediações da realidade. Para Sunstein (2010), muitos de nós acreditamos em boatos falsos em virtude de nossos medos ou de nossas esperanças. Nesse sentido, o autor estabelece uma relação entre os boatos e as emoções. As opiniões e o material usado para reforçá-las ganham asas em um ambiente de tensões e afetos. As *fake news* estão associadas aos preconceitos e heurísticas pré-existentes dos consumidores de informações. O conteúdo noticioso ganha um sentido muitas vezes diferente daquele que foi atribuído, originalmente, pelo jornalista e os vínculos afetivos e emocionais com as notícias são cada vez mais intensos. Esses processos de comunicação levam, em muitos casos, à prevalência da opinião e das crenças pessoais sobre

os fatos. Cada um nega a ponderação das opiniões e dos fatos divergentes, recusa o debate e desconfia até de evidências científicas.

Para Baptista (2019), a existência de informação abundante, circulando entre microesferas desconectadas, aumenta a confusão pela adição infinita de argumentos discordantes; ou a polarização, pela adesão automatizada a opiniões previamente concordantes. A autora chama a atenção para a outra ponta do problema: a promoção, por parte das empresas de comunicação, de relações puramente mercantis com as notícias, produzidas em série para satisfazer as preferências dos clientes, que só “consomem” as que lhes agradam.

No meio dessa organização em bolhas, ao leitor incidental que, por alguma razão coloque em dúvida a veracidade de uma notícia, oferece-se o recurso de uma checagem através de sites que automatizam as metodologias e mecanismos de verificação, dando mais uma alternativa ao jornalismo clássico. Palacios (2019) chama atenção para o fato de que o percurso evidencia um elemento bastante distintivo do desenvolvimento do processo de produção de precisão e credibilidade na narrativa jornalística ao longo das décadas que vão do início do século XX ao momento atual: sua exteriorização. A checagem da informação sempre foi parte essencial do processo jornalístico, como enfatizaram os jornalistas entrevistados.

O jornalismo sempre se legitimou pela capacidade de contar a verdade, decorrente, como chamam a atenção Sodré e Paiva (2011), do preceito das liberdades civis instituídas pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. A liberdade de imprensa funciona como condição de outras liberdades. Foi assim, ressaltam os autores, que a imprensa pôde ser reconhecida como obra do espírito objetivo moderno e constituir pano de fundo ético-político que tornaria escandaloso para a consciência liberal o fenômeno do jornalismo sensacionalista, ou tornaria condenável pela consciência moral do jornalista o falseamento ou o encobrimento da verdade factual.

Assim, não se trata de pensar em uma demonstração lógica ou filosófica da verdade, mas, sim, de se apoiar em pacto de credibilidade, como denominam Sodré e Paiva (2011), que instituem as próprias regras em um tipo particular de “conhecimento de fato”, nos termos da definição de Hobbes (1979). É um tipo de conhecimento que envolve sensação e memória, um gênero de conhecimento que requer uma testemunha. Não é um tipo de conhecimento científico. A notícia, resumem Sodré e Paiva (2011), estrutura-se em função de mecanismos receptivo-cognitivos do público-leitor, isto é, de sua atenção, o que implica estruturar-se em função da “comunicabilidade”, portanto em função de mecanismos de sedução ou de convencimento. No entanto, em sua prática profissional e em seus eventuais posicionamentos

doutrinários, os jornalistas costumam apoiar-se na presunção de que expressam a verdade do cotidiano ou da vida social imediata, como demonstram os jornalistas ouvidos nessa tese. Essa verdade é entendida como no senso comum, uma noção de correspondência do enunciado aos acontecimentos. No pacto implícito entre o jornal e seu leitor, espera-se que o discurso do jornalista seja crível a ponto de que o leitor lhe reconheça como verdade. Essa credibilidade também envolve certa hegemonia da enunciação. O repórter figura como uma espécie de “testemunha paga”, remunerado para narrar “fielmente” um episódio. Nesse sentido, seu testemunho teria mais “valor” do que o de uma testemunha anônima.

Sodré e Paiva (2011) ponderam que a mídia de hoje, salvo raras exceções, não observam estas virtudes cívicas implicadas no esclarecimento, que vêm se tornando desnecessárias pelo mercado do entretenimento e do falatório. Diante de algo engraçado, simplesmente ri, sem necessidade de ser preciso acreditar na informação que diverte. Na disseminação de uma lógica do falatório, perderiam a importância, segundo os autores, critérios de estabelecimento público da verdade. Então se multiplicam os boatos e as tentativas de desmascarar mentiras, conforme vimos nesta indústria do *fact checking* e do esforço de as empresas mostrarem se algo é *fake* ou verdade.

Para Sodré e Paiva (2011), mesmo com todo este esforço de distinção entre o veraz e o falso, sem uma mediação pactuada, nunca se pode realmente saber se é verdadeiro o enunciado que desmente o falso. Recorrentes falhas de apuração e o excesso de informação em circulação estariam produzindo este ambiente em que as notícias circulam de maneira acelerada, consolidando o ambiente de boato. “A assinatura é a única garantia da veracidade da informação, ou seja, não há garantia” (SODRÉ; PAIVA, 2011, p. 28). Para os autores, o “lastro de confiabilidade que caracterizaria o jornalismo tradicional foi substituído pelo lastro da celebridade, que facilmente assina um *blog*” (SODRÉ; PAIVA, 2011, p. 28). O ambiente de desqualificação da formação universitária também corroboraria esse clima de produção desqualificada.

Nessa onda de boataria, a imagem teria seu valor aumentado. A foto cada vez mais ganharia um caráter testemunhal. Porém, os riscos de manipulação tecnológica também chegam às imagens, que assume, assim, uma aura de dúvida. A discussão sobre as notícias falsas tende a se complexificar ainda mais a partir do desenvolvimento dos chamados *deep fake news*, vídeos manipulados com a intenção deliberada de enganar os espectadores na internet. Além disso, os *sites* de *fake news* não têm apenas *fake news*, algumas informações são verdadeiras. Essa característica dificulta colocar a marca de *fake news* em determinados

produtores de informação. “Quando as pessoas deixam de acreditar em alguma coisa, o risco não é de que passem a acreditar em nada, e sim de que acreditem em qualquer coisa” (CHERTESTON, 2010 *apud* SODRÉ, 2010).

A grande mídia tende a defender certos valores, ligados ao consumo e aos interesses de grupos políticos e financeiros. Mas, ao mesmo tempo, é ainda espaço para denúncias, para divulgação de informações relevantes para a sociedade, para mostrar jogos de poder. Como assinalam Sodré e Paiva (2011), não é por acaso que as sociedades que querem extinguir a liberdade tentam primeiro suprimir a imprensa, e não o capitalismo. Quanto mais democrática é uma sociedade, mais informações e notícias existem, mesmo que certos regimes de visibilidades deixem alguns invisíveis ou invalidados. A rede oferece acesso a uma enorme quantidade de informação, mas não cria igualdade de uso da internet e do computador, reafirmando a necessidade do trabalho jornalístico porque ainda há um espectro grande de pessoas à margem da conectividade, que se informam apenas pela televisão, por exemplo. Além disso, quanto maior o volume de informação, maior é a necessidade de intermediários capazes de filtrar, organizar, priorizar dados e conteúdos.

Como afirma Berger (2003, p. 21), para o fazer jornalístico valem os “efeitos de verdade”: os testemunhos, as provas, a redação objetiva, tudo o que pode contribuir para ganhos de credibilidade quando a tarefa é dar conta do presente, da atualidade. O tornar público é fonte de poder; selecionar o que será visível implica uma questão ética. Este ainda é o lugar privilegiado da vigilância, fundamental à democracia. O jornalismo, enquanto instituição, sempre enfrentou crises, seja por tensões com poderes ou por adequações demandadas por atualizações tecnológicas. Para se manter saudáveis economicamente, as instituições jornalísticas dependem da receita publicitária, que por sua vez também se apoia na credibilidade. Isto é, se o jornal não consegue reunir elementos que credenciem seu noticiário como credível, certamente seu leitorado não o considerará assim. Sem leitores, não há anunciantes. Os desafios do jornalismo hoje envolvem a crise de expectativa do público a respeito de quem na sociedade tem legitimidade discursiva para configurar a verdade. Mas os jornalistas ainda acreditam que esse é o caminho para se manter na esteira da relevância: reforçar o pacto de entrega da verdade, sobretudo em um ambiente de proliferação de *fake news*.

McNair (2017) pondera que a crítica ao jornalismo não é novidade como também não é o ceticismo em relação à verdade, à objetividade e precisão dos seus relatos do mundo ou as motivações e intenções de seus praticantes. Mas reforça que o fenômeno das *fake news* é a

expressão de uma crise de confiança mais ampla nas elites, incluindo a classe política e a mídia *mainstream*, cujos membros estão lutando para manter seus papéis tradicionais nas nossas democracias liberais (MCNAIR, 2017). Para o autor, as *fake news* são produto de um “caos cultural”, resultado da combinação de tendências políticas, tecnológicas e culturais que têm “desafiado” as raízes das estruturas do poder e da autoridade (MCNAIR, 2017, p. 203-234).

A informação, a contrainformação e a desinformação sempre foram armas na disputa pelo poder. Quando a instituição jornalística abre mão de seu papel mediador no processo de circulação social de informação, que passa pela checagem dos fatos, o jornalista vira mero reproduzidor de declarações interessadas – o chamado “jornalismo declaratório”, como abordamos tão exaustivamente até aqui, e isto pode reduzir sua função a de um mero amplificador de notícias falsas. Há a necessidade de estimular iniciativas de educação no meio digital. “O jornalismo também depende da demanda da sociedade por informações de qualidade e uma maturidade na utilização da internet, e enquanto estivermos na adolescência digital, discursos de ódio e notícias falsas continuarão a existir” (SPINELLI; SANTOS, 2018, p. 14).

Castilho (2016) sustenta que, diante do imenso volume de informações ao qual as pessoas são submetidas diariamente, é inevitável que apareçam muitas versões sobre um mesmo fato. A consequência inevitável desse fenômeno, segundo o autor, é a relativização dos conceitos e sentenças. Para Keyes (2004), o que estaria em jogo seria uma questão ético-moral, uma vez que teria se passado a aceitar que mentiras podem ser ditas com impunidade e sem constrangimentos. Embora sempre tenha havido mentirosos, as mentiras sempre foram ditas com hesitação, culpa, ansiedade, embaraço. É a partir de coerções que produzem efeitos de poder que, segundo Foucault (2012), a verdade é produzida. Para o autor, cada sociedade tem, em uma determinada época, sua “política geral” de verdade, entendida como os discursos que são aceitos e reconhecidos como verdadeiros; possui ainda “mecanismos” e “instâncias” que possibilitam diferenciar enunciados verdadeiros de falsos; e legitima “técnicas” e “procedimentos” para a “obtenção” da verdade; além de reconhecer o “estatuto” daqueles que têm a função de dizer o que é verdadeiro (FOUCAULT, 2012).

No século XX, o jornalismo atribuiu a si mesmo a capacidade de construir relatos não tendenciosos dos acontecimentos e passou a utilizar uma linguagem supostamente neutra e de “autoridade”, ancorada na ideia da objetividade discursiva. Entretanto, autores questionam se esse regime de objetividade se encaixa na atual dinâmica do sistema de mídia em rede e da crise da crença na verdade. bla) afirma que o termo *declínio da verdade*, usado para designar



o enfraquecimento da verdade dos fatos e de análises na vida pública norte-americana, é um fenômeno mais amplo do que expressões corriqueiras como *fake news* e fatos alternativos e, hoje, está inserido no “léxico da pós-verdade”. E não são só as notícias são falsas: também existe a ciência falsa (produzida por negacionistas das mudanças climáticas e *anti-vaxxers*, os ativistas do movimento antivacina), a história falsa (promovida por revisionistas do Holocausto e supremacistas brancos), os perfis falsos de norte-americanos no Facebook (criados por *trolls* russos) e os seguidores e *likes* falsos nas redes sociais (gerados por *bots*) (KUKATANI, 2018, p. 76). As *fake news* também passaram a ser utilizadas, em alguns casos, com a intenção deliberada de desacreditar o trabalho feito pelo próprio jornalismo profissional, contribuindo, por um lado, para a deslegitimação da atividade, como já mencionamos. Os produtores de *fake news* buscam desqualificar as empresas jornalísticas profissionais. E criar um “ecossistema favorável à desinformação”. É preciso compreender que é possível ter um ponto de vista diferente sem que isso seja considerado mentira. E, acima de tudo, é preciso, ainda, que existam fontes de informação nas quais se possa confiar.

Historicamente há diversos episódios em que os próprios meios tradicionais de imprensa propagaram notícias falsas. Hoje, é mais fácil checar informações. Então, é ainda mais gritante a necessidade de checagem por grandes disseminadores de conteúdo. Um anônimo pode não ter tanto compromisso com a apuração, mas o jornalista profissional, sim. As *fake news* reforçam a necessidade do “caráter pluralista da imprensa” como uma forma de se contrapor ao argumento dos disseminadores de notícias falsas de que as grandes empresas jornalísticas “escondem” as informações do público. Entretanto, em um cenário de enxugamento do número de jornalistas empregados, o processo de checagem parece, às vezes, ficar mais precário.

No Brasil, a identidade profissional ainda é estruturada pelo diploma: 89,2% da categoria têm formação superior específica em jornalismo (MICK; LIMA, 2013, p. 43). Como o diploma lhes assegura o estatuto e os convida a uma identidade comum, eles não deixam de se considerar jornalistas por atuarem em organizações de mídia ou fora delas, ao contrário do que ocorre em outros países (Portugal, França). A condição profissional, portanto, é determinada pela formação acadêmica e não pelo perfil do emprego. Nesse contexto de *fake news* e reestruturação do trabalho do jornalista, é importante ponderar essa ainda marcante importância do diploma como outorgador de legitimidade ao discurso do jornalista profissional. Vimos que todos os entrevistados para o questionário desta tese, que trabalharam ou trabalham em jornais do Rio de Janeiro, eram formados.

De qualquer maneira, diante de um cenário em que a discussão sobre as *fake news* ganhou tanto destaque, é importante pensar em como o jornalista administra os relatos que circulam na rede. Poderia ser uma chance de reafirmar sua relevância enquanto profissional adotar uma bandeira de diferenciação em relação aos disseminadores de *fake news* que ataca. Nesse sentido, é importante entender que simplesmente reproduzir relatos pode não ser uma boa estratégia nesse movimento de diferenciação entre os disseminadores de *fake news* e o jornalismo profissional, já que a declaração reproduzida pode conter *fake news* e ser apresentada sem contestação ou contextualização elucidativa.

Quanto menor a transparência sobre processos e menor cuidado e zelo na apuração, maior o risco de perda da credibilidade. Qualquer reforço da credibilidade de uma organização jornalística deve garantir mecanismos efetivos capazes de oferecer à sociedade e à audiência a possibilidade de cobrar e receber os resultados prometidos em seus projetos.

## CONCLUSÃO

Este estudo segue um percurso longo e é importante, antes de chegarmos a algumas conclusões, relembrar o que nos motivou a chegar até aqui. O campo de estudo do jornalismo é rico e vasto. Foram 14 anos de atuação em redações jornalísticas, em sua grande maioria em cargos de chefia e edição, que nortearam esta tese e muitas das considerações apresentadas. Essa experiência está presente neste texto e se faz ver não só na escolha da temática e da abordagem, mas nas afirmações feitas ao longo do trabalho, também decorrentes da vida em redações.

Queríamos entender o que muda e o que permanece em um momento em que se discute para onde caminha a profissão, sobretudo depois da massificação do uso da internet. O jornalista sempre foi, de certa forma, figura admirada e detestada, profissional envolto em polêmica, críticas, mas que, gradativamente, se tornou essencial na sociedade. É difícil pensar hoje em uma democracia sem jornalismo. Essa figura que se expõe frequentemente ao massacre da opinião pública, a um estilo de vida sacrificante, muitas vezes precário (muitas horas de trabalho, baixa remuneração, estresse), por uma paixão. Por que um estudante escolhe fazer jornalismo? Vimos aqui as histórias de pessoas que se destacaram entre o grupo e viraram referência para os colegas. Eles contaram sobre suas motivações para escolher essa carreira e elas são frequentes na profissão: contar histórias, participar do mundo, escrever, ver e ser visto, se inscrever na história – seja porque ele mesmo, enquanto ser humano, quer virar uma figura a ser lembrada no tempo, seja apenas pelo desejo de participar dos acontecimentos que marcam uma sociedade, na qual o jornalista ainda tem papel de destaque. O jornalista informa, ele agita opiniões, sejam favoráveis ou contrárias às que ele expõe: ele faz parte do mundo, tem papel fundamental para expor realidades e incitar reflexões.

A tecnologia sempre mudou o jornalismo. Mas quando entraram em cena novos formatos como rádio, *fax* ou televisão, o monopólio da informação ainda estava concentrado, e muito, nas mãos do jornalista. Quem chegaria ao ponto de falar na TV ou na rádio, de ter seu próprio programa, de contar, por si próprio, uma história? Não era o cidadão comum, sem qualquer intermédio do profissional midiático. Agora é. Seu João Silva, engenheiro, porteiro ou médico, pode hoje acessar a internet e contar uma história que vai se propagar pelo mundo e ganhar repercussão. Muitas vezes forçando o jornalista a falar sobre ele, a olhar para ele. É claro que não são todos que conseguem ser vistos ou ter voz. Muitos ainda são invisíveis e mudos. Pouco ainda se sabe sobre o que ficará para a história dentre essas novas vozes. Mas é

impossível negar que essa transformação é inédita: há, em certo nível, uma quebra de monopólio. Não é total, mas sim parcial e relevante.

Essa quebra teve impactos que ainda não podemos dimensionar no longo prazo. O jornalista será o novo taxista, como comparou Boechat (2017), substituído pelo motorista de aplicativo? Gradualmente ele será tão importante, como fonte de informação, quanto qualquer anônimo cuja postagem se propague pelo WhatsApp ou pelo Facebook? Não sabemos, mas apostaríamos que não. Estamos aqui falando de uma profissão que se constituiu ao longo de décadas, séculos, com uma inegável bagagem histórica. A partir de certo momento, não se soube mais até que ponto o jornalismo influenciou os movimentos e acontecimentos do mundo. E ainda influencia. Isso ainda não mudou.

Pensamos nesta tese sobre uma nova era em que os testemunhos se propagam soltos pela rede. Chamamos esse momento de Era do Testemunhos. Como jornalista de redação, percebi esse movimento. A fala de alguém se transforma imediatamente em matéria. É rápido, é fácil. Muitas falas são rapidamente reproduzidas e replicadas. A internet e as redes sociais demandam novas exigências dos profissionais do jornalismo: rapidez extrema, agilidade, multifuncionalidade. Mas o que levou esses profissionais a buscar essa profissão e a valorizá-la não foi nenhuma dessas qualidades, como vimos nos valores e qualidades exaltados pelos 103 jornalistas entrevistados e também nas entrevistas com personagens que eles elegeram, de certa forma, como símbolos síntese da profissão. Esta tese escancarou isso de forma bem clara e nos propôs pensar: como o jornalismo pode se fortalecer diante de um ambiente de dissonância entre valores e práticas?

As empresas passam por um momento de revisão de negócios. Elas eram acostumadas a lucrar com anúncios, que migraram para novas figuras e fontes (*youtubers*, anônimos que criaram suas redes de influenciados, ou até diretamente para o público-alvo, através de suas próprias redes). Acostumados a ter informação de graça e abundantemente na internet, os leitores não estão dispostos a pagar para ter informação. Eles não saem às ruas para comprar jornais e dificilmente ainda assinam conteúdos pagos em sites jornalísticos. As empresas de mídia demitem. Cada vez há menos postos de trabalho. Estamos falando de uma crise que exige repensar a profissão. E repensar essa profissão não é urgente só para os profissionais nela envolvidos. Repensar essa profissão é urgente para a sociedade que preza pela democracia, que preza por ter informação de qualidade para tomar decisões, eleger políticos, votar, daí a importância, para a sociedade como um todo, de estudar essas transformações. Não é preciso cair em um abismo de romantização ingênua da profissão para constatar sua

relevância. O jornalismo não é imparcial, não é completo, não é um cavalheiro encantado da verdade (até porque sabemos que ela é relativa). Mas o jornalismo de qualidade envolve a busca por uma narrativa sólida, complexa, acurada, que contemple vários aspectos de uma situação, que aponte para diversas linhas de pensamento. O jornalismo de qualidade é uma ponte para uma reflexão que enriquece o mundo. Nesse ponto ele flerta com a literatura. Como fica triste também uma sociedade sem uma boa leitura...

Desesperadas pela perda de receita, pelo horizonte nebuloso de um negócio em declínio, as empresas buscam saídas, soluções, para não morrerem afogadas, submersas no oceano da internet. Nesse caminho, elas pressionam os jornalistas a pescar leitores. É preciso se antecipar ao que vai fazer sucesso na internet para ganhar audiência, já que a audiência pode trazer receita, atrair novos anunciantes. Graças a aparatos tecnológicos atuais, a audiência medida em tempo real norteia escolhas e investimentos na redação de forma substancial.

É preciso investir em produtos e conteúdos digitais patrocinados por outras empresas, é preciso insistir nos assuntos que são mais replicados na rede, é preciso garantir cliques, curtidas, compartilhamentos, é preciso criar base de dados para venda: esse é o discurso das empresas de comunicação. As empresas jornalísticas sempre buscaram vender, afinal, são um negócio. Mas aqui nessas páginas a reflexão sempre foi mais voltada para o jornalismo escrito, impresso e *online*, e para as práticas e valores jornalísticos nesse novo contexto. Em um jornal impresso, por mais que haja uma capa (construída para ser atrativa aos olhos do leitor), há um amplo espaço para conteúdos divididos em editoriais, nas páginas. Conteúdos que levaram tempo para produção, que passaram por um processo de edição. Hoje, com a dinâmica da internet, os repórteres precisam fazer duas, três matérias por dia e postar com o máximo de rapidez conteúdos no site da empresa, sem passar por edição alguma, sem ter foco apenas naquele conteúdo eleito para ocupar uma quantidade restrita de páginas, um espaço pré-delimitado e de destaque. Havia uma luta para conquistar espaço. Hoje o espaço é ilimitado e a cobrança hierárquica sobre o texto do repórter na internet diminuiu. Não é difícil constatar queda da qualidade geral do material nesse contexto. Ela é real.

E não estamos falando só da queda da qualidade do material, mas da queda da felicidade do profissional. Para que ele buscou essa profissão? Que valores ele viu no bom jornalista? Aquele que tem um bom texto, o que busca a verdade, o que investiga com profundidade. Não foi isso que nossos entrevistados nos contaram? Quem faz esse jornalismo hoje em grandes empresas de comunicação? Alguns, às vezes. Nós vimos aqui que o que une esse grupo profissional tão disperso, com referências distintas e até pouca conexão com o

passado da profissão, é a preocupação com o chamado “jornalismo declaratório”. Essa preocupação é crescente e é recorrente. Já na dissertação de mestrado (GERK, 2016), jornalistas de redações relatavam essa inquietação. Na tese, elegemos representantes do grupo, para falar em nome deles e não foi surpresa: a maior preocupação é com o jornalismo de testemunhos, de relatos. Que jornalismo é esse que apenas reproduz relatos, “sem luz própria”, como disse Barcellos (2017)? É o jornalismo rápido. É o jornalismo do medo do fim, é o jornalismo, que temendo ser engolido pela internet, se transformou exatamente no que critica nela: superficial, pouco apurado, flertando até com o inverídico. O jornalismo pegou emprestadas características de seus concorrentes “amadores” para não morrer. É do jogo empresarial: se o público quer consumir textos assim, daremos textos assim. A lógica do capitalismo é essa, faz sentido: é oferta e procura, procura e oferta.

Mas e o jornalista no meio disso tudo? Todos aqui falaram tanto na importância da verdade na profissão, como é preciso buscar a verdade em meio a tantas mentiras propagadas pelo mundo digital. Se estivessem no divã, o psicanalista perguntaria: você está falando tanto de verdade por que se sente longe dela? É meu papel perguntar: os jornalistas estão perto da sua verdade? Eles querem participar da história, eles querem testemunhar, eles querem buscar verdades. É isso que estão fazendo? Há espaço no cotidiano de hoje? Vemos no questionário que aplicamos com os jornalistas de redações o quão jovens são, o pouco tempo que a maioria permaneceu em redações. Eles temem a demissão, eles precisam jogar o jogo empresarial para se manter. Esse jogo envolve muito: vários aspectos dessa tal verdade de que tanto falamos.

A crise do jornalismo enquanto instituição passa por uma crise de credibilidade. O Brasil passou, na segunda década do século XXI, por uma polarização intensa. No meio da disputa que se resumiu, pobremente, a ser de direita ou de esquerda, o jornalismo parecia não agradar ninguém. Dizia não assumir posição, assumindo. E incomodou. A tal verdade ficou em xeque: todos acusam o jornalista de mentir, seja por um “lado”, seja por outro. No meio do caminho estão interesses comerciais de empresas, que não têm relação com internet e não são de hoje. Mas a internet entrou nesse buraco. Ali ficou possível encontrar textos totalmente inverídicos, superficiais e pobres em profusão, para amplo compartilhamento, para reafirmar posições. Os jornalistas entrevistados aqui enxergam nesse movimento um nicho de atuação: “Podemos oferecer conteúdo de qualidade, com nossa bagagem profissional, conteúdo polifônico, completo, bem apurado e redigido”, eles argumentam, “esse vai ser o diferencial do jornalista”. Podemos? Não temos certeza se podemos no ambiente digital. E mais: não

temos certeza se os leitores buscam isso ou se querem simplesmente ler e compartilhar qualquer material que reforce suas convicções na tal pós-modernidade.

Parece que tomamos um caminho pessimista aqui nessas páginas, mas não é o caso. Já que mencionamos aqui a psicanálise, outro campo de estudo que desperta profunda admiração, é importante compreender que não há busca de solução sem diagnóstico profundo do problema. Enquanto escrevemos essas linhas, o mundo passa por uma pandemia provocada pelo novo coronavírus. As pessoas são bombardeadas de informações em seus aparelhos de celular, informações inverídicas perigosas, que ameaçam diretamente a vida de quem as lê e as compartilha. O jornalismo entrou em cena. As pessoas sentem medo e ainda buscam o jornalismo para tirar a dúvida. Voltamos a falar de verdade. Assustados, aqueles internautas que tanto compartilham textos de qualquer natureza ainda ligam a TV e acessam a internet buscando a tal verdade. As redações trabalham incansáveis. Os textos são publicados rapidamente, a maioria não tem grande complexidade ou merece um Prêmio Esso pela boa redação, mas o jornalista ainda tem um compromisso que o Seu João da Silva não tem. É o compromisso da formalidade. O jornalista tem um emprego, carteira assinada, uma renda, ele sustenta a família provendo informação. Se ele provém uma informação completamente inverídica, mal formulada, leviana, perigosa, ele perde o emprego, a renda, a casa, comida. Isso ainda é reconhecido e, por isso, ainda é fundamental que se defenda o jornalismo como campo profissional formal de atuação. E mais: o Seu João da Silva pode até querer cobrar resposta das autoridades, mas dificilmente vai conseguir. O jornalista de uma instituição de peso histórico ainda consegue. Ele ainda intimida, ele ainda é temido pelas autoridades. Ele consegue apurar melhor porque ele tem condições reais de ouvir todos os lados de uma história, já que as figuras públicas se sentem ainda na obrigação de responder a ele. Isso é do jogo democrático. Isso ainda é forte. Esta é ainda a esperança de futuro do jornalismo.

Mas, voltamos à pergunta central: e o jornalista? Estamos aqui falando do peso de grandes instituições jornalísticas, mas e o peso de cada jornalista em si, do trabalho de cada um? Chegamos até aqui partindo de algumas hipóteses e perguntas. Algumas delas se concentravam no aspecto histórico. Que função social e papel histórico tem ainda hoje o jornalista? Há um esvaziamento da carga histórica, de um papel autoatribuído de produzir e conservar memórias coletivas, no lugar de testemunha dos fatos? A resposta para essas perguntas foi dada parcialmente nessas páginas. Percebemos que o jornalista ainda se autoatribui o papel de testemunha dos fatos e de produtor e conservador de memórias coletivas. Mas ele gostaria de participar mais ativamente: ele exige mais presença, mais contato físico,

ele diz que valoriza a rua, o encontro. Não sabemos até que ponto essas falas são também romantizadas, e, no dia a dia da profissão, pesam o cansaço ou até a preguiça, como alguns jornalistas mencionaram. Mas na essência, são valores ainda conservados. O jornalista ainda valoriza ser testemunha e que seu testemunho seja histórico e deseja estar presente nos acontecimentos, mas isso vem acontecendo pouco, como eles mesmos relatam. Há uma dissonância entre a vontade e a prática cujo impacto merece mais estudos.

Fica também como sugestão para trabalhos futuros uma investigação, que essas páginas não deram conta de fazer nem se propuseram a fazê-la, sobre o “depois” desse desejo de deixar rastros históricos e influenciar a memória coletiva. Como esse desejo é de fato realizado em tempos de internet? O que ainda vale como registro histórico, do que as pessoas se lembram quando pensam em grandes acontecimentos desde o início da internet? Elas se lembram do que os jornais noticiaram ou de relatos circulando na internet? São pesquisas que ainda precisam de tempo para serem realizadas, sendo o fenômeno da massificação das redes tão recente. Essa foi apenas uma digressão rápida na linha reflexiva que pareceu interessante fazer.

Dois hipóteses centrais nortearam este trabalho. A primeira era: se há uma mudança do testemunho como dimensão do jornalismo, haveria também mudanças nas práticas e na identidade jornalísticas. E a segunda: se muda o papel autoatribuído do jornalista, de ser ele mesmo testemunha da história, mudaria também seu papel de produtor e conservador de memórias coletivas (já que quem assumiria essa função, em primeira instância, seria o público) e de disseminador de uma verdade reconhecida pelo senso comum. A segunda hipótese, como vimos, foi parcialmente refutada. O jornalista não mudou o papel autoatribuído de ser ele mesmo testemunha da história. Eles continuam desejando ser testemunhas e terem essa função, mas, como grupo, os jornalistas se mostram preocupados com a qualidade desse testemunho a partir do momento em que ele é apenas virtual ou simplesmente a partir de um ou dois relatos de terceiros. Ele quer ser testemunha e ainda se vê assim, mas vê uma queda na qualidade do testemunho jornalístico nesse contexto. Por outro lado, de forma alguma, os jornalistas entrevistados veem abalada a condição e a premissa de ser o jornalista um disseminador de verdades. Isso merece grande atenção: mesmo reproduzindo relatos, o jornalista ainda se considera aquele que transmite verdades, a partir do momento em que acredita que está delimitando com franqueza e clareza que os relatos reproduzidos são de terceiros (especificando de quem são e em que contextos são dados). Resumindo, o jornalista teme uma queda na qualidade no seu testemunho, mas não duvida da sua verdade.



Nossa primeira hipótese foi confirmada em parte e refutada em outra parte. A mudança do testemunho como dimensão do jornalismo ocasionou mudanças nas práticas jornalísticas. Os jornalistas dizem que hoje haveria uma tendência de simplesmente reproduzir relatos de forma instantânea, na velocidade da internet, e acreditam que isso não era feito da mesma forma antes da massificação do uso de redes sociais. Antes haveria a possibilidade de maior tempo para produção e elaboração do conteúdo, de forma a englobar mais relatos e a própria presença do jornalista no decorrer dos fatos, enriquecendo o testemunho. Porém, não se constatou neste trabalho que essas mudanças de práticas acarretaram mudanças na identidade jornalística, ou seja, na forma como o jornalista se vê e se reconhece. Os valores e características buscados e ressaltados como essenciais para a profissão são históricos: aquele que busca a verdade, o jornalista literato, o repórter. A mudança na forma de fazer jornalismo não mudou a forma como o jornalista se vê e quem ele quer ser.

A pesquisa sugere, porém, uma queda na felicidade, outro caminho que apontamos como possibilidade de estudo. Estão os jornalistas trabalhando e vivendo de acordo com esses valores? Nossa nova hipótese é que não, e que isso traria uma queda na felicidade profissional. Vale outra pesquisa para comprovar ou refutar essa percepção surgida com esse trabalho. Outra questão que merece mais aprofundamento é a da crise de mediação, não reconhecida explicitamente como um valor pelos jornalistas entrevistados, e a sua relação com o fenômeno das *fake news*, cujo estudo é cada vez mais fundamental.

Esta tese quer colaborar com pesquisas sobre a crise de credibilidade do jornalismo<sup>1</sup>, mas tendo como foco o próprio jornalista e a maneira como ele percebe as suas práticas em transformação. Ao entender os valores que ainda regem as práticas e os une enquanto grupo, podemos pensar em como essa credibilidade é ainda perseguida hoje, através de quais caminhos. Sobre credibilidade, aliás, vale reflexão maior nessas linhas conclusivas, afinal, o valor mais ressaltado pelos jornalistas entrevistados é a associação do trabalho jornalístico à verdade – e isso se relaciona diretamente à credibilidade.

O campo jornalístico é caracterizado por se estruturar em dois polos: o primeiro, negativo, é o polo “econômico” ou “comercial”, em que as notícias são compreendidas como mercadorias a serem vendidas; o segundo, positivo, é o “ideológico” ou “intelectual”, e coloca a imprensa como central para um regime de democracia plena (TRAQUINA, 2005). Dessa forma, como sabemos, além de ser um serviço público essencial em um ambiente democrático,

---

<sup>1</sup> Cf., por exemplo: Lisboa e Benetti (2017) e Träsel, Lisboa e Vinciprova (2018).

o jornalismo também é um produto que deve ser atrativo para consumidores e anunciantes. Mas em um momento de digitalização da sociedade, as empresas jornalísticas brasileiras, como mencionamos, ainda não encontraram maneiras de atrair assinaturas nesses ambientes, além de haver uma dificuldade relacionada aos valores dos anúncios publicitários no espaço virtual: aumenta a gama de opções para os anunciantes, diminuindo os preços. Esse fator vem acirrando a concorrência pelos anunciantes nos veículos jornalísticos, o que amplia o peso dos interesses mercadológicos em oposição à ideia de interesse público.

Segundo Bourdieu (1997), os agentes mais jovens são mais propensos a defender os valores da profissão em oposição a critérios de venda. Isso ocorreria porque os jornalistas mais jovens, por possuírem um capital menor no interior do campo, tenderiam a fazer uso de estratégias de subversão, ao contrário daqueles que estão há mais tempo, que possuem um volume maior de capital e que tendem a lutar para sua conservação. Acontece que o volume de trabalho diário imposto não permite o tempo necessário para uma apuração mais complexa, que não seja apenas atrelada a critérios de venda. Mesmo que as redações estejam, nesse momento, tomadas por jovens, esse esforço de atrelamento aos valores da profissão não deixa marcas. E não sabemos até que ponto, por outro lado, a experiência profissional é o que dá subsídios práticos e intelectuais para subverter com qualidade a mera ditadura da audiência ou da busca por lucro comercial.

Ainda inspiradas em Bourdieu (1983), podemos pensar na relação desse fenômeno com a noção de *habitus*, ou seja, um “sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores” (BOURDIEU, 1983, p. 94). O *habitus* é um ajustamento da conduta dos agentes, maestro invisível que produz o orquestramento das ações, a materialização da memória incorporada e “legado” para as gerações posteriores. O *habitus* funciona perfeitamente quando é naturalizado pelos agentes, que deixam de ter plena consciência de sua atuação no campo (BOURDIEU, 1983). Dessa forma, muitas vezes os jornalistas não têm plena consciência, sem seu dia a dia, dos erros mecanicistas que por vezes cometem, ou até têm consciência de que o material produzido poderia ser mais aprofundado ou melhor, mas entram numa espécie de piloto automático. Incorporam um novo *habitus* adicionado pelo ambiente virtual, com pouco tempo para reflexão e aprofundamento.

Em meio a essa crise financeira e de modelo de negócios da qual tratamos, é importante pensar mais um pouco no fenômeno das *fake news* e em como elas afetam o jornalismo tradicional. As acusações de que veículos tradicionais da imprensa brasileira produzem

notícias falsas, bem como a circulação de diversos tipos de “informação de combate” em sites e redes sociais, afetam o jornalismo enquanto campo, dentro dessa crise de credibilidade. O cenário de enxugamento de redações e a prática de publicação de informações antes da sua verificação ou de uma contextualização mais aprofundada – especialmente declarações de figuras públicas, conforme destacamos –, torna o jornalismo alvo fácil para essas acusações.

O campo jornalístico vale-se de diversas estratégias para se legitimar perante a sociedade, mas uma das principais é a estratégia de credibilidade. A credibilidade é obtida num acordo entre jornalismo e sociedade, que permite que seja estabelecida uma relação de confiança. A credibilidade do jornalismo e dos jornalistas é construída narrativamente, por isso a dimensão do testemunho sempre perpassou essa noção. O testemunho jornalístico está no cerne da construção da credibilidade do jornalista, capaz de uma produção apurada e, portanto, verdadeira, fundamentada na credibilidade e na autoridade de quem testemunhou/viu/é isento/objetivo etc. Quando a credibilidade do campo jornalístico é contestada – sobretudo em um contexto de divulgação de declarações sem apuração ou, mais ainda, de apuração falha –, é posta em xeque uma das estratégias que sustenta o campo jornalístico, colocando-o em risco, pois ele deixa de ser o lugar da produção dessa verdade reconhecida pelo senso comum. É o que acontece tanto com as acusações de que as empresas de mídia produzem notícias falsas, quanto com a efetiva produção de conteúdos exagerados ou enganosos.

Os jornais e emissoras mais tradicionais brasileiros sempre foram acusados pelo presidente Jair Bolsonaro – e, em consequência, pelos seus seguidores – de produzir *fake news*, num movimento similar ao dos Estados Unidos. Esses ataques partem de figuras políticas importantes, mas também de cidadãos diversos que, discordando de informações publicadas pelos jornais, os acusam de produzir *fake news*. Esse movimento teve início antes do período eleitoral brasileiro de 2018, mas foi acirrado ao longo dele e se mantém estável desde então.

Esse clima de desconfiança em relação ao jornalismo tem consequências perigosas no contexto de disseminação em massa de *fake news*. A Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 aponta que praticamente metade (48%) dos brasileiros usa a internet e passa pelo menos 5 horas do seu dia conectados à rede, mais tempo do que à frente da TV, ainda o principal meio de informação. Entre os internautas, 92% estão conectados às redes sociais, sendo o Facebook a principal delas, 83%. Para se ter uma ideia da desproporção em relação aos meios tradicionais, 21% responderam que leem jornais impressos uma vez por semana pelo menos e apenas 7% disseram que leem todos os dias (BRASIL, 2015). Os números já devem ter aumentado desde então. Grande parte dos internautas apenas lê os títulos das notícias, muitas vezes com cunho

sensacionalista ou informações descontextualizadas. Após uma rápida leitura, o usuário partilha no seu próprio perfil, o que aumenta o impacto das publicações. Juntando isto ao fato dos posts com maior número de curtidas e comentários serem também os mais partilhados, temos os princípios que transformam uma informação não confirmada ou falsa em um conteúdo viral.

Nesse universo em que cidadãos se informam através de fontes quaisquer em redes sociais, vemos circular, por exemplo, apoio a guerras sob falsos pretextos, compartilhamento de pesquisas falsificadas que criam temores quanto a vacinas ou acusações falsas dirigidas a pessoas públicas. A facilidade de compartilhamento dessas notícias torna o processo extremamente ágil. Frequentemente voltam a circular notícias verdadeiras, mas já velhas, apresentadas como atuais, o que também induz a erros graves. Os conteúdos mais habituais abordam eventos que efetivamente ocorreram, procurando-se, dessa forma, que o utilizador os identifique por terem chegado ao seu conhecimento através da mídia tradicional. Ultrapassada a primeira barreira, os produtores de *fake news* recorrem à persuasão, a fontes duvidosas, a contextos errados e a figuras públicas para afastarem o conteúdo da realidade, conduzindo o leitor para o ponto de vista que lhes interessa.

Esse estímulo ao acesso e compartilhamento de notícias falsas, produzidas não por jornalistas profissionais, também tem relação com a propensão das pessoas em buscar na internet as visões com as quais concordam. Esta característica humana precede a internet, tendo sido descrita, por exemplo, por McLuhan (1974), relacionada ao apreço que temos pelos reflexos midiáticos de nossas ideias e sentimentos. Mas, hoje, o fluxo de comunicação é mais próximo da conversação do que da informação, com destaque para as comunidades virtuais nas redes sociais digitais, formadas pela conversão de interesses sociais, políticos e econômicos. Vivemos em uma sociedade segmentada, composta de uma audiência fatiada por ideologias, valores, interesses, opiniões, gostos e estilos de vida. Nesse contexto, nos perguntamos, neste trabalho, sobre o papel e a função do jornalismo nesses novos tempos, de desconfiança em relação ao profissional e de consumo de informações, notadamente declarações, sem apuração. Haveria um desinteresse do público em relação ao jornalismo profissional?

A notícia é um produto atrelado ao movimento de profissionalização do jornalismo, que advém da separação entre fatos e opiniões e ensejou entre o século XIX e XX o nascimento da figura do repórter e de códigos deontológicos da profissão. Para compreender o que é uma notícia e por que elas são como são, é preciso compreender a cultura profissional da

comunidade jornalística, que, ao longo da história, foi formatada com base em valores como a busca pela verdade, conforme enfatizamos neste trabalho, ainda muito norteadores da atividade profissional hoje. Os jornalistas querem se afirmar como os detentores da verdade, em um ambiente de mentiras. Eles pretendem denunciar o que é falso e afirmar o que é verdadeiro. Mas como isso é possível se, no contexto da pós-modernidade, como discutimos aqui, abandonamos a noção de verdade e nos associamos a um conceito que rejeita uma verdade universal? Hoje tudo pode ser *fake news*, a depender do interesse e do poder de quem acusa, e da adesão de quem acredita. A maioria das pessoas acredita nos maiores absurdos e, em contrapartida, rejeita *a priori* tudo o que vem de fontes condenada de antemão porque não são transmitidas a partir de fontes legitimadas previamente nas próprias bolhas. Precisaríamos contar com a adesão de um público esclarecido, educado para duvidar da aparência e estimulado a buscar a verdade, para que o destaque a esse papel de elucidador de mentiras do jornalista ganhasse adesão e tivesse grande impacto. Não vemos isso acontecer hoje.

Tampouco podemos cair na armadilha de pressupor que a disseminação em massa de *fake news* é culpa apenas da adesão de um público ignorante que as acolhe. Também lidamos, nesse fenômeno, com a estratégia discursiva de quem dissemina essas mentiras (partindo, muitas vezes, de alguma verdade para depois distorcê-la), da relação com as emoções, sobretudo medos arcaicos e irracionais (medo do comunismo, medo do imigrante, medo do pobre) e, em meio a tudo isso, a crise de credibilidade de instituições, como a jornalística.

Que caminhos o jornalista tem para se reposicionar como essa figura que traz a verdade, a figura da credibilidade? Não é apenas a simples reprodução de relatos, como os próprios jornalistas enfatizam aqui. Se o trabalho de checagem se preocupasse com a contextualização, a seleção de frases poderia ser um ponto de partida adequado. Mas não basta apenas aferir se alguém realmente deu determinada declaração, ou que uma determinada medida foi mesmo tomada, ou se determinado vídeo que viraliza nas redes é montagem, corresponde ao que anuncia ou é atual. Para isso, existem agências de checagem, como tantas que abordamos no capítulo sobre *fake news*. Modifica-se nesse caso a própria ideia de notícia. Se antes uma informação suspeita era verificada como falsa, não havia notícia a ser divulgada. Hoje, muitas vezes, a caracterização de uma informação como falsa é a própria notícia. Mas frases isoladas podem ser verdadeiras e conter uma mentira quando reunidas ou articuladas a outros fatos, falas e contextos. O que interessa discutir aqui é o que o jornalista pode agregar em termos de contextualização, da construção de uma narrativa densa, e sobretudo, da busca por aquilo que

não foi dito. Essa é a essência do trabalho da reportagem, do repórter, tão valorizado pelos jornalistas que responderam ao questionário.

Lisboa (2012) propôs a distinção entre a credibilidade constituída – de quem enuncia, e que diz respeito aos valores canônicos do *ethos* jornalístico – e a credibilidade percebida – efetivamente atribuída pelo interlocutor. Ressalta que a credibilidade tem natureza intersubjetiva, pois se forma no contexto de uma relação e é dependente da perspectiva de outro sujeito. Nesse sentido, é como se entendermos que o jornalista precisa retrabalhar essa relação com o leitor na luta pela reafirmação dessa credibilidade. A transparência, valor pouco citado por jornalistas no questionário e pelos entrevistados, está no centro dessa estrada de legitimação. A transparência sobre processos e caminhos da notícia, da apuração, também pode ser capaz de sustentar a confiança que o público deposita no jornalismo.

A possibilidade de acesso a fontes facilita o caminho do jornalista na reafirmação desse lugar da suposta verdade, mas não pode ser limitante. É preciso uma luta constante e a reafirmação do papel do editor e do ombudsman nos processos jornalísticos. Essa transparência e esse cuidado na relação com o leitor passam pela necessidade de maior atenção ao que é publicado no sentido de também se resguardar quanto a erros. Uma vez difundida, é muito difícil mudar uma percepção equivocada dos cidadãos através de correções nesse contexto tão intenso de desconfiança e de bolhas. Mais do que nunca, o trabalho jornalístico bem feito é fundamental para a manutenção da credibilidade e a sustentação do negócio. Quanto mais credibilidade, mais leitores. Quanto mais leitores, mais chances de prosperar.

Essas são apenas algumas reflexões para pensarmos em caminhos para a profissão a partir do que foi apontado com este estudo. Pudemos, enfim, refletir sobre o que é reparar nas máquinas, como sugere o título deste trabalho. Reparar nas máquinas aqui também foi um esforço para reparar no trabalho dos jornalistas, um trabalho que tem sido de certa forma maquinário. Os jornalistas viraram peças de uma engrenagem maior: a internet. De certa forma, tivemos a oportunidade de reparar aqui nessas “máquinas” pensantes para questionar esse viés robótico e sem reflexão que a velocidade com frequência impõe ao obrigar todos a não desgrudar das telas – ou, das máquinas. De máquina para máquina, nos igualamos, muitas vezes, aos funcionamentos superficiais e automatizados que questionamos, quando, no combate às *fake news*, produzimos um estilo de jornalismo declaratório.

Esta tese propõe uma reflexão sobre as associações entre jornalismo, memória e testemunho em novas leituras do século XXI. Através das memórias de jornalistas, aqui nomeados algumas vezes personagens-emblema memoráveis para outros jornalistas – do que

perceberam como mudanças e permanências na profissão desde o início de suas carreiras –, pudemos colher os testemunhos de uma história em transformação e pensar sobre como a memória do que é ser jornalista ainda é forte no testemunho sobre o que é jornalismo hoje e o que se espera dele no futuro. Ao pensarmos sobre novas leituras do século XXI, entendemos como os leitores criaram novas expectativas em relação ao trabalho jornalístico e, também, nós mesmos fizemos novas leituras sobre como o testemunho se apresenta e influencia o jornalismo neste século XXI.

Por fim, deixo meu testemunho, para que fique na memória de quem leu: que essa leitura inspire novas interpretações sobre o universo do jornalismo, de forma a estimular a problematização cada vez mais profunda sobre os caminhos de uma profissão que tanto me motivou e me desafiou, inclusive a pensar sobre ela, aqui nessas páginas. Muito se estuda, na atualidade, sobre *fake news* ou testemunho, mas poucas vezes damos a oportunidade aos próprios jornalistas que estão inseridos no olho do furacão a comentar os fenômenos. Nesta tese, além de fazer isso promovendo a eleição de porta-vozes pelo próprio grupo, pudemos entender que os valores que ainda norteiam a profissão são históricos, embora amplamente influenciados pelas mudanças atuais nas práticas. A memória da profissão ainda está forte no testemunho dado pelos profissionais sobre ela. Fizemos, assim, um mapeamento de mudanças e permanências nas identidades e nas práticas jornalísticas nessas novas leituras do século XXI, com o apoio dos conceitos de testemunho e memória.

Normalmente as pesquisas se voltam para os “resultados” ou efeitos da produção jornalística, mas muito pouco para a dimensão de quem faz/trabalha no jornalismo. Neste estudo, o material empírico norteou de forma contundente as reflexões. É comum no meio acadêmico que se comece uma pesquisa com certa noção rígida dos resultados almejados. O fato de as hipóteses não terem se comprovado totalmente foram reflexo de uma postura aberta em relação à investigação. Encontramos algumas respostas que não esperávamos. Outras dimensões das mudanças nas práticas jornalísticas poderiam ter sido abordadas – e ainda podem – por exemplo, se os jornalistas eleitos como referência fossem outros, com interpretações distintas sobre a realidade. Não tínhamos uma estrutura rígida seguida para demonstrar uma hipótese ou questão fechadas desde o início. A própria metodologia foi criada a partir da demanda percebida ao longo do estudo. Assim, fomos mudando os rumos e as análises a partir das respostas dos entrevistados, dos dados recolhidos. Se os escolhidos fossem outros, os resultados seriam outros? A pesquisa seria outra? Ficam sugestões para novos caminhos à frente.

A tese também sugere a adoção da perspectiva da autoetnografia, e é importante refletir sobre isso. Isso coloca o pesquisador numa perspectiva diferente, e também desafiadora. E, mais uma vez, na minha dupla posição, de pesquisadora e jornalista, percebo como é importante esse lugar de testemunha que fala na própria pesquisa acadêmica. Ouvimos os testemunhos dos jornalistas entrevistados e também da jornalista pesquisadora. Vivemos em um momento histórico em que uma pandemia, provocada pelo novo coronavírus, parece reforçar o lugar do jornalismo tradicional como grande referência do que é verdade. E, como jornalista, percebo como é difícil para quem está no *front*: jornalistas estão adoecendo e morrendo, tendo salário reduzido e se sacrificando em rotinas perigosas e exaustivas em nome desse papel<sup>2</sup>. Não se pode deixar de considerar a dimensão humana nas análises sobre o jornalismo e suas transformações, e a autoetnografia é um caminho importante nesse sentido. Quando refletimos sobre a relação do jornalismo com a verdade, também precisamos ouvir mais as “verdades” ou crenças dos próprios jornalistas. A partir da autoetnografia, muitas reflexões podem surgir ou se aprofundarem, contribuindo para as práticas profissionais e para os estudos. Que novos testemunhos surjam a partir daí no sentido de fortalecer, também, a memória dos estudos sobre o jornalismo neste século e em outros por vir.

---

<sup>2</sup> Cf. Maciel e Dolce (2020).



## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo, 2008b.

AMARAL, Márcia Franz. O enquadramento nas catástrofes. **Contracampo**, Niterói, v. 22, p. 65-82, 2011.

ANDERSON, Christopher William; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Post-Industrial Journalism: adapting to the Present**. Nova York: Columbia Journalism School, Tow Center for Digital Journalism, 2012. Disponível em: <<http://towcenter.org/research/post-industrial-journalism>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAPTISTA, Carla. Digitalização, desinformação e notícias falsas: uma perspectiva histórica. In: FIGUEIRA, J.; SANTOS, S. (orgs.). **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. p. 47-62.

BARBOSA, Marialva. **A pluralidade de modelos interpretativos nas Ciências Humanas e o lugar da Comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

\_\_\_\_\_. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 6, n. 16, p. 11-27, jul. 2009.

\_\_\_\_\_. Comunicação: uma história do tempo passando. **Transversos**, Rio de Janeiro, n. 11, dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

\_\_\_\_\_. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história. **Contracampo**, Niterói, v. 35, p. 7-26, 2016.

\_\_\_\_\_. Uma história da imprensa (e do jornalismo): por entre os caminhos da pesquisa. **Intercom-RBCC**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 21-36, maio/ago. 2018.

\_\_\_\_\_; RIBEIRO, Ana Paula G. O que a história pode legar aos estudos em jornalismo? **Contracampo**, Niterói, v. 12, p. 51-61, 2005.

BARBOSA, Mariana. Vídeo de reunião ministerial deixa base bolsonarista agrupada, mas isolada. **O Globo**, 2020. <<https://oglobo.globo.com/brasil/video-de-reuniao-ministerial-deixa-base-bolsonarista-agrupada-mas-isolada-24443569>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo e tecnologias móveis**. Covilhã: UBI, Labcom, 2013.

BARSOTTI, Adriana. **Jornalista em mutação: do cão de guarda ao mobilizador de audiência**. Florianópolis: Insular, 2014.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECKER, Beatriz; WALTZ, Igor. Mapping journalistic startups in Brazil: an exploratory study. *In*: ROBINSON, Laura *et al.* (orgs.). **Brazil: media from the country of the future**. Studies in Media and Communications. Bradford: Emerald, 2017. p. 113-135.

BECKER, C. *et al.* Manifestações e votos sobre impeachment de Dilma Rousseff na primeira página de jornais brasileiros. **Alaic Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 13, n. 24, p. 96-113, 2016.

BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Sulina, 2010.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. *In*: \_\_\_\_\_. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril, 1983.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. São Paulo: Ubu, 2009.

BERGAMO, Alexandre. Reportagem, memória e história no jornalismo brasileiro. **Mana**, v. 17, n. 2, p. 233-269, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93132011000200001>>. Acesso em: 18 maio 2020.

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BLANCHARD, Pascal; VEYRAT-MASSON, Isabelle. **Les guerres de mémoires**. La France et son histoire. Enjeux politiques, controverses historiques, stratégies médiatiques. Paris: La Découverte, 2008.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. A influência do Jornalismo. *In*: \_\_\_\_\_. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. Algumas propriedades dos campos. *In*: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 89-94.

\_\_\_\_\_. Estruturas, *habitus* e prática. *In*: \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 62/63, p. 69-72, jul. 1986.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Secretaria Especial de Comunicação Social (SECOM). **Pesquisa Brasileira de Mídia 2015**. Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-equalitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2020.

BRÊTAS, Pollyanna Barros. **Observador em primeira pessoa: um desafio epistemológico na “tradução da realidade”**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Memoire et identité**. Paris: PUF, 1998.

CAREER CAST. *Portal*. Disponível em: <<http://www.careercast.com/>>. Acesso em: 13 maio 2020.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILHO, Carlos. Apertem os cintos: estamos entrando na era da pós-verdade. **Observatório da Imprensa**, 28 set. 2016. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/apertem-os-cintos-estamos-entrando-na-era-da-pos-verdade/>>. Acesso em: 17 maio 2020.

COFFEY, Amanda. **The ethnographic self: fieldwork and the representation of identity**. Londres: Sage, 1999.

COSTA, Caio T. Um modelo de negócio para o jornalismo digital. **Observatório da Imprensa**, n. 795, 2014. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/um\\_modelo\\_de\\_negocio\\_para\\_o\\_jornalismo\\_digital/](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/um_modelo_de_negocio_para_o_jornalismo_digital/)>. Acesso em: 16 maio 2020.

D'AMARAL, Marcio Tavares. Sobre tempos e história: o paradoxo pós-moderno. *In*: SANTORO, Fernando *et al.* (orgs.). **Pensamento no Brasil**: Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Hexis - Fundação Biblioteca Nacional, 2010. v. 1. p. 351-369.

DARNTON, Robert. As notícias de Paris: uma pioneira sociedade da informação. *In*: \_\_\_\_\_. **Os dentes falsos de George Washington**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 40-90.

DE LA BRUYÈRE, Jean. **Les caractères de Theophraste traduits du grec, avec Les caractères, ou, les moeurs de ce siècle**. Paris: Bookking International, 1847.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEUZE, Mark. **Media life**. Cambridge: Polity Press, 2012.

\_\_\_\_\_. O jornalismo e os novos meios de comunicação social. **Comunicação e Sociedade**, v. 9, p. 15-37, 2006.

\_\_\_\_\_. Understanding journalism as newswork: how it changes, and how it remains the same. **Westminster Papers in Communication and Culture**, v. 5, n. 2, p. 4-24, 2008.

\_\_\_\_\_; SPEERS, Laura; BLANK, Peter. Vida midiática. **Revista USP**, São Paulo, n. 86, p. 139-145, jun./ago. 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

DIZARD, Wilson. **A nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

DORR, Konstantin N. Mapping the field of algorithmic journalism. **Digital Journalism**, v. 4, n. 6, p. 700-722, 2016.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo: Unesp, 2013.

ENTIDADE REGULADORA PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL (ERC). **A desinformação**: contexto europeu e nacional. ERC, 2019. Disponível em: <[https://www.parlamento.pt/Documents/2019/abril/desinformacao\\_contextoeuroeunacional-ERC-abril2019.pdf](https://www.parlamento.pt/Documents/2019/abril/desinformacao_contextoeuroeunacional-ERC-abril2019.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2020.

EXTRA. Ex-diretor de TV faz comentários racistas sobre Maju Coutinho e Thelma, do “BBB20”. **Extra**, 31 mar. 2020a. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/bbb/ex-diretor-de-tv-faz-comentarios-racistas-sobre-maju-coutinho-thelma-do-bbb20-rv1-1-24340583.html>>. Acesso em: 17 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Globo repudia campanha de intimidação a William Bonner. **Extra**, 26 maio 2020b. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/globo-repudia-campanha-de-intimidacao-william-bonner-24446397.html>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. **L’empire du traumatisme**: enquête sur la condition de victime. Paris: Flammarion, 2007.

FERNANDES, Rosangela. **A corrupção de hoje e o comunismo de ontem**: a imprensa e suas temáticas na criação de consensos que antecedem os golpes. 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1468-1.pdf>> Acesso em: out. 2017.

FÍGARO, Roseli. **Comunicação e trabalho**: estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita Garibaldi, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. **Sécurité, territoire, population.** Cours au Collège de France, 1977-1978. Paris: Gallimard/Seuil (Coll. Hautes études), 2004.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: <<http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Carlos-Eduardo-Franciscato.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

FROSH, Paul; PINCHEVSKI, Amit. **Media witnessing: testimony in the age of mass communication.** Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2008.

GALHARDI, Raul. Brasil é terreno fértil para *fake news*. **Observatório da Imprensa**, 20 ago. 2019. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/crise-na-imprensa/brasil-e-terreno-fertil-para-fake-news/>>. Acesso em: 17 maio 2020.

GERK, Cristine. **Jornalismo e público: reconfigurações no contexto digital. WhatsApp do Extra como ferramenta histórico-tecnológica.** Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GOES, Francisco Moratorio de Araujo. **Fake News e Pós-verdade: o olhar dos jornalistas.** Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

GÓMEZ MOMPART, Josep L.; GUTIÉRREZ LOZANO, Juan F.; PALAU SAMPIO, Dolors (orgs.). **La calidad periodica: teorías, inveigaciones y sugerencias profesionales.** Barcelona: Aldea Global, 2013. 203 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Loyola, 1992.

HASSAN, Naemul *et al.* ClaimBuster: The first-ever end-to-end fact checking system. **VLDB Endowment**, v. 10, n. 12, p.1945-1948, 2017.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria: forma e poder de um Estado eclesiástico e civil.** Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores.)

HOSKINS, Andrew. Digital network memory. *In*: ERLI, Astrid; RIGNEY, Ann (orgs.). **Mediation, remediation, and the dynamics of cultural memory.** Nova York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 460-470.

\_\_\_\_\_. From collective memory to memory systems. **Memory Studies**, v. 4, n. 2, p. 131-133, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1750698011399526>>. Acesso em: 18 maio 2020.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, Universidade Cândido Mendes, Museu de Arte Moderna, 2000.

INSTITUTO REUTERS. **Digital News Report 2018**. Instituto Reuters, 2018. Disponível em: <<http://media.digitalnewsreport.org/wp-content/uploads/2018/06/digital-news-report-2018.pdf>>. Acesso em: 2 maio 2020.

JÁCOME, Phellipy Pereira. **O jornalismo como singular coletivo: reflexões sobre a historicidade de um fenômeno moderno**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real: estética, mídia e cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

JAMESON, Fredric. Nostalgia for the present. *In*: \_\_\_\_\_. **Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism**. Durham: Duke University Press, 1991. p. 279-296.

JOUTARD, Philippe. **Histoire et mémoires: conflits et alianças**. Paris: Éditions la Découverte, 2015.

JUSTEN, Janine. Opinião pública e as jornadas de junho: um estudo sobre a regulação dos discursos midiáticos no Brasil. **Artefactum**, 2014.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KEYES, Ralph. **The post-truth era: dishonesty and deception in contemporary life**. Nova York: St. Martin Press, 2004.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico. *In*: RODRIGUES, Carla (org.). **Jornalismo OnLine: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Sulina, 2009. p. 57-74.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2014. 352 p.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. *In*: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jaques (orgs.). **A nova história**. Coimbra: Almedina, 1978.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1994.

\_\_\_\_\_. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: 34, 2000.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: 34, 1996.

LISBOA, Silvia. **Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor: independência, imparcialidade, objetividade, honestidade e coerência**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

\_\_\_\_\_; BENETTI, Marcia. Credibilidade no jornalismo: uma nova abordagem. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 14, n. 1, p. 51-62, 2017.

LOBO, Thais; CARVALHO, Danilo. Robôs e desinformação nas redes: o que já se sabe nas eleições de 2018. **Nexo**, 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2018/Rob%C3%B4s-e-desinforma%C3%A7%C3%A3o-nas-redes-o-que-j%C3%A1-se-sabe-nas-elei%C3%A7%C3%B5es-2018>>. Acesso em: 17 maio 2020.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil**: identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo: Paulus, 2013.

LYOTARD, J-F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MACIEL, Alice; DOLCE, Julia. Jornalistas arriscam a própria vida na crise do coronavírus em meio a demissões, cortes de salário e agressões do presidente. **Publica**, 11 maio 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/05/jornalistas-arriscam-a-vida-na-crise-do-coronavirus-em-meio-a-demissoes-cortes-de-salario-e-agressoes-do-presidente/>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

MARTINEZ, Mônica. Jornalismo literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 21-36, set./dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo literário**: tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016. (Série Jornalismo a Rigor, v. 10.)

MASSIP, Pere. Audiencias activas y periodismo: ¿Ciudadanos implicados o consumidores motivados? In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 12., 2014. **Palestra** [...]. Santa Cruz do Sul, 2014.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MCNAIR, Brian. **Fake news**: falsehood, fabrication and fantasy in Journalism. Brisbane: Routledge, 2017.

MCQUAIL, Denis. **Mass communication theory**. Londres: Sage, 2000.

MELLO, Patricia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. **Folha de S.Paulo**, 18 out. 2018. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>>. Acesso em: 2 maio 2020.

MERELES, Carla. Checagem de fatos: um novo nicho no jornalismo. **Politize!** 24 maio 2017. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/checagem-de-fatos/>>. Acesso em: 17 maio 2020.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MIZUKAMI, Pedro; REIA, Jhessica; FERRAZ, Joana. **Mapeamento da mídia digital no Brasil**. Rio de Janeiro: Open Society Foundations/Escola de Direito do Rio de Janeiro da Fundação Getúlio Vargas/Centro de Tecnologia e Sociedade, 2014. 340 p.

MORETZSOHN, Sylvia. O jornalismo cidadão e o mito da tecnologia redentora. **Brazilian Journalism Research**, v. 11, n. 2, 2014.

MUSSE, Christina; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos. **Comunicação, mídias e temporalidades**. Salvador: Ed. UFBA, 2017.

NAMER, Gerard. **Mémoire et société**. Paris: Meridiens Klincksieck, 1987.

NAVALÓN, Antonio. Mundo “fake”. **El País**, 25 jun. 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/25/opinion/1498416435\\_725043.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/25/opinion/1498416435_725043.html)>. Acesso em: 17 maio 2020.

NEIGER, Motti; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal. On media memory: editors’ introduction. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **On media memory**: collective memory in a new media age. Londres: Palgrave MacMillan, 2011. p. 1-24.

NIEMEYER, Katharina. **Media and nostalgia**: yearning for the past, present and future. Houndmill: MacMillan Memory Studies, 2014.

NONATO, Cláudia; PACHI FILHO, Fernando F.; FÍGARO, Roseli. Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia. **Líbero**, v. 21, n. 41, p. 100-115, 2018.

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire**. Paris: Quarto Gallimard, 1997. v. 1.

O GLOBO. O Globo, Extra e Expresso se integram em uma redação multimídia. **O Globo**, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/o-globo-extra-expresso-se-integram-em-uma-redacao-multimedia-20840004>>. Acesso em: 17 maio 2020.

\_\_\_\_\_. O novo ritmo da redação do Globo. **O Globo**, 2014a. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/videos/t/todos-os-videos/v/o-novo-ritmo-da-redacao-do-globo/3262613>>. Acesso em: 5 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 10, 2014b.



OLICK, Jeffrey K. Reflections on the Underdeveloped Relations between Journalism and Memory Studies. In: ZELIZER, Barbie; TENENBOIM-WEINBLATT, Karen (orgs.). **Journalism and memory**. Palgrave MacMillan, 2014. p. 17-32.

ORTELLADO, Pablo. O que sabemos sobre o uso do WhatsApp nas eleições. **Folha de S.Paulo**, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2018/12/o-que-sabemos-sobre-o-uso-do-whatsapp-nas-eleicoes.shtml>>. Acesso: 17 maio 2020.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Matrizes**, São Paulo, ano 4, n. 1, p. 37-50, jul./dez. 2010.

\_\_\_\_\_. *Fake news* e a emergência das agências de checagem: terceirização da credibilidade jornalística? In: LEMOS MARTINS, Moisés; MACEDO, Isabel. (orgs.). **Políticas da língua, da comunicação e da cultura no espaço lusófono**. Portugal: Edições Húmus, 2019. p. 77-90.

PITHAN, Liana H.; VACLAVIK, Marcia C.; OLTRAMARI, Andrea P. Carreiras vulneráveis: uma análise das demissões da mídia como um ponto de inflexão para jornalistas. **Cadernos Ebape**, v. 18, n. 1, p. 158-171, 2020. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v18n1/1679-3951-cebape-18-01-158.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2020.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 3, 1998.

RANCIÈRE, Jacques. A ficção documentária: *marker* e a ficção da memória. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 21, dez. 2010.

RÊGO, Marília Gabriela Silva. **Jornalismo independente na cobertura política: The Intercept Brasil e o processo do impeachment de Dilma Rousseff**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva (orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

REUTERS. Alexandre de Moraes diz que provas apontam possível associação criminosa de disseminação de *fake News*. **Extra**, 2020. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/alexandre-de-moraes-diz-que-provas-apontam-possivel-associacao-criminosa-de-disseminacao-de-fake-news-24448684.html>>. Acesso em: 15 maio 2020.

RIBEIRO, Ana Paula G. A mídia e o lugar da história. In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto M. (orgs.). **Mídia, memória e celebridades**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003. p. 87-111.

\_\_\_\_\_. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

\_\_\_\_\_. Mercado da nostalgia e narrativas audiovisuais. **E-Compós**, v. 21, n. 3, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.30962/ec.1491>>. Acesso em: 14 maio 2020.

\_\_\_\_\_; LEAL, Bruno S.; GOMES, Itânia. A historicidade dos processos comunicacionais: elementos para uma abordagem. *In*: MUSSE, Christina; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (orgs.). **Comunicação, mídias e temporalidades**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 37-58.

RIBEIRO, Ana Paula G.; FERREIRA, Lucia Maria Alves (orgs.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. Philosophies critiques de l'histoire: recherche, explication, écriture. *In*: FLOISTAD, Guttorm. **Philosophical problems today**. Boston: Kluwer Academic Publishers, 1994.

RODRIGUES, Artur; GOMES, Paulo. Jornalista Ricardo Boechat morre em queda de helicóptero em SP. **Folha de S.Paulo**, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/02/jornalista-ricardo-boechat-morre-em-queda-de-helicoptero-em-sp.shtml>>. Acesso em: 17 maio 2020.

ROXO, Michelle. **Sobre fronteiras no jornalismo: o ensino e a produção da identidade profissional**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Disponível em: <<http://www.uff.br/ppgcom/wp-content/uploads/dout-roxo-2011>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

SACCHITIELLO, Bárbara. Circulação dos maiores jornais do país cresce em 2019. **Meio & Mensagem**, 2020. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/01/21/circulacao-dos-maiores-jornais-do-pais-cresce-em-2019.html>>. Acesso em: 19 maio 2020.

SACRAMENTO, Igor; PAIVA, Raquel. *Fake news*, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. **Matrizes**, v. 14, n. 1, p. 79-106, 2020. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/160081/160682>>. Acesso em: 13 maio 2020.

SANTOS, Eliane. Bruno Gagliasso sobre racismo contra a filha Titi: “Polícia vai cuidar disso”. **Ego**, 2016. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/11/bruno-gagliasso-sobre-queixa-crime-por-racismo-policia-vai-cuidar-disso.html>>. Acesso em: 13 maio 2020.

SANTOS, Sílvio Matheus. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>>. Acesso em: 18 maio 2020.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHUDSON, Michael. The sociology of news production revisited (again). *In*: CURRAN, James; GUREVITCH, Michael (orgs.). **Mass media and society**. Londres: Arnold, 2000. p. 287-308.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO (SECOM). **Pesquisa Brasileira de Mídia 2016**. Secom, 2017. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:bKIkf-96seoJ:www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/pesquisa-brasileira-de-midia-2015+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 15 maio 2020.

SHUEN, Li-Chang. O governo, a imprensa e a narrativa: um estudo sobre o *adversarial journalism* nas capas de *O Globo* e *Folha de S. Paulo* durante a crise do governo Dilma. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO, 40., 2017. **Anais [...]**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2963-1.pdf>>. Acesso em: out. 2017.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. *In*: \_\_\_\_\_; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (orgs.). **Críticos de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.

SIMMEL, Georg. Sociology of the senses: visual interaction. *In*: PARK, Robert; BURGESS, Ernest. **Introduction to the science of sociology**. 3. ed. Chicago: Chicago Press, 1969. p. 356-361.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. *In*: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 95-123.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Antropológica do espelho**: por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. O boato nosso de cada dia. **Observatório da Imprensa**, 16 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/o-boato-nosso-de-cada-dia/>> Acesso em: 17 maio 2020.

\_\_\_\_\_. O objeto da comunicação e a vinculação social. **Pensamento Comunicacional Latino Americano**, São Paulo, v. 3, n. 1, out./dez. 2001. Entrevista concedida a Desirée Rabelo.

\_\_\_\_\_; PAIVA, Raquel. Informação e boato na rede. *In*: SILVA, Gislene *et al.* (orgs.). **Jornalismo contemporâneo**: figurações, impasses e perspectivas. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011. p. 21-32.

SPINELLI, Egle M.; SANTOS, Jéssica de A. Jornalismo na era da pós-verdade: *fact-checking* como ferramenta de combate às *fake news*. **Observatório**, v. 4, n. 3, p. 759-782, 29 abr. 2018.

SUÁREZ-GONZALO, Sara. Your likes, your vote? Big personal data exploitation and media manipulation in the US presidential election campaign of Donald Trump in 2016. **Quaderns del CAC**, v. XXI, p. 25-33, 2018.

SUNSTEIN, Cass. **A verdade sobre os boatos: como se espalham e como acreditamos neles**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

TANDOC JR., Edson; LIM, Zheng; LING, Rich. Defining “fake news”: a typology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2017.

TODOROV, Tzevtan. **Les abus de la mémoire**. Paris: Arléa, 1995.

TONDO, Stephanie. Prefeitura do Rio volta atrás e diz que não irá suspender vale alimentação de servidores. **Extra**, 14 maio 2020. Disponível em: <<https://extra.globo.com/emprego/servidor-publico/prefeitura-do-rio-volta-atras-diz-que-nao-ira-suspender-vale-alimentacao-de-servidores-24427021.html>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2013. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005. v. 1.

TRÄSEL, Marcelo. Toda resistência é fútil: o jornalismo, da inteligência coletiva à inteligência artificial. In: PRIMO, Alex (org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Meridional, 2013. p. 191-210.

\_\_\_\_\_; LISBOA, Sílvia; VINCIPROVA, Giulia. Indicadores de credibilidade no jornalismo: uma análise dos produtores de conteúdo político brasileiros. In: ENCONTRO ANUAL COMPÓS, 27., 2018, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC); FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Quem é o jornalista brasileiro?** Perfil da profissão no país. 2012. Disponível em: <<https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2020.

VAZ, Paulo; SÁ-CARVALHO, Carolina; POMBO, Mariana. Risco e sofrimento evitável: a imagem da polícia no noticiário de crime. **E-Compós**, Brasília, v. 4, 2005.

\_\_\_\_\_; SANTOS, Amanda; ANDRADE, Pedro H. Testemunho e Subjetividade Contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 8, p. 1-33, 2014.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Bruxelas: Council of Europe, 2017. Disponível em: <<https://rm.coe.int/information-disorder-report-version-august-2018/16808c9c77>>. Acesso em: 18 maio 2020.

WIEVIORKA, Annette. **L'ère du témoin**. Paris: Hachette Littératures, 1998.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

YAHYA, Hanna. Negócios de mídia: 2018 foi o ano de fechamento de jornais e revistas. **Mídia Nacional**, 2018. Disponível em: <<https://www.anj.org.br/site/component/k2/97-midia-nacional/15384-negocios-de-midia-2018-foi-o-ano-de-fechamento-de-jornais-e-revistas.html>>. Acesso em: 13 maio 2020.

ZELIZER, Barbie. **Covering the body: the Kennedy assassination, the media and the shaping of collective memory**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

\_\_\_\_\_. Finding aids to the past: bearing personal witness to traumatic public events. **Media, Culture & Society**, v. 24, p. 697-714, 2002.

\_\_\_\_\_; TENENBOIM-WEINBLATT, Karen. **Journalism and memory**. Estados Unidos: Palgrave MacMillan, 2014.

## ENTREVISTAS

BARCELLOS, Caco. **Caco Barcellos**: entrevista [6 set. 2017]. Entrevistadora: Cristine Gerk. Rio de Janeiro, 6 set. 2017.

BOECHAT, Ricardo. **Ricardo Boechat**: entrevista [13 set. 2017]. Entrevistadora: Cristine Gerk. Rio de Janeiro, 13 set. 2017.

BRUM, Eliane. **Eliane Brum**: entrevista [9 jan. 2018]. Entrevistadora: Cristine Gerk. Rio de Janeiro, 9 jan. 2018.

LEITÃO, Leslie. **Leslie Leitão**: entrevista [24 jan. 2019]. Entrevistadora: Cristine Gerk. Rio de Janeiro, 24 jan. 2019.

MARIA, Glória. **Glória Maria**: entrevista [13 fev. 2019]. Entrevistadora: Cristine Gerk. Rio de Janeiro, 13 fev. 2019.

## **ANEXOS**

ANEXO A – QUESTIONÁRIO ENVIADO POR *E-MAIL* AOS JORNALISTAS QUE PARTICIPARAM DE ENQUETE

- 1) Qual seu nome, idade e onde trabalha atualmente?
- 2) Em que ano se formou? Em que faculdade?
- 3) Já trabalhou em alguma empresa jornalística? Qual? De que ano a que ano?
- 4) Que jornalista considera um ícone na profissão? Por quê?

## ANEXO B – PLANILHAS COM RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS

Jornalista	Idade	Onde trabalha atualmente	Ano em que se formou	Em que faculdade	Já trabalhou em empresa jornalística
1	34	Prima Press Assessoria	2004	Estácio de Sá	Sim
2	45	Jornal <i>O Dia</i>	1994	Faculdade Pinheiro Guimarães	Sim
3	48	Infoglobo	1992	ECO-UFRJ	Sim
4	37	Tuiuiú Comunicação	2001	Facha	Sim
5	37	Fetranspor	2000	UniverCidade	Sim
6	30	Jornal <i>Extra</i>	2007	Facha	Sim
7	37	Infoglobo	2001	Universidade Gama Filho	Sim
8	62	Museu da Vida/Fiocruz	1976	ECO-UFRJ	Sim
9	52	Jornal <i>Extra</i>	1986	UnB	Sim
10	33	Assembleia Legislativa de Pernambuco	2006	PUC-Rio	Sim
11	33	Não trabalha atualmente	2008	Universidade Estácio de Sá	Sim
12	59	Revista <i>Farol Alto</i>	1981	Hélio Alonso	Sim
13	40	Jornal <i>Extra</i>	1999	Faculdade da Cidade	Sim
14	37	Approach Comunicação	2002	PUC-Rio	Sim
15	27	<i>Freela</i>	2010	PUC-Rio	Sim
16	31	<i>Marketing</i> internacional da Globo	2007	ECO-UFRJ	Sim
17	33	B2W Digital	2007	ECO-UFRJ	Não
18	33	Artplan (agência de publicidade)	2007	Facha	Sim
19	24	<i>O Globo</i> (editoria Mundo)	2014	UFRJ	Sim
20		Jornal <i>Extra</i>	2012	PUC-Rio	Sim
21	33	Professora na Sorbonne	2006	PUC-Rio	Sim
22	33	AFP	2007	ECO-UFRJ	Sim
23	33	Rede Globo	2009	UniverCidade	Sim
24	41	Infoglobo	1997	Universidade Gama Filho	Sim
25	38	Consórcio Operacional BRT	2003	UFES	Sim
26	34	Não trabalha atualmente	2005	PUC-Rio	Sim
27	39	<i>site</i> Purepeople (Webedia Brasil)	2002	PUC-Rio	Sim
28	31	FSB	2006; 2009	Publicidade - ESPM; Jornalismo - Facha	Sim
29	39	Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento	2002	ECO-UFRJ	Sim
30	33	Danthi Comunicações – Assessoria de Imprensa	2005	UFRJ	Sim



31	34	<i>O Globo</i>	2004	Universidade Estácio de Sá	Sim
32	40	<i>Extra</i> , Infoglobo	2001	PUC-RS	Sim
33	41	Jornal <i>Extra</i>	1998	UFF	Sim
34	31	Sindicato dos Bancários de SP	2008	Cândido Mendes	Sim
35	34	Vizcaya Cosméticos	2008	Facha	Sim
36	36	Rede Globo, na Central de Jornalismo e Esporte (Sportv)	2006	UFRJ	Sim
37	45	Assessor de Comunicação Social na ALERJ e repórter no Portal Solidário (solidarionoticias.com), além de administrar três grupos de profissionais de comunicação do Estado do Rio no WhatsApp	1998	Unesa	Sim
38	23	Infoglobo	2016	Facha	Sim
39	46	FSB Comunicações	1992	ECO-UFRJ	Sim
40	45	<i>Freela</i>	1992	ECO-UFRJ	Sim
41	43	Jornal <i>Extra</i>	1998	ECO-UFRJ	Sim
42	55	Roteirista	1991	Facha	Sim
43	41	Jornal <i>O Dia</i>	1996	Hélio Alonso	Sim
44	49	Jornal <i>O Dia</i>	1996	UBM	Sim
45	36	Jornal <i>Extra</i>	2002	Unesp-Bauru	Sim
46	31	Infoglobo	2009	Estácio de Sá	Sim
47	49	<i>Freelas</i> de conteúdo (inclusive <i>ghostwriter</i> ) e de assessoria	1997	UFF	Sim
48	55	<i>Freela</i>	1985	Universidade Gama Filho	Sim
49	43	Infoglobo	1996	UFF	Sim
50	51	Smile Assessoria	1986	ECO-UFRJ	Sim
51		Jornal da PUC	1993	PUC-Rio	Sim
52	32	<i>Folha de S.Paulo</i>	2007	UFRJ	Sim
53	56	Jornal <i>O Dia</i>	1983	Faculdade da Cidade	Sim
54	29	RJZ Cyrela	2010	UFF	Sim
55	32	Não informado (Doutorado em Comunicação)	2008	UFRJ	Sim
56	33	<i>International marketing manager</i> para uma empresa de TI em Viena	2005; 2017	UFRJ; Universidade de Vienna	Sim
57	39	<i>Freelancer</i> e atualmente tenho três trabalhos fixos: colaboradora do <i>site</i> da União Brasileira de Compositores (UBC); colaboradora do <i>site</i> americano Womenand Girls Hub e pesquisadora e produtora musical da série Show Mambembe, que irá ao ar no canal Futura. Além disso, sou uma das editoras e fundadoras de uma revista <i>online</i> independente feito só por mulheres, <a href="http://www.revistavertigem.com">www.revistavertigem.com</a>	2000	UGRJ	Sim
58	28	FGV	2013	UFRJ	Sim
59	32	Assessoria de imprensa: Multifato	2015	Universidade Salgado de Oliveira	Sim

60	33	Infoglobo	2013	Faculdade Pinheiro Guimarães	Sim
61	39	Revista <i>Veja</i>	2000	Universidade Estácio de Sá	Sim
62	46	<i>O Globo</i>	1991	Faculdade da Cidade	Sim
63	25	<i>O Globo</i>	2014	ECO-UFRJ	Sim
64	33	Não trabalha atualmente	2006	UFRJ	Sim
65	61	Real Grandeza Fundação de Previdência e Assistência Social	1983	Não identificado	Sim
66	31	GloboEsporte.com	2006	UFRJ	Sim
67		Não informado	2010	PUC-Rio	Sim
68	39	Jornal <i>Meia Hora</i>	2001	Faculdades Hélio Alonso	Sim
69	58	FSB Comunicação	1991	Hélio Alonso	Sim
70	43	Report Sustentabilidade	2000	UFF	Sim
71	41	<i>Freela</i>	1998	UFF	Sim
72	41	Escritor	2004	Facha	Sim
73		Approach Comunicação	1990	PUC-Rio	Sim
74	25	<i>O Globo</i>	2013	PUC-Rio	Sim
75	36	<i>O Globo</i>	2005	UFF	Sim
76	34	RPM Comunicação	2010	Faculdades Integradas Hélio Alonso	Sim
77	35	Approach Comunicação	2006	UFRJ	Sim
78	45	Site do jornal <i>O Dia</i>	1997	UFF	Sim
79	38	<i>O Globo</i>	2001	ECO - UFRJ	Sim
80	44	Infoglobo	1996	ECO UFRJ	Sim
81	35	OMG Digital	2009	FACHA	Sim
82	35	Infoglobo	2005	UERJ	Sim
83	50	<i>Freela</i>	1993	ECO UFRJ	Sim
84	49	Coordenadora/assessora de comunicação do mandato parlamentar da vereadora Talíria Petrone, do Psol-Niterói	1993	UFF	Sim
85	27	<i>O Globo</i>	2012	Estácio de Sá	Sim
86	32	Ouvidoria-Geral de Macaé	2009	FACHA	Sim
87	26	Jornal <i>Extra</i>	2012	UFRJ	Sim
88	34	GloboEsporte.com	2007	UFRJ	Sim
89	33	<i>O Globo</i>	2005	PUC Rio	Sim
90	42	<i>O Dia</i>	2010	Estácio de Sá	Sim
91	46	<i>O Globo/Extra</i>	1993	Hélio Alonso	Sim
92	37	Jornal <i>Extra</i>	2004	ECO-UFRJ	Sim
93	33	<i>Expresso</i>	2011	UVA	Sim
94	32	Não informado	2009	Estádio de Sá (Campus Niterói)	Sim
95	58	SRzd.com	1985	PUC-Rio	Sim
96	59	Não informado	1983	ECO-UFRJ	Sim
97	29	Incena Digital	2012	UERJ	Sim
98	31	Agência Is	2011	UniCarioca	Sim
99	26	Infoglobo	2012	UVA	Sim
100	32	<i>Veja</i>	2007	ECO-UFRJ	Sim

<b>101</b>	26	Centro de Operações Rio (COR)	2012	UERJ	Sim
<b>102</b>	44	<i>Freelancer</i> na área de roteiros para TV e cinema, especializado em humor	1996	UFF	Sim
<b>103</b>	61	Jornal <i>Expresso</i>	1980	Facha	Sim

<b>Jornalista</b>	<b>Qual(s)?</b>	<b>Período</b>	<b>Tempo de atuação</b>	<b>Jornalista ícone</b>
<b>1</b>	<i>O Dia, Fluminense, O Globo, JB</i>	2013 a 2016; 2006 a 2007; 2007; 2006	5 anos	Fátima Bernardes
<b>2</b>	TV Bandeirantes, Jornal de Hoje, <i>O Dia, O Globo</i> , Rádio Alvorada, <i>Jornal do Brasil, O Dia</i>	1992; 1993; 1994-1996; 1997-1999; 1999-1999; 1999-2002; 2002	10 anos	Luarlindo Ernesto
<b>3</b>	<i>JB, Globo.com, Infoglobo</i>	1992; 1999 a 2004; atual	mais de 5 anos	Paulo Espírito Santo
<b>4</b>	<i>Jornal do Brasil / Agência JB / JB Online; Jornal do Commercio ; A Fontoura / Tuiuiú Comunicação</i>	2000-2006; 2007-2014; 2006 até agora	17 anos	Ricardo Boechat
<b>5</b>	<i>O Globo; JB; O Dia</i>	1996-2000 +2002-2006; 2006-2007; 2007-2013	17 anos	Luiz Villas-Bôas Corrêa
<b>6</b>	Jornal <i>O Dia</i> , <i>Jornal Extra</i> , <i>Folha de S.Paulo</i>	Jun./2005 a jul./2008. Set./2008 a fev./2009 e depois de jul./2009 até hoje em dia. -2009 (curto período).	12 anos	Não tem
<b>7</b>	<i>Tribuna da Imprensa, Jornal do Commercio, Infoglobo, Jornal A Tarde (Bahia)</i>	2000 a 2005; 2005 a 2007 2007 a 2010/2012 a 2015/2017 2010 a 2012	17 anos	Não tem
<b>8</b>	<i>JB Globo (freela)</i>	1975-1977; 1976-1977	3 anos	Oriana Falacci; Chico Otávio; Teresinha Costa e Ana Lucia Azevedo
<b>9</b>	Rádio Nacional, <i>Jornal do Brasil, O Dia, Extra</i>	1986; 1986/1987; 1987-1998 19998-2001/2005 até agora	31 anos	William Waack; Elaine Brum
<b>10</b>	<i>Folha de S.Paulo/sucursal Rio, O Globo, O Dia</i>	2008-2009; 2009; 2011-2012	3 anos	Mário Magalhães; Fabiana Moraes
<b>11</b>	<i>Jornal do Brasil, O Dia, O Globo Revista Crescer da Ed. Abril</i>	2007-2009; 2009-2010; 2011 2011/2012	5 anos	Caco Barcellos
<b>12</b>	<i>O Fluminense, O São Gonçalo, Jornal dos Sports, Jornal do Brasil, O Dia Online</i>	Não informado	Não informado	Não tem
<b>13</b>	<i>Jornal dos Sports, Lance, UOL, Jornal Extra</i>	2000 até 2002 2002 até 2005 e depois 2015 2007 até 2011 desde janeiro de 2016 até agora	11 anos	Marcos Uchôa
<b>14</b>	<i>Folha Dirigida</i>	2000-2003	3 anos	Flávia Oliveira
<b>15</b>	Infoglobo	2012-2016	4 anos	André Trigueiro
<b>16</b>	<i>O Dia e O Globo</i>	2008-2011	3 anos	Não tem
<b>17</b>	Não informado	Não informado	Não informado	Sandra Annenberg
<b>18</b>	Tupi, EJESA	de 2007 a 2009; 2013	3 anos	José Hamilton Ribeiro
<b>19</b>	O Globo (Infoglobo)	2014 até o momento	3 anos	Roberto Saviano
<b>20</b>	Infoglobo	2013 até agora	5 anos	Elio Gaspari
<b>21</b>	<i>O Povo; JB</i>	2005; 2006-2008	3 anos	Glenn Greenwald
<b>22</b>	AFP	2014 até agora	3 anos	Marguerite Higgins Hall
<b>23</b>	Rede Globo, Grupo RBS, <i>O Dia</i>	2014 até o momento; 2009 a 2012; 2005 até 2008	9 anos	Fátima Bernardes

24	Jornal <i>O Povo</i> ; Jornal <i>A Notícia</i> ; Vídeo Clipping Produções Artísticas; Jornal <i>O Estado - SC</i> ; Jornal <i>O São Gonçalo</i> ; Infoglobo; Jornal <i>O São Gonçalo</i> ; Jornal <i>A Tribuna</i> de Niterói; Jornal <i>O Povo</i> ; Jornal <i>O Dia</i> ; TV Record; TV Globo; Portal UPPRJ	1995 a 1996; 1996 a 1997; 1996 a 1998; 1999; 1999 a 2000; 2000-2003; 2003 a 2007; 2007 a 2008; 2008; 2008 a 2011; 2011 a 2013; (2013); 2013	18 anos	Caco Barcellos
25	Jornal <i>O Dia</i>	2005-2015	10 anos	Não tem
26	Globo.com e RedeTV; Editora Abril; <i>JB</i> ; Revista <i>Quem</i> ; Jornal <i>O Globo</i> ; Produtora Offline	2002-2016	14 anos	Joel Silveira, Geneton Moraes Neto, Ricardo Boechat, Renata LoPrete, Miriam Leitão, Jorge Bastos Moreno
27	Jornal <i>O Dia</i> ; editora Abril; Globo.com	2005 a 2007 2004 a 2005/ 2007 a 2012 2002 a 2004 / 2012 a 2013	10 anos	Glória Maria
28	Jornal <i>O Dia</i>	2009 a 2012	3 anos	Não tem
29	<i>O Dia</i> ; Editora Três ( <i>IstoÉ Gente</i> ); Infoglobo; TV Record; Jornal <i>Extra</i>	2000 a 2004; 2005; 2006; 2007; 2008 a 2016	16 anos	Alberto Dines
30	Band	2004-2006	2 anos	André Trigueiro
31	Jornal <i>Povo</i> ; <i>O Fluminense</i>	2002 a 2005; 2005 a 2006	4 anos	Luiz Ernesto Magalhães
32	Jornal <i>Extra</i> ; Jornal <i>O Dia</i> ; Jornal <i>Q!</i> ; <i>Zero Hora</i> /Agência RBS	2013; maio 2006 a janeiro de 2013 setembro de 2005 até o fim do jornal, em janeiro de 2006; novembro de 2001 até agosto de 2005; maio de 1999 até novembro de 2001	12 anos	Eliane Brum
33	<i>O Fluminense</i> , <i>Jornal do Commercio</i> , <i>Jornal do Brasil</i> e <i>Extra</i>	1998 a 2000; ao longo do ano 2000	2 anos	Dênis de Moraes
34	<i>O Fluminense</i> , <i>O Dia</i> , <i>O Globo</i>	2009-2010; 2010-2012; 2012-2015	6 anos	Glenn Greenwald
35	Folha Dirigida	2004	1 ano	Ricardo Boechat
36	Top Sports (Atual Esporte Interativo), Globo	2004; 2006	2 anos	Rica Perrone
37	Jornal <i>Vila em Foco</i> ; Jornal <i>A Notícia</i> ; Jornal <i>O Palavrão</i> ; Jornal <i>O Povo</i> ; <i>Jornal União do Brasil</i> ; Revista <i>Circuito Kart</i> ; <i>Grajournal</i> ; Régis Comunicação e Marketing; Jornal e Guia de Serviços + <i>Grajaú</i>	1994 a 2015	20 anos	Caio Barbosa
38	Canarinho Press como estagiário em 2013, <i>Carta Z Notícias</i> como estagiário de 2015 a 2016 e Infoglobo em 2017	2013; 2015-2016; 2017 até agora	3 anos	Jason Vogel
39	<i>Jornal do Brasil</i> , <i>O Dia</i> , TV Globo	1993-1998; 1998-2011; 2011-2012	14 anos	Leslie Leitão
40	Jornal <i>O Dia</i>	1993/1999; 2002/2015	21 anos	João Antônio Barros.
41	Jornal <i>Extra</i>	1998 até agora	19 anos	Gay Talese
42	<i>O Globo</i> ; <i>JS</i> ; <i>O Dia</i> ; <i>Extra</i> ; <i>Expresso</i>	1988; 1989 a 1995; 1995 a 2000; 2000 a 2013; 2014	26 anos	Tim Lopes
43	<i>O Fluminense</i> , <i>Jornal dos Sports</i> , <i>Jornal O Dia</i> , <i>Jornal Expresso</i> , <i>Ediouro</i> , <i>Jornal O Dia</i> até o presente momento	1996-2000; 2000-2008; 2008-2010; 2010-2012); 2012; 2013 até o presente momento	21 anos	José Trajano
44	<i>O Dia</i> , <i>Diário do Vale</i> , de Volta Redonda <i>A Voz da Cidade</i> , de Barra Mansa	1993 até o momento, 1995, 1990	24 anos	Leslie Leitão
45	Editora Alto Astral, TV Press, <i>O Dia</i>	desde 2013 no jornal extra	4 anos	Caco Barcellos; Marcos Uchôa
46	MBPress Comunicação, Portal SRZD, Jornal Corporativo, Infoglobo	2008 e 2009; 2009 a 2012; 2012; 2013 e em curso	8 anos	Caco Barcellos
47	Grupo <i>O Dia</i> ; Infoglobo; GLB (Globo.com); <i>Jornal do Brasil</i> ; Metro MTG Editorial; Grupo Fluminense	1993 até agora	24	Leslie Leitão

48	A mais duradoura foi a Editora O Dia, de 1996 a 2012. Mas trabalhei no Globo, <i>Extra</i> , <i>O Fluminense</i>	1996 a 2012	16 anos	Roberto Porto
49	<i>O Fluminense</i> , <i>O Dia</i> ; Globo.com, <i>O Dia Infoglobo</i>	1994-1995; 1995-2000; 2000-2002; 2002-2017; 2017	23 anos	Cristine Gerck
50	<i>Gazeta do Povo</i> , <i>Jornal Sobre Rodas</i> , <i>Jornal do Brasil</i>	1984; 1985; 1988 a 1992	5 anos	Marshall Rosenberg
51	<i>Jornal do Brasil</i> ; <i>O Globo</i>	1993-2000 / 2003-2006; 2006-2010	17 anos	Alberto Dines
52	<i>O Dia: Folha de S.Paulo</i>	2005-2006; 2006 até agora	12 anos	Elvira Lobato
53	Revistas <i>Ele &amp; Ela</i> , <i>Nova</i> , <i>Navegação</i> , <i>Jornal do Comercio</i> , <i>Jornal O Dia</i>	1993 até hoje	24 anos	Alexandre Medeiros
54	<i>Jornal O Fluminense</i> (Niterói), <i>Jornal do Brasil</i> , TV Globo, Rádio Globo-CBN	2007; 2008; 2009-2010; 2010-2013	7 anos	Marcos Uchôa
55	<i>O Povo</i> ; <i>O Fluminense</i> ; <i>JB</i> ; <i>O Dia</i> ; <i>Bandeirantes</i> ; TV Globo	2005-2015	10 anos	Joel Silveira
56	<i>Jornal do Brasil</i> ; <i>Estadão</i> ; <i>Huffington Post</i>	2005-2010	5 anos	Capote, que era escritor e não jornalista. Michael Mosley, que é médico e não jornalista
57	Top Hits, <i>O Dia</i>	2000; 2005 a 2015	16 anos	Ana Maria Bahiana
58	TV Globo, Webedia (BrandindPublish)	2015; 2013-2015	2 anos	Eliane Brum
59	<i>O Globo</i> , <i>Extra</i> , <i>Expresso</i> e <i>O Fluminense</i>	2014-2017	3 anos	Glória Maria; Renato Ribeiro
60	Folha Dirigida, <i>Jornal O Dia</i>	2012; 2012-2013	2 anos	Glória Maria; Caco Barcellos
61	Sport Press; <i>Lance!</i> , <i>Jornal Extra</i> , <i>O Dia</i> , <i>Veja</i>	1996/97; 1997/98; 1998/2005; 2005/2011; 2011 pra cá	21 anos	Mario Magalhães
62	UPI, <i>Veja Rio</i> , <i>JB</i>	1992-1995	3 anos	Miriam Leitão
63	<i>JB Online</i>	2013	1 ano	Lúcio de Castro
64	<i>O Dia</i> e agências de comunicação InPress e Publicom	Não informado		Eliane Brum e Ana Holanda
65	<i>Jornal do Comercio</i> , <i>Jornal do Brasil</i> , <i>Revista PC World</i> , <i>O Dia</i>	1987; de 1987 a 1990 e de 1997 a 1999; de 1990 a 1992; 1996 a 1997	8 anos	Carlos Lemos; Janio de Freitas
66	<i>Jornal O Dia</i> , Rede Globo	2004 a 2012; 2012 ao presente	13 anos	Paulo Vinicius Coelho
67	TV Brasil, <i>Jornal do Brasil</i> , TV Globo	2008, 2009, 2011	3 anos	Leonardo Sakamoto
68	<i>Jornal Povo</i> , <i>O Fluminense</i> , <i>O Dia</i> , <i>Meia Hora</i>	2000-2005; 2005-2009; 2010-2014 2014 até o momento	9 anos	Humberto Tziolas
69	<i>Jornal de Brasília</i> ; <i>Jornal do Brasil</i>	1991-1993; 1995-2010	17 anos	Elio Gaspari
70	<i>Tribuna da Imprensa</i> , <i>Extra</i> , <i>Cliquemusic</i> , <i>Abril</i> , <i>Globo.com</i> , <i>Jornal do Brasil</i>	1997-2000; 2000-2001; 2001-2004; 2002-2004; 2004; 2004-2010	13 anos	Elio Gaspari
71	<i>Lance</i> , Grupo Globo	1998 a 2001; 2001 a 2017	19 anos	Geneton Moraes e Edney Silvestre
72	<i>Lance!</i> , <i>Jornal dos Sports</i> , <i>Jornal do Brasil</i>	Não informado		Alberto Dines
73	Rádio Tupi	1996	1 ano	Chico Otávio
74	<i>O Globo</i>	2014 até o momento	3 anos	Flavia Oliveira e Dorrit Harazim
75	TV Bandeirantes, <i>Estadão</i> , <i>Jornal do Brasil</i> , Tv Globo, <i>O Globo</i>	2003; 2004; 2005 a 2008; 2010 2011 até agora	12 anos	Geneton Moraes Neto ( <i>in memoriam</i> ), Mário Magalhães, Daniela Pinheiro
76	<i>O Povo</i> , <i>Jornal O Fluminense</i> , <i>Monitor Mercantil</i> Portal Bolsa de Mulher	2006-2007; 2008-2009 / 2010/2012; 2007-2008; 2010	5 anos	João Antônio Barros; Hilka Telles
77	<i>Ciência Hoje</i> , <i>Approach</i>	2005/2006 até o momento	12 anos	Roberto D'Ávila; Nelson Motta
78	<i>O Fluminense</i> ; <i>O Globo</i> ; <i>Globo.com</i> ; <i>O Dia</i> (site e suplemento de tecnologia)	1994 até agora	23 anos	Elio Gaspari

79	TV Globo, <i>Folha de S.Paulo</i> , <i>Jornal do Brasil</i> , <i>Destak Brasil</i> , <i>O Globo</i>	1999 a 2002; 2003 a 2008; 2008 a 2009; 2009 a 2015; 2015 até agora	18 anos	Christopher Hitchens
80	<i>O Globo</i> ; <i>O Extra</i> , <i>O Dia</i> , <i>Extra</i>	de 1996 (incluindo estágio) a 2000, 2003 a 2005, 2005 a 2007, de 2007 até hoje	18 anos	Ricardo Boechat; Ancelmo Gois
81	<i>Jornal do Brasil</i> ; <i>O Fluminense</i> ; <i>O Dia</i> ; <i>Extra</i> ; rádio CBN	2009-2016	7 anos	Não tem
82	Infoglobo, <i>O Dia</i>	2005-2008 e 2017; 2008-2010	12 anos	Não tem
83	Globo, <i>O Dia</i>	1996 a 2011; 2013 a 2016	18 anos	Fernando Molica
84	<i>Jornal do Brasil</i> <i>Jornal do Brasil</i> , <i>O Estado de São Paulo</i> , <i>O Dia</i> Assessora de Comunicação/Diretora – Detran-RJ Chefe de reportagem – <i>Jornal Extra</i> Editora e repórter da Revista <i>Comunità Italiana</i> Diretora de Atendimento – Resh Comunicação <i>Jornal Folha de S.Paulo</i> Editora da Revista <i>O Flu</i> – <i>Jornal O Fluminense</i> <i>Jornal Destak</i> Assessora de Comunicação – Mandato Marcelo Freixo (Alerj) Coordenadora/Assessora de Comunicação do mandato parlamentar do vereador Henrique Vieira, do Psol-Niterói Freelancer Assessora de Imprensa do mandato parlamentar do deputado estadual Flavio Serafini, do Psol-RJ Coordenadora/Assessora de Comunicação do mandato parlamentar da vereadora Talíria Petrone, do Psol-Niterói	1992-2017	25 anos	Gabriel García Márquez
85	<i>Jornal A Tribuna</i> , Grupo Fluminense, atualmente no <i>Globo</i>	seis meses; durante 1 ano e 3 meses; quase quatro anos	5 anos	Eliane Cantanhêde
86	<i>Open Business</i> do site Overmundo	Não informado		Pedro Markun e Daniela Silva
87	<i>Extra</i>	2012 até agora	5 anos	Ricardo Kotscho
88	GloboEsporte.com	2009 até agora	8 anos	Caco Barcellos e Roberto Cabrini (TV); Leslie Leitão (outras mídias)
89	<i>JB</i> ; <i>O Globo</i>	2005-2008; 2008 até agora	12 anos	Gay Talese
90	<i>Jornal do Brasil</i> ; empresa de redes sociais; <i>O Dia</i>	2010-2012; 2013 até hoje	7 anos	Pedro Só
91	<i>Alvorada</i> , <i>Correio Fluminense</i> , <i>Jornal do Commercio</i> , <i>JB</i> , <i>Carta Z Notícias</i> e <i>O Dia</i>	Não informado		Luiz Carlos Secco
92	<i>Fluminense</i>	2002 a 5/2004		Juca Kfourri
93	Algumas além da <i>Expresso</i>	De 2015 até agora		Cis Gerck; Caco Barcellos
94	Approach	2008 até agora		Lúcio de Castro
95	Rádio Roquette Pinto; Tv Manchete; <i>Tribuna da Imprensa</i> ; Rádio <i>Jornal do Brasil</i> ; TV Bandeirantes; CBN; Rádio Panorama; TV Globo e Globonews	1985 até agora		Mino Carta
96	Não informado	Não informado		Nilson Lage
97	<i>O Dia</i> , <i>O Globo</i> , <i>Tribuna da Imprensa</i>	Não informado		Zuenir Ventura, Eliane Brum, Hilka Telles, Ricardo Boechat
98	<i>Jornal Panorama</i> , <i>Jornal O Dia</i>	2011; 2013 a 2016	5 anos	Flávia Oliveira
99	<i>Site ahe!</i> , Infoglobo	2012-2014; 2014 até agora	5 anos	Não tem
100	<i>Jornal O Dia</i> , <i>Veja</i>	2006-2010; 2010 até o momento	11 anos	Paulo Vinicius Coelho
101	<i>O Dia</i>	2011-2016	5 anos	Glória Maria
102	<i>Jornal do Brasil</i>	Não informado		Elio Gaspari; Caco Barcelos

103	Rádio Roquete Pinto, Jornal <i>O Povo</i> , Revista <i>Amiga</i> , Revista <i>TV Brasil</i> , Revista <i>Alô TV</i> , Revista <i>Te Contei?</i> , Jornal <i>Expresso</i>	2 anos, 4 anos, 5 anos, 3 anos, 1 ano e meio, 3 anos, 1 ano	19 anos	Eli Haulfon
-----	--	---	---------	-------------

Jornalista	Motivo
1	Versátil, inteligente e uma verdadeira comunicadora, tem humildade e gentileza de ser comunicar.
2	Premiado repórter que guarda histórias da ditadura militar ainda na memória, como a bomba do Riocentro. Dono de três prêmios Esso, hoje extinto, mas o considerado Oscar do Jornalismo. E ainda hoje, tenho o prazer de aprender com ele a cada dia.
3	repórter dos velhos tempos de O Dia e que saiu do jornalismo diário para se especializar na edição de publicações voltadas para o setor de Transportes e Construção Civil, além de eventos.
4	Já trabalhei com ele pessoalmente na redação do <i>JB</i> , e é o que mais tenho visto e ouvido. Gosto, na maior parte das vezes, do que escuto dele. Apesar de não ter a formação formal de jornalista, ele respira jornalismo. (sem contar que ele cresceu em Niterói :P).
5	lendário repórter político.
6	-
7	-
8	Foi quem me inspirou a fazer jornalismo; que vem fazendo um ótimo trabalho de jornalismo investigativo.
9	Correspondente internacional e autor de vários livros, tem amplo conhecimento em várias áreas, principalmente nas áreas política e econômica; pelos belíssimos textos.
10	Ambos pela visão ampla, comprometimento profissional e empenho. Mario ainda pela capacidade de trabalho, isenção e correção.
11	Ele é um jornalista que, apesar de trabalhar na Rede Globo - sempre muito criticada por sua parcialidade nos fatos – consegue fazer um jornalismo de informação, contar histórias de relevância e trazer reflexões importantes para todas as gerações. Além disso, é um cara preocupado em manter a essência do jornalismo e ao mesmo tempo muito antenado e positivista com as novidades/mudanças do mercado.
12	-
13	Pergunta difícil. Vieram alguns na minha cabeça, mas fico com Marcos Uchôa. Acho um repórter completo para qualquer tipo de matéria e qualquer editoria.
14	Acho ela extremamente competente, estudiosa, segura, crítica. Referência, a meu ver, na profissão.
15	Por ser um dos poucos interessados pela temática socioambiental. É um profissional que se preocupa em pautar reportagens na área na grande mídia por entender a necessidade de sair da academia e chegar ao grande público. Acompanhava na GloboNews, depois tive a chance de estudar com ele, e hoje continuo de olho em tudo que ele produz. Tento trilhar meu caminho como ele, apesar das dificuldades e do interesse dos veículos sobre esses temas.
16	Não tenho um ícone atualmente, estou tão distante da profissão jornalismo em si, o que faço hoje não é mais jornalismo (embora seja comunicação).
17	Porque a linguagem dela é muito clara, ela consegue falar com qualquer tipo de público. Traz conteúdos bem interessantes, seja em telejornal ou no entretenimento, e conduz os programas com muita serenidade e ética.
18	Porque suas reportagens são surpreendentes e com um tom literário, além de ele conseguir transformar um tema que poderia ser considerado chato de ler em um texto muito interessante e instigante, que te faz ter vontade de ler até o final. O conheci ainda na faculdade e me apaixonei por seu trabalho.
19	Considero o italiano um ícone por esforços investigativos e corajosos que renderam a ele escolta constante desde 2006 por causa de revelações sobre as teias estruturais da máfia napolitana, a camorra. Sua escrita é ainda muito subjetiva e com um vocabulário extenso e rico, o que gera um respiro diante das estruturas tradicionais de texto.
20	Sem justificativa.
21	Sem justificativa.
22	Pelo pioneirismo feminino entre os correspondentes de guerra.
23	Pela competência, delicadeza e respeito com o público e pelo profissionalismo, comprometimento.
24	Porque tem retidão profissional e escreve e apura muito bem.
25	-
26	Credibilidade, furos memoráveis, honraria à profissão.
27	Vou citar uma jornalista que me inspirou a ingressar na faculdade de jornalismo que foi a Glória Maria. Achava admirável observá-la em coberturas variadas na TV, em situações adversas ou em entrevistas sobre temas mais sérios ou leves. A postura dela, a segurança ao abordar temas variados... Era como eu queria ser. Tenho muitos ícones na profissão, mas ainda considero a trajetória de Glória Maria muito marcante e representativa.
28	Atualmente tenho medo de selecionar um ícone e me arrepender depois, de tantas frustrações com a imprensa e o mercado.

29	Por seus mais de 50 anos de dedicação apaixonada, ética, por ser um defensor de valores como a liberdade de imprensa e propiciado uma discussão tão rica sobre a profissão no <i>Observatório da Imprensa</i> . Brilhante em sua atuação como escritor, repórter, professor universitário e ombudsman geral da nação. rs
30	Por trazer à tona temas como meio ambiente de forma pioneira.
31	Porque ele é a personificação do repórter: incansável, questionador, atento e capaz de produzir várias matérias em um mesmo dia.
32	Por ser o pacote completo, repórter investigativa reconhecida e sensível e dona de texto brilhante. Conheci cedo, porque lia na <i>Zero Hora</i> . Ela tinha uma coluna que transformava anônimos de vidas simples em histórias emocionantes ("A vida que ninguém vê"). Conquistou um espaço único no cenário jornalístico do país, com uma leitura sempre muito lúcida e abrangente dos temas mais polêmicos.
33	Jornalista, professor e escritor de alta categoria, sério, humano, socialista. Com uma visão de mundo igualitária. Me incentivou muito na faculdade com suas ideias.
34	Pois atual pela transparência nas informações em caráter global.
35	Credibilidade e certa imparcialidade.
36	Independente de ser meu amigo pessoal, é um cara que pensa como eu em quase tudo, é muito inteligente, tem um texto espetacular e conseguiu sucesso e realização sendo um jornalista independente (blogueiro).
37	Nenhum, mas admiro o Caio Barbosa (ex-repórter do Jornal <i>O Dia</i> ) pela coragem, faro jornalístico e texto impecável.
38	Por ser uma das referências do jornalismo automotivo, que sempre foi a minha área preferida no meio.
39	Depois de pensar muito sobre essa pergunta, resolvi dar uma resposta com base nos jornalistas com quem convivi de perto em vez de algum medalhão. Motivo: nunca vi repórter com tanto espírito de repórter quanto ele, com todos os defeitos e qualidades que isso implica. É apaixonado por essa que é a mais fundamental função em uma redação. Vibra com cada milímetro de informação nova que consegue, fica indignado, sabe como cultivar uma fonte e, até por essas características, pode até cometer algum erro. Mas sempre em busca da notícia. E qual repórter (ou redator, editor, etc.) nunca errou?
40	Pela visão acurada sobre o que é uma pauta relevante para a sociedade e pelo entusiasmo que sempre transmitiu às novas gerações.
41	Porque criou o jornalismo literário.
42	Não só pela sua morte, mas por todo trabalho que realizou, tanto pela entrega ao jornalismo investigativo quanto pelas matérias criativas e inteligentes que emplacou ao longo de uma longa carreira.
43	Por sua trajetória no jornalismo, tendo percorrido todos seus setores (impresso, rádio, TV) e por permanecer firme em sua postura ideológica, apesar de um momento político tão conturbado que passa o país atualmente.
44	Tenho vários ídolos, com mais idade, inclusive, tarimbados, em quem procuro me espelhar. Mas, dos atuais, fico com o jovem Leslie Leitão, da <i>Veja</i> . Pela sagacidade, competência e coragem de sempre. Predicados estão ajudando a mudar o perfil da revista, antes vista com certa desconfiança por parte da população.
45	Difícil... Não sou de ter ídolos, apenas admiro alguns. Mas apesar de trabalhar com jornalismo impresso, vou citar um nome de televisão: Caco Barcellos. Desde a época da faculdade, quando comecei a ler seus livros e o conheci pessoalmente, passei a gostar de seu trabalho e de sua postura. Gosto da maneira como ele conduz o trabalho, como lida com as pautas e com as pessoas; e nunca fui uma pessoa dos esportes, mas também admiro bastante a trajetória de Marcos Uchôa. O cara é uma enciclopédia viva, inteligentíssimo, faz matérias brilhantes em qualquer parte do mundo, com países em guerra, em conflito... E quando o assunto é esporte, tem um texto maravilhoso.
46	Pelo trabalho investigativo de <i>Rota 66</i> .
47	É disparado o repórter mais combativo do Rio de Janeiro, e é um dos poucos que procuram pensar à parte de ideologias ou preferências políticas. Leslie Leitão aceitou a missão de fiscalizar o Estado e seus gestores (ou seja, os políticos) sem relativismo e sem atenuantes. Seu trabalho não tem preço.
48	Trabalhei com ele no início da carreira e consegui me convencer de alguns dos meus erros e estimular minhas virtudes. Costumava escrever colunas impecáveis, mas, sempre que terminava, jogava as laudas (os mais velhos sabem o que são) na minha direção e pedia pra eu pentear (tb pergunte aos mais velhos rsrs).
49	Pela excelência de seu trabalho.
50	Na verdade, ele não era jornalista, mas psicólogo e foi o criador da Comunicação Não Violenta, que é um processo de pesquisa contínua com o objetivo de estabelecer relações de parceria e cooperação em que predomina comunicação eficaz e com empatia. Enfatiza a importância de determinar ações que têm como base de valores comuns.
51	Por ter trabalhado pela profissionalização do jornalismo no Brasil, nos anos 60, ter formado gerações de jornalistas pensantes na universidade e nas redações e continuar produzindo pensamento crítico até hoje.
52	Repórter experiente que, mesmo após anos de profissão, mantém a curiosidade e a capacidade de se surpreender.
53	Não tenho um ícone, não. Admiro alguns como Alexandre Medeiros. Quando fui professora universitária usava bastante os exemplos dele em sala de aula.
54	O jornalista apresenta um amplo leque de conhecimento nos mais diversos assuntos: samba, futebol, oriente médio, política, economia, internacional, ciências etc. Apresenta um estilo de texto simples, objetivo e ao mesmo tempo poético. Não erra a mão. É carismático, humilde e de fácil e prazeroso convívio profissional.
55	De maneira breve, gosto, principalmente, da forma como ele escrevia. Os textos eram irônicos e muito bem-acabados. Além disso, tinha um estilo que pouco se vê no jornalismo de hoje em dia.



56	Os que considero grandes têm treinamento em outras áreas, e chegaram ao jornalismo como forma de distribuir esse conhecimento. Não se formaram na "arte da distribuição". Jornalismo para mim é cada vez mais só um método e como tal deveria ser ensinado numa aula, uma matéria, para todo mundo (com uma alfabetização). Nunca uma ciência (social) em si.
57	Uma referência no jornalismo cultural, minha área. Há alguns anos vive em Los Angeles.
58	Gosto do meio de apuração e das reportagens investigativas narrativas.
59	Por tudo que enfrentou para alcançar a carreira. Do racismo ao machismo; por ser um dos melhores jornalistas esportivos da televisão.
60	Pela variedade de assuntos que tratou e locais que visitou; pela seriedade e profundidade nas grandes reportagens.
61	Blogueiro e ex-repórter da <i>Folha de S.Paulo</i> . Bom caráter, bom texto, bom colega, bom repórter, apurador, contestador e imparcial.
62	Não tenho um superícone, mas, se tivesse que escolher alguém, seria a Miriam Leitão, pela profundidade e seriedade das análises econômicas e conhecimento de causa.
63	Por sua combatividade e estilo de reportagens, investigativas e de fôlego.
64	Por serem mulheres que sabem construir a narrativa jornalística de uma forma afetiva e profunda. Conseguiram criar uma nova categoria dentro do jornalismo brasileiro, mesmo em uma época onde as notícias estão cada vez mais superficiais, fugazes e comprometidas com a influência da política e dos anunciantes, nas redações.
65	Fez uma palestra no colégio que eu estudava, em 1973, que me encantou: "É isso que eu quero ser".
66	É o jornalista esportivo que eu mais admiro por seu conhecimento do jogo e por suas informações.
67	Um dos poucos jornalistas de esquerda que ainda conseguem ter espaço na mídia.
68	É um profissional genial, extremamente talentoso, competente e perspicaz. Além disso, tem ótimo caráter e espírito de liderança elogiável.
69	Capacidade de contextualização histórica, Habilidade absurda de utilizar o português para obter o máximo de objetividade. Concisão. Precisão.
70	Escreve muito bem, porque não tem medo de dizer a verdade, por ser extremamente astuto e bem informado.
71	Ícone é meio forte, mas Geneton Moraes e Edney Silvestre são caras interessantes pelas formas que contam as histórias, seja no <i>hard news</i> , seja em matérias mais leves.
72	Pela inteligência e seu combate à ditadura.
73	Um exemplo de jornalista, por sua seriedade no exercício da profissão.
74	Cada uma a sua maneira, elas frequentemente trazem novas perspectivas em relação a assuntos que estão em pauta – sempre de maneira aprofundada e responsável.
75	Porque eles têm os três pilares que considero fundamentais na profissão: compromisso com a verdade factual, exercício do espírito crítico e fiscalizam o poder público. São curiosos, escrevem bem, apuram muito, duvidam do que ouvem, voltam às fontes.
76	Por seu faro jornalístico e por sempre procurar pautas fora do óbvio; além de ser uma baita profissional, justa e correta, ser uma professora para toda uma geração de jornalistas que foram formados no Jornal <i>O Dia</i> .
77	É um profissional versátil que demonstra segurança e inteligência em suas entrevistas, respeitando os entrevistados e enriquecendo com seus comentários; sua importante trajetória no cenário cultural brasileiro, atuando também como crítico e produtor musical, sendo um dos maiores.
78	Leitura obrigatória. Informação relevante, independência editorial (em tese, já que vende a coluna para vários veículos).
79	Britânico, morto há alguns anos. Pelo norte moral, pelo estilo, pela reportagem altamente qualificada e pelo raciocínio rápido em debates.
80	Pela facilidade de se comunicar com diferentes públicos, de variadas idades, transitando por três meios diferentes: rádio, TV e jornal (com ótima desenvoltura nos três); pela natureza do trabalho (a dificuldade de fazer uma coluna diária de variedades, vendida para veículos de todo o país) e pela simplicidade do profissional que ele é, sem estrelismos. Já tive até a sorte de assistir a uma palestra dele em <i>media training</i> , para uma plateia de executivos. Apenas ele, sem recursos tecnológicos. Domínio da plateia e do ofício do jornalismo.
81	Nunca pensei nisso.
82	-
83	Joga nas 11, persistente, ou seja, chato pra cacete, cultura, informação etc.
84	Porque ele fez Jornalismo para a humanidade e não para os seus patrões. Teve lado. Escolheu o lado dos oprimidos. Fez do jornalismo um instrumento de luta por liberdade e por um mundo mais justo e igualitário. Preocupou-se com a formação de futuros jornalistas. Primou pela técnica e pelo estilo brilhantes a serviço do papel político transformador que todo jornalista deveria exercer na sociedade.
85	Por ser uma ótima profissional, com vasto conhecimento político e muito humana.
86	Considero a empreitada do <i>jornalismo de dados</i> muito promissora, também no sentido de aprimorar meu trabalho na gestão pública. Os dois são destaques do grupo Transparência Hacker, que diretamente estiveram envolvidos na elaboração da Lei de Acesso à Informação.

87	É um repórter que valoriza o empirismo da reportagem, o trabalho na rua, a entrevista cara a cara, as histórias das pessoas comuns.
88	Pelo tema, conteúdo das reportagens e coragem no dia a dia da profissão; mais próximo da minha geração.
89	Um dos fundadores do jornalismo literário. Mostra como é possível informar sem cair na estrutura rígida, ultrapassada – e, infelizmente, predominante – do lide estéril e da reportagem sem personalidade.
90	Melhor, mais informativo e mais engraçado texto da história do jornalismo musical brasileiro.
91	Exemplo de profissionalismo, seriedade e eficiência.
92	Sempre respeitei a postura política dele em relação ao esporte.
93	Profissional competente e dedicada; por sua versatilidade e inspiração para novas gerações.
94	Consegue fazer jornalismo investigativo, mesmo falando sobre esporte.
95	Jornalista empreendedor e criador das mais incríveis publicações brasileiras.
96	Sem justificativa.
97	O motivo é a mistura da excelência em texto com o olhar atento à realidade que vivemos. A disposição de deixar claro aquilo que muitas vezes a sociedade se nega a enxergar.
98	Por ser mulher, negra, atuando com maestria em uma área elitista e dominada por homens. Ela é um ícone para mim.
99	-
100	Jornalista esportivo altamente estudioso sobre a área que cobre. Está sempre com dados precisos para embasar seus comentários.
101	A trajetória profissional da jornalista se confunde com diversos fatos da história do Brasil.
102	Além de ter boas informações e um excelente texto, insere opiniões de forma muito natural; pela coragem e bom senso, além de procurar mostrar ao grande público em seu programa na Globo como é feito o bom jornalismo.
103	Foi o profissional que meu deu a chance de comandar uma revista como editor executivo (revista <i>Amiga</i> ) e me ensinou grande parte do que eu sei hoje sobre o mundo das novelas, celebridades e música.

## ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: CACO BARCELLOS

Cristine Gerk (C.G.): O que te inspirou a fazer jornalismo, quando optou por essa carreira? Você sente que encontrou, ao longo da sua trajetória, o que procurava?

Caco Barcellos (C.B.): É difícil de responder, mas eu acredito que tenha sido o desejo genuíno meu, desde o começo da adolescência, de escrever, não sabia que eram crônicas. Eu venho de uma família muito simples, não tinha nenhum intelectual na família, nenhum escritor ou jornalista, nem mesmo formado na universidade na área de Humanas, mas eu gostava muito de acompanhar histórias de trovadores, lá no Sul o trovador é aquele que pega o violão e conta, canta uma história, como se fosse um rap nos tempos de hoje, histórias do bairro. Eu me encantava muito de ouvir aquelas histórias e de contar as minhas, mas não de participar das trovas. Eu contava com meus textos que eu escondia de todo mundo. Estes textos eram resultado de andanças minhas, curiosidades de conhecer além do meu bairro, da periferia de Porto Alegre. Eu saía com meu cachorro vira-lata para descobrir caminhos, lugares, pessoas, e aí na volta eu escrevia. Era muito comum encontrar doentes mentais pelas ruas e eu sempre parava com eles, ouvia, e eles me davam muita atenção e vice-versa, e depois escrevia. Eu me emocionava muito quando escrevia histórias dessas pessoas, sofredores de rua, doentes de rua, louquinhos também, de rua. Anos depois, tive a oportunidade de trabalhar, também por acaso, fui convidado para ser estagiário num jornal, quando fazia faculdade de Matemática, totalmente longe dessa possibilidade de virar um repórter, né. Fazia um jornal para o centro acadêmico, um jornalista convidou, eu não sabia que existia essa profissão, de repente eu estava diante dessa oportunidade cotidiana de sair pela cidade conhecendo gente nova, histórias novas e escrever sobre elas. Eu fiquei muito emocionado quando descobri isso e comecei dessa maneira. Fortemente emocionado pela chance de correr atrás da história onde ela estivesse e ainda ser pago para isso. Era a *Folha da Manhã* de Porto Alegre. Era concorrente da RBS. Para minha sorte, era um grupo de jornalistas amantes da reportagem, com eles aprendi técnicas de redação, de apuração, e sobretudo a pilha, de buscar histórias inusitadas, das ruas. Encontrei o que buscava, sim.

C.G.: Você tem alguma referência, alguma pessoa que para você é um ícone na profissão? Por quê?

C.B.: Muitos personagens. O primeiro dele era Carlos Alberto Kolexa, grande repórter, por minha sorte era meu chefe de reportagem desse jornal e me deu os primeiros caminhos de técnica, comprometimento com a precisão jornalística. Era tempo da ditadura, Dops impedia

qualquer aproximação nossa, inclusive do prédio, e ele dizia sempre há uma porta. Eu lembro que fui tentar fazer uma apuração lá, de um sequestro. As forças de retenção haviam sequestrado um jovem. Eu disse a ele que consegui bater em quatro ou cinco portas em um prédio de cinco andares e absolutamente todas estavam fechadas. Quando consegui falar fui mal recebido, bateram a porta na minha cara, falaram coisas ostensivas, incomodados com a minha ousadia de simplesmente perguntar sobre o suposto sequestro. Eu voltei para a redação fracassado, cinco tentativas, um dia inteiro insistindo e não consegui. Eu falei pro Kolexa. Ele disse “Eu não acredito, o dia inteiro e não conseguiu por quê? Em quantas portas vocês bateu?”. Eu falei “Cinco portas eu bati”. E ele me disse: “Pois é, eu acredito que sejam 30 portas em cada andar, são cinco andares, 150 portas. E as outras 145? Volte pra lá”. Aí voltei e foram muitos dias, batendo em 145 portas e não sendo recebido. Constrangido, contei pra ele que não fui recebido nenhuma vez, contei do meu imenso fracasso. Ele disse: “É, foi um fracasso enorme, tanto obstáculo, tanta barreira, que a gente tem uma grande história pra contar. Conte a história da dificuldade de conseguir a informação. Tenho certeza que ela existe”. Dicas assim são inesquecíveis... Tem escritores que admiro, que são admirados universalmente. Também gosto muito do pessoal todo do *new journalism*, a turma do Gay Talese, do Truman Capote não era desse grupo, era mais velho. Sou muito fã de escritores de ficção, que escrevem a partir de grandes pesquisas de não ficção, você lê e tem quase certeza absoluta que tudo ali é verdadeiro, mas é claro que tem licença poética, Jack London, Hemingway, o nosso colombiano de *Cem anos de solidão*.

C.G.: Que valores, qualidades, você acredita que um bom jornalista deve ter?

C.B.: Hoje? Bom, hoje a gente tem uma função essencial, nesse momento em que é um modismo o jornalismo declaratório. O jornalismo declaratório não combina com a reportagem feita com luz própria. No jornalismo declaratório, basta uma entrevista, e uma entrevista pode conter todas as verdades do mundo e também todas as mentiras. Eu só admito divulgar uma entrevista, já que sou repórter, depois de provar que cada palavra dita é verdadeira. O jornalismo, no gênero reportagem, é essencial nesse momento em que outros gêneros se ocuparam dessa função de ser jornalista. Eu gosto muito, adoro, evidentemente não tenho nada contra, usar as entrevistas como multiplicadoras de ideias, para reflexão, nesse gênero de jornalismo, não sei se posso chamar, mais centrado na reflexão. Mas por si só, numa reportagem, não passa de um instrumento para início de uma pauta. Acho essencial porque muita gente hoje, o público em geral, não faz essa diferença, não entende que ali tem uma opinião do autor, da obra jornalística, acreditando que seja verdade, e não o olhar de um

profissional apenas. E como estamos nessa situação de extrema polarização, acho essencial essa função de retratar de forma precisa as notícias conforme elas nascem. Até para que um jornalista de opinião possa executar melhor o seu trabalho. Até porque a maioria dos jornalistas de opinião não trabalha com a captação de rua, trabalha a partir de leituras. Nossa função é legal também para o trabalho do sociólogo, do historiador, do antropólogo, que se baseiam na história instantânea, no relato do repórter. Agora, claro que eu falo de repórter, estamos falando de repórter que trabalha com luz própria. Por exemplo, a cobertura de Lava-Jato não é um trabalho de reportagem. É reprodução de dossiê. É claro que há aqueles que pegam o dossiê e a partir dali fazem o trabalho de reportagem. Mas muitos fazem uma reprodução. Não é a reprodução que eu acho essencial, o trabalho essencial é independente. Buscar as informações não só através do relato, que é obra de terceiros, do promotor, juiz, do policial, do delegado. Que se faça a reprodução desse trabalho, mas aí não é reportagem, é reprodução do trabalho alheio. O que acho essencial é esse trabalho nosso de buscar, questionando o assunto. Posso te dar um exemplo que me incomoda muito. É muito comum você ver coberturas de ônibus pegando fogo no Rio de Janeiro, em São Paulo, Santa Catarina, Salvador. As reportagens falam, as reportagens não, esses trabalhos jornalísticos, falam que tem um ônibus pegando fogo por consequência da ação de vândalos, que entraram no ônibus armados, mandam motoristas parar e descer, os passageiros também, ateiaram fogo nesses ônibus causando prejuízo público. Incrível pela sequência desses atos, essas coberturas terem os dados sobre os prejuízos causados ao patrimônio dessas empresas de transporte coletivo, criticam fortemente esses vândalos, bandidos, chamados assim, que causam prejuízo a quem tanto precisa do transporte público. Se essa obra jornalística tivesse sido produzida por um repórter que praticasse pelo menos aquela regrinha da primeira aula de redação de texto, das perguntas “como, quando, onde, por quê?”, a história seria outra. Se o repórter, se o autor da obra fosse um repórter, perguntasse por que, andasse quatro quarteirões, certamente iria encontrar o corpo de um negro pobre fuzilado pela polícia. Eles vão dizer que aquela morte foi praticada pela Tropa de Elite ou outras autoridades por suspeita de delinquência. Como a imprensa ignora totalmente o morto pela polícia, de baixa renda, a imprensa nem fala, fala de um número. Para chamar a atenção da imprensa coloca-se fogo nos ônibus, os parentes, sobretudo se for um jovem sem relação com delinquência. Quando se trata de um delinquente, um criminoso, de um jovem envolvido com tráfico, com armas, não põe fogo no ônibus porque tá na guerra, faz parte. Geralmente colocam fogo quando é uma brutal injustiça. Imagina, se o trabalho fosse com esse olhar independente do repórter, a sociedade seria informada de outra maneira. Eu imagino que

daqui a dois anos, 15, 20 anos, quando o historiador contar a história do Rio de Janeiro e se ele basear nos relatos da maioria, vai dizer que houve uma época no Rio em que os bandidos botavam fogo nos ônibus no Rio de Janeiro, causando prejuízo público. Se esse repórter tiver luz própria, fazendo a pergunta por que, esse historiador vai poder olhar para esse momento de outra maneira, houve uma época no Rio de Janeiro em que as famílias revoltadas pelo fuzilamento de seus parentes colocavam fogo nos ônibus para chamar a atenção da imprensa, das autoridades, que ignoram essa situação que se repete mil vezes por ano. Esse é um exemplo bem claro do que eu penso do que é um trabalho jornalístico mas não é de reportagem, e outro de reportagem e também jornalístico.

C.G.: O que você percebe que mudou, desde o início da sua trajetória como jornalista até agora? (na profissão como um todo e na sua prática)

C.B.: A minha geração pegou aí a revolução digital, que é uma coisa maravilhosa do ponto de vista da possibilidade de equipar melhor a nossa infraestrutura de trabalho nas redações, jornais, revistas e sobretudo nas TVs, e o surgimento de outras tantas fontes concorrentes, que também teve um impacto muito grande, uma grande transformação. Havia um tempo em que numa guerra deflagrada hoje, você esperaria até novembro para saber os detalhes daqueles bombardeios a partir da chegada de um repórter até aquele *front*. Hoje todo mundo antes de saber as histórias já vê a bomba caindo registrada por aqueles equipamentos todos que a revolução nos trouxe. Já não vejo mais necessidade de correr, como no passado, mas continuo achando que nós somos essenciais porque é hora de não correr, mas contar melhor. Correr para enfrentar a tecnologia é desigual, nenhuma máquina vai explicar por que estão jogando a bomba em tal lugar e não em outro, quais as motivações para jogar essa bomba. No meu cotidiano eu vejo, é muito claro, que foi uma grande possibilidade de se apurar com mais precisão. Antigamente, numa favela do Rio ou na periferia de São Paulo, em um presídio, eu entrava sempre perguntando quem quer falar comigo, quem quer contar sua história, eu estou aqui para ouvir sua história, eu quero falar com quem quer falar comigo. Hoje às vezes as perguntas são quem gravou, quem fotografou, quem filmou a história, para que você possa me ceder as provas e eu ver que a história aconteceu como você está dizendo. É uma mudança sensacional, para você dar mais contundência no sentido em que a prova está muito mais precisa, não está baseada apenas num depoimento. Não temos muita concorrência na função da reportagem, do gênero. Como são muitas as plataformas que surgiram, depois da revolução, qualquer pessoa pode transformar sua casa numa redação de rádio, de TV, escrever seu *blog*, ter um *site*, então já é um concorrente. Vira um comunicador, torço muito por eles, porque é

muito democrático esse acesso. Aí no caso tem humoristas também, que se comportam como se fosse repórter, o jeito nosso de contar a história, e tem gente que acredita que sejam repórteres. E tem uns que ofendem, chegam no Congresso e perguntam: “E aí, há quanto tempo você está roubando aqui nessa sua atividade?”. Se pegar mal e o deputado reagir, ele diz: “Ah, não, eu sou um programa de humor, é para divertir”. Se der certo ele vai em frente, como se fosse um investigador contundente. Não sei se o público percebe essa diferença. Os marketeiros também são nossos concorrentes. Eles enfiam na cabeça dos seus clientes o discurso que julgarem interessante para determinada comunidade, fazem pesquisa. A comunidade quer ouvir discurso de esquerda. Que se dane que meu candidato seja de direita, ele vai falar essas coisas para se eleger. Ele está sendo comunicador, usando as mesmas plataformas que nós usamos. Os assessores de imprensa são nossos concorrentes também, mostrando as informações da empresa onde trabalha. Se ele tiver um compromisso com a sociedade, vai dar as melhores informações, as mais relevantes, mas se não tiver preocupado com isso, vai só obstruir nosso trabalho, evitar que a gente chegue perto da verdade que incomoda. Não deixa de ser um concorrente, negativo. Os próprios dirigentes, as fontes, das empresas são comunicadores, não precisam mais da nossa interferência. O Barack Obama, por exemplo, é um estadista que é um grande comunicador. Muita gente passou a exercer um papel concorrente ao nosso nesses tempos em que você está me perguntando.

C.G.: Mais especificamente, a seu ver, quais os impactos para o jornalismo da massificação do uso de novas tecnologias, redes sociais, smartphones etc.?

C.B.: Muita gente fica impactado por esse volume assustador de informação nas redes sociais, e alguns entram nessa neurose de concorrer na pressa, eu não quero ser crítico dos colegas que fazem isso, mas acho que é um caminho complicado, falo isso da ótica do repórter, não do jornalista. Como repórter não tenho essa pressa, como jornalista talvez eu tivesse, de concorrer com quem está querendo contar primeiro. Mas como repórter eu tenho que contar melhor, explicar o que está acontecendo. E também como repórter de uma emissora de TV. Se fosse repórter de um site teria uma outra postura, estaria mais preocupado com a questão instantânea. Então nesse momento, quando eu digo que nós temos uma função essencial, é essa tarefa de separar o que é notícia relevante, do que é barulho, falsidade, jogo de interesse, campanha quase política embutida dentro da função jornalística, isso é essencial, porque o repórter que vai separar a verdade do barulho. Nós, como jornalistas profissionais, levamos uma grande vantagem, em relação aos comunicadores de redes sociais, e eu torço por eles, para que eles possam viver do trabalho que fazem, são raros os que conseguem. Como nós somos

remunerados, temos essa vantagem. Eu posso me dedicar, se necessário, 24 horas por dia numa apuração. Pessoal de rede social geralmente tem um segundo trabalho, fica oito horas talvez em outro trabalho, então as chances de ele fazer uma apuração mais eficaz do que a dos profissionais da reportagem são menores. Talvez um dia eles cheguem a uma independência financeira, que é fundamental. Observe também que as grandes transnacionais de comunicação não são boas pagadoras, reproduzem conteúdo em troca de banana ou de nada.

C.G.: Na tese trabalho com um conceito de “Jornalismo na Era de testemunhos”. Isto veio da dissertação de mestrado, quando alguns jornalistas me relataram ser muito comum atualmente fazer um jornalismo baseado em relatos enviados ou publicados em rede social, por vezes acompanhados de resposta de autoridades competentes e só. Quais as consequências deste hábito, como impacta na atividade, na profissão? Acha que interfere na capacidade de o próprio jornalista ser ele mesmo testemunha da História?

C.B.: Impacta em primeiro lugar na felicidade. É uma coisa muito apaixonante, é um privilégio, você se guiar com luz própria, ir atrás da história, onde ela estiver, conhecer pessoas novas todos os dias e aprender com elas, isso é apaixonante. A primeira coisa que eu vejo é isso é perda de felicidade você se basear num relato e não conhecer a fonte daquela história. Toda pessoa, independentemente de classe social, guarda consigo uma bela história, cabe a você conhecê-la, ouvi-la. Acho que as ferramentas, que não são nada tecnológicas, mais eficazes para um bom trabalho de profundidade jornalística são os que estão na nossa cabeça, são os olhos, a boca, e principalmente os ouvidos, são essenciais, porque você se dedicar a ouvir o conhecimento alheio é fascinante, você aprende junto, e depois é contar aquela história. E no conjunto dessa busca é relativamente fácil você se aproximar da verdade. A verdade absoluta é um conceito inatingível, mas é nossa obrigação se aproximar dela. Eu nem faço essa crítica a quem trabalha com relatos, eu fico com pena, perde a oportunidade de ter uma vida extremamente feliz e legal. Estar presencialmente é essencial, porque é a sua observação. Eu confio e desconfio de todos, é preciso estar lá e ver com meus olhos, quais as perguntas que eu tenho, qual o interesse de quem enviou o relato, a que grupo pertence, qual a sua ideologia, preferências religiosas, sexualidades, preconceitos. O meu olhar é de desconfiança. Interagindo com o grupo você tem novas possibilidades, diferentes, de contar uma história, de se aproximar dessa verdade. Claro que cada um sofre influências de seus preconceitos. Eu me lembro de uma ocasião engraçada em que fiquei cinco anos levantando informações sobre tráfico em uma favela do Rio me comunicando com uma moradora sem saber que ela era



atacadista, a pessoa que traz o pó para o morro. Quando perguntei para ela por que ela não tinha me contado, ela me respondeu: “Ué, você não perguntou”.

C.G.: Quais os caminhos e desafios do jornalismo daqui para frente?

C.B.: A difícil missão de propagar só o relevante. O que é o sensacionalismo? A ideia de causar impacto sem relevância, de algo que nada acrescenta na vida de quem assiste, ouve a história, quer só impactar, ter audiência, sem estar preocupado com a relevância para a sociedade. Por exemplo, casos de crimes extremamente brutais, um *serial killer*. Aí o jornalista se dedica demais a essa história, mesmo depois da prisão, buscando todos os detalhes. Se ele não está mais colocando em risco a vida de ninguém deixa de ser relevante. *Serial killer* é raro no Brasil, do ponto de vista da incidência, acontece uma vez a cada dez anos. O sensacionalismo é a divulgação de algo irrelevante. É muito mais provável que você seja agredido pelo seu vizinho, pela polícia, se for pobre, sofrer assalto. Não é relevante ficar muito tempo divulgando isso. O desafio é buscar algo artesanal, de origem, em um comprometimento ferrado com a precisão, separar o que é barulho, irrelevante, campanha, sobretudo de uma multidão que não tem filtro que não seja o próprio, temos o filtro do nosso grupo que nos ajuda na reflexão.

C.G.: Você acha que os jornalistas de hoje são ligados à memória, à História, da profissão, do jornalismo em si? Aprendem com as lições históricas que o próprio jornalismo dá?

C.B.: Não sei te responder, eu sou bastante ligado. Mas a noção de grupo é abalada porque essa noção de diploma é muito difícil, como exigir que tenha diploma e controlar esse acesso? Abalou o desenho de categoria, ficou aberta, líquida, imprevisível. Hoje há um eumismo em todas as classes, nas profissões, nos grupos. É um foco muito maior na identidade, em um grupo, se é progressista, conservador. “Eu sou do grupo das mulheres negras, dos transsexuais”, cada um trata de lutar por suas categorias, só que mais por identidades do que dentro do conceito de luta de classe. Não há muito essa ideia de “Todos juntos somos mais fortes”, há uma propagação do individualismo, “eu posso tudo”.

## ANEXO D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: RICARDO BOECHAT

Cristine Gerck (C.G.): O que te inspirou a fazer jornalismo, quando optou por essa carreira? Você sente que encontrou, ao longo da sua trajetória, o que procurava?

Ricardo Boechat (R.B.): Não fiz uma escolha específica, eu estava procurando emprego, estava procurando trabalho com 17 anos, não tinha concluído o secundário, eu sabia que exatas não tinha a ver, eu estava garimpando um trabalho para seguir a vida. Eu vendia livros, e numa das visitas que fiz para venda de livros, fui à casa de uma ex-amiga, colega de escola. O pai dela sabia que eu gostava de política, de discussão, de debater, que eu tinha boa redação, além da média, tinha as melhores notas da escola. Ele achou que eu estava desperdiçando meu talento, ele trabalhava no *Diário de Notícias* do Rio, na publicidade, e conseguiu entrevista com o tal chefe de reportagem no início dos anos 70. Eu me apresentei ao chefe de reportagem, e ele disse vai fazendo triagem de correspondência, vai ficando aí, fui fazendo coisas primárias, básicas, de redação, não era nem estágio, de vez em quando ele pedia pra escrever um texto qualquer, release, dar um telefonema para saber algo de trânsito, fui ficando, fui ganhando funções, virei repórter, fui trabalhar na apuração e pronto, estou nesse trabalho há 46 anos.

C.G.: Você tem alguma referência, alguma pessoa que para você é um ícone na profissão? Por quê?

R.B.: Referência para mim, se você está perguntando sobre referência na minha formação como repórter, é o Ibrahim Sued, fui minha escola em colunas de *hard news*, uma caminhada que durou 13, 14 anos. Eu integrei a equipe dele, ali eu recebi régua e compasso, citando Gilberto Gil, pros fundamentos para apuração de notícias, o cultivo de fontes, mecanismo, habilidades, extrair a informação da fonte, descobrir a notícia e a fonte certa, ele exigia de forma veemente que eu produzisse 15, 20 notícias explosivas por dia. Então ali foi referência de formação, fui treinando ali. Agora, hoje em dia, o jornalista que eu admiro, que acho completo em todos os aspectos, pela abrangência do trabalho como pesquisador, pelo seu texto, pelo seu estilo, pela sua enorme capacidade de análise, crítica, é o Elio Gaspari. Não digo que ele é uma inspiração porque eu nunca tive a pretensão de ser, de imitar o Elio Gaspari, me faltam as qualidades necessárias. Mas o que eu fiz durante minha vida inteira até vir pra Band foi coluna diária, em vários jornais por onde passei, e esta envergadura eu adquiri com Ibrahim, ele forjou o apurador que eu fui e sou durante esses anos.

C.G.: Que valores, qualidades, você acredita que um bom jornalista deve ter?

R.B.: Um jornalista tem que ter alguns traços, mas curiosidade é o principal, ter interesse pelas coisas, as mais diversas, interesse pelas coisas de potencial interesse coletivo, fatos, histórias, se ligar em detalhes que passam despercebidos por pessoas que não têm esse olhar, essa forma de lidar com a realidade à sua volta, alguém que exercite a curiosidade e dela extraia coisas que olhares não vocacionados não percebem. Um bom exercício para quem quer ser repórter é andar pela rua que sempre anda e olhar tudo ao redor como fonte potencial de notícias, buscar a informação, aguçar esse instinto, não ser um andar passivo, ir olhando os postes, os letreiros da rua, as pessoas que passam, o trânsito, lidar com a realidade extraindo dela por instinto observações que podem gerar uma abordagem de interesse maior. A essência do jornalismo está na curiosidade natural que é preciso ter. Os itens demais você adquire, leitura, interesse pela história, pelas coisas do mundo em que está, pela realidade em que está inserido, saber fundamentos dessa realidade, por exemplo saber a diferença entre Congresso e Câmara, saber que tem um presidente que se suicidou, que teve a Primeira e Segunda Guerra, saber as coisas do mundo, do seu tempo e de tempos passados, alimentar a sua cultura da forma mais aberta possível, não necessariamente com a pretensão de ser um especialista, pode até ser, mas essa coisa generalista, ampla, horizontal em relação ao mundo é importante. Você tem que investir na escrita, na língua, na forma, na síntese, qualidades que você vai desenvolvendo para potencializar a característica natural da curiosidade. Mas o fundamental é ser um inquieto diante da realidade, um curioso.

C.G.: O que você percebe que mudou, desde o início da sua trajetória como jornalista até agora? (na profissão como um todo e na sua prática)

R.B.: Os fundamentos são os mesmos. Procuramos fazer o mesmo, descobrir e apurar e lidar com coisas que chamamos de notícias, a notícia vale mais quanto a mais pessoas interessam, somos garimpeiros das coisas que interessam às pessoas, somos lapidadores, finalizadores das narrativas sobre essas coisas. O jornalista coleta informações, na pretensão de que são de interesse público, formatamos para que chegue ao público de forma assimilável, compreensível, capaz de gerar reflexão. Eu estou falando aí da coisa básica, tem outras coisas, a pessoa pode trabalhar em uma análise política, em uma coluna que interpreta os fatos, como Miriam Leitão, o cara que se especializa, isso é um adicional de qualidade, mas o nosso feijão com arroz continua sendo o mesmo desde o advento da imprensa, é um campo de atividade de pessoas que colhem informações e narram os fatos na presunção de que fazem algo de interesse público, no sentido de que aquilo interessa ao público. O que mudou não está nos fundamentos, e sim na mecânica. Antes da internet teve outras mudanças, vários degraus tecnológicos, o

telefone substitui o telégrafo, que deu facilidade ao processo, as câmeras fotográficas progrediram, as câmeras de filmar progrediram, tudo isso agregou funções operacionais que agilizaram o trabalho de coleta de informações. Com a internet essas alterações da mecânica de produção sofreram um avanço exponencial e planetário, você tem, graças à internet, uma quantidade inimaginável de recursos que não tinha antes para a pesquisa, a difusão, mecanismos de grande impacto transformador. Isso se assemelha às mudanças que ocorreram para um médico ou um dentista, que foram ganhando mais ferramentas, mas sem mudar o fundamento de suas atividades. O dentista sempre curou dentes, sempre foi dedicado a diminuir o sofrimento de alguém provocado por um problema no dente, desde que a profissão começou. Primeiro dopavam o cara com álcool, arrancavam o dente com um alicate, hoje contam com instrumentos de última geração, para tratamento de canal, mas a essência é a mesma. Não mudou o jornalismo nada no que é essência, tudo no diz que ao respeito à produção, tem mais agilidade. Antes você tinha que ir à Biblioteca Nacional para colher uma informação, tinha que pesquisar em dezenas de livros, hoje você digita duas palavras no Google e já tem todas as informações, o cara tem que ser apetrechado tecnológico para tirar proveito desses recursos, mas as qualidades ainda continuam as mesmas. O importante é o que jornalismo deixou de ser um monopólio das empresas de mídia, no sentido de ser entendido como coleta e difusão de informações, não é mais um nicho onde transitam só profissionais desse meio. Se ele é entendido como coleta de informações de interesse público, ele pode ser feito por tantos forem as pessoas no mundo que tenham celular capaz de gravar, digitar e difundir informações, milhões de pessoas são agentes coletores e difusores de conteúdo, eu vejo isso como uma maravilha do processo de evolução tecnológica. Os jornalistas sempre foram as testemunhas ativas, mas agora a sua vizinha pode testemunhar, gravar, filmar, colocar na rede, ela é a testemunha. O que se preserva como relativa exclusividade é a credibilidade acumulada de alguns veículos, notoriedade que esse ou aquele profissional conquistou ao longo do tempo, como ele é percebido pelo seu meio, pela sua bagagem geralmente ligada a algumas instituições, então ele agrega à notícia da vizinha uma coisa que só quem tem essa trajetória consegue, porque é visto como alguém que tem esse patrimônio, essa credibilidade, pelo público a quem se destina, mas essa possibilidade de agregar análise, credibilidade, peso institucional, identidade pública, isso tende a se pulverizar com a entrada em cena das testemunhas originais, coletores originais, os que estão vivendo na ponta, no instantâneo. Se o cara ao lado do aeroporto testemunha a queda de avião e filma e agrega informações porque está familiarizado com a aquela área, viu na lataria do avião o modelo, sabia se ele ia para sul

ou norte, se era ponte aérea, como costumam passar aviões ali, tem conjunto de informações que o credencia, se ele quiser fazer a narrativa, tiver condições básicas pra isso, ele esgotou a parte essencial de uma grande notícia sem depender do jornalista. Antes ele via isso e contava pro repórter, hoje ele não precisa desse intermediário, a importância do jornalista de intermediário entre a testemunha e a difusão da informação hoje é quase anulada. Lembrando sempre que esse jornalista, ainda que esteja em função declinante, ele tem alguns elementos que o público não tem, é reconhecido como alguém em que se acredita, faz conexão entre fatos, tem memória, lembra que aquele avião remete ao caso de um outro que caiu em tal lugar em tal ano, enfim, se aquilo se assemelha a outros fatos. O vizinho também pode conseguir isso pesquisando, se ele quiser. Mas a representatividade de seu papel institucional, nesse âmbito, o jornalista conserva.

C.G.: Mais especificamente, a seu ver, quais os impactos para o jornalismo da massificação do uso de novas tecnologias, redes sociais, smartphones etc.?

Ricardo Boechat não respondeu a essa pergunta.

C.G.: Na tese trabalho com um conceito de “Jornalismo na Era de testemunhos”. Isto veio da dissertação de mestrado, quando alguns jornalistas me relataram ser muito comum atualmente fazer um jornalismo baseado em relatos enviados ou publicados em rede social, por vezes acompanhados de resposta de autoridades competentes e só. Quais as consequências deste hábito, como impacta na atividade, na profissão? Acha que interfere na capacidade de o próprio jornalista ser ele mesmo testemunha da História?

R.B.: O jornalista hoje está incomodado com uma perda de protagonismo, as testemunhas nos entregavam seus testemunhos, essa função, esse carregamento de conteúdo, era feito só pelos jornalistas. Eu vejo isso de forma saudável, hoje são 7 bilhões de pessoas fazendo isso. Não vejo isso assim, como uma prática de só administrar relatos sem agregar à apuração, faz isso quem quer, é uma forma de reduzir a relevância do que está fazendo, eu por exemplo não escuto autoridades. Agora, tem fatos com início, meio e fim na própria cena, a testemunha que viu uma colisão, você tem quase cem por cento do necessário para contar o fato, e isso basta naquele primeiro momento. Você pode depois conversar com perito, pra ver se tinha falha no freio, pesquisa se a empresa esteve envolvida em acidentes anteriores, se o piloto estava regular, mas esse cara que testemunhou pode estar disposto a pesquisar também e fazer.

C.G.: Quais os caminhos e desafios do jornalismo daqui para frente?

R.B.: Jornalismo lida com uma matéria prima que é o trânsito da informação e sua elaboração para fins de análise, de crítica, mas a essência do que faz e sempre fez é coletar fatos de

interesse público, formatar e difundir e dar escala a essa difusão por isso chama meios de comunicação de massa. Hoje essa matriz não tem sentido como tal. Uma filha minha de 11 anos tem nas mãos um celular e pode filmar um evento de rua que ela esteja vendo e ninguém da imprensa está, tem imagem e som, pode sonorizar essa gravação, editar, pode aplicar efeitos especiais, legendar, coloca isso na internet, na rede social. A comunicação de massa que dava nome ao nosso ambiente de trabalho deixou de ser um monopólio dos grupos de imprensa, de comunicação, cada vez menos um nicho no qual atuavam com exclusividade. Dentro desse ambiente forjou-se a profissão de jornalista, tanto quanto a perda desse ambiente como território exclusivo de um determinado tipo de organização, a própria atividade do jornalista, que era capturar a informação, formatá-la, enriquecê-la de conteúdo e pesquisa, também tende a perder essa chancela de exclusividade, já está perdendo. Milhares, milhões, de pessoas hoje sem formação de jornalista estão cuidando da comunicação de massa, de acordo com suas visões de mundo, identificações, semelhanças, propósitos, poder, inclinação cultural, religião. Hoje ela tem um blog, não precisa de estúdio, antena, redação, você tem um *blog*, você faz um jornal, um telejornal em sua casa, é evidente que isso mudou totalmente a física, a logística, o território, que não só definia a natureza do nosso trabalho, do nosso meio, mas também garantia-se a certa inviolabilidade de fronteiras, quem tava dentro era isso, quem tava fora era outra coisa, e as fronteiras estão mais dilatadas e com vários pórticos abertos, entra-se, sai, sobrepõe-se. Faz-se paralelamente de tudo em termos de comunicação de massa, de trânsito de informação e difusão de conteúdo de interesse de maiores e menores grupos de espectadores, ouvintes ou leitores. A função do jornalista como foi criada e exercida ao longo de todos os séculos até o advento dessa realidade, essa função também perde o seu exercício característico, exclusivo. Esse exercício exclusivo morre. Nesse sentido eu nunca fui favorável, devoto, de que o jornalismo tem que ter uma formação específica, acho que isso é mais fruto de uma vocação, de um dom que você instrumentaliza ou enriquece. No curso de Jornalismo ou não, eu acho que quem lida com comunicação de massa, com notícia, conteúdo, opinião, tem que estar preparado, e nesse sentido a faculdade corresponde a um período importante dessa formação do embasamento intelectual, cultural, mas não acho que seja especificamente necessário um curso próprio para esse ofício. O Dráuzio Varela é médico e faz um belíssimo trabalho jornalístico, tem centenas de pessoas com outra formação e que apenas aportaram esse conteúdo a esse exercício do jornalismo que é basicamente a difusão de análises, comentários, críticas em cima de assuntos, da realidade, para consumo e interesse público. Não acho que o jornalista deve se preocupar de um nicho, de um mercado, estarão nele quem se habilitar a

estar, se prepararem para estar, estiverem vocacionados para estar, preparados, alimentarem seu conhecimento, instinto, curiosidade, são fatores importantes para o exercício da nossa atividade cotidiana, de apuradores, desenvolver o dom da apuração, da escrita, da comunicação oral, todos poderão compartilhar desse mundo e aqueles que melhor estiverem preparados neste mundo estarão muito provavelmente identificados de forma mais clara, vivendo de forma mais direta essa realidade. Mas o jornalista como figura específica, detentor de um monopólio de uma determinada atividade, talvez ele preserve essa identidade como tal, mas a atividade dele caiu nas mãos do planeta, é um pouco, mal comparando, uma comparação bem simplória, como o Uber. Quem é taxista, foi um nicho de um grupo profissional que se preparou, veio uma tecnologia que inferiu nesse mercado outro concorrente, outro personagem. Eu acho que a sociedade devia criar mecanismos que não permitissem a concorrência predatória, preservarem, à luz da história, da realidade, o mercado dos taxistas, não deixando que eles fossem simplesmente devorados pela concorrência desigual, predatória, mas ninguém pode negar que essa atividade que desempenharam ao longo de séculos com carros da mesma cor, sendo chamados pelo mesmo nome, prestando o mesmo tipo de serviço, com o mesmo tipo de formação, de habilidade, atividade, isso melou porque a realidade do mundo mudou nesse campo. Mal comparando é o mesmo que aconteceu com o jornalismo, do ponto de vista da comunicação clássica. Ninguém pode impedir que meu vizinho tenha um blog sobre a Lava Jato e que ele desenvolva ali informação e opiniões melhores que a minhas, que os consumidores enxergam como melhores, mais próprias que as minhas, quem o impedirá de conquistar público que em tese seria cativo de um jornalista nessa atividade? Os jornalistas que se preparem para justificar sua existência nesse ambiente em que o monopólio de comunicação de massa, do exercício da difusão da notícia, saiu das mãos dele, caiu na mão de todo mundo. As pessoas estão se fazendo presentes numa escala que nunca estiveram, elas são as testemunhas reais da história, o jornalista nunca foi testemunha de merda nenhuma, na redação estavam, eram acionados pelas testemunhas dos fatos, as pessoas contava o que tinham visto, a história sempre foi contada pelas pessoas que viveram a história, o que o jornalismo fazia era dar voz a essas pessoas, trabalhar e estruturar essa narrativa para ela ser assimilada, passada de forma mais fiel e sedutora possível para o maior número de consumidores dessa narrativa. O que o jornalista fazia era apropriar-se desse testemunho primário da história, formatar, fundamentar, contextualizar, enriquecer com pesquisa, com sua experiência, com seu texto, e difundir-lo. Essa difusão era o grande pulo do gato, porque quem detinha esse poder de difusão eram os meios de comunicação nos quais ele estava inserido. Hoje essa capacidade de

difusão de massa está na mão de todo mundo. Então, o jornalista continua tendo esse mesmo papel, qualificando a narrativa, checando, confrontando, questionando, formatando, mas é evidente que se ele não tiver como aportar esse ganho de qualidade à narrativa do fato, esse fato será narrado pelas próprias testemunhas numa condição privilegiada porque elas viveram os fatos. Num acidente aéreo quem você quer ouvir? O jornalista dizendo que houve um acidente aéreo ou o sobrevivente que esteve a bordo do acidente aéreo, que viu as pessoas gritando, reagindo caindo, chorando? Eu posso contar, mas tenho a voz do cara contando diretamente. Então eu tenho que aportar alguma coisa ao testemunho histórico porque esse testemunho nunca me pertenceu, ele vinha pra minha mão antes porque a testemunha não tinha opção de torná-lo público em grande escala. Agora ela tem. Então qual o meu papel nessa história? Meu papel é chegar lá, ver se esse avião, coisa que essa testemunha não sabe, tinha passado por uma manutenção recente e tinha sido reprovado, segundo autoridades da torre de controle mais próxima ele estava abaixo da atitude, vou qualificar a narrativa do fato, vou agregar a ela coisas que eu pela natureza do que faço vou poder somar, fazer memória de outros acidentes. Isso está um pouco perto de todo mundo, nunca estive tão perto, mas ainda assim esse é meu trunfo, é a capacidade de montar um texto, uma narrativa descritiva com estilo, qualidade idiomática, com síntese, objetividade, coisas que às vezes as pessoas que não são treinadas não vão fazer. Mas a matéria-prima essencial não tá mais na mão da gente. E não acho que o jornalista está mais preguiçoso, é uma bobagem. Simplesmente mudou, os parâmetros mudaram, as referências mudaram, ele está se adaptando. Não acho que esteja pior do que estive em outras épocas, pelo contrário.

C.G.: Você acha que os jornalistas de hoje são ligados à memória, à História, da profissão, do jornalismo em si? Aprendem com as lições históricas que o próprio jornalismo dá?

R.B.: Vamos imaginar o seguinte cenário: a História do mundo contada pelos meios de comunicação, ok? Agora, a história do mundo contada pelo mundo. Qual o problema? Ah, mas aí você pede fidelidade. Quem disse que a história contada pelos meios de comunicação tem 100% de fidelidade aos fatos? Os historiadores que se encarregam de fazer essa depuração, não é a imprensa que se encarrega disso. Pode até querer fazer, mas não é seu papel. A memória será a soma de todos que contaram alguma coisa, hoje tem muita mais gente contado, é melhor ou pior pra memória? É como dizer que hoje a internet é um perigo porque as pessoas difundem mentiras. Desculpe. Na internet as pessoas difundem mentiras mas difundem verdades, na internet as mentiras, já que todos estão acompanhando também as verdades, tendem a ser desmarcadas muito mais rápido, a sobrevida da mentira, embora seu efeito instantâneo seja



decisivo, é menor, o que jamais foi. Hoje são desmascarados muito mais rapidamente, reclamar da internet é choradeira de quem detinha o monopólio da mentira e da verdade. O que houve foi o fim do monopólio da mentira. Hoje fala a verdade quem quer, mente quem quer. Antes mentiam os que podiam, falavam a verdade os que podiam, os outros ficavam ouvindo. Agora todo mundo fala, eu acho ótimo. De quanto mais informação, cultura, memória, referências, o jornalista se apropriar, mais bagagem ele tem pra qualquer coisa, até para arrumar uma namorada. Alguém que leu mais sabe mais, faz mais conexão, está mais gabaritado para qualquer coisa. Agora, se você está me perguntando sobre um sentimento de classe, veja bem. Tinha a classe dos charreiros no século 19, isso sumiu. Durante os anos 70, você tinha grandes espaços dedicados ao turfe, colunas, coberturas, depois o turfe foi perdendo relação com o público mais jovem, acabou, não tem jornalista, coluna, mais nada sobre turfe. Essa categoria está em processo de extinção no sentido de deter monopólio sobre a narrativa histórica, isso dançou, entrou em cena, entraram em cena pessoas que têm meios que antes eram exclusivos dos veículos. O que deu poder a imprensa foi o monopólio do poder de difusão, da gráfica, do rádio, do satélite, ele tinha meio de alcançar milhares com aqueles recursos, das antenas de transmissão, tinha que ter grandes redações. Hoje seu filho faz uma gracinha, você filma, edita, bota legenda, bota na Rede, 3 bilhões assistem. Você tirou do jornalismo clássico um trunfo de difundir. Os meios de comunicação de massa eram o quê? Formas de difundir para as massas, como o próprio nome diz, e isso não é mais só deles.

## ANEXO E – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: LESLIE LEITÃO

C.G.: Deixa eu botar aqui no viva voz, só um minutinho. Oi, tá me ouvindo?

L.L.: Tô ouvindo.

C.G.: Tá. A primeira pergunta é sobre o quê que te inspirou a fazer jornalismo quando você optou por essa carreira, se você sente que você encontrou ao longo da sua trajetória o que você procurava nesse momento em que você decidiu seguir essa carreira.

L.L.: Então, Cris, na verdade, assim, eu sou praticamente um filho do jornalismo, né? Eu fui criado dentro de redação, desde um ano de idade. Meu pai era jornalista, Sérgio Leitão. Morreu, morreu três anos atrás, vai fazer quatro agora. E ele era jornalista, foi da Reuters, foi da AP, trabalhou n' *O Globo*, então trabalhou em um monte de lugar. Então, assim, cara, isso pra mim era muito... Era uma coisa muito entranhada, né, na minha vida. Então, assim, com dez anos de idade, papai foi embora do Réveillon para cobrir o Bateau Mouche. Com um ano de idade... Eu frequento a tribuna de imprensa do Maracanã desde um ano de idade. Então, assim, eu ia pra Reuters no fim de semana de plantão, eu ficava lá com ele. Então uma coisa muito... toda a minha formação jornalística, na verdade, ela começa no berço praticamente, entendeu? E, assim, foi a vida inteira. Eu sempre brinco que eu só sei ser repórter. Não sei fazer mais nada, eu tenho pouquíssimas habilidades na vida. Então, assim, o que eu sou razoável é ser repórter. Porque o resto... Eu faço mais ou menos direitinho um ovo e o resto eu sou meio inútil, entendeu? Eu sou um cara completamente sem habilidade motora. Eu não sei andar de skate até hoje. Eu não sei andar de patins, eu não sei... Eu sou muito lerdo pra algumas coisas. Minha mãe até brinca que ficava preocupada de eu não saber fazer nada, né? Mas é isso, assim, eu sou um pouco cara de pau, eu sou... Meus amigos brincam, dizem que eu sou o devoto de santa perguntinha.

C.G.: Você é o quê?

L.L.: Que eu sou o devoto de santa perguntinha, porque eu pergunto tudo pra todo mundo. Então, assim, é isso. Eu gosto apurar as coisas, eu gosto de contar histórias, eu gosto de descobrir histórias. E aí... é isso que é um pouco a essência do nosso trabalho, né? Descobrir histórias e contar histórias.

C.G.: E você sente que, assim, quando você entrou nessa carreira até agora, você se realizou, você viveu aquilo que você esperava viver?

L.L.: Cara, eu não posso... Então, assim, seria muito injusto eu reclamar de qualquer coisa da minha profissão, né? Minha profissão me deu tudo, o pouco que eu tenho. É muito difícil

algumas coisas quando você, eles casam muito entre eles e minha mulher não é jornalista. E, assim, no início foi muito difícil ela compreender o meu ritmo de trabalho. Jornalista, assim como o policial, o médico, são profissões que o cara é 24 horas aquilo, né? Então, assim, jornalista é 24 horas. Eu, literalmente, eu sou repórter 24 horas do dia. Eu não fico chateado se alguém me liga com alguma informação a qualquer hora do dia, entendeu? Eu sou repórter 24 horas por dia. Eu sou muito realizado, eu gosto, eu adoro o que eu faço. Eu indico... Já indiquei mais, né, pra estudante que sonha em ser jornalista. É uma profissão que eu acho que não tem nada igual. Eu sou absolutamente realizado na minha profissão. Eu gosto de ser jornalista, eu gosto de ser repórter. Eu gosto de contar as histórias. Eu gosto de descobrir as histórias antes. Então, assim, meu grande combustível diário não é prêmio, não é nada. É “pentelhar” os outros, saber que eu tô descobrindo alguma coisa, tentando ajudar em alguma coisa, mostrar uma realidade pra sociedade, entendeu? Porque são muitas coisas que são escondidas.

C.G.: Então você considera que... Porque a segunda pergunta é se você tem alguma referência, alguma pessoa que pra você é um ícone da profissão e porquê. No caso você considera o seu pai, né? Ou você tem alguma outra...

L.L.: O meu pai foi... não, eu tenho alguns ícones. Eu tenho alguns caras na carreira... Assim, eu não trato nem como ícone pra ser sincero, eu trato como referência.

C.G.: Sim, sim.

L.L.: Eu tive referências. Uma referência dentro de casa. Meu pai era um cara que não falava mal de ninguém. Era o contrário de mim até. Ele era um cara muito contemplador, então assim... Contemporizador, então ele tava sempre... Ele era quase um diplomata. Quer dizer, era um repórter, ele cobriu muito tempo pra agência e tudo o mais. Ele foi um cara que foi muito referência na minha carreira, a principal certamente. Mas eu tive outras. Um repórter de esporte... Um garoto que sai da faculdade, cara, 80, 70, 80% querem ser repórter de esporte. Isso tá muito entranhado no jornalismo esportivo, principalmente na minha geração que tinha rádio, tinha os jornais ainda mais fortes. Hoje em dia mataram um pouco os jornais, mas isso foi sempre uma... Eu tinha alguns ícones do jornalismo esportivo pra mim que eram... Sempre foram uma referência. E, ao longo do tempo... Eu tinha sonhos, eu tinha sonho de cobrir Olimpíada, guerra e Copa do Mundo. Eram os três sonhos da minha vida, porque eu acho que são exemplos emblemáticos da sociedade. Os dois esportivos, todo mundo quer cobrir esses eventos. E a guerra que é o... São fatos históricos que acabam acontecendo, relatando fatos históricos. É péssimo querer cobrir guerra, é péssimo guerra? Eu também concordo, mas os

jornalistas não fazem a guerra, eles vão lá retratar, denunciar atrocidade, mostrar a realidade de um povo massacrado de um lado e de outro. Então, assim, eu sempre tive muito esses objetivos de cobrir. Até um pouco por isso eu fiz muito tempo esporte. Eu fiz de 2004 a... De 96 a 2004, depois da Olimpíada, eu troquei. Então eu fiz oito anos esporte, eu fiquei muito tempo em esporte. Depois eu achei que tinha que trocar. E aí eu tive outra referência. Então assim tinham as referências de jornalismo esportivo, várias. E depois eu resolvi trocar e aí eu tive outras referências. Eu acho que o melhor repórter policial que já teve foi o Fábio Gusmão.

C.G.: Foi quem?

L.L.: O Fábio Gusmão.

C.G.: Ah, sim.

L.L.: É um cara que se dedicou muito a trocar. Na época eu fazia esporte. Ele falava: “Pô, vem fazer polícia, você vai gostar, vai se dar bem”. E aí eu fui fazer jornalismo policial logo depois. Eu fui, eu troquei. E aí foi bom, eu gostei. Mudou um pouco a minha vida.

[Trecho ininteligível]

L.L.: Tem uma notícia aparecendo aqui, Cris.

C.G.: Tá bom.

L.L.: Oi, Cris.

C.G.: Oi.

L.L.: Diga.

C.G.: Oi, tá me ouvindo?

L.L.: Tô ouvindo, tô ouvindo.

C.G.: Então agora no final você citou o Fábio Gusmão como referência de repórter policial, né?

L.L.: Então, ele foi minha grande referência, foi ele. Outros até me ajudaram muito, Marco Antonio, Marquinhos que hoje tá no G1. São caras que inicialmente até me incentivaram, mas o Fábio Gusmão certamente foi o que mais teve peso nessa transição de esporte pro jornalismo policial, entendeu?

C.G.: E que valores, qualidades, você acredita que um bom jornalista deve ter?

L.L.: Cara, vários, né? Ética, assim, o cara tem que ter o mínimo de... Eu acho que ele tem que ter o mínimo de... A nossa responsabilidade é muito grande, né, Cris? Então, assim, apesar de a gente não julgar com o martelo, a gente acaba nas páginas julgando as pessoas muitas vezes. A gente tem que tomar todos os cuidados do mundo. Então, assim, eu já errei, a gente erra. Eu sempre brinco com a questão do *fake news*. Eu falo que a gente tem CNPJ pra ser processado.

E o *fake news* não tem. As pessoas escrevem aquilo que as outras... Sem ter qualquer consequência disso. Então, assim, número um, ter a mínima noção do que é o nosso papel. Quando você tá escrevendo... O tipo de matéria que eu escrevo muitas vezes... O tipo de matéria que eu faço muitas vezes você coloca as pessoas em situações de pessoas denunciadas, viram alvo. Então tem que tomar todo o cuidado do mundo. Por isso que, por exemplo, eu detesto... Se tem uma matéria que eu detesto fazer, por exemplo, é de estuprador e pedófilo. Porque é o máximo de medo que eu tenho, desse cara ser inocente, entendeu? Então, assim, eu tenho essa noção, o quanto representa o jornalismo nisso. O cara vai ser execrado. Todos os processos que eu tive na vida, foram vários, e graças a Deus eu não perdi nenhum. Recentemente eu ganhei o do Romário, que foi até a maior polêmica da minha carreira. A gente ganhou agora o processo judicial do Romário. Aquele processo que a gente ganhou pela *Veja*. Então, assim, eu sei embasar. Cara, o fundamental do repórter é checar a informação, não acreditar na primeira versão piamente. Não dá pra você ficar cego com qualquer versão que uma autoridade passe. Eu detesto o jornalismo declaratório. O jornalismo declaratório pra mim é... Só o jornalismo declaratório é péssimo. Claro que você precisa de fontes oficiais. Se fontes oficiais confirmam determinadas coisas, é óbvio que é bom, é importante. O Ministério Público tem seu papel importante na sociedade, a Polícia tem seu papel importante na sociedade, a Justiça tem seu papel importante. Mas cara não dá pra isso ser só pro repórter. Ah, eu pego um relatório aqui e *bum* denúncia e *bum* taca... a gente tem o maior cuidado do mundo, tenta checar e recheckar algumas coisas. Tem outras coisas, que é o que eu mais gosto, que a gente faz por conta própria, sem o braço de uma autoridade. É óbvio que a gente tem limitações, a gente não pode quebrar sigilo bancário, fiscal, telefônico de ninguém. Então, em determinadas matérias, a gente fica um pouco refém disso. Graças a Deus também porque [trecho ininteligível] quebra de sigilo dos outros. Mas é isso, assim, eu acho que você tem que tomar cuidado. Checar e recheckar é muito fundamental. Agora até brinco que na Globo, cara, a repercussão é tão bizarra que eu passei a checar três vezes as mínimas coisas, coisas que você às vezes faz do cotidiano, você pega, ah, isso aqui, não sei o quê, parará. Cara, lá na Globo a repercussão é muito grande, muito maior do que... Eu sou jornalista desde 96. Vai fazer 23 anos agora. E eu tenho dois anos de tevê e 21 de escrita. Então eu tenho noção do tamanho, da multiplicação dessa repercussão, entendeu? A gente fica até meio apavorado. No início, eu fiquei até meio apavorado com o tamanho da repercussão. E aí eu ficava brincando que eu estava checando duas, três vezes. Os caras falavam que eu era chato, que eu não acreditava no

que eles estavam dizendo. Mas é isso, assim, eu acho que a gente tem que ser chato, perguntar, perguntar, perguntar.

C.G.: E o que você percebe que mudou desde o início da sua trajetória como jornalista até agora? Na profissão como um todo e na sua prática mesmo.

L.L.: Então, olha só, cara, eu acho que na profissão... Eu amadureci como ser humano, né? Eu era um menino quando eu entrei pra fazer jornalismo. Eu tinha 18 anos, pra 19. 96? É. 18 pra 19, é. Eu era uma criança, hoje eu sou um homem, pai de família. Tenho mais responsabilidade na vida inteira, não só na profissão. Naturalmente você vai amadurecendo também como profissional. Eu acho que eu sou muito mais... sou muito menos raivoso. Eu uso essa expressão porque é isso. Eu sou muito menos raivoso. Eu não trato isso como uma... as minhas apurações não são pessoais. Eu não trato como uma bandeira, entendeu? Não é uma questão pessoal contra alguém. Então se eu faço matéria denunciando alguma coisa, por exemplo, de um Bolsonaro da vida ou de um Eurico Miranda da vida no passado, não é uma questão pessoal. O Bruno, que rendeu até um livro... Assim não tenho nada pessoal contra essas pessoas. Agora, eu sou a favor da notícia. As pessoas viram notícia, eu apuro pra virar notícia, entendeu? Não tem... não é uma questão pessoal. Eu acho que isso eu amadureci. Eu já fui um pouco mais imaturo, mas isso é da vida, né? Um menino... o tempo que o menino demora mais a amadurecer que a menina mesmo, geneticamente. Então eu fui muito mais imaturo, muito mais, é... não é irresponsável a palavra...

C.G.: Impulsivo, talvez?

L.L.: Eu já fui muito mais impulsivo, impulsivo. Ainda sou impulsivo, é uma característica minha até o tempo inteiro, 24 horas do dia. É sempre bom ter o editor me controlando. Eu reconheço isso absolutamente. Eu preciso ter alguém me controlando, segurando, “vai nisso, segura aqui, vai nisso”. É ótimo. Eu tive grandes editores na vida que me ajudaram muito a fazer... a cometer menos erros, entendeu?

C.G.: E na profissão como um todo assim? O que você acha que o jornalismo... Como o jornalismo mudou desde que você começou até agora?

L.L.: Cara, mudou assim... Nós perdemos um pouco da estrutura, né, a musculatura. Nós perdemos um pouco a... As pessoas que pararam de ler e agora ficam colocando a culpa nos erros da imprensa que existem, e ficam dizendo “ah, a imprensa inventou”. Então, assim, as mesmas pessoas que hoje, por exemplo... eu acho que o exemplo mais latente hoje é o exemplo político, que virou um grande Fla-Flu. As redes sociais transformaram qualquer debate que você tenha na vida, qualquer assunto vira Fla-Flu. E o grande Fla-Flu hoje é a esquerda contra

a direita. Então qualquer conversa que você tenha acaba caindo nessa seara. Então, por exemplo, as mesmas pessoas que hoje aplaudem a imprensa pelo trabalho que está sendo feito esmiuçando alguns escândalos que surgiram já no governo do Bolsonaro, são as mesmas pessoas que passaram 15 anos dizendo que a imprensa perseguia o PT. E agora mudou, inverteu. Então, assim, as pessoas que... Se você pegar, se você analisar friamente, tudo o que foi escrito do PT e dos escândalos que envolviam por trás, e que essas pessoas que hoje em dia votaram contra o PT, elas tomaram conhecimento pela mesma imprensa que agora elas criticam por estar alegando uma suposta perseguição ao Bolsonaro. E não é perseguição nenhuma. O jornalista... As pessoas confundem muito isso. Acham que um editor tem uma reunião e chega lá e diz “olha, não podemos falar mal desse, vamos só falar desse”. Isso não acontece. Meio balela, entendeu? Então, assim, eu, por exemplo, o que eu apuro? Eu apuro o que eu quiser, ninguém me manda apurar determinada coisa. Manda especificamente às vezes, tem uma pauta, tem lá uma pauta do dia. Mas, assim, no meu cotidiano, principalmente nos últimos anos aí de *Veja*, *O Dia*. Já n’*O Dia* que eu comecei a ganhar um pouco mais de musculatura e credibilidade interna, até pro seu chefe acreditar em você, que você não vai à praia. Meu chefe sabe que eu não vou à praia, ele sabe que eu não vou ao cinema. Ele sabe que eu vou estar apurando o dia inteiro. Posso às vezes não trazer nada, sim, acontece. Mas ele sabe que eu tô batalhando por alguma coisa, entendeu? Então, assim, há muita lenda em relação a isso, nego acha que há uma grande conspiração. E, eu repito, as mesmas pessoas que hoje criticam, aplaudiam as matérias contra o outro governo e vice-versa, entendeu? Agora, mudou. O que mudou? Vamos lá. Mudou a estrutura, nós perdemos estrutura, perdemos mercado. É uma tragédia, o que está acontecendo com nosso mercado é uma tragédia, tragédia total. Hoje tem uma penca de excelentes profissionais desempregados ou trabalhando em assessoria, que é uma coisa meio relações públicas. É um auxílio ao jornalismo, na verdade. Ali não é bem jornalismo, é um auxílio ao jornalismo. E, assim, a gente mudou completamente. Tem pouco emprego, os salários são muito ruins. Eu brinco que tem um amigo que não se conforma de eu não ganhar uma fortuna, eu e alguns jornalistas com um tipo de trabalho que às vezes te causa problema, eles não darem fortuna, não botar risco no contrato. Quando na verdade isso não existe no nosso mercado. O risco é um pouco... o risco, no mundo inteiro, jornalistas são atacados, às vezes são assassinados por suas denúncias porque várias vezes o risco está incutido naquilo ali que você faz, entendeu? É o mesmo no México, Colômbia, todo mundo sofreu muitas... e o Brasil sofre muito. Quem tem menos estrutura ainda, sofre mais.

C.G.: É, com certeza.

L.L.: Mais alguma coisa?

C.G.: Ah, achei que você tava atendendo o telefone. Desculpa.

L.L.: Não, pode falar, pode falar.

C.G.: E, mais especificamente, assim, em relação à massificação de uso de novas tecnologias, redes sociais, *smartphones* e tal. O que você acha que... Como você acha que isso impactou o jornalismo?

L.L.: Então, eu acho que as pessoas... Eu não sei, mas deve ter até uma estatística que as pessoas ficam mais no iPhone do que qualquer outra coisa na vida. Então, assim, provavelmente as pessoas não leem, leem menos, abandonaram não só leitura, mas como livro, como tudo, né? As pessoas têm menos tempo na vida. Eu vejo lados positivos e negativos da rede social. Acho excelente como ferramenta de você propagar as coisas. Rapidamente você consegue tanto receber... Então, antigamente, eu sempre comparo isso, imagina acontece um incêndio na Avenida Brasil, até mandar... Vamos mandar um fotógrafo para a Avenida Brasil na altura de Campo Grande porque tá tendo um incêndio lá. Na verdade, quando o cara chega lá uma hora e 40 depois ou o incêndio vai ter acabado e praticamente todas as imagens vão estar já no WhatsApp da vida, rolando no WhatsApp. Então assim, isso, esse grande Big Brother que virou, todo mundo com um celular, todo mundo com uma câmera na mão, uma câmera fotográfica ou filmadora, isso... A gente tem que se adaptar a isso. Isso é uma realidade. Não tem como lutar contra. E isso muitas vezes nos ajuda, nos facilita. Você melhora uma matéria por causa disso. Tem um flagrante que não teria. Então, assim, sabendo usar, isso é bom. O lado ruim é que muita gente... Nego acha que jornalismo profissional é feito de qualquer jeito e não é. Então, assim, não adianta você pegar “tem um flagrante aqui”. Não, mas qual é a história? Precisa de um profissional pra contar aquela história. Não é tão simples. Você não pode fazer acusações levianas. Porque as pessoas às vezes... você vai apurar uma história que a imagem, na verdade, ela não é o que ela parece ser. Então, assim, tem uma série de coisas que o jornalismo profissional ainda resiste, entendeu? E eu acho que o fundamental disso tudo, acho que a *fake news* vai fazer com que o jornalismo profissional, diligente, responsável sobreviva. Porque as pessoas vão se informar por onde, entendeu? A gente se pergunta demais isso. Depois de um tempo as pessoas não vão ler mais nada e vão ficar tomando conhecimento das coisas como? Por nada, por WhatsApp, por corrente de WhatsApp? Ou por corrente de Facebook? Cara, a maioria das coisas que você recebe é lixo de informação, entendeu? Eu preciso de um profissional ali gabaritado, profissional e que responda por seus atos também, entendeu? Eu tô... Não tenho problema nenhum em responder,



a gente erra, acerta. A gente acerta muito mais do que erra. E quando a gente erra, tem que responder, normal. Não tem muito mistério. O cara procura a Justiça, entra com uma ação e se a gente escreveu errado ou cometeu algum erro que pague, que dê direito de resposta, que explique, entendeu? Para ser punido da maneira que a Justiça já prevê, entendeu?

C.G.: Agora nessa você até citou aí numa outra resposta sobre o jornalismo declaratório, né? E no trabalho eu tô enfatizando isso, um conceito de jornalismo na era dos testemunhos, que é muito comum hoje você fazer um jornalismo baseado em relatos enviados ou publicados em rede social. Muitas vezes o cara pega um relato que algum leitor mandou por rede social e só completa com a resposta de uma autoridade e pronto, acabou a matéria. Você percebe isso na profissão? Se você percebe, o que você acha que esse hábito tem como consequência? Como isso interfere na capacidade do próprio jornalista ser ele mesmo uma testemunha da história?

L.L.: Então, efetivamente o que a gente estava falando agora, não tem como você estar em vários cantos ao mesmo tempo. Não tem jeito. Mas acho que isso pode contribuir se você apura as coisas a fundo. Então, assim, você recebe uma informação aqui, ela não é a verdade absoluta. Eu tô falando pra você, nenhuma informação inicial pra mim é verdade absoluta. Eu sou muito mala com isso. Eu vou checar, eu vou recheckar. Já tenho casos de nego ficar chateado, a fonte até descobrir que eu tava checando a informação, “pô, não tá acreditando em mim?”. Cara, eu tô acreditando, mas é uma praxe minha checar e recheckar. Então, assim, acho que esse jornalismo declaratório, o que eu me refiro era muito menos a isso, eu tava até especificando, algumas rádios, por exemplo, sofreram críticas por isso, porque alguém falava alguma coisa e nego botava no ar quando na verdade não era bem isso. Então eu acho que tem que tomar algum cuidado, tem que haver uma checagem inicial pelo menos. Agora o que eu me refiro mais é, primeiro, nós vivemos na era da delação. Mudou o patamar, a delação, pra mim ela não é uma verdade absoluta, mas o jornalista não pode brigar com a notícia. Tem fatos. E, recentemente, por exemplo, nós vivemos um pouco desse dilema. O Orlando da Curicica prestou um depoimento oficial no Ministério Público Federal fazendo várias acusações. E aí ficou um debate. Vamos dar voz a bandido? O cara preso por homicídio, [trecho ininteligível] e tudo mais. Primeiro que eu sou favor de ouvir qualquer pessoa. Segundo que, a partir do relato dele, o Ministério Público Federal tomou uma medida. Então ele prestou um depoimento, já fez “OR” e a Raquel Dodge determinou que viesse uma missão da Polícia Federal pro Rio de Janeiro para apurar vários casos e investigar a investigação da Polícia Civil. Então existe um fato criado a partir dessas declarações dele. Essas declarações dele ganham um pouco de contornos oficiais. Aconteceu uma coisa, mudou de patamar. Não é uma simples

denúncia, é uma denúncia... Houve uma determinação pra uma missão da Polícia Federal aqui no Rio de Janeiro. Então nós resolvemos dar por isso, guardadas todas as proporções, fazendo todos os poréns, esclarecendo de quem se trata, mas informando ao telespectador o que tá acontecendo, entendeu? Porque há uma pressão gigantesca no caso Marielle.

C.G.: Então você acha que, assim, é possível conviver com isso de uma forma, digamos, harmônica se você se prende a uma essência da profissão da checagem, enfim...

L.L.: Da checagem e do que é notícia. Então, assim, um cara agora que chega pra mim e fala “ah, eu tenho uma coisa pra declarar aqui”. O quê? Aí o cara te fala um monte de coisa, denuncia a Cris Gerck e não é bem aquilo. Você vai checar, não vai sair escrevendo, entendeu? Ouvir o outro lado, o que a pessoa tem a dizer. Tem episódios que eu já tive até embates. Queriam apresentar um chefe do tráfico de uma favela do Rio de Janeiro que tinha sido preso fora do Rio. Eu sabia que ele não era mais chefe do tráfico desde 2010, porque ele matou um monte de gente na favela e ele fugiu. Ele foi preso em 2018. Ele tava há oito anos foragido. Ah, nunca mais tiveram foto dele, nunca mais tiveram imagem dele, nunca mais tiveram nada dele. Concordo, ele era o chefe do tráfico quando fugiu, ele era um homicida foragido, concordo, só que ele não era mais o chefe do tráfico do Jacarezinho, dessa favela específica. As fontes estavam dizendo: “Ah, mas bota isso”. Não vou botar cara. Todo mundo... quem não contestou acabou colocando que ele era o chefe do tráfico no Jacarezinho. Mas na matéria da TV Globo ele não entrou como chefe do tráfico no Jacarezinho, entrou como ex-chefe do tráfico do Jacarezinho. E aí houve uma chateação assim, um policial ficou meio chateado, “pô, você não quis...”, parecendo que eu tava querendo diminuir o trabalho dele. Não era diminuir. Só que eu não posso... Eu vivo de credibilidade. Então a senhora, a dona Maria, que tem um bar na esquina do Jacarezinho, ela não pode numa reportagem minha achar que eu sou um desinformado, entendeu? Que eu digo ainda que um cara que foi chefe do tráfico oito anos atrás continua como chefe do tráfico. Não faz o menor sentido. Esse tipo jornalismo declaratório... Eu chequei, eu já sabia quem era e fui checar e não era mesmo. Ele já tinha saído, entendeu? Isso é o mínimo de checagem, é uma checagem muito bê-a-bá, até porque o próprio telespectador, o leitor, ele já tá meio de saco cheio, “ah, o cara é chefe do tráfico mesmo? Porque todo mundo é chefe do tráfico”, entendeu? Então esse é o tipo de coisa que dá pra checar. Não é difícil de checar isso.

C.G.: Porque essa questão que eu tô trabalhando aí é a ideia de testemunha, né? Que o jornalista também é uma testemunha da história. E muitas vezes, assim, quando ele só se limita, isso na

minha percepção, quando ele só se limita a administrar relatos alheios, sem ele mesmo ir a frente...

L.L.: Então, Cris, essa é a grande discussão... Essa discussão está principalmente na... Eu concordo 100% com você, só que eu vou te dizer o seguinte, ela está muito ligada na cobertura policial inclusive. É o seguinte, existe uma ação da polícia na favela da Rocinha, por exemplo, e a imprensa inteira fica do lado de fora. Quando a polícia sai, ela conta o que aconteceu, a versão dela. Então, assim, quando a gente participa das operações... Por isso que eu sempre falo pra imprensa participar porque eu tenho certeza que as arbitrariedades acabam sendo evitadas pelo simples fato de a imprensa estar ali, diligente, cobrando, explicando. E no fundo, no fundo, claro que mostrando um trabalho eventual que eles façam, se eles apreendem alguma coisa, sim. Há um benefício midiático da polícia quando passa isso pra imprensa. Agora quando a gente tá junto, você entra na missa, né, você não fica do lado de fora da igreja. E, assim, eu acho que ali você passa a ser testemunha realmente ocular dos fatos, que é um pouco o caso da guerra, de você ouvir o que acontece na Síria e você ir à Síria e tentar entender a realidade de perto. Eu acho isso aí absolutamente fundamental. Por isso que eu sempre defendi, inclusive até muitas vezes eu fui atacado por isso. Alguns colegas me criticaram por isso, alguns colegas entendiam que era risco demais. Assim, tem o risco, eu me preparei praquele risco ali, eu fui aprendendo a lidar com aquele risco. Teve poucas situações em que eu realmente tive medo de morrer, nessas operações de favela. Havia um risco, aí eu... Fui contando, explicando, narrando o que era um pouco aquilo ali por dentro.

C.G.: Só mais duas perguntinhas. Você acha que os jornalistas de hoje, eles são ligados à memória, à história da profissão do jornalismo em si? Eles aprendem com as lições históricas que o próprio jornalismo dá?

L.L.: Acho pouco, acho pouco, muito pouco. Inclusive é uma das coisas, eu até falo isso, é uma lástima cada vez as redações terem menos cabeças brancas. Porque eu tive muito essa aula. Tinha muitas cabeças brancas nas redações em que eu trabalhei. Eu ainda peguei, a minha geração ainda pegou muita cabeça branca e ali você tem aulas diárias, cara. Eu me lembro de um caso n' *O Dia*, por exemplo, que é um caso pra mim emblemático, já até falei em palestra isso, do Mesquita, que era um fotógrafo, que era um cara meio mago, era bem quieto, falava pouco. E teve um menino que foi morto, parece que por engano numa operação policial, na favela da Kelson's, e aí teve uma chamada. Tem que chamar um fotógrafo, aí veio o Mesquita. E o Mesquita quando chegou lá, ele quieto lá, fez as fotos dele, deu uns 40 minutos, aí eu tava indo embora, "vambora, vambora", aí ele falou assim "só um segundinho, só um segundinho",

aí eu falei “tá bom”. Aí eu fiquei no bar esperando um pouco e quando a imprensa inteira foi embora, ele me chamou. Ele falou: “Vem aqui, vou te mostrar um negócio aqui”. E aí ele me levou numa casa em que tava uma senhora que tinha perdido 13 filhos. Era, na verdade, a mãe desse garoto. Ele tinha achado. E ela tinha perdido 13 filhos na vida. E isso era uma história inacreditável, a matéria mudava completamente. Não era um menino, era uma mulher que tinha perdido o 13.º filho. E aí eu achei engraçado isso ele bater no meu ombro, e falou assim “vem comigo, garoto, cola comigo que tu vai bem”. E é isso, entendeu? O cara tinha um outro olhar, ele tinha outra cabeça. Ele tinha muito mais experiência. Então o cara me puxa ali pra me dar a história que eu não tava enxergando, entendeu? Isso aí falta muito nas redações. A história, a nossa história é meio atropelada. As pessoas não... Poucos se interessam no fundo, no fundo. Eu até sou suspeito pra falar isso porque eu convivi... Então, por exemplo, a geração do meu pai é uma geração que pra mim sempre foi referência disso tudo. Eu tinha contato com esses mais velhos. Então, assim, eu aprendi as coisas, era uma coisa meio, meio diária. Então, assim, eu sempre tive isso, mas, assim, de fato os mais velhos acabaram sendo cada vez mais raros nas redações. E isso faz com que a história se perca um pouco pros mais novos, pros mais novos contarem... Cara, eu sempre fui um apaixonado pelas histórias. Simplesmente sentar e ouvir, entendeu, um jornalista com milhões de coisas pra contar, um Arlindo da vida, um cara que tem 200 mil histórias. Isso é aula, né? Isso você não aprende na faculdade, entendeu? Isso é uma coisa que você não aprende na faculdade. Esse cotidiano, essa aulinha diária, isso só a redação vai te dar, essa tarimba, entendeu? Porque não tem como aprender na faculdade. Claro que um professor muitas vezes ex-jornalista vai te ajudar em algumas coisas, vai contar umas histórias boas e até vira um pouco fascinante. Eu sempre brinco que o melhor professor que eu tive na faculdade era o que muita gente dizia que era o mais relapso. Era o que “nego” dizia “ah, ele não tá muito preocupado” e, na verdade, era um cara que chegava, pegava alguns jornais, dava ali uma meia-hora pra todo mundo ler os jornais e mandava todo mundo pra rua. Vamos se encontrar daqui a uma hora pra escrever o que vocês viram na rua. Tira qualquer coisa que vocês tenham observado. Isso é aula? É aula, é muito mais aula do que uma coisa didática de quadro negro, entendeu? Lugar de repórter é na rua. E ali... Isso você vai ter um caso ou outro na faculdade. Quando você vai pras redações, você lida com esses mais velhos e com essas pessoas, você... Mais do que a história, né? Você vive o presente com elas, você acaba convivendo e aprendendo diariamente ali.

C.G.: Bom, por fim, a pergunta é a seguinte: pra você, quais são os caminhos e desafios do jornalismo daqui pra frente? Pra ele se manter como um...

L.L.: Eu acho que o combate a *fake news*. Acho que é o principal pra mim. Nós temos que mostrar que nós somos o caminho de uma informação correta, uma informação precisa, com o máximo de detalhes, com credibilidade. A gente precisa retomar efetivamente nossa credibilidade. Há uma marca tentando forçar contra que no fundo, no fundo, tem muito cunho político disso tudo, de todas as partes. Não de um, mas de todas as partes. E é isso, assim, o combate a *fake news* é o que vai salvar o jornalismo na minha opinião, porque quem vai informar? As pessoas vão se informar como? As pessoas vão se informar de um acidente de trânsito como? O *fake news* disse aqui, não sei quem morreu, não sei como é que foi, ah mas não foi bem assim. Então nós somos isso. Nós vamos contar de um acidente de trânsito a um escândalo do Presidente da República, a uma guerra a 10 mil quilômetros daqui, entendeu? Esse é o nosso papel, retratar isso e vencer a *fake news*. Não é possível que as pessoas vão pro resto da vida se informar por corrente de rede social, entendeu? Eu acho que o nosso caminho, acho que já foi pior pra ser sincero. Já foi pior. A gente tem que se adaptar, é difícil ganhar dinheiro com a internet. O jornalismo também precisa ganhar dinheiro pra sustentar famílias, pra sustentar a empresa que vai sustentar famílias. Então assim é preciso encontrar uma forma de ganhar dinheiro. A população não quer consumir muito, o cara não quer pagar por aquela matéria. Às vezes você fecha o link, o cara fala “pô, mas tem que ter senha?”. Pô, cara, eu tô vendendo. Isso aí não é... Eu tô te mostrando que esse é o caminho pra você ler alguma coisa com credibilidade, senão você não vai saber se essa informação... Um profissional custa caro pra fazer, pra investigar. Investigar é muito caro. Você investigar alguém... Vou te dar um exemplo: uma certidão qualquer de imóvel, por exemplo, custa 80 reais, uma certidão de uma pessoa. Você vai levantar a família, você levanta a família de 10 pessoas. Aí 80 reais por cartório, são dois cartórios, dá 80... Uns 300 reais, pra você levantar uma família. Assim, você vai fazer do seu bolso? Não tem como. Viagem, você vai viajar pra apurar qualquer coisa, você precisa de um carro pra se locomover. Você brinca de gastar dinheiro, custa caro fazer jornalismo profissional, sério. Você vai apurar alguma coisa, você vai pra Miami, eu fui fazer uma matéria em Miami sobre o senhor das armas. Poxa, foi uma matéria cara, você levou equipe, pra entrar domingo no Fantástico, a gente gastou um dinheiro grande ali. Passagem, hospedagem, transporte, ir falar com o outro e vai falar com um, vai falar com outro... Demanda investimento nisso, né? Mas acho que, assim, a gente vencer a *fake news*, a gente dá uma guinada na profissão, entendeu? É isso. A nossa guerra eu acho que é contra a *fake news*, porque nós somos a credibilidade. Então, assim, é muito bom você estar num grupo de amigos em que nenhum é jornalista e alguém manda pra você “é verdade isso, Leslie?”. Ou seja, não

é o Leslie que tá ali, não é pro Leslie que eles estão perguntando, o Leslie amigo de infância, é pra um jornalista que trabalha apurando com o máximo de credibilidade possível, de detalhe, o cara minucioso na apuração, entendeu? Então ele quer saber se aquilo ali é verdade. Se ele pergunta pra um jornalista, ainda existe isso no coração das pessoas, as pessoas acreditam realmente no jornalista, entendeu? Então isso é uma coisa que, a cada vez que nego me pergunta se é verdade, eu fico feliz pela profissão, entendeu? Porque ali não sou eu, somos nós todos.

C.G.: É, tá certo, tá bom, Leslie, obrigada, tá?

L.L.: Tá bom, Cris?

C.G.: Brigadão pelo seu tempo.

L.L.: Qualquer coisa, me liga.

C.G.: Tá bom, falou. Um beijão.

## ANEXO F – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: ELIANE BRUM

Cristine Gerk (C.G.): [...] a fazer jornalismo quando você optou por essa carreira e se você sente que você encontrou o que você procurava.

Eliane Brum (E.B.): As coisas pra mim elas não foram tão pensadas assim, eu consigo ver os sentidos quando eu olho pra trás, mas eu... Eu desde pequena, eu... E eu já escrevi bastante sobre isso, assim, porque eu sempre fico pensando um pouco sobre como as coisas aconteceram. Eu desde pequena gosto de... Gostava de escutar, de escutar histórias, assim. Nunca fui uma faladeira, sempre fui uma escutadeira. Então desde pequena eu gostava de ficar com os adultos. E eu tenho uma família na zona rural de Ijuí, no interior do Rio Grande do Sul, e eu ficava ouvindo as histórias que eles ficavam contando. Eu sempre fiquei. Acho que eu gosto desse lugar, que é o lugar de escuta. Eu acredito que seja do jornalista, que é um lugar um pouco de canto, um pouco fora do quadro assim. E eu lembro que isso foi desde criança pequena, eu botava o banquinho e ficava nesse lugar de canto escutando. Mas... E sempre escrever pra mim foi, quando eu aprendi a ler e escrever, isso foi uma grande transformação na minha vida assim. Eu acho que a escrita, a leitura primeiro e a escrita me salvaram de uma melancolia e tal. De uma... Eu sempre tive uma conexão muito grande, desde pequena, com a dor do mundo e eu não sabia o que fazer com essa dor do mundo. Desde muito menina eu lembro de cenas que me marcaram muito. O sofrimento das pessoas, da desigualdade que era muito clara na minha cidade, da questão racial, enfim, tudo isso era muito presente na minha infância pelos meus olhos. E eu não tinha como elaborar isso naquele tempo e eu sofria muito. Quando eu passo a ler e ver outros mundo e principalmente quando eu passo a escrever, a poder me expressar, trazer essa escrita, isso me dá uma possibilidade de viver, de quebrar essa... O que eu tô chamando aqui de melancolia, mas eu não sei se seria o termo mais exato, mas enfim, essa tristeza. Tem um pouquinho de impotência talvez. Mas eu nunca pensei em ser jornalista durante esse período todo. Eu fui vivendo e sempre fui escrevendo. Escrevia, escrevia poesia, escrevia histórias, escrevia, escrevia e lia, o tempo todo. E enfim, o meu primeiro vestibular não foi pra jornalismo, meu primeiro vestibular foi pra Biologia.

C.G.: Nossa!

E.B.: Que é uma coisa que eu adoro até hoje assim. Eu gostava muito de insetos, essas coisas. Mas aí eu fiz vestibular pra História. Eu tava perdida. Eu fiz vestibular pra História, aí comecei. E fiz vestibular pra Jornalismo, fiz ao mesmo tempo, e comecei a fazer as duas. Fazia História na Federal lá do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, e fazia Jornalismo na PUC. E, na

verdade, não me achei em nenhuma das duas também, porque as histórias, naquele tempo pelo menos que eu estudava História, era uma coisa que me parecia muito árida assim, muito... Eu não conseguia entender, ver as pequenas coisas, as pequenas subjetividades que sempre foi o que me interessaram, a vida enfim na História. E o jornalismo naquele tempo também era uma coisa muito, o jornalismo ali, lá onde eu vivia naquele momento histórico era... A gente não tinha, naquele tempo era muito difícil ter, isso era mais pro final dos anos 80. 84 eu entrei na faculdade de Jornalismo, não tinha internet, não tinha acesso a tanta, às grandes reportagens interessantes e era um jornalismo muito pirâmide invertida. Então eu também não via vida. Então eu resolvi me formar porque eu tava indo. Então, bom, eu vou me formar em Jornalismo. Achava que na História eu ainda podia ter um caminho. E o que aconteceu foi que bem no finalzinho da faculdade de Jornalismo eu conheci o estágio. A gente fazia estágio um tempo na faculdade, que é uma coisa bizarra porque era proibido fazer estágio no Rio Grande do Sul naquela época. E eu tinha meu professor de estágio, que é o Marques Leonam, foi um professor que, um daqueles professores que muda a vida.

C.G.: Como é que é o nome dele?

E.B.: Marques Leonam. Leonam é Manoel ao contrário. Ele tinha uma paixão, ele tinha sido um grande repórter e tinha uma paixão pelo jornalismo, assim, pela reportagem enorme e nos trazia textos maravilhosos. E foi alguém que acreditou em mim, assim. E aí a primeira reportagem que eu fiz na verdade foi no estágio, no fim da faculdade. A primeira reportagem escrita, que era um absurdo assim. E era uma reportagem pra... Primeiro eu fiz uma na noite de Porto Alegre, nos bares boêmios com os personagens que tinha lá. Mas a reportagem que era reportagem da disciplina dele, eu podia escolher sobre o que fazer, eu fiz sobre as filas. A primeira reportagem individual. Todas as filas que a gente entra desde que nasce até morrer. Fiz uma reportagem de filas, que naquela época era um assunto bastante inusitado. Hoje eu acho que fiz assim... E ele... E isso era possível com o Leonam, então eu descobri, aí eu me apaixonei pelo jornalismo, porque eu descobri que o que eu gostava eram essas pequenas histórias, essas pequenas vidas. O que eu depois chamei de desacontecimentos era possível. Aí também foi outro caso, porque eu tava num estado, até hoje é bastante assim, mas hoje tem internet, onde tinha um único jornal importante, que era o *Zero Hora*. Então era bastante difícil. E essa reportagem teve um prêmio, um concurso, que era a primeira edição, que era as universidades da região Sul do país, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. E aí uma amiga minha, porque eu tinha bem pouca autoestima naquele tempo, uma amiga minha inscreveu essa reportagem sobre as filas nesse concurso. E eu acabei ganhando e aí o prêmio



era um estágio na *Zero Hora*. E aí eu fiquei lá 11 anos. E aí na *Zero Hora* eu me apaixonei completamente pela reportagem. Então parece... eu acho que, assim, teve vários acasos na vida, mas... Eu acho que eu não... Eu poderia ser várias coisas, assim, mas todas as coisas que eu poderia ser elas têm a escrita e... Mas não tem nada que eu goste mais de ser do que ser repórter. E isso eu fui ver também porque às vezes eu entrevistei gente de muitas profissões e sempre... E quando eu entrevisto eu digo “nossa, que fascinante que é ser isso”. Mas depois eu vejo outra profissão e eu acho “nossa, que fascinante isso”. Assim como cidade, cada cidade que eu vou, cada lugar que eu vou, eu digo “nossa, preciso morar aqui”. Aí eu vou pra outro e digo “nossa, preciso morar aqui”. Então eu acho que é repórter exatamente o que eu tenho que ser, porque aí eu posso viver várias experiências assim e estar em vários lugares. Porque eu sou muito inquieta e sou muito curiosa. Algo que eu fizesse a vida inteira, no mesmo lugar, eu acho que não daria pra mim. Eu tenho uma inquietude que é muito grande assim. Eu tô com 51 anos e ela só aumenta. Eu vivo a cada vez mais angustiada assim com o tempo de vida que eu posso andar por aí ainda. Então acho que eu sou completamente... Como é que é a palavra? Eu sou muito... Ser repórter me dá muita dor e muita alegria ao mesmo tempo, mas é exatamente o que eu sou. Pra mim, não é uma profissão só. É um jeito de ser e de estar no mundo. É como eu me movimento pelo mundo e é como eu respondo o mundo também. Escrever também é minha arma.

C.G.: E você foi eleita como uma referência pros seus colegas. Alguma pessoa pra você é essa referência? Você até citou o seu professor, não sei se você enquadraria nessa palavra.

E.B.: Eu acho que ele é uma pessoa que me salva. Ele é uma referência, sem dúvida nenhuma. E tem várias referências, assim. Mas eu... Sempre que a gente vai citar referências, depois eu fico sofrendo porque não citei todas as referências. Então tem várias referências.

C.G.: São muitas.

E.B.: As referências são muitas, mas eu acho que pra mim o que mais me ensinou foi o próprio fazer. Eu sou... As minhas referências maiores são as pessoas que me contaram as suas histórias. Se pegar assim o meu livro *O olho da rua*, que é um livro onde eu reflito sobre aquilo que eu faço, e eu tento fazer isso em geral, quando eu escrevo, às vezes na própria reportagem. Eu fui aprendendo com... Eu sou muito grata às pessoas que abriram a sua vida, a porta da sua casa e da sua vida pra me contar sua história. Porque é a partir delas que eu vou entendendo também o que eu faço e eu vou dando sentido praquilo que eu faço. São essas pessoas e como eu escolhi contar... Os desejos... Todas as pessoas têm voz, mas aqueles cuja voz não é escutada, os esquecidos, os párias, aqueles que estão à margem da narrativa. São pessoas

muitas vezes que fazem literatura pela boca, assim. Esse contato com a linguagem criada por tantas pessoas, por esses tantos Brasis, assim, como eles entendem o mundo, como eles contam o mundo, que palavras eles criam pra contar o mundo. Isso é talvez um dos meus grandes interesses na reportagem, essa possibilidade de entender como as pessoas contam o seu mundo e que palavras elas inventam pra contar seu mundo. Isso é crucial pra mim. E isso vai me fazendo refletir e entender aquilo que eu faço. Então a todo momento da escrita e na reportagem às vezes que me paralisam, como eu conto no posfácio dessa segunda edição de *O olho da rua*. E elas me... E eu vou elaborando essas crises e pensando a partir das próprias dificuldades que essas pessoas vão me colocando. Como a dificuldade de... Muitas das pessoas que eu entrevisto elas não escrevem, né? Elas são analfabetas da escrita, né? Mas são pessoas que fazem literatura na linguagem oral. E a linguagem oral é um modo de transição do conhecimento dessas pessoas. Então como é que se escreve sobre isso. Que lugar tem a escrita nisso? Todas essas questões são questões que essas pessoas vão me trazendo. Então eu vou me movendo a partir dos problemas que o próprio fazer da reportagem me traz, o próprio ser repórter me traz, são problemas, questões trazidas por essas pessoas. Então eu acho que são elas as minhas grandes referências.

C.G.: Entendi. E que valores, qualidades você acredita que um bom jornalista deve ter?

E.B.: Eu acho que é a capacidade da escuta. Eu não acredito que é possível fazer reportagem sem ser capaz de escutar e quando eu falo de escuta, não é essa escuta... Não é ouvir, né? É a diferença entre o ouvir e o escutar. É a escuta que a gente faz com todos os sentidos e que inclui tu fazer esse movimento profundo, que é muito difícil, que é o se despir daquilo que se é, das tuas visões de mundo, dos teus julgamentos, das tuas crenças pra fazer esse movimento em direção ao outro. E ser habitada por essa outra experiência de existir, essa outra experiência de se colocar no mundo, essa outra experiência de linguagem que é o outro. E depois fazer esse caminho de volta. Isso implica um grande movimento interno e essa volta nunca é fácil de fazer, pelo menos pra mim não é. Então é esse atravessar a rua de si mesmo, essa coisa que o jornalista faz na rua e eu acredito profundamente nisso. Mas para ir para essa rua concreta, tu precisa antes fazer esse movimento simbólico que é atravessar a rua de si mesmo para ser capaz de fazer essa escuta que é se desabitar de si para habitar o outro, uma outra experiência de ser e estar no mundo, que pra mim é o mais fascinante, mas também é o mais difícil. É o que vai me deixando marcas pelo corpo, tanto no sentido simbólico, às vezes no concreto também. Então acho que sem escutar não é possível, né? Eu sou completamente... E também eu acho que é muito importante pro jornalista se tornar repórter, porque eu acho que repórter

a gente se torna, né? Não é só tu se formar na faculdade. E vai se tornando a vida inteira. É ser consciente das tuas limitações, assim, saber quais são os teus limites. Exatamente também pra poder ser capaz de respeitar o limite do outro. E também pra deixar claro pro teu leitor, que é com quem a gente tem esse compromisso muito grande, de quais foram os nossos limites numa reportagem. Eu não acredito naquele jornalista que diz pairar, que acredita que paira acima da sociedade, que acredita na invenção completa, na objetividade. Eu não acredito nisso, eu acho que a gente tem que ser consciente que a nossa própria escolha do que contar e do que não contar ela já afeta aquilo que é contado. O nosso próprio estar... Por mais que eu faça essa escuta, que eu me coloque num lugar de canto, que eu faça todo esse movimento de me despir, eu ainda tenho uma interferência e essa interferência eu sempre conto pro meu leitor, porque eu acho que é uma questão de honestidade. Então conhecer os limites, conhecer o tamanho também da nossa impotência é algo importante. Saber... Eu acho que ser repórter é o contrário... A vaidade e a reportagem elas são incompatíveis.

C.G.: E o que você percebe que mudou, na tua trajetória como jornalista até agora, na profissão como um todo e também na sua própria prática?

E.B.: A gente tem a internet, né, como uma grande mudança que nos coloca vários desafios. Alguns, muitos deles bem bons, outros mais difíceis pra mim. A internet me deu a possibilidade de... Eu me... Eu trabalhei, eu comecei na época do papel. Eu sempre fui uma repórter de jornalismo escrito, impresso. E o limite do papel era um grande problema pra mim porque, primeiro pela questão do que vira matéria publicada e do que não vira, é uma disputa política no campo das redações. E pra mim era penoso que eu não tivesse as páginas necessárias pra contar a história do jeito que eu acreditava que devia ser contada. Então com a internet a gente tem uma grande possibilidade de... A gente não tem mais o limite do papel. A gente pode escrever uma reportagem com o tamanho que ela merece ter, o que implica numa [palavra ininteligível] de entender qual é o tamanho que uma reportagem deve ter. Não é que ela tenha que ser infinita, ela tem um tamanho, que a gente vai ter que descobrir qual é a cada vez. Porque na internet cabe tudo, né? Mas pra mim foi uma grande possibilidade de fazer reportagens, de resgatar as grandes reportagens com a complexidade necessária, as grandes entrevistas. Hoje o entrevistado pode ter espaço pra contextualizar as coisas, tem espaço pras hesitações, tem espaço pras nuances todas, os grandes ensaios. Eu acho que nisso a internet é maravilhosa. E também pra um contato com o leitor que a gente não tinha ideia, né? Desde 2009 que eu escrevo na internet e até 2010 eu ainda trabalhava na *Época*, escrevia no impresso. Desde 2010 que tudo o que eu faço, com exceção dos livros que têm a versão impressa e o e-

*book*, tudo o que eu faço é na internet. Isso possibilitou também entender, primeiro alcançar pessoas que eu não alcançava antes, que eu acho que é muito importante. E também entender o tamanho dos nossos problemas de educação no Brasil, as dificuldades que as pessoas têm de interpretação de texto e mesmo pessoas que chegaram à universidade. Eu não sabia, por exemplo, que muitas pessoas não entendiam ironia, por exemplo. Eu precisei mudar um pouco meu jeito de escrever, o que às vezes é um pouco difícil pra mim porque... Enfim... Porque eu queria escrever de outro jeito, mas pra poder me fazer entender. E eu acho importante me fazer entender. Então tem um desafio que é também escrever simples sem simplificar, né? Manter a complexidade, mas explicar muito as coisas, bem mais do que eu explicava antes quando eu não sabia que os leitores não entendiam ironia, por exemplo, entre outras coisas. Às vezes quando eu vejo meus textos que eram no impresso, nossa, muita gente não entendeu isso que eu escrevi aqui. Mas eu não sabia antes, agora eu sei. E aí, bom, tem todas as outras... Eu não vou me estender em *fake news*, pós-verdade, não sei o que, porque isso fica... Enfim... Mas o jornalismo tem vivido uma crise, uma grande crise, que eu acho que não é uma crise só de modelo de negócios, financiamento, mas é também uma crise de representação. A gente... Eu acho o jornalismo fundamental. E quando eu falo o jornalismo é especialmente a reportagem. O jornalismo não é só reportagem, mas a coisa mais importante do jornalismo é a reportagem. Em qualquer sociedade democrática, em qualquer sociedade. Mas a gente precisa fazer jornalismo de qualidade para cumprir nossa função social. E o que eu tenho... O que a gente tem visto com todas essas dificuldades, essas crises, que é algo que me angustia muito, é que vastas porções de Brasis não estão sendo contadas. E eu vejo a nossa profissão como a documentação do cotidiano. Nós somos historiadores do cotidiano. O que a gente produz é documento. E é um documento que ecoa no hoje, que tem efeitos no hoje e que vai colaborar pra compreensão desse momento no futuro. E a gente tem feito isso de forma muito precária. E não só vastas porções de Brasis não têm sido descobertas, como as que têm sido contadas têm sido mal contadas. Isso não como uma regra, mas...

C.G.: De forma recorrente.

E.B.: Tem várias boas reportagens e vários bons jornalistas fazendo boas reportagens, mas tem muito menos do que seria necessário. Então a gente tá num momento também de precarização do nosso trabalho em todos os sentidos e também na qualidade das reportagens. Acho que sempre que uma reportagem, uma matéria se parece com um *post* de Facebook, a gente desce um... A gente desce um degrau rumo à irrelevância. E o jornalismo só vai existir, as pessoas só vão achar que é importante financiar o bom jornalismo se ele for relevante, se ele tiver efeito

sobre a vida, se ele garantir a complexidade daquilo que ele tá contando. E isso porque eu acredito que é algo que a gente precisa investir. O bom jornalismo não é um problema só dos jornalistas. Ele é um problema de toda a sociedade. A sociedade tem que entender que ter bom jornalismo, ter boa reportagem é importante e a gente vai precisar financiar isso de alguma maneira. E talvez a melhor maneira de financiar o jornalismo que possa ser chamado de independente seja o próprio leitor, né? Doando ali pra... Financiando mesmo. Aqueles botões que está se tentando criar e fazer funcionar, né? O leitor investe naquilo que ele acha que é relevante. Não é que ele vai escolher as pautas, mas aquilo que ele se sente engrandecido quando lê. Esse é um caminho que está se tentando. A gente tá tentando vários caminhos pra financiar então eu acho que o nosso desafio é ser relevante. E achar uma maneira de financiar o jornalismo que é relevante. Isso mudou bastante. O desafio de ser relevante sempre aconteceu. Quando eu começo, durante as primeiras décadas da minha vida de repórter, o que a gente fazia era se formar e tentar conseguir um lugar numa redação e a partir daí começar uma briga eterna que faz parte, pra conseguir espaço pras nossas reportagens e depois conseguir fazer com que elas fossem publicadas da forma como a gente tinha escrito, né? Pra mim isso sempre foi uma briga constante, em todos os lugares em que eu trabalhei. E eu vejo isso como um... Acho que é assim mesmo, uma disputa. É uma disputa que também é política. Mas hoje não, né? Hoje as redações estão encolhendo, outras formas de financiamento têm surgido, as agências de jornalismo independente que estão sendo financiadas por fundações, por outros modelos de financiamento, tem acontecido várias coisas. Eu, desde 2010, eu trabalho de forma independente, independente eu mesma no caso. Eu tenho uma coluna no *El País* que é meu compromisso fixo e tenho feito de várias maneiras meus livros, minhas reportagens, meus projetos de longo prazo, muito longo prazo de reportagem, cada vez mais longo prazo, meus documentários, eu vou indo pela minha inquietude e tentando achar minhas formas de conseguir continuar sendo repórter, fazendo aquilo que eu acredito.

C.G.: Assim, mais especificamente em relação à massificação do uso de novas tecnologias, redes sociais, *smartphones*, pelo fato de qualquer um poder divulgar, enfim, fazer propagação de informações, compartilhamentos, você acha que isso impactou de que forma no próprio fazer jornalístico? Esses vários, entre aspas, amadores, jornalistas, qualquer um pode ser jornalista, entre aspas, né? Qual o impacto disso?

E.B.: Eu acho que, na verdade, não é... Aquele que é jornalista tem que mostrar que é jornalista e que ele é diferente, né? Eu acho que tem várias pessoas escrevendo na internet que não são jornalistas em outros espaços mesmo, Facebook, outros espaços, e que fazem coisas relevantes

e que eu inclusive gosto de ler. Muito do que eu leio de artigos interessantes não são escritos por jornalistas. Mas eu tenho que escolher, eu pesquiso quem são essas pessoas. Eu acho que hoje é muito mais difícil ler, porque tu tem que... O leitor, ele tem muito mais responsabilidade naquilo que ele escolhe pra ler. É porque a gente precisa garimpar no meio de um monte de bobagem, de mentira e de manipulações. Tem o tempo todo. Então o ser leitor hoje é mais trabalhoso. Então eu como leitora faço o meu trabalho de buscar coisas que me interessam, de jornalistas e também de gente de outras áreas que escrevem coisas relevantes e são responsáveis. Então pra isso eu tô sempre pesquisando, se aquela pessoa é quem ela diz ser, qual é a história dela enfim. Eu faço isso como leitora e acho que os leitores precisam fazer isso se eles quiserem ler coisas relevantes, coisas responsáveis, coisas consequentes, coisas com conteúdo. Agora, o jornalismo, ele precisa ser diferente, ele precisa... é aquela coisa, ele não pode ser parecido com um *post* de Facebook. E muitas vezes ele é parecido, então por que que o leitor vai gastar tempo e dinheiro com algo que é parecido com um *post* qualquer no Facebook? O jornalista tem que qualificar a sua atuação, tem que fazer jornalismo, jornalismo de qualidade. Então essa ideia de competir, da instantaneidade, de ter de fazer rápido e então não checar, eu acho que é um tiro no pé. Porque aí tu tá corroendo justamente aquele que é o teu diferencial. A reportagem é extremamente trabalhoso, é o que precisa ser muito investigado, muito apurado, muito checado, com várias fontes, né, não com uma só. Então é algo que dá muito trabalho, não tem como fazer isso instantaneamente. Não é um *post* dizendo qualquer coisa. Ela dá trabalho e ela leva tempo. E a reportagem é o diferencial do jornalismo, então ou tu faz isso e se diferencia como jornalismo, ou não vai ter chance de... não vai ter nenhuma importância, né? Tu não vai... E por que alguém vai querer pagar pra te ler, porque vai ter um monte de coisas sem qualidade que pode ver também, né? A gente tem que manter aquilo que é o nosso diferencial. Então acho que tem que investir em reportagem, que é cara, muitas vezes é cara, e sempre dá trabalho. A minha coluna de opinião no *El País* que é uma coluna de opinião, mas eu sou uma repórter fazendo uma coluna de opinião então sempre tem apuração. Só depois de pronta, eu passo seis horas checando o que eu já apurei. Então dá trabalho pra cacete assim, mas é isso que eu faço, eu tenho responsabilidade. A gente tem que ser responsável, a gente não pode botar qualquer coisa no mundo. Eu me coloco como um... Eu acho que o jornalista tem que se colocar como alguém que produz documento, seja cinco linhas ou 50 páginas. É um documento. E na internet isso fica pra sempre além de tudo. Não pode ser um documento sobre essa incompetência, tem que ser um documento sobre aquilo que você tá contando, né? Tem que ter relevância, responsabilidade, enfim, eu acho que esse

é o grande desafio, né? E tem gente fazendo, assim, muitas experiências de grandes reportagens. Acho que a Pública tem feito um belo trabalho, por exemplo, a Repórter Brasil. Agora continua sendo uma questão o financiamento, o como se mover nesse mundo, nós todos estamos descobrindo assim. Eu acho que é não só totalmente possível como totalmente fundamental assim. Eu não consigo entender o mundo sem a reportagem. Acho que a reportagem é diferente de tudo. Quando tu tira a reportagem do mundo, o mundo fica... A documentação sobre o que a gente vive fica muito empobrecida. É uma ausência muito grande, sabe?

C.G.: Nesse trabalho, eu tô usando um conceito que é o jornalismo na era de testemunhos. Isso porque na minha dissertação de mestrado e na minha prática também, muitos jornalistas relataram ser comum fazer um jornalismo hoje baseado em relatos enviados ou publicados em rede social. Geralmente o cara pega um relato, pega a resposta da autoridade competente ou da pessoa envolvida naquele relato e termina a história. Isso tem até a ver com o que você tava falando antes, né? E aí a gente tá chamando isso de jornalismo na era de testemunhos ou de relatos. Você percebe isso na profissão? Como você acha que isso interfere na capacidade de o próprio jornalista ser ele mesmo uma testemunha da história?

E.B.: Eu acho assim... Primeiro assim... Eu não sou... Eu não chamaria de jornalismo de testemunho. Eu não tenho nenhuma intimidade com conceitos sobre jornalismo. Eu nunca... Mas eu acho que testemunho é uma coisa muito importante assim, é muito profunda, né, ainda mais nesse tempo de Comissão da Verdade etc. e acho que nem chega a ser testemunho. E testemunho envolve muito mais coisas, talvez relatos, desabafos, sei lá o quê que é, relatos. Mas testemunho eu acho que é uma coisa mais complexa, que eu tenho grande consideração. Mas eu acho muito complicado fazer jornalismo que não seja com o corpo, com colocar o corpo. Eu já... Assim como os documentos da Lava Jato, os relatos na internet são só pontos de partida pro jornalista. Eles são só por onde tu começa uma investigação me parece. Primeiro você tem que saber quem é aquela pessoa, se aquela pessoa existe, se ela é quem diz ser. Pra eu publicar algum pequeno relato de alguém na internet, eu falo com essa pessoa, e eu falo com pessoas que possam me dizer quem é essa pessoa. Eu checo, eu preciso checar. E eu tento fazer, assim, é claro que às vezes não é possível, mas eu te diria que 95% do que eu faço é pessoalmente, com meu corpo e diante do corpo daquele outro. Primeiro porque eu acho que a gente documenta muito mais do que palavras. Nós não somos aplicadores de aspas em série. Cheiro, expressão, cenário, contexto, móveis, ruídos que não são palavras, tudo isso faz parte daquilo que a gente tá documentando. Então pra mim como repórter é muito difícil fazer

jornalismo sem fazer com meu corpo. Eu, por exemplo, hoje, desde agosto do ano passado, eu vivo na Amazônia. Eu vim pra Amazônia porque eu achava que eu tinha que ver o Brasil a partir de um outro ângulo. Eu venho pra Amazônia há muito tempo regularmente, mas eu me sentia tipo uma enviada especial. Era eu mesma que me mandava pra cá, mas era uma enviada especial porque eu voltava depois. Eu quis inverter esse processo e passei a morar aqui. Eu não falo muito onde eu vivo porque eu sofro ameaças pelo meu próprio trabalho aqui. Mas eu vivo numa cidade pequena da Amazônia. Pra poder estar com meu corpo nesse lugar, pra poder experimentar o que é viver e o que é enxergar o resto do Brasil. Brasil, São Paulo, Rio, o que se chama de centro do país. Eu queria deslocar o centro, o que é centro, o que é periferia. E pra isso eu preciso estar aqui. Não é fácil estar aqui, mas eu achei que como jornalista eu precisava estar aqui. Então eu acho muito difícil fazer algo que não seja... Eu não acho que a internet tenha mudado o que é essencial pra reportagem, como é estar com seu corpo. Em todos os sentidos. Eu acho que isso a gente tá na vida, né? Acho que é preciso botar o corpo em todos os lugares pra poder... a experiência eu acho é uma experiência que o corpo precisa estar incluído. Então pra mim essa outra coisa não é possível.

C.G.: E você acha que os jornalistas de hoje, de modo geral, são ligados à memória, à história da profissão do jornalismo em si. Especificamente, eles aprendem com as lições históricas que o próprio jornalismo dá, a noção assim de classe, de grupo. Você nota isso?

E.B.: Olha, Cristine, eu não saberia dizer. Eu acho que alguns sim, outros não, mas eu não saberia dizer. Eu acho que os bons, sim. Eu acho que a gente perdeu, isso é uma coisa muito importante, a gente perdeu e precisa se tentar recriar que é a... Quando a redação... Eu comecei numa redação que foi a *Zero Hora* em 88. Eu era uma foca completa. E aí eu aprendi muito com os repórteres mais velhos lá, especialmente com um que foi o Carlos Wagner que eu identifiquei qual era uma referência que eu poderia ter. E eu quando me tornei mais velha e mais experiente, eu tentei ser isso pras pessoas que tinham interesse em ter alguém que fosse referencial. Porque a gente... Eu mesmo hoje com 30 anos de profissão, eu tenho um montão de dúvidas que eu vou discutir com meus amigos, jornalistas e tal, pessoas que eu confio. E imagina pra quem tá começando? Até como passar uma matéria pra aquele chefe que tem outros interesses, né? Então tinha esse papel de transmissão do conhecimento, que os mais velhos respeitáveis poderiam ensinar os mais novos. Isso foi importante pra mim e acho que foi importante pra várias gerações. E, hoje, com a precarização das redações, essa figura desapareceu. Então essa cadeia de transmissão ela foi interrompida porque os altos salários em grande parte foram demitidos. Os mais velhos, em geral, tinham melhores salários e foram



demitidos. E se contrata, em geral, pessoas menos experientes que vão ser a carne mais barata. E aí quem ensina pras pessoas? Tem cada vez menos gente pra cobrir mais coisas. Então essa cadeia de transmissão foi interrompida e isso era muito importante. E eu continuo achando que redação é muito importante. Então quando eu tava em São Paulo eu tive... Eu dividia uma... Eu tinha um espaço numa redação lá com o Bruno Torturra... Teve uma época que tinha outras pessoas também, pra ter experiência de redação. Era mais fácil trabalhar na minha casa, mas eu saía da minha casa e pegava ônibus, metrô, ia lá pro Centro pra ter... Esse movimento, esse movimento é interessante, como pra poder conviver. E quando eu voltar pra São Paulo, eu quero também tentar recriar uma redação, pra eu ter esse contato, essa conversa, sabe? Acho que uma redação também tem uma coisa física, que eu acho que o *homeworking* tira, né? E tem uma perda nisso, né? Acho que a redação... Acho que a gente precisa inventar outros modos de estar juntos hoje e fazer jornalismo. Mas cada um tem que se virar enquanto as coisas estão dessa maneira. A gente tem que se virar. A gente hoje não tem mais essa possibilidade que era, de certo modo, cômoda, que tinha um caminho, que já era o caminho. Tu vai, se forma, tu vai pra uma redação, tu vai trabalhar, tu vai brigar dentro da redação, blá blá blá. Hoje a gente tem que inventar um jeito de poder ser jornalista. A gente faz parte dessa criação, a gente é protagonista na criação, diante dos desafios que a gente tem. E isso aumenta nossa responsabilidade também. É o que eu tenho tentado fazer na minha pequenez.

C.G.: Imagina, poxa, na sua pequenez, que nada. Bom, olha, a última pergunta que eu tenho aqui, eu acho que na verdade você já respondeu, que é quais são os caminhos e desafios do jornalismo daqui pra frente, a não ser que você queira fazer alguma consideração final.

E.B.: Não, mostrar isso mesmo, eu não tô lembrando assim, se eu lembrar alguma coisa eu te escrevo, mas eu acho que nosso desafio é poder continuar a ser repórter com tudo que isso significa.

C.G.: Tá bom, Eliane, muito obrigada. Adorei conversar com você.

E.B.: Obrigada, Cristine. Muito legal essa tua tese. Depois eu quero ler. Quando é que tu tem que defender?

C.G.: Eu vou qualificar agora no meio do ano, aí devo defender ou no fim do ano que vem, provavelmente no fim do ano que vem.

E.B.: Depois tu me manda?

C.G.: Claro, com certeza.

E.B.: Que legal. E tu tá no *Extra*?

C.G.: Exato. Eu trabalho lá.

E.B.: Aos poucos você tá tendo a possibilidade de estudar sobre isso, né? Pode ajudar muito a todos nós.

C.G.: Ah, que bom, obrigada. Um bom dia pra você.

E.B.: Obrigada, também.

C.G.: Um abraço.

E.B.: Boa sorte.

C.G.: Obrigada. Tchau, tchau.

E.B.: Tchau.

## ANEXO G – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: GLÓRIA MARIA

Cristine Gerk (C.G.): A primeira pergunta é o seguinte: o que você percebe que mudou no jornalismo enquanto profissão desde o início da sua trajetória como jornalista até agora?

Glória Maria (G.M.): Eu acho que mudou a maneira de fazer jornalismo, mudou a tecnologia, mudaram os recursos, mas a alma no jornalismo continua a mesma coisa. Acho que hoje você tem mais acesso a tudo, mas o jornalismo em si ele não mudou, ele continua com a mesma essência de ser um fiscal da sociedade, de ser realmente um controlador da sociedade, controlador não, acho que um fiscal mesmo. A gente tá para mostrar o que é notícia, mostrar o que está acontecendo no Brasil, no mundo, no planeta, e essa função do jornalista não mudou, ela continua igual.

C.G.: Mais especificamente, a seu ver, quais os impactos para o jornalismo da massificação do uso de novas tecnologias, de redes sociais, *smartphones*?

G.M.: Eu acho que esses recursos todos novos, eles interferem só na maneira mais rápida e ágil que você vai fazer o jornalismo. Agora, tem o lado que aquela coisa de você realmente buscar a verdade ela fica meio perdida ali no caos de redes sociais e tecnologia porque as coisas ao invés de serem buscadas na origem, elas vão se repetindo *ad eternum*. Então você vê uma informação no Google, que você não confirma, e você vai passando aquilo adiante e passa a ser verdade. Então eu acho que o grande problema, o grande risco, dentro das novas tecnologias, dos novos recursos, é você não ir em busca da verdade real, de você viver em torno da realidade virtual. Eu acho que isso é um perigo, porque você distorce, você tem um risco, não é que sempre aconteça, mas você tem um risco de distorcer a verdade e você fica em torno de versões e não de fatos.

C.G.: Justamente na tese eu tô trabalhando com uma ideia de jornalismo na era dos testemunhos, que é essa ideia de ser comum hoje fazer um jornalismo muito baseado em testemunhos e relatos enviados e publicados em redes sociais. Você acha que isso afeta a capacidade de ser o jornalismo ele mesmo testemunha da História?

G.M.: Eu acho que corre o risco de o jornalismo ficar uma coisa menor. Porque hoje você ir em busca dos fatos, os fatos vão atrás de você. Porque às vezes você tem até a informação correta, mas você é soterrado pela quantidade de informações ou falsas ou dúbias. Então o que acontece: às vezes você tem lá a verdade pura e cristalina, mas ela deixa de ter importância em torno das versões. Então eu acho que essas novas tecnologias, elas têm um lado que elas ajudam, mas têm um lado que elas estão empobrecendo fortemente o exercício do jornalismo.

C.G.: E você acha que os jornalistas de hoje são ligados à memória, à História, da profissão, do jornalismo em si? Aprendem com as lições históricas que o próprio jornalismo dá?

G.M.: Eu acho que não. Eu acho que hoje as coisas estão mudando tão rápido, tão rápido. O que você tem de cinco anos atrás, já não é mais referência, então essas novas tecnologias fazem você olhar pra frente, mas sem você ter um calço na história. Porque pra você ter uma conclusão, você tem que ter elementos anteriores e hoje não acontece muito, tudo é baseado no Google, na Wikipédia. Então hoje as informações são totalmente erradas. Eu por exemplo na Wikipédia tenho dez anos a mais de idade e nasci numa cidade do interior na Bahia, quando eu sou carioca. E isso é registrado e repetido eternamente, não tem como você consertar. Então acho que o risco hoje é de você fazer um jornalismo baseado em versões, e não em fatos, entendeu?

C.G.: Que valores, qualidades, você acredita que um bom jornalista deve ter?

G.M.: Eu acho que em primeiro lugar ele tem que ter informação, ele tem que ter fontes, ele tem que ter ética e ele tem que saber principalmente que jornalista não é acima do bem e do mal e nem é dono da verdade. Eu acho que hoje o jornalista se coloca quase como um juiz da sociedade e eu aprendi desde muito cedo que jornalista não é advogado, ele não pode defender, não é juiz, ele não pode julgar, ele não é promotor, ele não pode acusar. Ele está ali simplesmente para ser um intérprete do fato. E eu acho hoje o que você é o jornalista que critica... Não é aquele que é jornalista de opinião, que isso sempre teve e sempre vai existir. Só que hoje o jornalista se coloca como uma figura acima do bem e do mal, isso pra mim é mortal.

C.G.: Quais os caminhos e desafios do jornalismo daqui para frente para se manter relevante na sociedade?

G.M.: Eu acho que buscar profundamente a verdade independente dos recursos e dos veículos, hoje você vai pelo caminho mais fácil. Porque hoje o jornalismo na verdade virou uma coisa de *glamour*. Quando você é jornalista você é considerado quase um superstar, e isso eu acho que interfere profundamente no exercício do jornalismo. Porque você deixa de ser realmente aquela pessoa que serve à sociedade, pra ser quase um mentor da sociedade. Eu acho que o jornalismo perde muito quase você coloca a sua posição, e não a verdade. Eu acho que hoje o risco que corre é isso. O jornalista, ele tenta, mesmo quando ele não é um jornalista de opinião, ele se coloca como condutor daquela coisa e ele não pode. Não podemos julgar, não podemos interpretar segundo nossos valores. Eu acho que o erro hoje do jornalismo é ele ser colocado

na mídia segundo os valores pessoais de cada jornalista que está trabalhando. Eu acho que isso é fatal para a profissão.

C.G.: As últimas duas perguntas são pessoais, a respeito da sua experiência como jornalista. O que te inspirou a fazer jornalismo, quando optou por essa carreira? Você sente que encontrou, ao longo da sua trajetória, o que procurava nesse começo?

G.M.: Eu comecei numa época que o jornalismo não tinha glamour, o repórter não aparecia no vídeo, aparecia em função da notícia. Então, durante anos eu trabalhava e só aparecia a minha mão no ar. Então eu tinha ser alguém pela notícia que eu conseguia. Então eu acho que assim: o que eu buscava o jornalismo? Primeiro, eu adorava escrever. Então buscava ter a possibilidade de botar a minha alma pra fora em função da notícia. Então o texto foi a primeira coisa que me levou pro jornalismo. Tanto que eu tive professores, Cristine, pra você ter ideia, os meus mestres eram assim (Fausto Lara Resende, Paulinho Mendes de Campos) Rubem Braga, que trabalhavam comigo na redação do Hoje, da TV Globo. Então quando eu tinha dúvida de texto, eu ia pedir ajuda pro Rubem Braga. É uma coisa que hoje não existe mais. Eu fui formada numa época do jornalista em que o jornalismo era considerado arte. E isso é que me levou pra profissão: a possibilidade de eu conseguir melhorar a sociedade através do meu trabalho. Isso é que me faz ser jornalista até hoje.

C.G.: Você tem alguma referência, alguma pessoa que para você é um ícone na profissão, alguém que te inspirou quando você começou?

G.M.: Não porque assim, sem nenhuma modéstia, quando eu comecei você não tinha como referência repórteres porque os repórteres mais poderosos, mais fortes, eram os repórteres de jornal, porque o jornalismo estava começando, e eu só fiz jornalismo de televisão esses anos todos. Então eu não tive em quem me espelhar porque não havia essa referência. Eram todos repórteres que trabalhavam sem aparecer no vídeo. Agora eu trabalhei numa época com Samuel Weiner Junior, Paulo Cesar Araujo, eu trabalhei assim com a elite do jornalismo brasileiro, Alberto Dines, eu trabalhei com eles, agora assim a gente vivia e respirava notícia, todos juntos. Primeiro que eu era mulher, negra, de uma família pobre, então eu não tinha em quem eu me espelhar porque não havia outra mulher, não havia outra mulher negra, não havia outra mulher que fosse pobre como eu, então eu não tive referência, eu tive que buscar meu próprio caminho. Eu tive assim pessoas que me ajudaram, como me posicionar na televisão que foi a Márcia Mendes, Mariza Racha Carvalha, mas eu não tive uma referência, olha tem essa jornalista ou esse jornalista que eu quero fazer igual. Tinha na época a Barbara Walters

que depois que a gente começou a aparecer no vídeo a gente tinha muita coisa para aprender com ela. Mas eu não tive um ícone, eu não tive uma referência pra seguir na profissão.

C.G.: Tá certo, Glória, muito obrigada pelo seu tempo, são essas perguntas.

G.M.: Que bom que eu consegui atender você. Porque vivo enrolada, voando, a minha vida é uma loucura, que bom que consegui fazer alguma coisa por você.

C.G.: Ah, claro. Muito obrigada. Um grande abraço!

G.M.: Um beijo grande, linda!